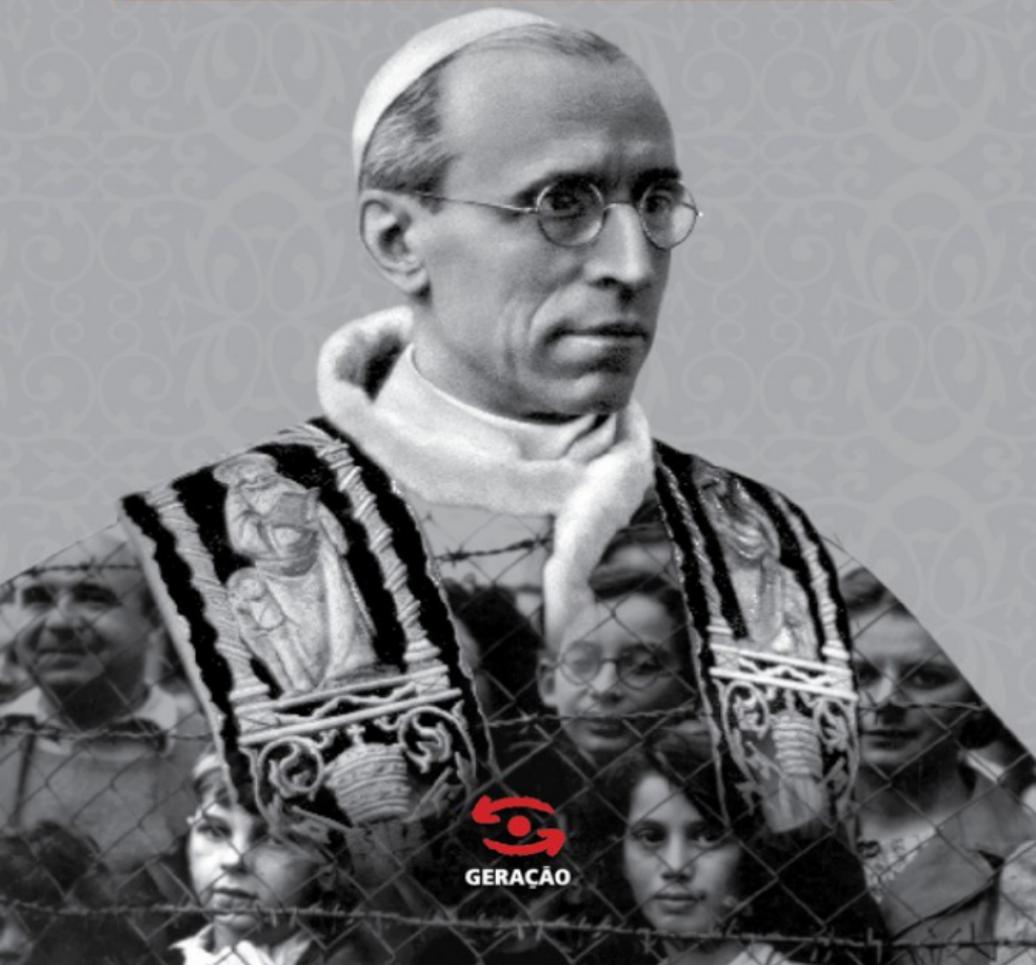


GORDON THOMAS

Os JUDEUS DO PAPA

*O plano secreto do Vaticano para salvar
os judeus das mãos dos nazistas*




GERAÇÃO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



GORDON THOMAS

OS JUDEUS DO PAPA

*O plano secreto do Vaticano para salvar
os judeus das mãos dos nazistas*

Tradução
Marco Schaumloeffel



Título original:
The Pope's Jews

Copyright © 2013 by Gordon Thomas

1ª edição — Outubro de 2013

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher
Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial
Fernanda Emediato

Produtora Editorial e Gráfica
Priscila Hernandez

Assistente Editorial
Carla Anaya Del Matto

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação
Ilustrarte Design e Produção Editorial

Preparação de Texto
Sandra Dolinsky

Revisão
Vinicius Tomazinho
Karina Gercke

Conversão para epub
Obliq Press

dados internacionais de catalogação na publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Thomas, Gordon

Os judeus do Papa / Gordon Thomas ; tradução Marco Aurélio Schaumloeffel. – 1. ed. –

São Paulo : Geração Editorial, 2013.

Título original: The Pope's jews.

ISBN 978-85-8130-128-0

1. Cristianismo e antisemitismo – História – Século 20 2. Guerra Mundial, 1939-1945 – Aspectos religiosos – Igreja Católica 3. Guerra Mundial, 1939-1945 – Judeus – Salvação
4. Holocausto judeu (1939-1945) 5. Igreja Católica – Relações – Judaísmo 6. Judaísmo – Relações – Igreja Católica 7. Judeus – Roma (Itália) – História – Século 20 I. Título.
13-03595 CDD-940.5318

Índices para catálogo sistemático:

1. Papel do Papa e do Vaticano durante a Segunda Guerra Mundial : Holocausto judeu : História 940.5318

geração editorial

Rua Gomes Freire, 225 – Lapa

CEP: 05075-010 – São Paulo – SP

Telefax: (+ 55 11) 3256-4444

E-mail : geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br

www.geracaoeditorial.com.br

twitter: @geracaobooks

PARA EDITH,

*Uma parceira completa em todos os sentidos.
Sua inteligência, determinação e seus altos padrões
aperfeiçoaram este livro de várias maneiras.*

SUMÁRIO

Dedicatória

Copyright

Breves Notas De Tradução

Sumário

Pesquisadores

Principais Personalidades

Considerações Preliminares

Parte 1 - O poder e a glória

1 - Uma maneira de morrer

2 - O papa Pio XII e os judeus

3 - Os decifradores de códigos

4 - Decisão na Piazza Venezia

Parte II - A tempestade em formação

5 - Olhos que choraram

6 - Nada é sagrado

7 - Pio vai à guerra

8 - Os buscadores de santuários

9 - A conspiração de Hitler

10 - Corrida do ouro

14 - Sábado negro

15 - Antes do amanhecer

17 - Consequências

Epilogo: Conflito

Fontes De Pesquisa

Bibliografia Seleccionada

Índice Remissivo

BREVES NOTAS DE TRADUÇÃO



s JUDEUS do papa, de Gordon Thomas, é um trabalho cuidadoso, escrito com o auxílio de equipes de pesquisas focadas nos diferentes pontos de interesse, tais como o gueto judaico de Roma, o Vaticano e Israel, com o objetivo de definitivamente esclarecer o papel de Pio XII e do Vaticano durante a Segunda Guerra Mundial. No original, o autor opta pelo uso de alguns termos em alemão, principalmente quando se refere aos cargos ocupados dentro da escala hierárquica militar do horrendo regime nazista. Como esses termos são bastante conhecidos, e para manter fidelidade à concepção do autor, também optei pelo uso desses em alemão. Desta forma, palavras e expressões como *Führer*, *Oberscharführer*, *Heil Hitler*, *Judenaktion*, entre outras, não foram traduzidas. Devido ao contexto histórico, expressões como, por exemplo, “líder máximo”, “comandante” ou “guia” jamais conseguiriam transmitir o peso conferido a *Führer*, palavra que carrega consigo todas as atrocidades nazistas, todas as ações de Hitler. O mesmo acontece com Duce e todos os outros termos usados nesta obra no original.

Além disso, há palavras que não se encontram em dicionários ou enciclopédias, tais como *Risalt*, usada em referência à arca onde os rolos talmúdicos sagrados são guardados e de onde são tirados durante a celebração do Kol Nidrei, na véspera do Yom Kippur. *Risalt* foi retirada diretamente de documentos antigos da comunidade judaica de Roma. Assim como muitas outras palavras existentes no dialeto exclusivo do gueto, ela provavelmente é uma corruptela nascida e criada na conjunção ou nas margens do italiano e do iídiche. São fenômenos desta natureza que muitas vezes tornam a tradução uma viagem de pesquisas e de prazer.

Pelo tempo dedicado e pela paciência, devo agradecer a amigos como Geraldo de Carvalho, pela excelente ajuda, esclarecendo alguns aspectos da cultura judaica, e Sara Mallei, por ajudar a decifrar certas palavras, ligando-as ao italiano contemporâneo. Além disso, agradeço a Gordon Thomas, sempre prestativo, por suas explicações cristalinas para o emprego de alguns termos.

MARCO AURELIO SCHAUMLOEFFEL
Barbados, Índias Ocidentais,
Novembro de 2012

PESQUISADORES

COORDENADORA DE PESQUISA

EDITH MARIA THOMAS

PESQUISADORES

O GUETO DE ROMA

TINA CAPPELINI

PROFESSOR MARCO CAVALLARIN. Autor e historiador

MIRIAM HAYUN. Diretora, Centro Judeu de Cultura

DR. RICARDO PACIFICI. Presidente da comunidade judaica

DR. RICARDO DI SEGNI. Rabino-mor de Roma

SIMONETA SACERDOTI. Sobrinha do doutor Sacerdoti

LUCIANA TEDESCO. Escritora, prima do doutor Vittorio Sacerdoti

NANDO TAGLIACCOZZO. Escritor e professor assistente

O VATICANO

IRMÃ MARGHERITA MARCHIONE. Escritora e arquivista pictórica

PADRE DAVID-MARIA JAEGER. Secretário de Estado

ISRAEL

MEIR BEN-NAFTALI

GILAH BRONSTEIN

ALEX DORAN. *Jornal Ma'ariv*

RACHEL GINSBERG. Editora associada, revista *Mispacha*

MIRO MUSCATI

ITZHAK RAZ RATHAUS

FLORA SHRIT

EINAT YAAKOV

REINO UNIDO

SOPHIE BRACKENBURY

EMANUELLE DEGLI ESPOSTI

GREG LEWIS

CESARE SACERDOTI

ESTADOS UNIDOS
WILLIAM DOINO

PESQUISA FOTOGRÁFICA
PETER DURLING

PRINCIPAIS PERSONALIDADES

As categorias e os postos são aqueles ocupados em 1943.

O VATICANO

PAPA PIO XII . Eugenio Pacelli, nascido em Roma. Quando os alemães ocuparam Roma, fez uma reunião secreta no Vaticano para planejar como poderiam salvar os judeus e os aliados prisioneiros de guerra da cidade.

MONSENHOR PATRICK CARROLL-ABBING . Sacerdote irlandês que usou sua ambulância para resgatar judeus.

MONSENHOR ANGELO DELL'ACQUA . Oficial de contato com organizações de assistência humanitária.

MONSENHOR BORGONGINI DUCA . Representante da Santa Sé enviado à Itália.

MONSENHOR MARCEL HÉRISSE . Cônego da basílica de São Pedro.

BISPO ALOIS HUDAL . Reitor do Colégio Pangermânico de Roma, responsável pelo treinamento de sacerdotes alemães. Membro antigo do Partido Nazista e informante dos serviços secretos de inteligência alemã. No pós-guerra, ajudou na fuga de alguns dos principais criminosos de guerra nazistas para a América Latina.

MONSENHOR LUDWIG KAAS . Encarregado da basílica de São Pedro.

MONSENHOR ROBERT LEIBER . Secretário particular do papa.

IRMÃ MARIA SÃO LUCAS. Freira americana que trabalhava no Escritório de Informações do Vaticano. Jornalista.

CARDEAL LUIGI MAGLIONE. Secretário de Estado da Santa Sé e chefe de seu serviço diplomático global.

MONSENHOR GIOVANNI BATTISTA MONTINI. Subsecretário de Assuntos Eclesiásticos Correntes e futuro papa Paulo VI.

MONSENHOR ALFREDO OTTAVIANI. Chefe do Santo Ofício.

PADRE PANKRATIUS PFEIFFER . Pessoa particular de contato do papa com o alto-comando alemão.

MONSENHOR ANGELO GIUSEPPE RONCALLI. Núncio Apostólico na Turquia (mais tarde se tornou papa João XXIII).

CORONEL DE PFYFFER D'ALTISHOFEN. Comandante da Guarda Suíça Pontificia.

IRMÃ PASCALINA . Confidante e governanta da vida doméstica do papa. Jornalista.

PADRE NASSALLI ROCCA. Pessoa de contato do papa com o presídio Regina Coeli.

GIOVANNI STEFANORI. Mordomo do papa.
MONSENHOR DOMINICO TARDINI. Assistente do secretário de Estado.
CONDE GIUSEPPE DALLA TORRE. Editor do *L'Osservatore Romano*.
PADRE ANTON WEBER. Chefe dos padres palotinos em Roma.
BISPO IVY ZEIGER. Reitor do Pontificium Collegium Germanicum, o Colégio Alemão.

A COMUNIDADE JUDAICA

DANTE ALMANZI. Vice de Ugo Foa.
LAZZARO ANTICOLI. Mecânico.
EMMA ANTICOLI. Sua esposa.
FERNANDO ASTROLOGO . Membro de uma das mais antigas famílias do gueto.
VITTORIO ASTROLOGO. Joalheiro.
GIUSEPPE BATTINO. Auxiliou o vendedor ambulante Mose Spizzichino.
ANSELMO COLOMBO. Contabilista.
UGO FOA. Presidente da comunidade judaica de Roma.
ELENA SONNINO FINZI. Professora na escola do gueto.
SERAFINO PACE. Alfaiate do gueto.
ITALIA PACE. Esposa de Serafino Pace.
ALDO PACE. Filho de Serafino Pace.
GRAZIANO PERUGIA. Açougueiro *cashier*.^[1]
ANGELO DI PORTO. Lojista.
MOSE SPIZZICHINO. Vendedor ambulante.
GRAZIA SPIZZICHINO. Sua esposa.
SETTIMIA SPIZZICHINO. A filha deles — única mulher sobrevivente da caça promovida pelos nazistas.
ROSINA SORANI . Secretária de Foa na sinagoga do gueto e jornalista.
SETTIMIO SORANI. Irmão de Rosina e chefe-executivo da *Delasem*, *Delegazione per l'Assistenza degli Emigranti Ebrei* [Delegação de Assistência aos Imigrantes Judeus].
UMBERTO DI VEROLI. Principal lojista do gueto.
MARIA MOSCATI E ALBERTO LIMENTANI. Casaram-se na sinagoga do gueto pouco antes da ocupação.
LUCIANA TEDESCO. Jovem prima do doutor Sacerdoti que sobreviveu à luta diária pela vida sob o controle dos invasores.
ARMINIO WACHSBERGER. Relojoeiro.
ISRAEL ZOLLI. Rabino-mor de Roma.

FATEBENEFRAPELLI — HOSPITAL JUDAICO NA ILHA TIBERINA
PROFESSOR CATEDRÁTICO GIOVANNI BORROMEO. Diretor católico do hospital.

ROSA FIANO. Trabalhou como auxiliar de enfermagem depois de ser escolhida para se esconder no hospital.

TÉREZA MARINO. Renomada professora de hebraico que se tornou auxiliar de enfermagem enquanto ficou abrigada no hospital.

YOLE MARINO. Auxiliar de enfermagem que mais tarde se casou com o rabino-mor de Roma, depois de ele ter ido à Palestina.

DR. Vittorio Emanuele Sacerdoti. Jovem médico no hospital do gueto.

OS TRABALHADORES DA ASSISTÊNCIA HUMANITÁRIA

CONDE DE SALIS . Representante da Cruz Vermelha em Roma.

RENZO LEVI . Industrial judeu e presidente da Delasem.

OS DIPLOMATAS

BARÃO DIEGO VON BERGEN . Embaixador alemão junto à Santa Sé e decano do corpo diplomático. Substituído em 1943 por causa de seus pontos de vista contra o nazismo.

FRANÇOIS CHARLES-ROUX . Embaixador francês junto à Santa Sé. Um estrategista brilhante para fazer que o papa Pio fosse eleito.

CONDE GALEAZZO CIANO . Ministro das Relações Exteriores do governo de Mussolini.

CORDELL HULL . Secretário de Estado dos Estados Unidos.

ALBRECHT VON KESSEL . Primeiro-secretário da Embaixada da Alemanha junto à Santa Sé.

SIR PERCY LORRAINE . Embaixador britânico na Itália.

SIR FRANCIS D'ARCY OSBORNE . Ministro britânico junto à Santa Sé.

MYRON TAYLOR . Enviado pessoal do presidente Roosevelt para contato com o papa.

HAROLD H. Tittmann. Encarregado de negócios dos Estados Unidos junto à Santa Sé.

BARÃO ERNST VON WEIZSÄCKER . Embaixador alemão junto à Santa Sé. Substituiu Von Bergen, mas secretamente partilhava com ele o mesmo ponto de vista.

EDWARD WOOD, LORDE DE HALIFAX . Secretário britânico das Relações Exteriores.

OS BOATEIROS

MONSENHOR ENRICO PUCCI . Dirigia uma agência de notícias especializada em assuntos relativos ao Vaticano. Trabalhou para o serviço secreto alemão.

VIRGILIO SCATTOLINI . Jornalista, dramaturgo, romancista e conquistador de mulheres, tornou-se o mais atrevido e bem-sucedido falsificador de informações secretas sobre o Vaticano. Seu cliente principal foi a *Abwehr*, o serviço secreto do exército alemão.

OS FASCISTAS

PIETRO CARUSO . Chefe da polícia de Roma. Julgado e executado por crimes de guerra.

CARLO SCORZA . Secretário nacional do Partido Fascista.

GUIDO BUFFARINI-GUIDI . Ministro do Interior. Descrito por Mussolini como o “homem mais odiado na Itália — até mesmo mais que eu”.

OS INVASORES ALEMÃES

THEODOR DANNECKER DA SS HAUPTSTURMFÜHRER . Especialista na “Questão Judaica”.

EUGEN DOLLMANN DA SS STURMBANNFÜHRER . Representante pessoal do *Reichsführer* Himmler.

OBERSTURMBANNFÜHRER HERBERT KAPPLER . Chefe da Gestapo em Roma.

MARECHAL DE CAMPO ALBERT KESSELRING . Comandante supremo na Itália.

GENERAL KURT MÄLZER . Sucessor de Stahel.

GENERAL RAINER STAHEL . Comandante de Roma.

GENERAL DA WAFFEN-SS KARL FRIEDRICH WOLFF . Comandante supremo de todas as forças da SS na Itália.

A RESISTÊNCIA

IVANOE BONOMI . Chefe do Conselho Militar.

ROSARIO BENTIVEGNA . Estudante de medicina que liderou o ataque na Via Rasella.

CARLA CAPPONI . Tornou-se uma combatenteçada pelos alemães.

GIULIO CORTINI . Fabricante de bombas.

LAURA CORTINI . Fabricante de bombas.

GIUSEPPE MOROSINI . Especialista em explosivos.

OS ESPÍOES

ALMIRANTE WILHELM CANARIS . Chefe da *Abwehr* , o serviço secreto alemão.

CLAUDE DANSEY . Vice-diretor do M16.

SEFTON DELMER . Jornalista que se tornou espião do M16. Frustrou um plano para sequestrar o papa.

HANS VON DOHNANYI . Membro-chave do plano para envolver Pio na conspiração pela derrubada de Hitler.

STEWART MENZIES . Diretor-geral do M16.

JOSEF MÜLLER . Advogado alemão que se tornou um espião da *Abwehr* e conspirador para derrubar Hitler.

CORONEL HANS OSTER . Agente da *Abwehr*. Envolvido na conspiração contra Hitler.

TONY SIMONDS . Chefe da seção N no M19.

GANGUES DE CRIMINOSOS

PIETRO KOCH. Chefe do Bando Koch. Assim como os Panteras Negras, foi recrutado pela

Gestapo para caçar judeus.

GIOVANNI MEZZAROMA . Chefe do Bando Pantera Nero, os Panteras Negras.

CELESTE DI PORTO. Judia. Membro dos Panteras Negras e preceptora de Mezzaroma.

A REDE SECRETA

PADRE JOHN CLAFFERTY . Codinome: “Eyerish”.

SAM DERRY. Major no exército britânico.

JOHN MAY . Mordomo do embaixador D’Arcy Osborne. Codinome: “Fixer”.

MONSENHOR O’FLAHERTY . Membro do Santo Ofício nascido na Irlanda. Codinome: “Golf”.

PADRE ROBERT PACE . Codinome: “Whitebows”.

PADRE THOMAS RYAN. Codinome: “Rinso”.

PADRE OWEN SNEDDON. Codinome: “Horace”.

PADRE VINCENT TREACY . Codinome: “Fanny”.

PADRE TOM TUOMEY. Codinome: “Sailor”.

PADRE SEAN QUILAN. Codinome: “Kerry”.

A ARISTOCRACIA NEGRA

PRINCESA NINA PALLAVICINI. Viúva que se opunha a Mussolini.

PRINCESA ENZA PIGNATELLI ARAGONA CORTES . Amiga próxima do papa Pio XII.

PRINCESA VIRGINIA AGNELLI. Filha da dinastia Fiat.

MARQUESA FULVIA RIPA DI MEANA. Usou seus contatos no Vaticano para ajudar judeus.

PRÍNCIPE FILIPPO DORIA PAMPHILJ. Antifascista e antinazista convicto.

PRINCESA ORIETTA EMILY MARY DORIA PAMPHILJ . Filha do príncipe Filippo.



[1] Casher é uma palavra hebraica que significa um produto apropriado ao consumo, isto é, que preenche todos os requisitos da dieta judaica. No caso do açougueiro, é o profissional que manipula a carne respeitando esses requisitos. (N. do T.)

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES



nenhum crime da história chocou tão profundamente a humanidade quanto o Holocausto de Hitler na Segunda Guerra Mundial. Mais de 6 milhões de pessoas — em sua maioria judeus, mas não exclusivamente — foram assassinadas, e inúmeras mais carregam até hoje as cicatrizes de seu sofrimento. O horror infligido levou a se declarar que não há mais novas dimensões a ser exploradas sobre esse genocídio sem precedentes. A verdade é outra. O antissemitismo continua a ser o mais abominável dos flagelos, prova de que pouco mudou em relação àquilo que Hitler escreveu em 1919 a um colega soldado com quem servira nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial.

Meramente por motivos emocionais, o antissemitismo encontrará sua expressão final em forma de massacre organizado, os *pogroms*. Contudo, o antissemitismo racional deve levar ao controle e à erradicação cuidadosamente planejada e legal dos privilégios dos judeus, embora seu objetivo final e imutável tenha de ser a remoção completa desse povo.

Em uma entrevista, dada em 1922 junto com Josef Hell para o *Institut für Zeitgeschichte*, Hitler foi mais específico:

Se um dia eu realmente estiver no poder, a destruição dos judeus será minha primeira e mais importante tarefa. Assim que tiver poder, mandarei erguer forcas e mais forcas, uma atrás da outra, por exemplo, no Marienplatz em Munique — tantas quantas forem possíveis erguer sem que atrapalhem o trânsito. Então, os judeus serão enforcados um a um e permanecerão lá pendurados tanto tempo quanto higienicamente possível. Assim que forem desamarrados, o próximo grupo se seguirá, e isso continuará até que o último judeu em Munique tenha sido exterminado. Exatamente os mesmos procedimentos serão seguidos em outras cidades, até que a Alemanha esteja purificada e livre do último judeu.

Essas palavras foram parte de uma campanha contra o papa Pio XII, chefe da Igreja Católica Apostólica Romana durante a Segunda Guerra Mundial. Ele foi acusado de se omitir e não condenar Hitler por seu fanatismo e ódio racial com os quais o *Führer*

governou a Alemanha, pelo fato de o pontífice ter temido um inimigo ainda maior da Igreja: o comunismo soviético.

Esse medo, de acordo com seus críticos, foi alimentado por seu próprio antissemitismo. Reduziram essa alegação abominável a algumas poucas questões: como Pio XII agiu durante os dias mais tenebrosos da Segunda Guerra Mundial para impedir os horrores cometidos contra os judeus? Por que não excomungou Hitler e todos os nazistas da Igreja, a maior punição que poderia lhes ter infligido? Por que nunca havia mencionado a palavra “judeus” em seus discursos proferidos durante o tempo de guerra? Todos aqueles anos antes da guerra passados como núncio na Alemanha, ou seja, como embaixador do Vaticano, haviam transformado Pio em um simpatizante dos nazistas? Essas questões alimentaram as calúnias e os preconceitos contra o papa; nenhum outro na história do Vaticano teve de enfrentar ataques de tamanha magnitude. Atualmente, essa torrente de acusações está no cerne da resistência a tornar Pio um santo da Igreja Católica. Seus críticos insistem que seu silêncio em relação à Solução Final durante a guerra foi o fator que impediu sua beatificação.

Porém, pode-se constatar que a verdade está deturpada e enterrada em meio a um lamaçal de mentiras, deixando os registros históricos distorcidos.

Fatos foram deixados de lado, pesquisas de fontes primárias foram rejeitadas e argumentos sobre a necessidade de interpretações equilibradas foram simplesmente ignorados. Pio havia se tornado mais uma vítima da verdade forjada.



Enquanto eu pesquisava materiais para elaborar meu livro anterior, *OperationExodus*, que trata de um aspecto do Holocausto, eu me deparei com uma carta escrita em 1943 por Chaim Weizmann, que se tornaria o primeiro presidente de Israel. Nela constavam os agradecimentos pelo “apoio dado pela Santa Sé ao ter oferecido sua ajuda poderosa, sempre que possível, para atenuar o destino de meus irmãos de fé”.

Três anos antes de Weizmann enviar seu agradecimento, Albert Einstein havia dito à revista *Time* em sua edição de Natal de 1940:

Somente a Igreja se colocou no meio do caminho da campanha de supressão da verdade promovida por Hitler. Antes eu nunca tive nenhum interesse especial pela Igreja, mas agora sinto uma grande simpatia e admiração, porque ela sozinha teve a coragem e a persistência para defender a verdade intelectual e a liberdade moral.

De tempos em tempos, outros itens com pontos de vista parecidos sobre Pio XII atravessaram meu caminho. Monsenhor John Magee, que foi secretário particular de língua inglesa do papa João Paulo, passou um jantar inteiro comigo dissecando o que ele

chamou de “as calúnias ignóbeis contra Pio”. O padre Lambert Greenan, um rude sacerdote dominicano irlandês, voltou a seus arquivos no *L’Osservatore Romano*, onde havia sido um dos editores, para fornecer evidências da condenação por parte de Pio da *Kristallnacht* em 1938 e de seu tempo como núncio na Alemanha.

Dos quarenta e quatro discursos que fez como núncio, quarenta denunciavam aspectos da ideologia nazista emergente. Em 1935, ele escreveu uma carta aberta ao bispo de Colônia descrevendo Hitler como “um falso profeta de Lúcifer”. Dois anos mais tarde, na Notre Dame, em Paris, disse que a Alemanha estava sendo levada ao descaminho por “uma ideologia de raça”. Hitler ordenou que a imprensa nazista o cunhasse como “um amante dos judeus dentro do Vaticano”.



Comecei a fazer pesquisas mais detalhadas que incluíram a busca intensa por novas testemunhas de um momento terrível do século XX. Sua história é de medo, de uma experiência que ainda continua a traumatizá-las. Muitos nunca haviam se pronunciado antes, mas, ainda assim, doaram seu tempo para relembrar fatos que abarcam um período situado entre a história recente e a memória que se desvanece. Assim como todas as ferramentas normais de qualquer investigação séria — registros oficiais, memorandos, uma ampla gama de materiais públicos e privados, diários, além de cartas, registros e relatórios —, um dos principais recursos, assim como já aconteceu com meus livros anteriores, tem sido as pessoas. Várias das testemunhas oculares deste livro nunca haviam sido entrevistadas antes e, muitas vezes, sentiam que finalmente podiam falar, pelo fato de um intervalo de tempo decente haver se passado. Algumas vezes não há como encontrar uma explicação simples para a forma como as pessoas se comportaram. Mas uma certeza que fica é que o testemunho delas é a verdade fundamentada em lembranças honestas.

Também ficou claro que a forma mais efetiva de contar a história seria pôr o foco na relação entre o Vaticano e seus vizinhos, os judeus do gueto de Roma. Em todos os argumentos que assolaram o papel do papa Pio durante a Segunda Guerra Mundial, deu-se pouco espaço para aqueles que viviam ao longo das margens do rio Tibre. Eles não só representam os 6 milhões de vítimas do Holocausto, mas também simbolizam seus sobreviventes.

Também representam os que ficaram abrigados com eles, os soldados aliados que escaparam dos campos italianos de prisioneiros de guerra, aqueles que os ajudaram, o papa Pio e seus sacerdotes e freiras do Vaticano. No fim das contas, este livro é a história das pessoas do gueto de Roma. Seu microcosmo é o de um período cruel e injusto.

Embora o tom seja, obviamente, o meu próprio, já que a voz de um escritor não é intercambiável, procurei permanecer fiel às vozes que esperaram muito tempo para ser ouvidas.

PARTE I

O PODER E A GLÓRIA





a aquela desconsolada manhã de inverno, em 10 de fevereiro de 1939, Eugenio Maria Giuseppe Pacelli estava parado no vão da porta do quarto observando o que se sucedia em volta da cama de bronze. Duas freiras de meia-idade realizavam seu trabalho em movimentos harmoniosos, exatamente como se esperava que fosse. Lidar com a morte era algo que os anos de experiência havia lhes dado. Para Pacelli, morrer era uma garantia de vida após a morte. Muito tempo antes havia aprendido isso com sua mãe, Virginia, uma filha devota da Igreja Católica Apostólica Romana.

O filho de Virginia era Sua Eminência, o cardeal secretário de Estado da Santa Sé, a segunda figura mais poderosa dentro da Igreja. Uma hora atrás, logo após a morte do homem idoso na cama, papa Pio XI, Pacelli se tornara a figura mais importante de todo o mundo católico. Ele era agora o camarlengo, um posto que combinava o papel do tesoureiro do Vaticano com o de chefe de gabinete da Santa Sé. Ele seria o responsável pela organização do funeral do papa Pio XI e pelo conclave para eleger um novo papa.

Pacelli tinha sessenta e quatro anos de idade e estatura média, era magro, com um nariz tipicamente romano, reto com narinas estreitas e uma leve saliência no meio da ponte. Por trás de seus óculos de estilo antiquado, residia o olhar de um homem que imediatamente sabia reconhecer e entender uma situação.

Através da janela fechada do andar onde estava o quarto do Palácio Apostólico do Vaticano chegava, de mais de sessenta metros abaixo, o murmúrio da multidão na praça São Pedro que rezava pela alma do papa Pio XI, o 259º sumo pontífice da Igreja. Durante vinte anos, ostentara vários títulos, postos e poder, que haviam afetado diretamente a vida de vários milhões de católicos. Pio estava às portas da morte havia dias, a duras penas era mantido vivo pelos remédios que seus médicos lhe administravam. Eles haviam deixado o quarto, seu trabalho finalmente estava encerrado. Em breve Pacelli começaria o seu.

Pacelli continuava a observar o corpo, ainda envolto em sua camisola branca. Uma freira havia removido as meias de dormir que o papa usava devido a sua circulação sanguínea insuficiente, um dos muitos problemas médicos por ele enfrentados. Estava com oitenta e um anos, a pele firme em seu crânio, seu cabelo delicadamente grisalho e as veias saltadas no dorso de suas mãos. Seus olhos foram fechados; não olhariam mais de maneira afavelmente inquiridora.

Poucos dias antes, ainda haviam olhado para Pacelli, quando este estava sentado ao lado da cama e conversavam de um assunto familiar, o destino dos judeus ou, mais precisamente, o de Guido Mendes e sua família. Para o papa e Pacelli, eles representavam

o que estava acontecendo com os judeus na Alemanha e na Itália e em todos os países onde o antissemitismo estava se espalhando.

Guido Mendes era filho de uma família judia de Roma, cuja linhagem remetia a Fernando Mendes, médico da corte do rei Carlos II da Inglaterra. Eugenio se sentava próximo a Guido na escola e, mais tarde, na faculdade. Com isso, tornaram-se bons amigos; Eugenio tornara-se convidado regular dos jantares de *Shabat* dos Mendes, Guido tinha seu lugar na mesa de Natal dos Pacelli. Na época em que Eugenio começava seu treinamento para o sacerdócio e Guido havia entrado na escola de medicina, o círculo de amigos judeus de Eugenio já havia se ampliado para mais de uma dezena. Eles foram à sua ordenação e assistiram à celebração de sua primeira missa. Ele caminhara com seus amigos em volta da praça São Pedro, chamando a atenção para as várias estátuas de santos no topo da colunata de Bernini. Os amigos lhe ensinaram o hebraico básico.

Em uma vida de viagens, quando Pacelli retornava a Roma, sempre fazia questão de se encontrar com seus amigos judeus. Cada vez mais eles o questionavam sobre o tratamento dado aos judeus, e ele lhes dizia que o que havia visto e ouvido lhe doía, prometendo que lutaria contra o antissemitismo com todas as forças que possuía.

Sua autoridade havia atingido o cume quando Pacelli fora nomeado secretário de Estado em 1930. Ele convidara Mendes e seus outros amigos judeus para participar da cerimônia e depois os apresentara a Pio XI.

Naquela que se tornaria a última conversa antes de o papa falecer, Pacelli lhe havia dito que agora a família Mendes estava em segurança na Palestina. Até um ano atrás, Guido era professor da escola de medicina da Universidade de Roma, mas as leis raciais antissemitas de Mussolini levaram a sua demissão. Pacelli imediatamente pedira ao ministro britânico da Santa Sé, *sir D'Arcy Osborne*, que providenciasse para a família uma permissão de entrada na Palestina, naquela época sob mandato britânico. A presteza de Osborne em ajudar gerou uma amizade duradoura com Pacelli.

Depois daquilo, Pacelli também fizera arranjos para que vários outros judeus eminentes, acadêmicos, médicos e cientistas imigrassem para os Estados Unidos, a América do Sul e outros países. Fizera arranjos para os que não poderiam sair de Roma por motivos familiares — uma esposa gravemente doente ou um filho ou filha em algum ponto crucial da educação —, fazendo que assumissem cargos dentro do Vaticano. Entre eles estava um dos melhores cartógrafos do mundo, Roberto Almagia, que produziu uma monografia sobre a Terra Santa. Desde as leis racistas, Pacelli havia encontrado cargos para vinte e três acadêmicos judeus na Pontifícia Universidade Gregoriana, na Academia de Ciências e na Biblioteca do Vaticano.

Em seu leito de morte, o papa Pio XI havia falado da necessidade de Pacelli continuar sua campanha contra o antissemitismo.

Um dos médicos de plantão se lembraria de que Pacelli estava próximo às lágrimas quando o papa dissera que ele teria de continuar a ser um defensor do povo judeu.



As freiras haviam completado seu trabalho e murmurado as palavras tradicionais: “Ó, Senhor, trago a ti meu louvor...”. Embaixo, na praça, havia o som do trânsito e da polícia montando barreiras para controlar a multidão crescente que se reunia para guardar luto pelo falecimento do papa.

Pacelli avaliava o momento de se aproximar da beira da cama. As emoções causadas pela morte já invadiam os ares do quarto. A face das duas freiras estava tomada de luto, suas vozes eram emotivas durante as orações. Além da janela, os primeiros raios de sol do dia passaram acima do límpido Tibre para tocar a cruz do topo da basílica de São Pedro. O volume das orações que chegavam da praça aumentava. Pacelli adentrou o quarto, parando apenas para as freiras saírem. Ficou ao lado da cama e fez sua própria oração.



Assim que a alvorada começou a iluminar os céus do lado de fora da janela do quarto, Pacelli soube que, antes de poder iniciar os preparativos para o funeral e solucionar milhares de questões até que o novo papa pudesse ser eleito no conclave, deveria desempenhar sua primeira obrigação na condição de camerlengo. Removeu o Anel do Pescador do dedo anular direito do papa. Mais tarde ele usaria uma tesoura grande de prata para quebrar o anel em frente ao Colégio de Cardeais reunido antes de entrarem no conclave. Assim que um novo papa fosse eleito, receberia seu novo anel, mais um símbolo de sua autoridade.

Pacelli se prostrou sobre o corpo e beijou-lhe a testa e as mãos antes de sair do quarto, fechando a porta atrás de si.



Seu escritório ficava no terceiro andar do Palácio Apostólico. Naquele momento, no raiar do dia, a vista de qualquer uma de suas janelas era formidável. Ao longo do horizonte, havia cúpulas, pináculos, torres, monumentos, palácios e parques de Roma. À direita das janelas, erguia-se a basílica; havia muito tempo, quando Pacelli se tornara um diplomata completo, memorizara suas proporções: 199 metros de comprimento, 163 metros de altura, com setenta e uma colunas de sustentação, quarenta e quatro altares e 395 estátuas. Considerava esses detalhes úteis durante as conversas polidas em cerimônias e eventos oficiais. À esquerda das janelas, estava o telhado da capela Sistina, não dando nenhuma pista do esplendor que havia dentro dela. Ali os cardeais elegeriam o novo papa.

Pacelli estava sentado em frente a uma escrivaninha do século XVI, feita nos dias de

Paulo VI. Nela havia um bloco de papel envolto em couro filetado, um pequeno r elógio com armação de puro ouro, um mata-borrão convexo com parte superior de ouro e um abridor de cartas. Também havia presentes de sua família, dados durante a celebração de sua nomeação como secretário de Estado. Uma das paredes estava coberta com prateleiras que continham volumes encadernados de couro com o Direito Canônico do Vaticano e tratados nos quais Pacelli havia trabalhado.

Pacelli solicitou sua primeira chamada telefônica do dia a uma das freiras que operavam a mesa telefônica do Vaticano. Em pouco tempo, já estava falando com o conde Galeazzo Ciano, ministro italiano das Relações Exteriores, informando-o sobre a morte do papa. Depois de expressar suas condolências em nome do governo, Ciano avisou Mussolini. O Duce respondeu: “finalmente aquele velho homem obstinado se foi”.

Durante o dia todo, o camerlengo continuou a enviar a mesma mensagem aos nuncios apostólicos do mundo todo. “Lamento profundamente informar que o Santo Padre faleceu. Informe a todos os relevantes. No amor de Cristo, Pacelli. Camerlengo.”

Por todo o mundo, as primeiras informações dos serviços telegráficos sobre a morte do papa começavam a aparecer nos jornais. No escritório do *L’Osservatore Romano*, em um prédio sem grandes traços característicos próximo à Porta Sant’Anna, um dos portões de acesso ao Vaticano, o editor, conde Giuseppe Dalla Torre, estava preparando a próxima edição, que seria inteiramente dedicada ao falecimento do papa.



O sol de inverno já havia inundado o Vaticano quando dois membros da Guarda Suíça adentraram o quarto do papa Pio XI. Removeram o corpo da cama, colocando-o em uma maca e envolvendo-o em um pano de cor púrpura. Os dois guardas empurraram a maca em direção a um elevador de serviço próximo e levaram o corpo para o porão do Palácio Apostólico; cruzando alguns corredores, chegaram a uma sala que ficava embaixo da basílica. Lá aguardava o agente funerário indicado pelo camerlengo Pacelli para preparar o corpo para o velório público na basílica de São Pedro.



Naquela noite, Pacelli estava sentado em frente sua escrivaninha e lia as mensagens enviadas pelos nuncios papais de Berlim, Varsóvia e Praga. Todos contavam a mesma história: em todo o Terceiro Reich, a perseguição aos judeus não só continuava, como também aumentava. Na capital alemã, Hitler disse, em um grande comício, que havia a necessidade de achar uma solução para o “problema judeu”.

Quando terminou de ler as correspondências, Pacelli elaborou uma mensagem destinada a todos os nuncios no Terceiro Reich em expansão. Rezou e pediu orientação

divina antes de instruí-los sobre uma questão que havia sido levantada em nome da Igreja alemã: como deveria proceder em relação ao aumento daqueles horrores? Pacelli havia decidido que, embora a opressão fosse horrenda, não deveria haver nenhuma condenação pública por parte da Igreja. Denunciar, de acordo com sua convicção, destruiria uma estratégia efetiva que ele havia delineado para proteger os judeus e dar-lhes uma oportunidade de escapar da tirania nazista. Essa foi uma decisão que ele reconheceu como um dos pedidos mais duros de aceitar por qualquer pessoa, dado o que estava acontecendo na Alemanha. Mas ele mesmo demonstraria que era assim que teria de ser feito. A estratégia foi o silêncio. Quaisquer formas de denúncias em nome do Vaticano inevitavelmente provocariam retaliações adicionais contra os judeus.

Sua decisão, ele teve plena consciência disso, seria mal interpretada, já que as atrocidades cometidas pelos nazistas obviamente clamavam por protestos. Mas, se ele interferisse, causaria uma repressão ainda mais cruel contra os judeus. No entanto o silêncio não o impediria de trabalhar nos bastidores para ajudar esse povo. Ele tinha a esperança de que cada padre entenderia que seu silêncio era a única forma de salvar a vida do máximo de judeus possível.

A primeira conexão do plano de Pacelli para salvar os judeus havia sido estabelecida em 30 de novembro de 1938, pouco depois da *Kristallnacht*, uma noite de horrores, quando os nazistas queimaram sinagogas, casas e lojas de judeus em toda a Alemanha.

Pacelli havia enviado uma mensagem urgente codificada aos arcebispos da Igreja no mundo todo. Repassara instruções de solicitar vistos para “católicos não arianos”, a fim de possibilitar que deixassem a Alemanha. A forma escolhida na descrição da condição dos requerentes fora deliberadamente pensada para tentar assegurar que os nazistas não desconfiassem de sua iniciativa, fazendo propaganda contra o Vaticano como aliado dos judeus.

Pacelli pedira que os vistos fossem obtidos sob o acordo assinado por ele com os nazistas em 1933, que especificamente fornecia proteção aos judeus que haviam se convertido ao cristianismo. A intenção de Pacelli era que fossem expedidos vistos para judeus que não haviam se convertido.

Pacelli tivera a satisfação de saber que os vistos obtidos por seus bispos já permitiam que milhares de judeus sássem da Alemanha nazista. Os números reais permaneceram em segredo até 2001, quando se revelou que a quantidade de pedidos de visto bem-sucedidos chegou a duzentos mil judeus, que conseguiram sair da Alemanha nas semanas seguintes à *Kristallnacht*. Ninguém suspeitara do papel que Pacelli desempenhara na liberdade obtida por aquelas pessoas.



O Vaticano se tornou o foco das atenções mundiais logo após a morte de Pio XI. Depois do funeral, houve nove dias de *Novendiale*, período de preparação para o início do

conclave, em 1º de março de 1939.

Da aurora até tarde da noite, balançando suavemente a batina em compasso com seu caminhar, Pacelli andava pelos corredores do Palácio Apostólico. A cada manhã, a primeira parada do camerlengo era o gabinete de imprensa do Vaticano para verificar como sua equipe estava lidando com as centenas de repórteres e radialistas que haviam chegado a Roma. Pacelli havia ignorado todos, menos um, para um pedido de entrevista pessoal. A exceção foi Camille Cianfarra, do *The New York Times*.

A longa experiência com o modo como a Igreja era retratada na mídia o tornara precavido. Com bastante frequência, os jornais usavam a fácil simplificação das polêmicas, e o papa era descrito como o chefe de uma instituição secreta monótona. Pacelli sabia que a verdade estava longe disso. A Santa Sé era uma gama dispar de departamentos dirigidos por cardeais que nem sempre concordavam uns com os outros. Ele sabia que o conclave vindouro seria retrato disso. Mas deixou a especulação a cargo dos repórteres, no momento em que eles tentavam adentrar em um mundo fechado sobre o qual ele próprio teria controle completo durante os próximos dias.

Havia encontros a marcar, ligações telefônicas a atender e telegramas a enviar. Além disso, deveria se reunir com os núncios apostólicos quando chegassem para o funeral; permaneceriam em Roma para informar o novo papa sobre a situação dos países onde atuavam.

A Grã-Bretanha havia nomeado um ministro permanente junto à Santa Sé durante a irrupção da Primeira Guerra Mundial. Quando a guerra terminara, em 1918, tomara-se a decisão de manter um diplomata em Roma, a fim de fazer uma observação cuidadosa do apoio da Santa Sé às demandas da Irlanda por independência do domínio britânico. Em 1922, quando papa Pio XI fora eleito, *sir* Mansfield Smith-Cumming, diretor-geral do MI6, relatara: “Nosso enviado ao Vaticano produziu poucas coisas de valor até o momento”.

Contudo, na ala diplomática da Secretaria de Estado do Vaticano, havia movimento. A Irlanda havia se tornado uma república, e um núncio havia sido nomeado para Dublin, já que o país tinha população predominantemente católica. Os problemas de uma Irlanda do Norte dividida mostravam sinais de aprofundamento. No Canadá, católicos franceses e protestantes ingleses estavam em meio a conflitos religiosos abertos. As colônias britânicas na África mostravam sua discórdia sobre a educação denominacional. Na Palestina, o Mandato Britânico estava em conflito sobre uma data a ser estabelecida junto com a Santa Sé para o feriado de Páscoa. Malta era mais um dos problemas. A população da ilha era intensamente católica-romana, mas governada por Londres. A ilha também tinha três bispos anglicanos; o conflito entre a Igreja da Inglaterra e o Vaticano estava sendo explorado pelos italianos residentes na ilha.

Essa era mais uma razão para que a Grã-Bretanha tivesse um ministro experiente na Santa Sé. Em 1936, *sir* Francis D'Arcy Godolphin Osborne fora transferido de seu posto de Washington para Roma. Ele tinha sessenta anos de idade, espírito vivaz, era protestante devoto e filho de uma família nobre inglesa, do ducado de Leeds.

O Ministério das Relações Exteriores havia encontrado para Osborne uma casa

adequada para um ministro junto à Santa Sé. Ficava na elegante Via Mercadante. O diplomata alto, magro e solteiro havia mobiliado sua nova residência com fino gosto: antiguidades, pinturas e fotografias eram as lembranças de uma carreira que incluía períodos passados em Washington, Lisboa e Haia. A biblioteca refletia seu interesse por astrologia, telepatia e astronomia. Sempre que era enviado para um novo posto, Osborne procurava pela cartomante mais respeitada de sua nova área. Na corrente de seu relógio de bolso, havia um amuleto contra raios cósmicos. Seu círculo de amigos incluía o duque e a duquesa de York, que em breve se tornariam rei e rainha da Inglaterra.

Um cozinheiro italiano, que trabalhava e morava na casa de Osborne, e um criado inglês, John May, administravam a casa. O diário particular de Osborne ajudou a compreender a relação entre o senhor e seus criados. Eles se tratavam pelo primeiro nome quando estavam sozinhos. “John me disse que agora temos um policial à paisana observando a casa. Intrigante e desagradável.” Semanas mais tarde, Osborne escrevera em seu diário: “Hoje John perdeu a paciência e gritou comigo, algo que é intolerável”. Outro incidente levava Osborne a fazer um registro: “A rudeza de John fez que eu tivesse uma noite ruim”. Entre as tarefas de May estava levar Jeremy, o *terrier* de Osborne, para passear. À noite, o cachorro dormia aos pés da cama de Osborne.

Os relatórios de Osborne enviados ao Ministério das Relações Exteriores revelavam um olho para os detalhes. “O papa é um idoso amável, muito humano, mas um pouco prolixo.” “O secretário de Estado, Pacelli, é bastante cativante e tem um toque de santo sobre si. Na verdade, é a força intelectual que está por trás de Pio; ele elaborou vários desses documentos que nós admiramos.” “Há algo de sinistro sobre Mussolini. Todos esses estudantes fascistas marchando para cima e para baixo, lá fora, em frente a minha porta de entrada. E os jornais italianos estão repletos de zombarias sobre a Grã-Bretanha e Roosevelt.” “Tive boas informações de François Charles-Roux, o embaixador francês junto à Santa Sé. Não há dúvidas de que ele tem influência dentro do Vaticano. Ele acha que a maioria de seus colegas só está aqui por causa de seus salários. Pergunta-se quando os americanos colocarão alguém no gabinete. No fim das contas, um homem correto, embora seu inglês não seja tão bom assim.”

Osborne falava francês fluentemente e havia encantado Charles-Roux com seus conhecimentos de literatura francesa.



Na véspera do funeral de Pio XI, Pacelli já havia falado com todos os núncios e a maior parte dos representantes do corpo diplomático do Vaticano. Eles confirmaram que os círculos eclesiásticos de Roma estavam muito vivos e cheios de fofocas e intrigas sobre quem poderia ser o próximo papa. Uma grande parcela de tudo emanava do monsenhor Enrico Pucci. Em vias de ficar careca, com olhos agitados e um ceceio, não detinha nenhum cargo no Vaticano e havia deixado a diocese de Milão pouco depois de Mussolini

assumir o poder. Havia rumores de um escândalo que envolvia um menino do coral da catedral; mais certo era que Pucci era um fascista e antisemita completamente comprometido com a causa. Havia estabelecido uma agência de notícias em Roma e reivindicado amizade com Pio XI desde os tempos em que o papa teria assumido a Biblioteca Ambrosiana em Milão e lhe arranjado acesso ao gabinete de imprensa do Vaticano.

Para os jornalistas visitantes que estavam em Roma para fazer reportagens sobre o funeral e o resultado do conclave, Pucci fornecia informações que pareciam de confiança e pelas quais era muito bem pago. No blecaute de notícias imposto por Pacelli ao nunca confirmar ou negar alguma história, Pucci havia se tornado uma fonte importante depois de alegar que conhecia as intenções de voto dos trinta e cinco cardeais italianos. Se todos eles votassem em bloco, dizia Pucci, haveria a maioria de dois terços, o necessário para eleger o novo papa.



Durante o almoço servido por John May, D'Arcy Osborne ouviu de Pucci que era muito provável que, já na primeira rodada de votação, os eleitores seguissem a tradição e mostrassem a Pacelli seu apreço pelo trabalho dele como camerlengo. Mas, caso ocorresse uma votação posterior, predizia Pucci, era improvável que o secretário de Estado ganhasse apoio esmagador.

Os nove cardeais franceses, liderados pelo cardeal Henri Baudrillart, foram convocados para se reunir com o embaixador Charles-Roux, que deixou claro quem o governo francês gostaria de ver no trono de São Pedro.

“Paris não quer outro Pio, aliás, ninguém influenciado pela propaganda nazista. Por outro lado, Paris não quer um papa fraco”, Pucci havia dito a Osborne.

Os quatro cardeais dos Estados Unidos, alegava Pucci, junto com os cinco da Alemanha poderiam combinar entre si e impulsionar a candidatura do cardeal Eugène Tisserant, o único cardeal que não era italiano dentro da cúria. O francês também poderia ganhar os votos do cardeal sírio e o cardeal espanhol de Tarragona, que havia fugido da Guerra Civil Espanhola para Roma.

Durante toda a refeição, Pucci fez uma análise detalhada da lista potencial completa de candidatos. Observou Osborne:

Ele era o homem espetáculo, exatamente como eu o imaginava, apresentando um nome entre pequenos goles de vinho e fazendo pausas para colocar alguma questão. Será que se deveria fazer uma escolha religiosa ou política? Foi teatro dos bons.

O ministro perguntou a Pucci mais uma vez sobre o potencial de Pacelli. Do ponto

de vista britânico, ele seria uma escolha ideal, um papa que continuaria a desafiar intensamente o eixo Roma-Berlim. Pucci suspirou e abriu as mãos, dizendo que era exatamente por esse motivo que Pacelli não seria eleito. “Próximo demais a Pio. Tem de haver uma mudança nas políticas. O conclave se decidirá por um não político, um homem santo.”

Logo depois de dizer aquilo, o monsenhor fofoqueiro se retirou para poder espalhar suas predições em outros lugares.



Ugo Foa, o alto e grisalho presidente da comunidade judaica de Roma, estava tomando café da manhã com seu filho e sua filha adolescentes em seu elegante apartamento, situado no distrito Prati, em Roma, quando seu caseiro anunciou que havia uma chamada telefônica proveniente do Vaticano. Viúvo havia três anos, Foa transformou o café da manhã em uma ocasião de família, que não deveria ser perturbada. No entanto, não conseguiu esconder sua grande surpresa; nem os filhos, sua agitação. Nos últimos meses, houve poucas chamadas para seu pai, muito menos ligações provenientes do Vaticano.

O autor da chamada era um monsenhor da Secretaria de Religiões Não Cristãs, anunciando que gostaria de lhe fazer um convite para participar do funeral do papa Pio XI.

Foa considerou o convite mais que bem-vindo, dada sua própria posição ou, de fato, a de qualquer judeu de Roma desde que as leis raciais entraram em vigor. Até o surgimento dessas leis, o fascismo estava praticamente livre de antissemitismo, e os judeus eram inclusive encorajados a ingressar no movimento. O Partido Fascista era predominantemente de classe média e contra os trabalhadores; suas táticas contra os sindicatos e as greves haviam encontrado apoio imediato entre as classes profissionais ocupadas cada vez mais pelos judeus. Mas, de uma hora para outra, o fascismo se tornara oficialmente antissemita.

Os judeus que tinham cargos no governo foram tirados de lá. Alguns se encontravam na Câmara dos Deputados ou serviam como membros do Grande Conselho do Fascismo. Um deles havia sido subcomandante da polícia de Roma; outro, vice-governador da Líbia. Margherita Sarfatti, vivaz amante judia de Mussolini por vários anos e editora da revisão ideológica do Partido Fascista, foi substituída por Clara Petacci, uma jovem e promissora atriz de cinema cujo pai, doutor Francesco Petacci, era médico pessoal do papa Pio XI.

Até pouco tempo antes, Foa, de cinquenta e três anos de idade, ainda vestia sua beca e chapéu pretos, símbolos de seu ofício como magistrado da cidade de Roma. Ele tinha sua própria sala na corte, em um *palazzo*, onde fazia seus julgamentos sobre casos que violavam o código legal fascista. Seu oficial de justiça regularmente recebia convites em seu nome para jantar nas mesas mais importantes da sociedade fascista da cidade.

Mussolini havia aprovado pessoalmente sua nomeação para a presidência da organização dos veteranos de guerra do país, a *Nastro Azzurro*.

Condecorado por bravura na Primeira Guerra Mundial, Foa havia ingressado no Partido Fascista em 1922 e se formado advogado. Suas habilidades na promoção de ações penais nas cortes da Toscana foram percebidas pelo Ministério da Justiça em Roma, fazendo que ele fosse convidado a assumir um cargo em um dos departamentos do Ministério. Ele ainda estava decidindo o que fazer quando sua esposa faleceu — ela preferia a vida no campo, em vez de na cidade. Foa e seus filhos, agora desprovidos de mãe, mudaram-se para Roma, para um apartamento suntuoso pago pelos fundos legais que lhes foram disponibilizados por meio da Toscana. Dentro de três meses, o ministro da Justiça o havia nomeado magistrado. Os julgamentos justos de Foa e sua recusa de ser influenciado pelo que ele chamava de “truques das salas de tribunal” lhe conferiam respeito crescente. Dentro da comunidade judaica, seus líderes viram em Foa o homem que esperavam encontrar havia tempos. Ele não só tinha uma mente legal brilhante, mas também era um acadêmico, um rebento de uma família que havia séculos era formada por bibliófilos ou doutores. Havia consenso na comunidade para designá-lo como presidente.

Ugo Foa foi um dos últimos a perder seu cargo. Seus colegas pediram ao ministro da Justiça que permitisse sua permanência na magistratura. O ministro chamou a atenção para o fato de que as leis raciais não eram tão opressivas quanto as introduzidas por Hitler e que as habilidades de Foa como advogado ainda lhe assegurariam uma vida confortável com um escritório particular.

Um bom número de amigos judeus de Foa estava saindo da Itália rumo aos Estados Unidos; outros iam para a Palestina. Eles haviam insistido para que Foa e seus filhos fossem junto, mas ele reiterava que teria de ficar em Roma. Seus filhos estavam em um estágio crucial da educação, e a comunidade dependia de sua orientação. Depois da “Noite dos vidros quebrados”, a *Kristallnacht*, e o tratamento hostil recebido pelos judeus em Danzig e outras partes do Terceiro Reich, ele aconselhara que todos ficassem em Roma por ter certeza de que o Vaticano protegeria a comunidade se os nazistas fizessem alguma ameaça. Pio XI sempre defendia os judeus e mostrava respeito por sua fé.

Foa também se encontrou com o cardeal Pacelli em vários eventos sociais e viu muitas coisas em comum quando o secretário de Estado revelou que seus pais haviam sido amigos próximos de Ernesto Nathan, primeiro prefeito judeu de Roma. Foa ficara surpreso e encantado com os conhecimentos de hebraico de Pacelli, e muitas vezes falavam essa língua quando se encontravam. Mais de uma vez Pacelli expressara sua admiração pelo estilo de vida dos judeus.

Ugo Foa tinha muita esperança acerca de que o próximo papa continuaria a falar em favor dos judeus. Essa seria uma questão que ele próprio discutiria com o novo líder espiritual da comunidade.



Israel Zolli, o novo rabino-mor de Roma, continuava a seguir os conselhos que Ugo Foalhe havia dado para conhecer as pessoas do gueto. Envolto em um sobretudo leve preto e usando um chapéu também preto, caminhou ao longo de toda a Via del Portico d'Ottavia. As lojas já estavam abrindo — fruteiros, padeiros, comerciantes de tecidos, açougueiros —, tudo funcionava da mesma forma, assim como seus antepassados já faziam havia mil anos, desde que o imperador Augusto dedicara aquela avenida a sua irmã, Otávia. Historiador arguto, Zolli percebeu que, enquanto os prédios datavam, em sua maioria, da Idade Média e da Renascença, ainda havia porções visíveis da Roma Imperial; os fragmentos decorativos de mármore, as peças de sarcófagos da antiguidade e as ruínas de um pórtico onde já esteve situado o teatro de Marcelo. Ao longo dessa avenida, no ano de 70 d.C., outro imperador, Vespasiano, organizara uma parada militar para comemorar a vitória de seu filho, Tito, por ocasião de sua volta depois da destruição de Jerusalém. Atrás de suas carruagens e das legiões que marchavam, havia centenas de escravos judeus, que carregavam os artefatos preciosos roubados do Segundo Templo por Tito. Zolli sabia que alguns daqueles prisioneiros eram os antepassados das pessoas que atualmente viviam no gueto.

Ele tinha sessenta e dois anos de idade, atarracado, com uma nuca grossa e óculos que conferiam a seus olhos salientes um ar de homem que não precisava buscar a aprovação de ninguém. Havia chegado a Roma poucas semanas antes, com Emma, sua segunda esposa, e suas filhas, Dora e Miriam. Sua primeira esposa falecera ao dar à luz Dora.

A nomeação de Zolli fez dele uma das figuras mais importantes da população judaica — 45 mil pessoas — na Itália.

Zolli sabia que havia sido selecionado depois de um período de tensão entre o rabino-mor anterior, David Prato, e a *giunta*, comitê judaico presidido por Ugo Foa. Prato era uma das principais autoridades sobre manuscritos judaicos medievais, o *Hagadá* do século XIV e seus poemas litúrgicos. Mas ele se sentia incomodado por causa de alguns membros do comitê, que em sua opinião “estavam promovendo práticas de assimilação sob a influência da ideologia fascista”.

As desavenças começaram com discussões sobre como as leis raciais de Mussolini definiam quem era considerado judeu. Havia mais de 7 mil judeus estrangeiros vivendo na Itália, e alguns haviam se estabelecido em Roma e se casado com gentios. Prato insistia que crianças nascidas de tais uniões não eram judias de “sangue puro”. O comitê argumentava que elas tinham o direito de ser criadas de acordo com a fé judaica, incluindo sua educação. As leis raciais proibiam todos os judeus de frequentar escolas públicas. Eles só poderiam ir a escolas judaicas financiadas pela comunidade local. Prato insistiu que a escola judaica próxima ao Tibre não tinha mais espaço para se expandir e acomodar as crianças geradas por casais mistos. O comitê propôs que se encontrassem fundos para ampliar a escola. O debate continuou até Prato renunciar a seu cargo e ir morar na Palestina.

A carreira rabínica de Zolli havia sido moldada por sua mãe, filha de uma longa

linha sucessória de rabinos. Ele nasceu na pequena cidade de Brody, parte da Áustria depois da partilha da Polônia em 1795. Seu pai tinha uma fábrica de roupas, e Israel Zolli, o mais novo de cinco filhos, estudou na Universidade de Viena e, mais tarde, no Colégio Rabínico em Florença. Entre suas notas de distinção estavam diplomas em psicologia e em filosofia semita.

Em 1918, Zolli se tornou rabino na comunidade de Trieste. Então, surgiu o convite para ir a Roma em 1938.

Levou consigo para Roma uma pequena biblioteca com seus próprios trabalhos publicados. Entre eles estavam ensaios sobre Dostoiévski e os judeus e o papel de Chaim Weizmann na história. Ele havia sido autor de um livro sobre literatura hebraica que se tornou uma *best-seller* em toda a diáspora.

Naquela manhã de fevereiro, Zolli encurtou sua caminhada pelo gueto para ir à praça São Pedro. Dentro de poucos dias, ele seria um dos membros da congregação da basílica que celebrariam a missa de funeral do papa Pio XI. Estaria sentado ao lado de Ugo Foa, sabendo que, para o líder da comunidade, seria apenas uma ocasião cerimonial. Para Zolli, aquilo tudo teria um significado muito mais amplo que ele não poderia partilhar com mais ninguém.



Desde cedo as multidões preenchiam todos os espaços da praça São Pedro e da basílica onde o papa Pio XI era velado. Os membros da Guarda Suíça estavam presentes o tempo todo, um em cada canto do catafalco sobre o qual repousava o caixão triplo — o interno de bronze, o segundo de cedro e o caixão externo feito de cipreste, para simbolizar o pedido que Pio havia deixado em seu testamento: que seu funeral fosse simples, visto que gostaria de falecer como *un povero*, um homem pobre. Seu outro pedido era que toda sua correspondência privada fosse colocada nos Arquivos Secretos, ao passo que seus papéis oficiais deveriam ser disponibilizados para o próximo papa. Em meio a todas as suas outras tarefas, Pacelli supervisionou a coleta dos documentos e fez que fossem lacrados em caixas.

Na véspera do funeral, os últimos visitantes do velório fizeram o caminho que passava em frente ao caixão e voltava para a nave central, ao longo dos vinte e oito altares da basílica e da estátua de São Pedro, cujo pé direito brilhava levemente devido aos beijos constantes dos fiéis fervorosos.

Somente quando as grandes portas da basílica foram fechadas é que Pacelli entrou discretamente na nave central por uma porta lateral e caminhou até o esquife. Uma única vela queimava com uma chama constante no ar inerte. Os quatro membros da Guarda Suíça estavam imóveis quando o camerlengo se ajoelhou ao lado do caixão para fazer sua oração de despedida em silêncio. À beira das lágrimas, levantou-se e caminhou lentamente para fora da basílica.

Em uma capela lateral, próxima ao altar da basílica, uma freira surpreendentemente pequena de olhos luminosos azuis acinzentados que estava ajoelhada se levantou, orações concluídas, em um movimento que a fez parecer uma geração inteira mais jovem. Pascalina era governanta e confidente de Pacelli.



Na manhã seguinte, os grandes sinos da basílica de São Pedro detiveram seu dobrar pesaroso, e o réquiem para Pio XI começou. Em frente ao caixão, estavam sentados os cardeais com seus mantos vermelhos, liderados por Eugène Tisserant, deão do Sacro Colégio Pontifício. Durante a missa, a voz aguda das respostas do francês de barba se elevava acima dos cantos do coral.

Atrás dos cardeais, sentavam-se os bispos. Entre eles estava Alfredo Ottaviani, chefe do Santo Ofício, a mais poderosa das várias congregações sagradas. Atrás dele estava sua equipe de trabalho, suas batinas pretas aliviadas por faixas e botões vermelhos. O mais alto deles era um irlandês musculoso de óculos, monsenhor Hugh O'Flaherty. Sua carreira eclesiástica já o tornara uma figura de respeito. Agora era sua poderosa voz de barítono que impressionava os outros ao redor quando cantava.

Entre os convidados do setor reservado aos chefes de Estado, estava o rei Emanuel III, da Itália, então com setenta e três anos de idade. A seu lado sentavam-se o rei Carlos II, da Romênia, e o rei Leopoldo III, da Bélgica. Próximos a eles estavam Benito Mussolini e seu gabinete. O Duce vestia seu uniforme militar; e os políticos, ternos pretos. O general Francisco Franco, ditador espanhol, usava uma braçadeira preta sobre seu uniforme. Joseph Kennedy, pai do futuro presidente dos Estados Unidos, representava sua nação.

Em um setor contíguo, estavam os embaixadores e ministros da Santa Sé vestindo paletós pretos e calças listradas. Atrás deles estava um homem de queixo quadrado, cabelos loiros, olhos azuis e um sorriso refinado, vestindo um terno preto com um pequeno emblema do Partido Nazista na botoneira da lapela. Tratava-se do major Herbert Kappler, adido da Embaixada da Alemanha em Roma no cargo de consultor de segurança.

No setor de convidados ilustres, estavam sentados Foa e Zolli. Com eles, os líderes da comunidade de negócios de Roma e industriais provenientes de todas as partes da Europa. Outros convidados haviam chegado dos Estados Unidos, da América do Sul e do Canadá.

Em uma área isolada por cordão, para os funcionários do Vaticano, estavam Pascalina e outras freiras escolhidas dos conventos de Roma. Com elas estavam os judeus para os quais Pacelli havia obtido cargos dentro do Vaticano. Dentre eles estavam o professor Giorgio Levi Della Vida, autoridade mundial sobre islamismo a quem Pacelli havia atribuído a tarefa de catalogar a coleção de manuscritos árabes do Vaticano; professor Tullio Levi-Civita, que havia sido o principal físico da Itália antes de as leis raciais o impedirem de realizar suas pesquisas; professor Giorgio Del Vecchio — amigo

próximo de Pacelli —, que fora forçado a renunciar a seu cargo de especialista em direito internacional na Universidade de Roma e que agora trabalhava na Secretaria de Estado no cargo de conselheiro especial de Pacelli.

Noventa minutos depois do início da missa, o corpo do papa foi levado a seu descanso final, em seu túmulo na cripta da basílica. Quando os enlutados apareceram na grande praça, recomeçaram as especulações sobre qual dos cardeais presentes ao enterro de Pio tomaria seu lugar.



No dia 1º de março de 1939, Dalla Torre, o editor, chegou cedo aos escritórios do *L'Osservatore Romano*. Quando chegou a sua mesa, tirou o colarinho romano e come çou a trabalhar. Sua mesa estava coberta de papéis: itens recortados de jornais italianos, mensagens para retornar ligações telefônicas e as biografias dos sessenta e dois cardeais com direito a voto no conclave. Verificou cada uma delas e as enviou ao gabinete de imprensa do Vaticano, a fim de que fossem distribuídas a mais de duzentos repórteres que haviam ido a Roma para cobrir o que se poderia considerar um evento de importância internacional. Essa era a primeira eleição papal desde o Tratado de Latrão.

O enérgico monsenhor Pucci havia fornecido sua própria e mais recente análise do resultado à imprensa:

Se os eleitores quiserem um papa inteligente, ficarão a favor do cardeal Luigi Maglione. Se a exigência for um papa bem-apeado, votarão no cardeal Federico Todeschini. Ele é alto e magro, com traços regulares, tem um ar nobre e mãos graciosas. Se for para ser um “homem santo”, então podem optar por empossar Pacelli.

Aquela era a primeira vez que o sacerdote jornalista apontava o secretário de Estado como competidor potencial de linha de frente na corrida pelo trono de São Pedro.



Às 4 horas daquela tarde de março, quatro caixas de papelão eram cuidadosamente colocadas em um furgão do lado de fora da via Santa Chiara, 34, uma praça pequena de aparência comum, localizada atrás do Panteão de Roma. Era ali que a Casa di Gammarelli, alfaiates do Vaticano, tinha sua loja. Cada caixa continha um conjunto completo de vestes papais: nos tamanhos extragrande, grande, médio e pequeno; uma batina de seda branca, pantufas alongadas de veludo vermelho com uma pequena cruz gravada em relevo em cada uma delas, uma faixa de seda branca, um roquete, uma mozeta, uma estola vermelha

adornada de ouro, um solidéu branco e meias brancas de algodão. As batinas tinham as costas e as bainhas unidas por longos alinhavos. As mangas, intencionalmente, também não estavam prontas. Um conjunto de peças de vestuário seria costurado para se ajustar ao papa escolhido antes que ele colocasse os pés pela primeira vez na sacada central da basílica de São Pedro para saudar o mundo. A partir do momento que começasse o conclave, um alfaiate Gammarelli permaneceria em um recinto lateral da capela Sistina esperando até ser chamado para fazer os ajustes finais.



Às 6 horas da tarde em ponto, os cardeais entraram na capela e tomaram seus lugares. No canto da capela, estava o fogão, dentro do qual as cédulas de votações não concludentes seriam queimadas.



No *L'Osservatore Romano*, Dalla Torre verificava as diversas provas da primeira página do jornal. Cada uma delas continha uma fotografia e uma biografia resumida de um dos cardeais que o editor acreditava ter chances de ser o próximo papa. Se todas as previsões se mostrassem erradas, ele sabia que seus planos preparados de antemão para conseguir um furo jornalístico acabariam em algo muito próximo ao pânico em um jornal tentando cumprir um prazo final.



Às 18h15, Pacelli, como mestre de cerimônias, proclamou duas palavras. *Extra omnes*. Todos, exceto os cardeais, deviam sair do recinto. As portas da capela foram trancadas por fora pelo comandante da Guarda Suíça. O conclave estava em andamento.



Na praça São Pedro, a multidão foi crescendo, todos olhando com frequência em direção à chaminé que despontava do teto da capela Sistina. De lá sairia o sinal: fumaça escura para votação não concludente, branca para uma eleição bem-sucedida.

Dentro da capela, a votação começava. Em frente a cada cardeal, estava um cartão com cinco centímetros quadrados que continha as palavras: *Eligio in Summum Pontificem*, “Eu elejo como sumo pontífice”. Abaixo daquelas palavras, um espaço para escrever um nome.

O que acontecesse sob os horrores da versão de Michelangelo do Apocalipse — na qual Jesus é retratado como juiz e rei, despojado de enigmas, ambiguidades e mistérios — deveria permanecer um segredo guardado a sete chaves. Mas aquele era o ano de 1939, e a eleição de um novo papa era algo de grande preocupação para as forças seculares, talvez mais que em qualquer outro momento da história.

O embaixador francês junto à Santa Sé, Charles-Roux, tinha seu informante, o sardônico cardeal francês Henri Baudrillart. Como esse lhe passou os detalhes da votação ainda continua a ser matéria de conjecturas. Uma das insinuações era que uma das freiras, integrante de uma ordem francesa que preparava as refeições para o conclave, recebera secretamente os resultados da votação de Baudrillart para serem repassadas ao embaixador.

Na primeira votação, Pacelli liderou com vinte e oito votos, Luigi Maglione chegou em segundo lugar com dezenove e Elia Dalla Costa obteve quatro a menos. Depois do jantar, os eleitores se retiraram a seus pequenos aposentos, mobiliados com camas emprestadas de um seminário de Roma. Na manhã seguinte, depois de celebrar uma missa e tomar o café da manhã, os cardeais votaram pela segunda vez. Os apoiadores de Dalla Costa haviam migrado para Pacelli, dando uma liderança significativa ao secretário.

Às 17 horas em ponto, no final da tarde de 2 de março, os cardeais votaram pela terceira vez. Pacelli havia atingido a maioria exigida de quarenta e nove votos para ser eleito. Aquele foi o conclave mais rápido dos últimos trezentos anos. Era também o dia do sexagésimo terceiro aniversário de Pacelli.

Ele escolheu ser conhecido como papa Pio XII e nomeou o cardeal Luigi Maglione como secretário de Estado. Pucci, o incansável fofoqueiro, informou aos repórteres: “o monge que havia dentro de Pacelli e a inclinação pela vida boa de Maglione nunca os tornarão compatíveis”.

A coroação de Pacelli ocorreu no dia 12 de março, na basílica de São Pedro. Estimou-se que mais de um milhão de pessoas se reuniram na praça São Pedro e ocuparam toda a extensão da Via della Conciliazione. Era também o aniversário do Tratado de Latrão, cujos termos Pacelli havia ajudado a negociar.

Entre os presentes na basílica, estava Pascalina, tomando parte dos aplausos, enquanto a procissão seguia em direção à nave. Primeiro chegaram os embaixadores e convidados de honra, seguidos então pelos cardeais das cúrias, por arcebispos, bispos e abades. Após breve pausa, chegou o novo papa, levado sobre a *sedes gestatoria*, a tradicional liteira papal. Pio XII concedeu bênçãos à direita e à esquerda, enquanto a congregação se ajoelhava no momento em que ele passava. As vozes do coral da capela Sistina invadiram a basílica. “*Tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam.*” “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja.”

Pascalina permitiu que as lágrimas rolassem por seu rosto. Na noite anterior, Pacelli lhe havia dito que ela seria a governanta do apartamento papal. Ela havia atingido o apogeu de sua carreira.



Naquela noite, depois de se reunir com todos os chefes de Estado e convidados de honra presentes, o papa Pio XII convidou para uma reunião íntima os membros da família e amigos próximos, entre eles judeus para os quais havia conseguido refúgio no Vaticano. Reuniram-se em um dos salões do Palácio Apostólico. Ele escolheu como tema para seu primeiro discurso como papa uma passagem da encíclica que havia escrito para seu predecessor: *Mit Brennender Sorge* [“Com inquietude ardente”, também conhecida como “Com profunda preocupação”]:

Quem quer que exalte a raça, ou o povo, ou o Estado, ou uma forma determinada de Estado, ou os representantes do poder estatal, ou quaisquer outros valores fundamentais da sociedade humana — não interessa o quão necessárias ou honrosas forem suas funções nas coisas mundanas —, quem quer que seja que eleve estas noções acima de seus valores-padrão e os divinize, elevando-os a um nível idolátrico, distorce e perverte uma ordem do mundo planejado e criado por Deus; essa pessoa estará longe da fé verdadeira em Deus e do conceito de vida que essa fé engloba (...).

Com essas palavras, Pio havia declarado sua posição como defensor dos judeus contra a Alemanha nazista. O “silêncio” que Pio solicitara que seus nuncios e bispos observassem agora estaria acompanhado do que ele esperava ser a arma mais efetiva que possuía: suas palavras.

Ele tinha a intenção de demonstrar o poder delas em sua primeira encíclica, a *Summi Pontificatus*, que escreveria nas próximas semanas, enquanto as sombras tenebrosas da Guerra se estendiam sobre a Europa. Pediria pela paz, repudiaria o nazismo e lembraria ao mundo que “não há nem gentios nem judeus, circuncisão ou não circuncisão”.

Essas palavras foram recebidas em Berlim como uma advertência muito nítida de que o papa lutaria para salvar os judeus.



ssim como todas as cidades maiores, Roma abrigava várias gangues de criminosos. A mais notória de todas era o Pantera Nero, o bando Panteras Negras. Liderado por um veterano da Primeira Guerra Mundial, Giovanni Mezzaroma, seus membros eram recrutados entre soldados dispensados, policiais corruptos demitidos das forças municipais e adolescentes sem-teto. Dentro do grupo dos Panteras, Celeste di Porto tinha um cargo especial. A adolescente não era só muito bonita, de cabelo preto brilhante e dedos longos que a haviam transformado na melhor batedora de carteiras da gangue; era também amante de Mezzaroma.

Nascida e criada no gueto, ela havia trabalhado com seu pai como coletora de materiais recicláveis. Tinha quinze anos quando conheceu Mezzaroma. Ele era alto, musculoso, usava roupas chamativas, sabia tudoda vida, tinha um apartamento no centro da cidade e um carro. Ainda na casa dos vinte, Mezzaroma tinha mais dinheiro do que Celeste já havia visto na vida; uma parte dele foi gasta em roupas para ela. Dentro da gangue, ela se tornou conhecida como a Pantera, uma figura temida dentro do grupo.

Nos dias seguintes à eleição, multidões iam à praça São Pedro para olhar para o Palácio Apostólico, na esperança de ver o novo papa ali em cima. Essas pessoas, por sua vez, eram alvos para os Panteras batedores de carteira. Vestida com roupas da moda, Celeste os observava em seu trabalho, usando as técnicas que ela lhes ensinara. Satisfeita, seu amante a levava de carro para a casa de sua família no gueto e desfrutava dos olhares invejosos que atraía.



Situado a cerca de dois quilômetros do Vaticano, o gueto era a comunidade judaica mais antiga do mundo ocidental. Há mais de 2 mil anos, os primeiros judeus se estabeleceram ao longo das margens do Tibre e na pequena ilha na curva do rio, na área que se tornou o subúrbio de Trastevere. Na época em que Constantino Magno se converteu ao cristianismo, em 313 d.C., e proclamou direitos iguais para todas as religiões, havia 8 mil judeus vivendo nas margens do rio.

Havia muito tempo, o Vaticano e seus vizinhos do gueto concordavam que o cristianismo e o judaísmo eram ligados por uma crença em comum. Ambos rezavam para um Deus e baseavam sua fé na Bíblia. Ambos compartilhavam esperanças messiânicas. Ambas as crenças nasceram e foram nutridas na terra de Israel, e ambos tinham judeus

como legisladores, profetas e apóstolos.

Mas o judaísmo sofreu com o antissemitismo, no qual teólogos cristãos e legisladores papais desempenharam seu papel, desde os tempos em que o papa Gregório I Magno (590-604 d.C.) falara sobre “os judeus traçoeiros”. Ao longo dos séculos, as pessoas do gueto de Roma haviam sentido a ira dos pontífices medievais. Apesar de serem espremidos em um canto lúgubre e deprimente da cidade, sobreviveram, de alguma forma, à queda do Império Romano, às pilhagens dos bárbaros e viram a Igreja crescer ao longo da Idade das Trevas e do Renascimento, a idade de ouro das descobertas. Mas, para os judeus, isso só significava que ainda continuavam isolados da sociedade: não podiam escolher onde queriam viver, aquilo que queriam vestir e quais trabalhos estavam dispostos a fazer. Eram considerados cúmplices em quaisquer ameaças à autoridade da Igreja, eram amarrados a postes e punidos com a queima na fogueira.

A perseguição atingiu um novo nível em 1555, com a eleição do papa Paulo IV. O romano de faces duradas não perdeu tempo e introduziu leis próprias. Sua primeira bula papal, um documento tão vinculativo quanto uma *fatwa* islâmica, proibia todos os judeus de prescrever remédios a cristãos ou de empregar parteiras cristãs. Nenhum judeu podia andar numa carruagem ou exercer qualquer profissão que não estivesse entre os ofícios mais baixos. Ordenou que se construísse um muro em volta do gueto; todos os judeus deveriam permanecer dentro de seus limites, do crepúsculo à alvorada. A contribuição duradoura do papa ao léxico de ódio foi o distintivo amarelo que todos os homens, mulheres e crianças judaicas tinham de usar. Havia punição severa para quem não observasse essa ordem. Quatro séculos mais tarde, na forma de Estrela de Davi, esse conceito se tornou parte da repressão dos judeus promovida por Hitler.

Quando o papa Pio IV ocupou o trono, em 1562, seu primeiro passo foi introduzir uma reaproximação teológica com o judaísmo, declarando que a Igreja deveria revisar sua posição de longa data sobre a morte de Jesus. O Credo Niceno-Constantinopolitano, cerne da Igreja por séculos, ensinava que Pôncio Pilatos havia sido essencialmente o responsável pela sentença de morte dada a Cristo e que foram os gentios que ridicularizaram, açoitaram e crucificaram Jesus. Ignorando o alvoroço que aquilo criou entre os jesuítas, dominicanos e outros grupos conservadores dentro do Vaticano, Pio ordenou que os judeus do gueto não precisassem mais usar os distintivos amarelos e que pudessem comprar terras e trabalhar em outras áreas além do comércio de materiais usados.

A notícia se espalhou em toda a diáspora. Na Holanda calvinista, na Inglaterra de Cromwell, na França, na Prússia e na Áustria, os judeus foram liberados da segregação que sofriam. Em Viena, os portões do gueto foram derrubados e queimados na maior praça da cidade. Finalmente, em 1798, os cinco portões do gueto de Roma foram removidos.

A emancipação da Itália levou os judeus a assumir posições de importância. Três foram eleitos para o primeiro parlamento da nação. Um deles, Luigi Luzzatti, tornou-se ministro das finanças do país e, mais tarde, primeiro-ministro. Em pouco tempo, os

judeus davam contribuições significativas nas áreas de negócios, seguros, educação e artes.



Em janeiro de 1904, o papa Pio X recebeu em audiência Theodor Herzl, fundador do sionismo. Era também a época em que mais uma vez surgia o antisemitismo inspirado nos jesuítas; o documento *DerJudenstaat*, de Herzl, que defendia veementemente um estado judaico na terra de seus antepassados, também se tornou uma desculpa para atizar ainda mais o fogo do racismo. O periódico *La Civiltà Cattolica*, órgão dos jesuítas, ressuscitou o mito da morte ritual contra os judeus:

Atualmente, a prática de matar crianças durante as festividades pascais é muito rara na parte mais cultivada da Europa, mais frequente na Europa Oriental e ainda muito comum no Oriente, onde a cada ano os hebreus crucificam uma criança. Para que o poder do sangue seja eficaz, a criança tem de morrer em tormento.

Essa calúnia sanguinária foi publicada no jornal sob a legenda: “Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor”.

Não foi só um pedido de apoio do papa para dar fim a tais propagandas abomináveis o que levou Herzl ao Vaticano. Ele queria que a Santa Sé apoiasse a ideia de um estado judaico. Vários países, disse ele a Pio, já haviam expressado seu apoio à ideia; haveria um impulso enorme caso o Vaticano fizesse o mesmo. A resposta do papa foi condenatória.

As terras de Jerusalém, se já não foram sempre, foram santificadas pela vida de Jesus Cristo. Mas os judeus não reconhecem nosso Senhor, portanto, não podemos apoiar os judeus na aquisição de um lugar santo.



O rabino-mor Israel Zolli percebeu que não seria fácil conhecer as pessoas do gueto; elas falavam hebraico, romani e italiano, um dialeto que se manteve por séculos. A endogamia também reduziu os sobrenomes de família a menos de cinquenta. Depois de consultar os registros da sinagoga, Zolli descobriu que muitas vezes havia uma dúzia de famílias com o mesmo sobrenome vivendo na mesma rua.

Inicialmente, percebeu a desconfiança em relação a ele; era um intruso do norte. Mas suas habilidades sociais conquistaram a comunidade, e as pessoas começaram a lhe contar sobre a vida no gueto, especialmente o orgulho que sentiam pelo fato de os jovens

poderem sair da comunidade para estudar nos colégios de Roma e se tornar advogados, dentistas e doutores e poderem trabalhar na cidade.

Entretanto, a vida no gueto ainda seguia seu mesmo ritmo. As mulheres ainda ficavam sentadas em seus banquinhos na frente de casa, cerzindo e tricotando, e seus maridos empurrando carrinhos de mão pelas ruas de Roma, vendendo seus bens de porta em porta com o tom nasal agudo característico de suas vozes. Embora ainda fosse uma vida de pobreza e subnutrição, era também uma vida em que as pessoas ajudavam um vizinho doente, auxiliavam durante o nascimento de uma criança e vestiam um defunto para o sepultamento.

Zolli gostava de parar e conversar: com uma mulher que estava estendendo sua roupa no varal, que ia de um lado a outro da rua; com um homem enchendo um colchão velho com flocos grandes de lã até o produto estar pronto para a venda. Soube que, na Via dei Funari, havia uma mulher que preparava poções de amor; que, na Via Catalana, em certo momento, houve nada menos que cinco cartomantes. Agora só havia uma, vivendo em um aposento que ficava no topo de uma escadaria íngreme de pedras. Descobriu que alguns dos jovens, que conheciam as raízes das suas famílias e sabiam que os antepassados viviam na mesma casa havia séculos, decidiam se mudar quando se casavam, levando seus pertences pela ponte Garibaldi para o outro lado do Tibre, onde o governo havia construído casas de aluguel para as classes trabalhadoras.

A maioria dos que viviam no gueto não conseguia ou não queria imaginar uma vida diferente daquela que levava ali. Ele havia ouvido dizer que, em Turim, Milão e na cidade portuária de Veneza, os judeus atualmente só praticavam sua religião da boca para fora. Mas a religião era o que unia as pessoas do gueto. Zolli respeitava isso. Tinha sua própria creança, mas não era a deles.



Os antepassados de Mose Spizzichino foram vendedores ambulantes na Sicília até que os judeus foram expulsos da ilha, em 1497, e, conseqüentemente, chegaram a Roma para continuar com seus negócios de venda de roupas de segunda mão. Conseguiram economizar *scudi*, moeda corrente daquela época, suficientes para começar a construir uma casa no lugar onde se situaria a primeira rua do gueto, a Via della Reginella.

Ao longo dos séculos, os Spizzichino haviam martelado, cinzelado e cavado um sistema de drenagem para levar embora as águas das frequentes cheias do Tibre. Em 1939, as lamparinas a óleo foram substituídas por lâmpadas elétricas, e a porta da frente, a única saída da casa, fora reforçada. Os cômodos eram pequenos, cobertos por gesso calcinado, mas ainda não pintados. Havia algumas poucas coisas penduradas nas paredes; pinturas baratas, que Mose havia encontrado em suas andanças, e algumas fotos de uma geração passada, protegidas por vidro, cujas faces eram lembranças de uma vida difícil.

Mose havia nascido naquela casa, e Grazia, sua esposa, nascera na casa de sua

própria família, situada no final da rua. Ele tinha vinte anos de idade quando se casaram; ela era uma mulher jovem e pequena que acabava de completar dezessete anos. Grazia se revelou uma boa dona de casa e fez que a casa ficasse mais confortável, como nunca antes. Havia pequenos tapetes no chão, feitos de pedaços de tecido que ela lavara e costurara em cima de sacos velhos. Mose e as filhas aprenderam a limpar os pés antes de subir as escadas e ir para a cama. Os pais dormiam no terceiro andar, debaixo do telhado. Settimia e sua irmã Giuditta, uma jovem de dezessete anos com bochechas redondas, ocupavam um dos quartos do segundo andar. Settimia tinha cabelos pretos, olhos brilhantes e um sorriso afetuo so. Aos dezenove anos, ainda tinha de se casar, algo pouco usual para a época e sua idade. Suas irmãs mais velhas, Ada e Gentile, e seus maridos dormiam nos quartos ao lado. As filhas ajudavam nos negócios da família: as meninas consertavam roupas para Mose, e os genros faziam vendas com os carrinhos de mão que empurravam pelas ruas de Roma.

Mose era um homem grande, de ombros largos, e as pessoas o recordavam como uma pessoa cativante, do jeito que os homens fortes são.

Em 1927, ele ingressou no Partido Fascista: em todo o gueto, vários homens faziam o mesmo, não por causa de sua convicção política, mas porque sentiam que seria mais fácil trabalhar com uma carteirinha do partido em mãos. Mose era bastante indiferente ao mundo da política; sua vida girava em torno da família, do trabalho e da sinagoga. Grazia mantinha sempre uma panela com caldo no fogão, para o caso de algum filho ficar doente ou um vizinho bater à porta dizendo que alguém não estava se sentindo bem e que precisava de sopa, a panacea para todas as doenças do gueto. Às sextas-feiras à noite, ela acendia as velas para o *Shabat*, e Mose fazia as orações. Aos sábados, Mose não acendia nenhum cigarro, a fim de não quebrar a lei mosaica.

Ele levou sua família a uma sinagoga lotada a fim de ouvir Zolli e Ugo Foa prestarem homenagens à memória do papa, lembrando aos congregados que havia sido um verdadeiro amigo de todos ali presentes. Foa acrescentou que tinha certeza, com base em seus próprios contatos com o novo papa, de que Pio XII continuaria a se comportar do mesmo modo.



Em sua ronda regular pelo gueto, Zolli cruzou a ponte Cestio para visitar o hospital na ilha Tiberina. A maior parte dos pacientes provinha do gueto. Os médicos do hospital eram graduados das escolas médicas de Roma, tinham boa reputação e eram respeitados por toda a comunidade judaica. As enfermeiras, algumas delas freiras, haviam sido treinadas no hospital escola da cidade. Os médicos e as enfermeiras viviam fora do gueto, as freiras tinham seus alojamentos próprios anexos ao hospital. Havia uma sala de operações moderna e alas separadas para mulheres e crianças. Os pacientes que não tinham meios para pagar os modestos custos eram tratados de graça.

Originalmente construído em 1584 pela Ordem de São João como um mosteiro, o hospital dominava a paisagem da ilha que tinha formato de galera romana. Ao longo dos séculos, foi ampliado para se tornar o hospital romano para o gerenciamento da tuberculose e outras infecções brônquicas. A taxa de mortalidade era alta, mas baixou gradualmente quando foram disponibilizados novos tratamentos.

Na virada do século XX, o hospital havia se perfilado como um dos melhores dentro da Ordem de São João e era conhecido como o Fatebenefratelli . Para os judeus do gueto, era simplesmente “nosso hospital judaico”.

Desde 1930, o hospital era dirigido pelo professor GiovanniBorromeo, um médico católico sempre vestido com elegância, de testa alta, olhos castanhos e voz delicada. Na comunidade médica de Roma, era conhecido como o antifascista que selecionava sua própria equipe dentre os médicos que trabalhavam em hospitais e clínicas da cidade e seus subúrbios. Dizia a eles que o pagamento seria menor que sua renda atual e que teriam de trabalhar mais horas, mas lhes prometia que, sob sua orientação, teriam a chance de desenvolver suas habilidades — e que dariam à comunidade judaica um serviço médico que nenhum outro hospital de Roma fornecia.

Esse era o lugar onde o doutor Vittorio Emanuele Sacerdoti havia decidido trabalhar. As primeiras fotografias de família de Vittorio mostram uma criança com olhos bastante profundos que jamais perderiam sua curiosidade. Ele havia sido bem-sucedido na escola e, aos dezenove anos, fora aceito na escola de medicina de Bolonha, uma das melhores na Itália. Depois de se formar como clínico geral, ingressou na equipe de um hospital em Ancona, no norte da Itália. Foi dispensado sob a lei racial que proibia dar emprego a judeus. Contudo, o professor Borromeo lhe ofereceu um. Sob o Tratado de Latrão, o hospital foi colocado na lista das propriedades que o Vaticano possuía em Roma e estava isento das leis raciais. Vittorio recebeu um aposento no porão, onde também viviam outros estudantes. Rapidamente se tornou uma figura popular com seu sorriso fácil e sempre com palavras reconfortantes para os pacientes. Sempre carregava doces consigo para dar às crianças e deixava que elas brincassem com seu estetoscópio, enquanto ele discutia seu diagnóstico com os pais.



Depois da cerimônia de homenagem realizada na sinagoga, Foa pediu a sua assistente pessoal, Rosina Sorani, que levasse uma carta ao Vaticano , na qual ele expressava os parabéns da comunidade pela eleição do papa Pio.

Rosina era alta, tinha vinte e seis anos de idade e ossos finos, uma pele perfeita cor de oliva típica do Mediterrâneo, um sorriso largo e modos exuberantes. Seu irmão, Settimio, era um jovem advogado na comunidade judaica; desde a entrada em vigor das leis raciais, ele preparava a papelada para que famílias inteiras pudessem viajar aos Estados Unidos e outros países. Seus contatos com diplomatas estrangeiros em Roma

também possibilitaram que obtivesse os vistos, que eram cada vez mais necessários para os judeus da Alemanha e da Polônia que haviam chegado a Roma receosos da tirania nazista.

Em seu pequeno escritório, próximo às escadarias da praça Espanha, Settimio ouvia as histórias terríveis daquelas pessoas e, durante o jantar, as contava em detalhes para Rosina. Na manhã seguinte, ela as repetia para Foa. Ele, por sua vez, passava os detalhes a dois amigos de confiança, o conde de Salis, representante romano da Cruz Vermelha Internacional, e Renzo Levi, industrial judeu. Esse imediatamente concordou em custear os vistos e o trabalho de Settimio.

Ao se aproximar da praça São Pedro, Rosina percebeu que um número cada vez maior de moradores do gueto se encontrava na multidão. A coroação do novo papa proporcionou aos vendedores de *souvenirs* um mercado imediato.



A nomeação de irmã Pascalina como governanta do apartamento papal aconteceu em seu vigésimo sexto ano como camareira de Pacelli.

Filha de George e Maria Lehnert, produtores rurais em Ebersberg, na Baviera, fora batizada com o nome de Josefina. Ela tinha dezessete anos quando se tornara postulante na Congregação das Irmãs Educadoras da Santa Cruz. Quatro anos mais tarde, proferira seus votos de pobreza, castidade e obediência e vestira seu hábito negro de irmã professora.

Um novo crucifixo pairava sobre seu coração, e um capelo pesadamente engomado, recoberto internamente por linho branco reluzente, cobria sua cabeça. Cobrindo a testa e as sobrancelhas, usava um barrete rígido branco, que destacava seus lábios e suas bochechas rosadas. Antes da missa de celebração de sua admissão na Congregação, ela havia se despedido de seus pais, explicando que no futuro só seria chamada por seu nome religioso, irmã Pascalina. Havia escolhido o nome por causa da vela pascal, da Páscoa, simbolizando a ressurreição e sua nova vida.

Depois de passar por um treinamento como enfermeira no hospital da Congregação, foi enviada a trabalhar na casa de repouso da Ordem nos Alpes suíços, aonde o Vaticano enviava membros do clero para recuperar a saúde. Em uma manhã de agosto de 1917, havia chegado mais um sacerdote. Ela escreveu em seu diário:

Ele está pálido, com todos os sinais de ser um homem delicado. Tem olhos escuros, incisivos. Quando lhe fui apresentada, fez apenas um sinal com a cabeça. Percebi que até mesmo a madre superiora sente um temor reverencial, pavor, admiração e respeito por ele.

Tratava-se do arcebispo Eugenio Pacelli.



Pascalina foi designada como sua enfermeira. Levou-o a fazer caminhadas ao longo das ladeiras alpinas, encorajando-o a inspirar profundamente o ar das montanhas. Dia após dia, a cor voltava à face de Pacelli, e suas roupas já não estavam mais folgadas, soltas em seu corpo. Deu-se conta de que em breve ele estaria apto a retornar ao Vaticano. Escreveu em seu diário: “Ele não estava acostumado a ter uma mulher que lhe dissesse o que fazer. Até com outros pacientes tem pouco contato. Sua cabeça sempre está em seu trabalho”.

Pacelli foi embora sem nenhuma palavra de despedida. Embora houvesse sido treinada para a humildade e a obediência, confidenciou a seu diário que estava “desnorteada e ferida pela forma com que ele foi embora”.

Três meses depois, foi convocada ao escritório da madre superiora e informada de que seria transferida para assumir o cargo de governanta na nunciatura de Munique, a fim de auxiliar o novo núncio apostólico, o arcebispo Pacelli. Ela tinha vinte e três anos de idade.

Carregando sua mala pela primeira neve do inverno, chegou a Munique no dia 17 de dezembro de 1917. O prédio de três andares tinha dezessete cômodos de pé-direito alto e uma equipe doméstica composta por um mordomo, um camareiro, um cozinheiro, um chofer e duas freiras responsáveis pela limpeza. Pacelli tinha um sacerdote secretário, Robert Leiber, jesuíta alemão que dormia em um quarto contíguo à suíte do núncio. O quarto de Pascalina ficava na porta ao lado. O restante da equipe dormia em alojamentos reservados aos empregados, no último andar. Pascalina era a empregada mais jovem e fez a seguinte observação em seu diário: “Os outros empregados pensam que sou jovem demais para um cargo de controle e responsabilidade”.

O papa Bento XV faleceu em janeiro de 1922. Pacelli viajou a Roma para participar do funeral e lá permaneceu até a coroação de Pio XI. Foi avisado de que teria de se mudar para Berlim, para um dos postos diplomáticos mais importantes dentro da Santa Sé.

O Vaticano havia providenciado uma mansão esplêndida para Pacelli, situada dentro da cidade, no distrito de Tiergarten, e Pascalina se viu responsável por uma equipe doméstica ainda maior que em Munique. “Era um mundo de esplendor que eu nunca poderia ter imaginado”, escreveu em seu diário.

Pacelli era anfitrião de festas com jantares opulentos e bailes resplandecentes, durante os quais uma orquestra tocava até altas horas da madrugada para a nata da sociedade berlinense. Mais de uma vez ela confidenciou a seu diário quão afortunada se sentia por estar próxima a um homem que cada vez detinha mais poder. Padre Leiber havia lhe contado que em breve Pacelli seria chamado de volta ao Vaticano. Ela tinha certeza de que iria com ele, para cuidar de seus alojamentos pessoais, de suas roupas e vestimentas litúrgicas e continuar a lhe servir suas refeições. Mais de uma vez ela lhe havia demonstrado sua habilidade em dissipar um pouco da ansiedade do momento e, quando ele queria ficar sozinho, ela se assegurava de que ninguém o perturbasse, nem mesmo o

padre Leiber. Nem sempre de forma divertida, ele a chamava de “anjo da guarda de Pacelli”.

No inverno de 1929, Pascalina persuadiu Pacelli a fazer uma pausa por causa das pressões do trabalho. Ele decidiu ir à casa de repouso onde haviam se encontrado pela primeira vez.

Foi lá que recebeu uma ligação telefônica para retornar ao Vaticano . Quando ele tomou o trem para Roma, ela permaneceu em Berlim, curiosa e esperando, compartilhando seus pensamentos só com seu diário . Ela sentia que “algo importante está por acontecer”.



Uma semana após Pacelli ter assumido o cargo de cardeal secretário de Estado, em 7 de fevereiro de 1930, irmã Pascalina chegou a Roma. Ela havia passado seus últimos dias em Berlim empacotando os pertences deles que estavam na nunciatura, incluindo peças de mobília medievais talhadas à mão, que haviam sido dadas a Pacelli por bispos alemães como lembrança do tempo que passara entre eles.

Certa manhã de sábado, um automóvel com placas do Vaticano, preto reluzente, pegou-a na estação central de trens de Roma para levá-la a seu novo lar. À medida que o carro se arrastava na subida da Via della Conciliazione, Pascalina teve sua primeira vista da basílica de São Pedro, com sua construção em sequência de colunas e pilares encimados por estátuas de santos feitas por Bernini. Para sua surpresa, viu que a praça não tinha o formato quadrado, mas sim oval, com um obelisco marcando o local onde Pedro fora pendurado de cabeça para baixo em sua cruz. Havia sacerdotes por toda parte, indo e vindo pela praça, entrando e saindo da basílica. Os turistas apontavam suas câmeras para o Palácio Apostólico. Em algum lugar lá dentro estava o papa, lembrou-se. Em breve, na condição de governanta de Pacelli, ela faria parte do mundo do papa. Naquela noite, Pascalina confidenciou a seu diário: “viver e trabalhar aqui é minha ambição para o resto da vida”.

Logo a realidade se impôs. Ela não falava quase nada de italiano e era uma estranha perante a atmosfera e a cultura do Vaticano. Percebeu rapidamente que o carreirismo era a base da Santa Sé, predominantemente ocupada por homens.

Recebeu um aposento no alojamento das religiosas dentro do Palácio Apostólico, e uma freira foi designada para ajudar a limpar o apartamento do cardeal. Quando o trabalho doméstico estava terminado, a outra freira ia comprar alimentos, enquanto Pascalina passava as vestimentas de Pacelli; era uma tarefa que ela insistia em realizar pessoalmente. No início da tarde, retomava a exploração de Roma.

Passou pouco tempo entre os turistas, caminhando em volta do Coliseu e do Panteão, preferindo visitar as igrejas antigas da cidade que ficavam nas ruas secundárias. Pacelli havia lhe contado que havia centenas delas. Diferente de São Pedro e as basílicas de

São João de Latrão e de São Paulo Extramuros, que eram edificações enormes e imponentes, as igrejas que ela procurava eram pequenas e empoeiradas, preenchidas com o cheiro devoto de incenso. Algumas vezes, quando se aproximava de uma delas, ouvia o murmúrio das ladainhas, o diálogo rígido entre um padre e sua congregação. Eram mulheres idosas, em sua maioria de cabeça coberta, que se ajoelhavam no piso de pedra. Pascalina ficava parada do lado de dentro da porta e participava da celebração. Em outras ocasiões, encontrando-se sozinha dentro da Igreja, acendia uma vela, colocando-a em um castiçal em frente à estátua de um santo.

Em uma tarde de início de outono, depois de visitar uma igreja próxima à Fontana di Trevi, na qual os turistas jogavam moedas para ter boa sorte, Pascalina caminhou ao longo da Via del Portico d'Ottavia, que levava ao gueto. Viu que as pessoas de lá eram diferentes daquelas que moravam nas favelas em outras partes da cidade.

Tinham a pele mais escura que a dos romanos e olhavam para ela com curiosidade e, então davam um sorriso quando ela parava para examinar alguns dos itens que estavam à venda em suas tendas. Quando viam que ela não compraria nada, davam de ombros. Poucos dias depois, ela voltou, dessa vez para caminhar ainda mais gueto adentro, interessada em aprender mais sobre aquelas pessoas. Ela já havia feito o mesmo em Munique e Berlim, visitando as áreas de cortiços, aprendendo sobre as pessoas de lá e sua luta para ganhar a vida. Em suas visitas ao gueto, aprendeu que ali não era diferente. Aos poucos, conheceu algumas mulheres e descobriu que o que mais importava para elas era sua fé judaica e que o ponto alto de sua semana era a visita à sinagoga. Dessa forma, Pascalina havia aprendido a primeira frase da língua delas, as palavras que os fiéis proferiam quando adentravam a sinagoga. *Lechá dodi licrat kalá* [Vem, meu querido, ao encontro da noiva]; era a chamada de saudação ao *Shabat*.



Com o passar dos anos, ela viu que, apesar de sua posição como governanta do cardeal mais importante do Vaticano, a maioria dos prelados continuava a ignorá-la propositalmente; raramente havia um sorriso amigável ou saudação quando passavam por ela nos corredores do Palácio Apostólico. No fim das contas, ela decidiu falar sobre sua tristeza a Pacelli. Ele lhe assegurou que muitas pessoas tinham extrema dificuldade de se adaptar à vida no Vaticano. Naquela noite, ela escreveu em seu diário: “Eu devia ter me dado conta de que a vida dele lhe concede pouco tempo para tratar de meus problemas pessoais”.

Aquilo fez que decidisse encontrar uma solução por si mesma.

Regularmente os sacerdotes da Sacra Congregação requisitavam reuniões com Pacelli sobre questões não diretamente ligadas a sua já cheia agenda. Padre Leiber negava o pedido de muitos. No fim das contas, muitos dos suplicantes começavam a abordar Pascalina. Quando ela sentia que um pedido era razoável, pedia a Pacelli que encontrasse

tempo para receber um monsenhor ou um bispo. As notícias de sua mediação se espalharam. Quando o padre Leiber protestou, Pacelli lhe disse que aquilo que ela fazia não era nada além do que já fazia em Berlim: assegurar que nada de importante escapasse de sua atenção. Dentro do Vaticano, cada vez mais Pascalina era vista com outros olhos, com respeito.

Pacelli providenciou que ela se mudasse para uma pequena suíte confortável próxima a seu apartamento espaçoso. Ela havia se tornado amiga da família dele, especialmente de sua irmã viúva, Elisabetta. Como presente de aniversário, Pascalina lhe havia dado um pequeno altar para o quarto.

No início de outubro de 1936, Pacelli disse à Pascalina que ela deveria acompanhá-lo em uma visita aos Estados Unidos; era a primeira vez que um secretário de Estado papal viajava àquele país. A viagem deveria durar um mês e cobrir cerca de 105 mil quilômetros, em visitas a colégios católicos, conventos, mosteiros e igrejas de paróquias.

As perspectivas de sua primeira travessia marítima e a viagem pela América do Norte encheram Pascalina de entusiasmo. Durante o último dia antes de partir, ela havia passado os paramentos e as vestimentas de Pacelli e guardado tudo cuidadosamente em baús que o Vaticano havia providenciado. Suas próprias peças de vestuário foram colocadas em uma mala de viagem. A bordo do transatlântico italiano Conte di Savoia, em sua viagem inaugural a Nova York, Pacelli se alojou na suíte do proprietário, ao passo que Pascalina tinha uma cabine abaixo do convés.

Ela passou a maior parte da viagem de sete dias em sua cabine, lendo e rezando, fazendo suas refeições em um canto do salão de jantar da terceira classe. Retirou revistas dos EUA na biblioteca do navio e recortou os itens que, segundo sua percepção, poderiam interessar a Pacelli. Eles chegariam a Nova York durante o campeonato profissional de beisebol de 1936, quando os New York Yankees enfrentariam os Giants. A cada final de tarde, Pascalina pedia a um comissário de bordo que levasse os artigos recortados para Pacelli.

Quando o transatlântico atracou em Nova York, ela foi levada até o cais por uma das limusines que esperavam. No convés superior, a imprensa de Nova York dava as boas-vindas a Pacelli em meio a uma explosão de *flashes*.

A turnê norte-americana era formada por uma procissão de limusines que entravam e saíam dos aeroportos e iam para cidades e municípios para uma sucessão de reuniões durante o café da manhã, o almoço ou o jantar, discursos, palestras e apresentações de título *honoris causa* outorgados a Pacelli. Ele, por sua vez, proferiu suas bênçãos no Grand Canyon, nas cataratas do Niágara, na ponte da baía de São Francisco e em um estúdio de gravação cinematográfico em Hollywood.

A turnê também foi uma oportunidade de se ocupar do notório padre Coughlin, de Detroit, que não só tinha um programa de rádio contra o New Deal, como também o usava para promover o antissemitismo. Em uma reunião curta, Pacelli “silenciou” o padre, e a CBS perdeu uma audiência de 30 milhões de ouvintes a cada domingo à tarde.

Em seus próprios discursos, Pacelli denunciava o antissemitismo e fazia questão de

louvar as contribuições dos judeus nos Estados Unidos. Pessoalmente, era ainda mais acerbo em relação aos nazistas. Disse a Joseph P. Kennedy, que pouco depois se tornaria embaixador na Grã-Bretanha e que se encontrou com Pacelli em Washington, que tinha “uma forte antipatia por todo o regime nazista”.

As manchetes da vitória esmagadora do presidente Roosevelt em quarenta e seis dos quarenta e oito estados para seu segundo mandato como presidente foram divididas com reportagens entusiásticas sobre a viagem de Pacelli. Ele enviou seus parabéns ao presidente, que respondeu com um convite para um almoço em sua casa de campo, em Hyde Park.

No dia seguinte, Pacelli foi levado de carro à Hyde Park. Na noite daquele mesmo dia, quando já haviam embarcado para a viagem de volta à Europa, Pascalina fez registros em seu diário. “Sua Eminência me disse que apreciou almoçar com uma típica família americana. O reconhecimento do Vaticano à Casa Branca está assegurado.”



O esforço físico exigido durante a viagem pelos EUA havia deixado Pacelli com a aparência de um personagem dos quadros de El Greco. Estava magro, sua pele quase translúcida. Em Nova York, havia comprado óculos novos que lhe conferiram um olhar ainda mais ameaçador.

A promessa de reconhecimento diplomático por parte do presidente, seu sucesso na conquista dos bispos norte-americanos e o fato de ter atraído multidões sem precedentes deram a Pacelli uma sensação de mais poder. Ele não era só o ministro das Relações Exteriores de uma enorme organização medieval; também havia aprendido como a poderia apresentar no cenário internacional. Seus encontros com os agentes de poder dos EUA também serviram para lhe mostrar como a diplomacia e a política seculares trabalhavam e como um presidente governava.

Nos trinta e um dias que Pacelli levou cruzando os EUA de cima a baixo, aprendeu muitas coisas e respondeu à altura. Suas palestras, proferidas nas principais universidades do país, nas quais condenava o nazismo e o comunismo, eram aplaudidas em pé. De volta ao Vaticano, mais uma vez foi confrontado com acontecimentos na Alemanha. Os núncios apostólicos mandavam notícias que davam conta da expansão do antisemitismo.



Uma semana após a eleição de Pio XII, Mose Spizzichino estacionou seu carrinho do lado de fora da nova loja que havia sido inaugurada naquela manhã, em frente à sinagoga. O rotundo proprietário, Umberto di Veroli, com um andar característico de patos e gansos, moveu-se na direção do vendedor ambulante para saudá-lo com um abraço de urso. Os

dois eram amigos antigos, do tempo em que Umberto também era um mascate que andava pelas ruas com Mose para vender seus pentes.

Agora Umberto estava entre os homens mais ricos do gueto. Só o dinheiro, ponderou Mose para si mesmo, poderia ter pagado os produtos de alta qualidade que estavam à venda: ternos e prateleiras de sapatos na parte da frente da loja e, mais ao fundo, araras com macacões e botas para operários. A loja se enchia de pessoas que inspecionavam as mercadorias. Umberto tinha um sorriso e algumas palavras para todas elas.

Normalmente conversariam sobre o tempo que passaram juntos na rua. Mas, naquele dia de março de 1939, os compradores se reuniram em volta de Mose quando ele começou a falar. Para voltar ao gueto, havia escolhido o caminho que passava pelo Vaticano e, então, ouvira muitos aplausos. O papa estava à janela do Palácio Apostólico e acenava para a multidão. Era a primeira vez que alguém do gueto via Pio XII.



Nas primeiras semanas de seu papado, Pio se manteve preocupado com o destino dos judeus no Terceiro Reich. Convocou os cardeais alemães para lhes dizer que o totalitarismo de Hitler era a prova de que o *Führer* havia “abandonado e trocado a cruz de Cristo pela suástica”. Embora a Igreja Católica não fosse uma instituição política e não pudesse se aliar a nenhuma nação, o papa era obrigado a condenar o nazismo por crimes contra os judeus: “A Igreja será beligerante quanto sua posição moral”. Ele autorizou os cardeais a canalizar recursos em favor dos judeus com necessidades e expedir certidões de nascimento para sua proteção. Leu para eles uma resolução que havia sido adotada na mais recente reunião do Congresso Judaico em Genebra:

Registramos, aqui, a profunda consideração do povo judeu pela posição tomada pelo Vaticano contra o avanço da idolatria ressurgente, bem como a favor dos direitos humanos inalienáveis, única base sobre a qual se pode encontrar a civilização duradoura. O congresso saúda o sumo pontífice, símbolo das forças espirituais sob as quais muitas pessoas estão lutando pelo restabelecimento do governo das leis morais na sociedade humana.

Entregou uma cópia da resolução a cada cardeal para que a levassem de volta à Alemanha, dizendo que ela deveria ser “seu farol para iluminar seu caminho através das trevas”.



eleição do papa Pio XII viu chegar ao mercado uma nova remessa de informações secretas reais e espúrias sobre o Vaticano. Vestindo uma jaqueta de veludo e calças pretas, Virgilio Scattolini, além de um fumante inveterado que usava uma piteira fina, assim como um dos personagens dos filmes que analisava para o *L'Osservatore Romano*, também era romancista e dramaturgo; seus talentos o haviam transformado em uma figura popular nos banquetes promovidos pela sociedade de Roma. Suas visitas ao jornal lhe davam acesso a um documento confidencial: a agenda das audiências papais. Ela continha o horário e a duração de cada reunião e o registro de quem havia participado. O secretário de Estado, cardeal Maglione, sempre participava das reuniões com os ministros estrangeiros e membros do corpo diplomático da Santa Sé. Cada agendamento também continha um texto conciso sobre o que havia sido discutido.

Scattolini imediatamente percebeu que esses documentos poderiam melhorar sua renda. Fundindo os resumos com as fofocas durante os banquetes, conferiu vida própria às audiências papais. Com a mesma habilidade com que fornecia diálogos persuasivos a seus atores de palco, ele atribuiu ao papa Pio XII visões imaginárias em assuntos tão diversos, como o modo como tencionava usar as leis internacionais para moldar suas políticas; como o império britânico seria tão vasto e caro de ser administrado que jamais poderia se dar ao luxo de entrar em uma guerra europeia. Éamon de Valera, primeiro-ministro da Irlanda, teria descrito Winston Churchill como um homem de “atitude belicosa”. Em outro resumo, o conde Ciano, genro de Mussolini, recebeu os créditos de ter dito a Pio que a Itália jamais entraria na guerra para apoiar as aspirações alemãs.

Os *Notiziario* de Scattolini, boletins de notícias, foram vistos imediatamente como obra de algum conhecedor profundo do Vaticano. Diego von Bergen, embaixador alemão junto à Santa Sé, tornou-se um dos primeiros assinantes das tramas de Scattolini.

Rapidamente suas versões sobre as audiências papais passaram a ter uma lista crescente de assinantes, formada por diplomatas, jornalistas e oficiais de serviços secretos, todos ávidos por obter quaisquer informações sobre as opiniões do papa à medida que as nuvens de guerra escureciam a Europa. Os escritórios de Roma da *Associated Presse* da *United Press* competiam com intensa rivalidade, corriam para ver quem primeiro punha em circulação as fantasias de Scattolini. O *New York Times* e o *The Times*, de Londres, publicaram histórias do *Notiziario*. A grande autoridade desses jornais conferia credibilidade aos artigos forjados. Em pouco tempo, todas as embaixadas de Roma já o assinavam. Mensageiros iam até a porta do apartamento de Scattolini com envelopes de dinheiro para pegar uma cópia do mais recente boletim. Nos Estados

Unidos, o Banco da América ordenou que seus homens de negócios lessem o *Notiziaro* antes de fazer qualquer transação. Em Londres, o Banco da Inglaterra o estudava tanto quanto ao mercado.



Em Berlim, o ministro das Relações Exteriores, Joachim von Ribbentrop, havia formado o *Büro Ribbentrop*, um gabinete altamente secreto concebido para verificar relatórios diplomáticos normalmente bastante triviais provenientes das embaixadas do Reich. O *Büro* era composto por analistas escolhidos a dedo, provenientes do Departamento de Inteligência do Ministério das Relações Exteriores e de seu gabinete político.

O papa Pio XII, devido aos seus anos passados na Alemanha e a sua admiração pela cultura do país — falava fluentemente a língua alemã e havia se cercado por um quadro de auxiliares alemães —, havia se tornado um alvo para o *Büro*. Von Ribbentrop ordenou que descobrissem mais sobre as políticas papais. Nomeou um antigo colega de classe, Rudolf Likus, para assumir essa tarefa. Dado seu nível hierárquico de major da SS, Likus, de rosto redondo, tinha o hábito de estalar os dedos para demonstrar seu deleite; repetiu o gesto quando leu uma cópia do trabalho de Scattolini. Voou para Roma e ofereceu a Scattolini o dobro do que cobrava para que enviasse seus relatórios a Berlim antes de serem publicados.

Scattolini continuou a se destacar por seus resumos fictícios das audiências papais. Likus os apresentou a Von Ribbentrop com confiança e autoridade, destacando que havia se encontrado pessoalmente com Scattolini em seu apartamento e que concluía que era o *der am Vatikan tätige Gewährsmann*, “nosso homem no Vaticano”.

Com a confiança renovada, o ministro das Relações Exteriores começou a enviar os relatórios a Hitler. Em sua próxima visita a Roma, Likus informou Scattolini sobre quem estava lendo seu trabalho. O falsário disse a Likus que, por um substancial aumento em sua remuneração, faria arranjos para que materiais fossem passados exclusivamente a Berlim e nunca publicados em outros lugares. Likus estava eufórico e concordou. O fantasista de Hitler no Vaticano continuou a permitir que sua imaginação fluísse livremente.



Tradicionalmente, a primeira encíclica de um novo papa estabelece a agenda de suas preocupações imediatas. No verão de 1939, Pascalina viu que o papa Pio, mais uma vez, havia feito adendos a sua *Summi Pontificatus*, dessa vez para levar em conta o que estava acontecendo com os judeus na Polônia. Não era a primeira vez que ela se sentava no gabinete de trabalho dele para ouvi-lo ler uma passagem de texto que muitas vezes havia

levado horas para elaborar. Dessa vez, pressentia ela, ele ponderara cada palavra, sabendo que era a primeira vez que era bem específico:

Do sangue de inúmeros seres humanos, mesmo de não combatentes, desprende-se lancinante brado, especialmente nessa diletta nação como a Polônia, que, por sua fidelidade à Igreja, por seus grandes méritos na defesa da civilização cristã, gravados em caracteres indelévels nos fatos da história, tem direito à simpatia humana e fraterna do mundo e aguarda, confiante na poderosa intercessão de Maria, “socorro dos cristãos”, a hora de uma ressurreição que corresponde aos princípios da justiça e da verdadeira paz.

Durante todo o verão, ele tomou providências para que vários acadêmicos judeus expulsos de universidades italianas pudessem obter cargos em universidades controladas pelo Vaticano, tanto na Itália quanto no exterior. De hospitais e centros de pesquisas médicas em Berlim, Hamburgo, Frankfurt e Munique, onde os médicos judeus detinham cargos, ordenou que seus cardeais tomassem providências para que pudessem ser enviados a Roma ou a uma vida em segurança oferecida pelos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra.



O Serviço de Informações Secretas da Grã-Bretanha, o MI6, havia aberto um gabinete em Roma em 1917. Contudo, os cortes ocorridos após a Primeira Guerra Mundial reduziram-no a um papel secundário. O surgimento de Hitler levou ao ressurgimento do gabinete. Em 1931, Claude Dansey, agente veterano do MI6, foi nomeado chefe do gabinete de Roma. Ele exercia suas atividades de espião em um escritório com vista para a Piazza Navona, fazendo-se passar por exportador de antiguidades. Suas compras eram enviadas a Londres e vendidas em uma loja na Old Kings Road, que era fachada do MI6. O dinheiro das vendas ajudava a pagar as despesas do gabinete de Roma. Os agentes escolhidos a dedo por Dansey estavam espalhados por toda a Itália e também dentro da Áustria. Um dos espiões se fez passar por representante de uma produtora cinematográfica que procurava um local para filmagens; foi enviado a Viena para descobrir a ordem de batalha dos alemães. Com a ameaça iminente de guerra, em 1938, Dansey foi chamado de volta a Londres para trabalhar junto ao próximo chefe do MI6, Steward Menzies.

Em julho de 1939, Menzies soube, por meio de um agente do MI6 atuante em Munique, que dois agentes da *Abwehr* haviam ido para Roma. Eram o coronel Hans Oster, chefe da divisão central da *Abwehr*, e seu vice, major Hans von Dohnanyi, um advogado responsável pela coleta de informações secretas sobre os diplomatas estrangeiros estabelecidos em Berlim. Nos arquivos do MI6, ambos eram descritos como “muito provavelmente anti-Hitler”.

O gabinete do M6 em Roma verificou que ambos haviam ido à cidade com o objetivo de ver o padre Robert Leiber, secretário alemão do papa. A reunião era para verificar se Pio XII se envolveria em um plano para tirar Hitler do poder.



A autoria do plano era do almirante Wilhelm Canaris, chefe da *Abwehr*, serviço secreto de informações das relações exteriores da Alemanha. Ele percebia que Hitler estava levando a Alemanha à destruição física e moral. Imbuído de coragem e sangue frio, Canaris estava convencido de que o *Führer* tinha de ser detido.

Canaris havia se encontrado com Pio XII durante seu período como núncio em Berlim e encontrara afinidades ao discutir história com ele. Tradicionalmente, ao longo dos séculos, os papas muitas vezes atuaram como líderes laicos, desempenhando o papel de juízes em disputas entre Estados; os tratados que dividiram as fronteiras entre a Espanha e Portugal são um exemplo disso. Agora, uma década depois do encontro deles em Berlim, Canaris ponderava se o papa Pio XII estaria disposto a ajudar a depor Hitler. Embora isso pudesse expor Pio XII a perigos, Canaris, como todo chefe de espionagem, já estava acostumado a pôr de lado questões como a segurança de um patrimônio disponível.

Canaris havia enviado dois oficiais da *Abwehr* a Roma a fim de explorar sua ideia junto ao padre Leiber, outro contato que o chefe de espionagem havia feito na Alemanha.

Oster explicou ao secretário do papa que uma oposição secreta crescente a Hitler — composta por membros do alto-comando alemão — estava comprometida com o retorno da democracia à Alemanha desmantelando o Terceiro Reich e criando uma federação que poderia incluir a Áustria. Mas, antes de fazer qualquer coisa, a oposição queria uma garantia dos governos da Grã-Bretanha e da França, a certeza de que nenhum tiraria partido daquelas que indubitavelmente seriam as vulnerabilidades da Alemanha naquele momento. Eles haviam ido a Roma para ver se o papa se prontificaria a obter essas garantias. O momento exigia que D'Arcy Osborne agisse como intermediário entre Pio e Neville Chamberlain, primeiro-ministro da Grã-Bretanha, para a obtenção das garantias.

Para mostrar que acreditavam no papa como a pessoa ideal para ajudar e pronta para desafiar Hitler, Von Dohnanyi acrescentou que estavam cientes da ação de 4 de abril de 1933, ocorrida somente poucos dias depois de o governo nazista ter assumido o poder, na qual o então secretário de Estado, Pacelli, ordenara que o núncio apostólico em Berlim, Cesare Orsenigo, advertisse o *Führer* contra a perseguição de judeus. Isso ocorreu depois de seu governo anunciar um boicote nacional contra todos os empreendimentos judaicos. Os dois enviados disseram que aquilo era uma prova para Canaris de que o papa havia mostrado coragem em sua primeira iniciativa de intervenção em favor dos judeus.

O padre Leiber agradeceu-lhes, mas não fez nenhum outro comentário. O segredo

permaneceu guardado e, só em 1962, optou por revelar esse aspecto prematuro da determinação do papa de defender os judeus das ações de Hitler.



O rabino-mor, Zolli, havia estabelecido uma rotina diária. Depois de tomar café da manhã com sua esposa, Emma, e as filhas, Dora e Miriam, ia para seu gabinete de trabalho para ler ou escrever. Sua produção acadêmica, desde que havia chegado a Roma, continuava a ser impressionante, já que discutia vários aspectos do judaísmo; seu estilo era fluido; e seus argumentos, cuidadosamente construídos.

Também havia um aspecto intrigante em seu trabalho. Ele frequentemente gostava de publicar usando vários pronomes diferentes. Em alguns artigos, escolheu ser chamado de “Ítalo”. Em outras composições se identificava como Ignácio, nome de batismo de Loyola, fundador dos jesuítas. Outras vezes optava por Antônio, um nome que havia escolhido pela primeira vez em seu tributo ao santo católico de Pádua, santo Antônio. Mais tarde quis que constasse o nome de Anton Zoller em artigos de comentários que escreveu para o *The New York Times*. Críticos sugeriram que ele era como Proteu, o deus marítimo da mitologia grega que pode alterar suas formas para se adaptar a cada situação.

A manhã já ia pelo meio quando Zolli normalmente começava a telefonar para alguns dos outros rabinos-mores espalhados pelo país. No final do verão de 1939, suas conversas telefônicas eram sobre a crescente perseguição dos judeus na Alemanha. O que aquilo poderia significar para os judeus na Itália?

Zolli continuava tranquilo. O papa jamais permitiria que aquilo também acontecesse na Itália.



A loja de Umberto di Veroli havia se transformado em um ponto de encontro para as pessoas depois da celebração do Shabbat na sinagoga. Enquanto os líderes da comunidade judaica — Ugo Foa, Dante Almansì, Renzo Levi e os outros membros da *giunta*, o Conselho Judaico — tinham sua própria sala de reunião na sinagoga, a congregação preferia se reunir na loja de Umberto para discutir o mais recente sermão do rabino Zolli.

Quando havia acabado de chegar a Roma, Zolli afirmou: “Vocês todos estão em meu coração e prometo que os incluirei em minhas orações para o resto de minha vida”. Ele os exaltara, pedindo que fossem fiéis a Deus, a Israel e a sua fé. Mas cada vez mais fazia referências à fé católica, dizendo que ela havia permitido que ele entendesse melhor a sua própria. Também começou a ler passagens de seu próprio livro, *Il Nazareno*. Para as pessoas que haviam se apegado intimamente a sua religião ao longo dos séculos, o

comportamento de Zolli representava um afastamento radical daquilo que esperavam de um rabino-mor. Contudo, impressionadas por sua envergadura intelectual, sabiam que não teriam como desafiá-lo em suas declarações.



À medida que a probabilidade de guerra aumentava, Pascalina fazia de tudo para assegurar que a administração doméstica do apartamento papal fosse perturbada o mínimo possível. Desde que havia chegado ao apartamento, introduzira mudanças. As acomodações do papa foram renovadas. Um boxe de chuveiro foi instalado em seu banheiro, e o quarto foi pintado novamente com um tom pastel. Em um criado-mudo, estavam uma fotografia de sua mãe e um rádio sintonizado na Rádio Vaticano. Ela tomou providências para que a cama pessoal de Pio fosse instalada. Em todo o apartamento, havia cortinas e tapetes novos, sobre os quais estavam suas peças de mobiliário favoritas que lhe haviam sido presenteadas pelos bispos alemães. Flores frescas eram entregues todos os dias.

Pascalina havia feito mudanças na equipe doméstica. As freiras que só falavam italiano foram substituídas por outras que sabiam falar alemão. Deu a cada uma delas um período de experiência de um mês antes de a nomeação ser definitivamente confirmada. Aquelas que falhavam em corresponder a suas expectativas eram enviadas de volta a suas antigas funções. Entre as causas de insucesso estavam não completar suas tarefas diárias, tanto na cozinha e ao levar os pratos à mesa do papa para que Pascalina os pudesse servir, quanto na limpeza e remoção de pó do apartamento. Pascalina assumia pessoalmente as tarefas de fazer a cama do papa e colocar toalhas limpas no banheiro.

Aquelas que ficavam eram governadas por regras rígidas. Havia o toque de recolher à meia-noite e a proibição de manter animais de estimação. A exceção ficava por conta de Pio e Pascalina. O papa tinha um pássaro que ele soltava da gaiola todos os dias durante o almoço. Enquanto ele comia, o canário se alimentava das migalhas produzidas à mesa. Pascalina tinha dois gatos castrados nas despensas do porão do Palácio Apostólico, onde todos os suprimentos para o apartamento eram armazenados. Pio havia lhe dado permissão para isso, e Giovanni Antinori, criado pessoal de Pio, posteriormente alegou que frequentemente a ouvia falando com os gatos enquanto os acariciava. Era uma fofoca que acabou publicada no *The New York Times*.

Assim como todos os membros da equipe, Antinori sabia que não podia passar por cima de Pascalina, que era conhecida em todo o Vaticano pelo apelido de *La Popessa*, a papisa. Um sinal de sua autoridade era sua seleção de participantes para a missa na capela privada do apartamento, que tinha bancos para quarenta e seis fiéis. Ela também sugeria ao papa nomes de pessoas que poderiam ser convidadas para o almoço.

Oficiais da cúria que haviam ignorado a freira em seu primeiro ano no Vaticano se deram conta de que o acesso a Pio dependia da boa vontade dela, de que gostasse ou não

deles. Os visitantes da Alemanha, dos quais Pascalina tinha boas lembranças de seu tempo em Munique e em Berlim, podiam contar com uma audiência com o papa. Outros, que considerava que lhe haviam faltado com o respeito, sumariamente ouviam que a agenda do pontífice estava cheia no futuro próximo. Até mesmo cardeais se davam conta de que era atitude sábia cultivar a relação com a freira ou se arriscavam a ficar esperando para poder encontrar Pio. Quando ela falava com ele, era na língua nativa dela, e os príncipes da Igreja consideraram importante pelo menos entender um pouco de alemão se pretendessem impressionar Pascalina.

Sempre havia espaço para o cardeal Francis Spellman, poderoso arcebispo de Nova York. Pascalina o conheceu durante sua visita à América, e o respeito mútuo se desenvolveu; em suas visitas regulares a Roma, Spellman lhe levava algum livro de presente ou alguma imagem religiosa, que se tornavam bens estimados na suíte dela. Normalmente o cardeal ficava para jantar com o papa, uma oportunidade para Pascalina preparar e servir o prato de massas de que ambos os homens gostavam.

Dentro do apartamento papal se desenvolvera outra tensão, entre Pascalina e o mais veterano dos cardeais, Eugène Tisserant, decano do Sacro Colégio Pontifício. Desde o princípio, ele se havia ressentido pelo poder crescente de Pascalina, especialmente pela forma como ela controlava o acesso ao papa. Pascalina lhe havia dito com firmeza que primeiro ele devia marcar uma hora por intermédio dela. Quando protestara, Tisserant ouvira que o padre Leiber asseguraria que o cardeal sempre pudesse se encontrar com Sua Santidade se houvesse qualquer questão urgente. O orgulhoso príncipe da Igreja não se apaziguou.

No verão de 1939, outros membros do séquito papal sentiam que haviam perdido popularidade junto à Pascalina. Uma freira foi censurada por preparar e enviar uma tigela ao gabinete de trabalho do papa sem frutas frescas. A desafortunada irmã recebeu ordens de ir ao mercado buscar as frutas. Incidentes como esse eram irrisórios, mas se acumulavam e transmitiam a sensação de que Pascalina tinha poder de mais. Contudo, ninguém poderia negar a energia que ela possuía. Acordava uma hora antes de o papa se levantar, às 6h30, e ouvia as notícias matutinas transmitidas pela Rádio Vaticano.

Depois de se barbear e tomar uma ducha fria, Pio ia à capela privada do apartamento. Pascalina já estava em seu banco na fileira da frente, junto com as freiras domésticas que havia escolhido para participar da missa. Depois disso, ela servia o costumeiro café da manhã de Pio, uma xícara de leite morno e uma fatia de pão preto. Um novo dia já estava em andamento para ambos.

O vaticanista Paul Hoffman descreveu a relação dela com Pio XII como “uma relação igual à de muitas esposas dedicadas casadas há muito tempo. Pascalina parecia sentir que o papa, normalmente desligado deste mundo terreno, não conseguiria viver sem ela”.



Três andares abaixo da capela do papa onde se celebrava a missa matutina, trabalhava uma equipe de sacerdotes especializados. Entre eles estavam monges franciscanos com perícia em línguas antigas e jesuítas com diplomas em matemática avançada. Falavam as línguas da Europa, do Oriente Médio e da Ásia entre si e compartilhavam uma perícia em comum: a habilidade de usar grupos randômicos de letras e algarismos para criar códigos indecifráveis e decifrar outros. Eram os criptógrafos da Santa Sé.

A idade média deles era vinte e oito anos, e, no final do verão de 1939, a equipe totalizava vinte e quatro colaboradores. Além dos votos proferidos por todos os sacerdotes — de caridade, obediência e pobreza —, todos os criptógrafos também haviam feito seu juramento de sigilo. Somente o papa Pio XII e seu secretário de Estado, Luigi Maglione, estavam completamente cientes de suas funções, e, no centro da sala, havia duas mesas enormes com bandejas trançadas de vime marcadas com as palavras “saída” e “entrada”. As bandejas de saída eram abastecidas com mensagens que haviam sido criptografadas e estavam prontas para ser enviadas à sala de despachos para transmissão aos núncios apostólicos; as bandejas de entrada continham telegramas das nunciaturas que haviam sido decodificados e seriam levados ao secretário de Estado em uma caixa lacrada. As mensagens destinadas ao papa eram levadas até ele em uma caixa em separado.

Quando Pacelli se tornara secretário de Estado em 1930, ordenara uma revisão geral dos códigos da Santa Sé, especialmente aqueles usados para se comunicar com os núncios em Berlim, Washington, Paris e Londres. A cada diplomata dessas cidades fora fornecido um sistema próprio, que consistia em um grupo de números mesclados com letras selecionadas de alfabetos medievais, que muitas vezes remetiam a línguas usadas na época de Cristo. O código para o núncio de Berlim era conhecido como o código secreto VERMELHO; o de Washington, como o código secreto AMARELO, e Londres e Paris tinham as cores AZUL e PRATA. O mais secreto de todos era o código VERDE, só usado pelo papa para transmitir suas instruções mais urgentes.

Outros códigos foram criados com a ajuda de 12 mil grupos de letras. Para obter segurança extra, os grupos ainda eram criptografados mais uma vez com o uso de tabelas de cifras que consistiam em letras e números alternados.

Em julho de 1939, a probabilidade de guerra na Europa cresceu ainda mais nas mensagens enviadas pelos núncios. O diplomata de Washington resumiu sua reunião com o subsecretário Sumner Welles. “Ele deixou claro que quer um programa militar para defender os interesses dos EUA.” De Munique chegou a notícia: “A imprensa alemã lançou uma campanha contra a Polónia por causa de sua agitação de guerra”.



Em agosto, o papa pediu aos núncios na Alemanha e na Polónia que o mantivessem informado sobre o número de judeus que haviam recebido ajuda para imigrar. Com documentos que os identificavam como católicos, eles viajavam ao longo de uma cadeia de

conventos e mosteiros para, com o passar do tempo, chegar à França e aos Países Baixos. Outros conseguiam entrar no norte da Itália, onde eram abrigados em comunidades judaicas. Mais uma vez, o papa ordenou que os bispos locais usassem fundos da Igreja para apoiar os imigrantes.

Ao mesmo tempo, ele e o secretário de Estado, Maglione, se encontraram com os embaixadores junto à Santa Sé para solicitar que consultassem seus governos e pedissem que se providenciassem vistos de entrada aos imigrantes. De modo geral, o pedido foi recebido de maneira fria. Determinado a fazer pressão sobre a questão, no dia 24 de agosto, o papa enviou a todos os seus núncios o texto de um discurso, que pretendia fazer na Rádio Vaticano naquela mesma noite.

Suas palavras de abertura determinariam o tom:

O perigo é iminente, mas ainda há tempo. Nada está perdido com a paz. Tudo pode ser perdido com a guerra. Que os homens regressem à compreensão mútua. Que comecem as negociações mais uma vez, trocando ideias com boa vontade e respeito aos direitos recíprocos.



No corpo diplomático estrangeiro junto ao Vaticano, os dias ensolarados de final de verão tiveram pouco efeito para ajudar a mitigar a sensação de fracasso que muitos enviados sentiam por não conseguirem estabelecer a posição da Santa Sé.

Na visão do ministro britânico D'Arcy Osborne, quaisquer esperanças que Pio pudesse ter de negociar a paz haviam se esvaído desde o dia em que ele pronunciara aquela frase rica em metáforas, logo após sua coroação. “Tomamos fortemente o timão do navio de São Pedro com a intenção de guiá-lo ao porto da paz, atravessando muitas ondas.” Esse lendário navio havia afundado ao bater naquilo que o embaixador francês Charles-Roux chamou de “as rochas da conciliação”, depois de Hitler ter desmembrado a Tchecoslováquia, em 13 de maio de 1939.



Em Berlim, o marechal do Reich, Hermann Göring, havia completado sua inspeção de um novo departamento dentro do enorme prédio do Ministério da Força Aérea Alemã, a *Luftwaffe*. O *Forschungsamt*, departamento de pesquisas, era uma unidade de comunicação de informações secretas munida de todos os equipamentos mais modernos de coleta de informações sigilosas e uma equipe de decifradores de criptogramas. Entre suas tarefas, estava o monitoramento de todas as nunciaturas dentro do Terceiro Reich; todas as correspondências deviam ser interceptadas; e as transmissões da Rádio Vaticano,

transcritas em busca de códigos secretos. Os correios da Alemanha foram instruídos a copiar todas as mensagens telegráficas entre a Santa Sé e suas nunciaturas.



Hitler invadiu a Polónia no dia 1º de setembro de 1939.

Nas primeiras horas daquele primeiro dia do mês, o telefone que ficava ao lado da cama de Luigi Maglione o acordou. Do outro lado da linha, estava o arcebispo Giulio Pacini, núncio papal em Varsóvia, para relatar que as forças alemãs haviam começado a invadir a Polónia por terra e ar. Maglione ordenou que o núncio providenciasse a destruição de papéis confidenciais e que “cuidasse do livro com códigos e procurasse um lugar não tão imediatamente ameaçado pelos exércitos alemães que avançavam”. O cardeal encerrou a conversa com a bênção “que o Senhor os proteja”.

Maglione ligou para a telefonista do Vaticano, e a freira que fazia o turno da madrugada conectou-o com o quarto do papa. Quando Pio ouviu as notícias, foi para sua capela rezar. Ao mesmo tempo, Pascalina acordou as outras freiras em seus quartos no andar de baixo e as reuniu na cozinha do apartamento, dizendo-lhes: “Nosso mundo, todo o mundo, está mudando”, e pediu que rezassem.

Padre Leiber foi o primeiro a chegar ao apartamento depois de ouvir na Rádio Vaticano que a guerra tinha eclodido. Juntou-se ao papa para rezar na capela. Maglione apareceu pouco depois. Ele já havia enviado seus assistentes, Tardini e Montini, a seus escritórios na Secretaria de Estado para começar a telefonar para os membros do corpo diplomático a fim de repassar as notícias.

O secretário de Estado foi com o papa e o padre Leiber para a sala de jantar, onde Pascalina lhes serviu o café da manhã. Enquanto o papa bebericava seu leite morno, começou a emitir suas primeiras ordens. Maglione deveria enviar uma mensagem em código VERDE para Pacini, a fim de que este começasse a providenciar que os judeus da Polónia fossem escondidos em todos os abrigos possíveis. Uma segunda ordem, codificada de forma similar, deveria ser enviada ao núncio de Istambul, monsenhor Angelo Giuseppe Roncalli (futuro papa João XXIII), para “preparar milhares de certificados de batismo para fornecer aos judeus, o que lhes permitirá a passagem pela Turquia para a Terra Santa”.

Outras mensagens deveriam ser enviadas a todos os outros núncios e bispos em países neutros, ordenando que aumentassem “todas as pressões que puderem” sobre os governos dos países onde estavam para que se providenciassem vistos para judeus poloneses.

O papa Pio também pediu que o padre Leiber entrasse em contato com o chefe dos padres palotinos em Roma, padre Anton Weber. A ordem religiosa havia sido fundada em Roma em 1835 por Vincent Pallotti, um padre italiano, para enviar missionários a todas as partes do mundo com a tarefa de instalar escolas e clínicas. Um mês antes, o

padre Weber havia ligado do edifício geral da ordem em Roma, situado na rua Pettinari, e pedido à Pascalina que lhe arranjasse uma audiência. Quando ele explicara o motivo, ela rapidamente encontrara um espaço na agenda diária do papa. Pio havia pedido que o padre Leiber participasse do encontro.

O secretário do papa recordou que “Weber pediu a Sua Santidade que aprovasse a ideia dos palotinos de estabelecer uma rede, a fim de trazer judeus alemães para Roma, onde estariam em segurança”. Naquela manhã de setembro, o padre Leiber recebeu ordens de pedir a Weber que iniciasse sua rede clandestina.

Dois dias mais tarde, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra contra a Alemanha.



Em seu escritório no centro de Roma, o representante da Cruz Vermelha, conde Alexander de Salis, fez uma reunião com Ugo Foa para discutir os últimos acontecimentos. Com eles estava a princesa Enza Pignatelli Cortes, uma mulher magra, vestida de forma muito elegante, filha de uma das famílias da “Nobreza Negra” de Roma, um grupo de aristocratas que havia apoiado o Vaticano quando os Estados pontifícios foram confiscados. Ela era respeitada por organizar eventos de angariação de fundos para instituições católicas de caridade. A amizade dela com Pio XII remontava aos seus dias de secretário de Estado, quando ela o convidou para visitar e falar na escola particular de meninas onde já havia sido aluna. Desde então, Pio era um convidado regular de seu palácio, localizado próximo ao Arco de Constantino.

Dante Almansi estava sentado ao lado da princesa Cortes. Aquele homem de quarenta anos, peito enorme e profundo, tinha origens modestas, era de Trastevere, região da margem ocidental do rio Tibre, e foi o único judeu nomeado subchefe dentro das forças policiais de Roma. Foi afastado de sua função por causa das leis raciais, e Foa o tornou seu vice no comitê da comunidade judaica. Os dois tinham personalidades muito diferentes. Almansi não havia perdido seu olhar fixo proveniente de suas vivências na prática, o que sugeria que muitas vezes não acreditava no que estava ouvindo. Foa tinha o autocontrole de um juiz.

Ao lado de Almansi, estava sentado Renzo Levi, um homem baixo e atarracado, industrial judeu de muitas posses. O grupo era completado pelo advogado Settimio Sorani. Enquanto Levi era contundente e decisivo, Sorani era moderado e persuasivo. Foa havia designado Sorani como conselheiro legal junto ao comitê da comunidade. Ele morava com sua irmã Rosina, que era a secretária de Foa.

As minutas da reunião incluíam os números apresentados por Foa: 3,5 milhões de judeus que viviam na União Soviética, 3 milhões na Polônia, 360 mil na Alemanha, 500 mil na Hungria, 300 mil na Tchecoslováquia, mais de 250 mil na França, quase 200 mil na Holanda e 100 mil na Bélgica. Incluindo Espanha, Portugal e países menores como Suécia e

Suíça, Foa disse que quase 10 milhões de judeus viviam no continente europeu. Agora todos estavam correndo risco.

Almansi fez sua primeira pergunta “O que a Cruz Vermelha poderia fazer para ajudá-los?”. De Salis explicou que ela usaria sua influência junto a todos os governos para ajudar os judeus. Mas que a organização teria de respeitar a neutralidade do Vaticano. De Salis disse que recebera uma ligação de D’Arcy Osborne no dia seguinte à invasão da Polônia. O diplomata lhe contara que tanto Charles-Roux, embaixador francês, quanto ele próprio haviam feito uma abordagem conjunta e falaram com o cardeal Maglione para que este convencesse o papa a condenar a invasão. O secretário de Estado teria rejeitado a ideia dizendo que “o mundo inteiro condenará os alemães sem a intervenção do Vaticano”.

A princesa Cortes disse ter certeza de que

a Itália não quer entrar nesta guerra. Mas Sua Santidade não pode dizer muito, isso se puder dizer algo em absoluto. Mas seu silêncio não pode ser mal compreendido. Eu sei que ele fará tudo que estiver em suas mãos para ajudar os judeus.



Em novembro, o calor do verão já havia ido embora, e a umidade do Tibre se levantara e grudara nas paredes do hospital Fatebenefratelli, que ficava na ilha. À noite, as luzes dos faróis dos automóveis que circulavam na Via Lungotevere, que se estendia ao longo do rio, não passavam de clarões amarelos obscuros em meio ao nevoeiro.

No pavilhão cirúrgico, os pacientes aguardavam por operações ou estavam deitados nas salas de recuperação pós-operatória. Em um andar separado, havia a ala das crianças, comprida e estreita, suas janelas com vista para o Tibre, cujas venezianas eram fechadas ao entardecer para evitar que o frio da noite entrasse. Em outro andar, havia a ala da maternidade e as salas de parto. Havia freiras por todos os lados, vestidas com os paramentos brancos e longos de sua ordem de enfermagem, além de enfermeiras seculares, todas com uniformes engomados, meias e toucas brancas. Em uma parte separada do hospital, havia a área de isolamento para pacientes com tuberculose, facilmente reconhecidos por sua tosse persistente.

A cada manhã, o professor Giovanni Borromeo e seus médicos faziam suas visitas e consultas de rotina. A ala das crianças era a primeira a ser visitada por eles. Os pais sempre esperavam para ser tranquilizados. Entre eles, estavam Antônio e Giogina Ajo, primos do doutor Vittorio Sacerdoti. Pierluigi, primeiro filho deles, tinha sete anos de idade e era paciente do hospital por conta de uma infecção no peito. Seu pai era um bem-sucedido corretor da Bolsa de Valores e a família vivia em um elegante distrito da cidade chamado Viale Parioli.

Quando Pierluigi nasceu, em 26 de julho de 1939, o evento foi celebrado com uma

feira, presenciada pelos olhos afáveis da avó da família, Clotilde Almagia. Ao lado do berço do bebê, ficava uma mesa cheia de presentes empilhados, guardada sob os cuidados de Luciana Tedesco, uma linda menina de seis anos que pedia às outras crianças que adivinhassem o que havia dentro dos embrulhos. O doutor Sacerdoti havia lhe emprestado seu estetoscópio, e ela ordenara às outras crianças que fizessem uma fila para que pudesse verificar as batidas do coração de todas. “Um dia ela será médica”, sorria o jovem médico. “Eu preferiria que fosse professora”, respondera a mãe de Luciana.

Naquele dia do mês de novembro, depois de acabar de examinar Pierluigi, o professor Borromeo disse aos pais que estavam liberados para levá-lo para casa. Ele os tranquilizou dizendo que não havia nenhum motivo para preocupações. Sentindo a ansiedade dos pais, acrescentou que a guerra ainda estava muito longe de Roma.



A eclosão da guerra era o assunto das discussões dentro do gueto. Muitas famílias tinham parentes espalhados pelos países do norte da Europa. Entre elas, estava a família Polacci, que tinha um apartamento na Via Pagoda Bianca. Já abarrotado com três tios mais idosos e avós, Pietro Polacci decidiu que ainda havia espaço para o primo polonês de sua esposa e resolveu enviar uma carta para Varsóvia. Não houve resposta. A mesma falta de resposta ocorreu à carta enviada por Graziano Perugia, açougueiro *cashier* do gueto, a sua cunhada viúva da Cracóvia, convidando-a, junto com seus três filhos, para morar com eles em Roma. Mas semanas se passaram, e ainda não haviam recebido notícias.

Enquanto empurrava seu carrinho pelo gueto, Mose Spizzichino encontrou um mercado inesperado para suas velhas peças de vestuário. As pessoas as compravam em antecipação à chegada de parentes, que talvez precisassem de roupas. Depois de escolher jaquetas, casacos e camisas, levavam as peças à loja do alfaiate Serafino Pace para que as consertasse. Seu filho Aldo lembraria, mais tarde, que

a maior parte dos consertos era feita em ternos e sobretudos. Minha mãe consertava as camisas. Os clientes diziam que queriam que todas as peças estivessem em bom estado caso algum parente chegasse.

Serafino havia sido motorista de ônibus até que as leis raciais impediram que os judeus trabalhassem no setor público. Havia aprendido o ofício de alfaiate e abriu uma loja no cômodo da frente, com suas tesouras cortando peças de tecido até altas horas da noite, enquanto sua esposa, Italia, remendava colarinhos puídos. Os negócios haviam ido bem o suficiente a ponto de poderem se mudar do gueto para uma casa nas margens do Tibre, em Trastevere.

Os primeiros refugiados apareceram no gueto em outubro. Eles haviam sido retirados clandestinamente da Alemanha pela rede dos palotinos, movendo-se de uma

casa segura a outra em toda a Áustria e cruzando a fronteira para entrar na Itália, antes de finalmente irem para o sul em direção a Roma. Entre eles estava Giuseppe Battino, um primo distante da família Sabatello, que vivia na mesma rua que Mose Spizzichino. Mose ofereceu um emprego a Giuseppe, e, enquanto davam suas voltas por Roma, o refugiado começava a descrever o início do extermínio em massa que ocorria no Terceiro Reich.



O papa Pio XII se reuniu com Maglione para discutir as consequências da conquista da Polônia; metade do país havia sido capturada pelo Exército Vermelho, gerando uma fronteira comum entre a Alemanha e a Rússia. Pio disse que, em sua opinião, aquela invasão não só significava uma grande perda para o catolicismo, mas também a morte de um número incalculável de judeus. Ele temia que a presença russa na Polônia também pudesse ser o anúncio de que o comunismo se espalharia por toda a Europa. O secretário de Estado foi pragmático: a aliança entre Moscou e Berlim “talvez seja só temporária, já que têm tão poucas coisas em comum”. Pio não se tranquilizou e solicitou que Maglione marcasse uma audiência com o rei Vítor Emanuel III da Itália, para que pudesse solicitar com insistência ao monarca que usasse sua influência para manter a Itália fora da guerra; e, ao mesmo tempo, pediria uma trégua entre os países beligerantes na véspera e no dia de Natal.

Maglione solicitou que D’Arcy Osborne enviasse a proposta a Londres e que Charles-Roux informasse seu governo. Um pedido parecido foi feito ao embaixador alemão, Diego von Bergen. A França foi a primeira a lamentar e a dizer que um cessar-fogo era “pouco factível”. Horas mais tarde, Osborne rejeitou o pedido *dentissimo*, muito tristemente. Von Bergen informou ao secretário de Estado: “Não restam alternativas à Alemanha senão rejeitar a proposta do papa”.



o dia 21 de dezembro de 1939, outra manhã chegava ao fim no apartamento papal, e, depois do almoço, Pascalina pediu ao chofer do papa, Mario Stoppa, que levasse a limusine para o pátio interno de São Damião. Era a hora da caminhada vespertal do papa nos jardins do Vaticano.

Quando o carro alcançou o destino, o chofer ajudou o papa a sair da limusine, e Pascalina caminhou a seu lado.

Anos antes, quando havia caminhado pela primeira vez a seu lado no pé das montanhas suíças, enquanto ele recuperava sua saúde, ela arrancara uma flor alpina e a dera a ele. Agora, naquela tarde de final de inverno, ela pegou uma rosa, flor favorita de Pio, e lhe deu. Depois de uma hora, ficaram parados em silêncio, observando as luzes de Natal que começavam a cintilar no crepúsculo de Roma, antes de caminhar de volta ao automóvel.

Parado do lado do Cadillac, Pio olhou na direção do Tibre, onde corria pelo gueto. Naquela noite, Pascalina anotou em seu diário o que o papa havia dito.



O escritório do rabino Zolli ficava no segundo andar da sinagoga. A primeira coisa que Zolli fez foi fixar no batente do lado direito da porta um mezuzá que continha as palavras da oração do *Shemá*. Ninguém sabia que, em uma gaveta trancada a chave, Zolli mantinha um caderno que continha escritos bem diferentes do usual. Tratava-se de sua confissão: havia se tornado “católico em meu coração”. Havia chancelado seus passos desde aquele primeiro dia em Trieste, quando escrevera sobre professar uma nova fé:

Os judeus não se tornam cristãos sem passar por inquietudes. Nem conseguem fazê-lo sem a ajuda poderosa de Deus. A prática tem demonstrado que um convertido sempre enfrentará boicotes severos de sua família e amigos e de todos os parceiros dos judeus. Ele tem de contar com o fato de que seu próprio pai se voltará contra ele e o expulsará de sua casa e riscará seu nome de seu testamento.

Zolli havia tomado cuidado para que Ugo Foa e os membros do comitê da comunidade judaica não soubessem de seu segredo. “Eu sabia que perderia o cargo por fazer aquilo e que, por toda a diáspora, se espalharia a notícia sobre aquilo que eles

chamariam de ‘meu crime religioso’.”

Seu caderno de anotações estava repleto de descrições da “atração misteriosa” que ele sentia por Cristo; de como, na primeira vez que tocara um crucifixo, havia afrouxado “no controle da fé de meu povo”; de como a leitura secreta do Novo Testamento, sempre feita depois de sua família ter ido para a cama, reforçara sua crença no cristianismo.

Zolli estava convencido de que “o judaísmo e o cristianismo se encontram no âmago de minha alma. O judaísmo é uma promessa de que o Messias virá. O cristianismo consiste na chegada do Messias”.

Zolli acreditava que ainda poderia ser um judeu moralmente correto ao conduzir o funeral de uma pessoa de sua congregação. Depois de conduzir os carregadores do féretro até a sepultura aberta, quando o corpo amortalhado era colocado no solo, cantava as palavras apropriadas em hebraico. Mas, ao retornar a seu escritório, recitava o pai-nosso. Em seu caderno, havia prometido a Deus que anunciaria publicamente sua conversão uma vez que a guerra acabasse.

Uma vez por semana, Zolli dava palestras na escola judaica do gueto. Havia salas de aulas em todos os quatro andares do prédio e um salão grande, onde falava aos alunos mais velhos. Era um orador de talento, dava vida às histórias dos profetas, dos lugares sagrados, das fortalezas antigas e dos heróis judaicos. Mesclava suas falas com a Escritura Sagrada, a Mishná, a Toseftá, o Talmude e a Midrash. Muitas vezes os professores ficavam nos fundos do salão para ouvir sua atuação fascinante.

Quando terminava, caminhava ao redor da praça São Pedro, os olhos fixos no Palácio Apostólico, perguntando-se se chegaria o dia em que se encontraria com o papa para lhe contar sobre sua conversão.



No dia 20 de fevereiro de 1940, Harold H. Tittmann entrou no Hotel Excelsior, um dos mais finos de Roma. Ele era cônsul-geral dos Estados Unidos em Genebra, Suíça, e, naquele momento o primeiro membro da missão americana junto à Santa Sé a chegar ao local. Era a mudança mais recente na carreira daquele diplomata cujos antepassados eram originários da cidade de Dresden, na Saxônia.

Tittmann havia sido piloto na Primeira Guerra Mundial e membro do famoso quadragésimo nono esquadrão de perseguição; fora derrubado próximo à linha francesa. Passara dois anos em um hospital e tinha a fama de ser o americano mais seriamente ferido na guerra. Em 1920, ingressara no Departamento de Estado, as Relações Exteriores dos EUA. Depois de um período como terceiro secretário em Paris, em 1925 fora enviado a Roma. Nos onze anos em que ficara no cargo, conhecera e se casara com Eleanor Barclay, uma beldade do Texas, e se tornara perito do Departamento de Estado sobre a Itália fascista. Um ano depois de receber sua nomeação para Genebra, estava de volta a Roma, dessa vez para preparar o caminho ao novo embaixador dos EUA junto à Santa Sé,

Myron Taylor.

Sua primeira tarefa era assegurar-se de que a melhor suíte do Excelsior servisse de base para a missão, e foi onde Taylor pôde hospedar os funcionários-chave do Vaticano e outros membros do corpo diplomático estrangeiro que retornavam. Dias mais tarde, o embaixador, um milionário musculoso de sessenta anos, avaliou a suíte do hotel, equipada com seu escritório e acomodações para ele, além de dependências adicionais para sua equipe, e anunciou: “Tittmann, o senhor fez tudo direitinho”.

Taylor havia sido banqueiro e presidente da siderúrgica United States Steel Corporation. Ele continuou sendo membro da Igreja Anglicana, um filantropo, amigo do presidente Roosevelt e fora anfitrião do papa quando este, ainda cardeal Pacelli, visitara Nova York em 1936. Tittmann havia dito a D’Arcy Osborne que Taylor era “a pessoa ideal para o Vaticano”.

Taylor apresentou suas credenciais ao papa como enviado pessoal do presidente Roosevelt e explicou que sua tarefa primordial era encorajar Mussolini a permanecer neutro.

Taylor deu mostras de que era mestre em sua arte. Disse a Pio que, embora Roosevelt estivesse preparado para fazer qualquer coisa com o propósito de alcançar a paz, esperava que em breve Hitler invadisse a França, e Mussolini veria esse acontecimento como uma oportunidade para entrar na guerra. A conquista bem-sucedida da França, coisa que Roosevelt considerava muito provável, habilitaria o Duce a reivindicar sua parcela dos despojos da vitória sobre os franceses. Havia muito tempo que cobiçava a Córsega e a Tunísia.

Em seu primeiro telegrama para o Departamento de Estado, Taylor informou que o papa teria dito que a Santa Sé faria de tudo para manter a Itália fora da guerra.

Aquela audiência foi a primeira de sete que o papa Pio XII e Taylor mantiveram entre 27 de fevereiro e 23 de maio de 1940. Foi o maior número de audiências que Pio teve com qualquer enviado estrangeiro em um espaço tão curto de tempo.

Certamente nenhuma delas foi mais dramática que a audiência do final de abril, quando o papa informou a Taylor que, caso a Itália entrasse na guerra, a Santa Sé forneceria refúgio a todos os membros aliados do corpo diplomático. Pio, então, fez um pedido que certamente deixou Taylor chocado. Poderia o Banco do Vaticano transferir os lingotes de ouro depositados em seus cofres para os Estados Unidos e armazená-los no depósito de Fort Knox, onde as reservas de ouro da América também eram guardadas? O papa descreveu a questão como “muito urgente”.

No dia 21 de maio, Cordell Hull, secretário de Estado dos EUA, enviou uma mensagem telegráfica a Taylor. “De acordo. Preciso valor.” O valor em ouro foi estabelecido em US\$ 7,665 milhões, praticamente todas as reservas do Vaticano. A transferência foi organizada pelo cardeal Spellman, arcebispo de Nova York. Até hoje, os detalhes de como o envio do carregamento foi executado permanecem nos arquivos secretos do Vaticano.



No início de junho de 1940, monsenhor Enrico Pucci tinha uma nova história para espalhar aos quatro cantos. Os últimos meses haviam sido um pouco magros para o fomentador de bisbilhotices. Poucos repórteres estrangeiros em Roma ainda confiavam nele, e, embora as embaixadas de países neutros ainda comprassem suas informações, os valores que podia cobrar haviam caído desde os dias de calmaria antes do conclave. Em sua última ligação a D'Arcy Osborne, Pucci ouviu-o dizer com firmeza que, a não ser que tivesse “algo realmente interessante, não faria o menor sentido em bater a sua porta”.

Pucci acreditava que o momento havia chegado. Uma de suas fontes misteriosas dentro do Vaticano havia lhe contado que o papa estava planejando se mudar para os Estados Unidos se a Itália entrasse na guerra. A chegada de Taylor a Roma e sua relação com o papa no passado como seu anfitrião durante a visita a Nova York, ocorrida antes da guerra, serviriam para preparar a mudança de Pio para os Estados Unidos. O cardeal Spellman foi identificado como o encarregado pela ponta americana da operação, a fim de estabelecer o Vaticano em Boston.

Dentro do Vaticano, haveria dois outros sacerdotes envolvidos no plano secreto, de acordo com a história de Pucci. Eram Borgongini Duca, núncio na Itália, e o padre Tacchi Venturi, um sacerdote jesuíta que era próximo de Mussolini. Outros nomes foram envolvidos na trama. Maglione teria discutido o assunto com o conde Ciano, ministro das Relações Exteriores da Itália, que teria dito que ainda era “extremamente contra a guerra”. Polida e afiada para combinar com a mentalidade do Vaticano de sigilo, a história estava pronta para ser comercializada.

Pucci encontrou Osborne muito receptivo à história, ouvindo atentamente o que tinha a dizer. O próprio ministro havia percebido que, nas últimas semanas, o ambiente se tornara “muito elétrico” dentro da Secretaria de Estado. Era cada vez mais difícil se reunir com oficiais, e estava claro que o papa começava a ficar sob pressão. Também havia ficado difícil estabelecer se Taylor tinha algum outro propósito ao ir a Roma. O embaixador se restringia meramente a dizer que estava ali como enviado pessoal de Roosevelt. Cada vez mais Osborne se perguntava se a história de Pucci era realmente plausível. Em seu diário, o ministro escreveu que havia começado a queimar todos os documentos confidenciais tendo em vista os preparativos para a guerra. “Nestes dias de *blitzkrieg* [guerra-relâmpago], não quero correr o risco de que se encontrem telegramas e despachos que poderiam ser usados contra o Vaticano ou outras fontes de informações.” Osborne havia pagado Pucci por suas informações e as enviado ao Ministério das Relações Exteriores dentro da mala diplomática diária. No dia seguinte, *sir* Percy Loraine, embaixador britânico junto à Itália, solicitou um encontro com Osborne. O relatório de Loraine enviado a Londres ainda permanecia otimista, certo de que a Itália permaneceria neutra. “Os eventos terríveis na Polônia fizeram que os italianos abominassem os nazistas, e é muito questionável que a Itália, a mais católica das nações, se alie a um governo

antisemita, anticristão e assassino.”

O relato de Pucci dizendo que o papa fugiria para os EUA havia criado consternação dentro do Ministério das Relações Exteriores; suas duas fontes diplomáticas de informações em Roma claramente estavam fora de forma. O chefe do gabinete local do M16 estava presente no encontro de Loraine com Osborne. Ele disse a Osborne que Pucci era um informante alemão e que sua história era “totalmente falsa e criada em Berlim para que seu homem no Vaticano a repassasse a Pucci”. O oficial de Inteligência solicitou ver todas as demais informações que Pucci oferecesse a partir dali. Um Osborne desanimado teve de concordar.



O almirante Wilhelm Canaris, diretor da *Abwehr* havia passado o final de semana em seu escritório, na Tirpitzufer, 76/78, endereço onde ficavam duas residências urbanas antigas com vista para os belos castanheiros e limoeiros do Tiergarten de Berlim. Desde a alvorada, estava lendo os relatórios que haviam sido enviados por seus chefes de Inteligência do mundo todo. Naquela mesma tarde, foi caminhar no Tiergarten com seu vice, o coronel Hans Oster; caminhando ao longo de uma trilha para cavalos, viram v á rios membros do Estado-Maior Alemão fazendo suas cavalgadas vesperais. Canaris deixou seu *dachshund*, chamado Seppel, sem guia, observando-o correr para dentro e para fora do mato, enquanto contava a Oster que a *Abwehr* não deveria fazer nada para prolongar a guerra em um único dia, que, enquanto uma derrota para a Alemanha significaria um desastre, uma vitória de Hitler seria uma catástrofe.

Sendo assim, ele estava pronto para agir mais uma vez para tentar envolver o papa Pio XII no plano para derrubar o *Führer*. Disse que estava mandando a Roma Josef Müller, um advogado bávaro que estava na *Abwehr* desde o princípio da guerra. Sua face bem bronzada, cabelos marrom-avermelhados e terno preto feito sob medida eram paisagem familiar nas proximidades do Palácio da Justiça de Munique. Católico devoto, representava a diocese de Munique nas salas do edifício da corte. O sucesso de Müller havia lhe providenciado as conexões com o Vaticano, onde era respeitado dentro do Santo Ofício e da Secretaria de Estado por ter vencido causas em favor da Igreja.

Canaris contou a Müller que a primeira visita do coronel Oster e de seus colegas conspiradores a Roma havia falhado porque haviam pedido “coisas de mais, cedo demais” em sua reunião com o secretário do papa, Robert Leiber.

A reunião do próprio Müller em Roma teria por objetivo, mais uma vez, tentar persuadir o padre Leiber a obter o apoio do papa nas “negociações com a Grã-Bretanha e com um novo e honroso governo em Berlim após a destituição de Hitler”. Uma vez que o contato fosse estabelecido com o padre Leiber e ele concordasse em apresentar a proposta a Pio, o papa deveria enviar D’Arcy Osborne, que agiria, no estágio inicial, como intermediário entre a Santa Sé e o governo britânico. Se as discussões avançassem,

diplomatas mais experientes seriam convocados para levar o plano a termo — a destituição de Hitler.

Suas habilidades legais ensinaram Müller a tomar o tempo necessário para a preparação da reunião. Ele havia estudado o arquivo da *Abwehr* sobre o papa Pio XII e lido seus discursos. Concluíra que o papa compartilhava os mesmos sentimentos que ele em favor dos judeus. Quando chegasse o momento, usaria aquelas informações como parte de seu argumento de que um novo governo alemão garantiria que os judeus não fossem mais perseguidos. Também decidiu que não entraria em contato direto com Leiber, mas que o abordaria por meio de outro alemão com posição de poder dentro do Vaticano. Monsenhor Ludwig Kaas era um contato para Pio desde seus dias como núncio na Alemanha e representara o Partido Católico do Centro no *Reichstag*, parlamento alemão. Quando Hitler assumiu o poder, Kaas foi transferido para Roma como secretário da Congregação encarregado da basílica de São Pedro.

No dia 10 de maio de 1940 — no dia em que Neville Chamberlain renunciou e Winston Churchill se tornou primeiro-ministro da Grã-Bretanha —, Müller providenciou um encontro com Leiber. Embora não existam registros dessa reunião entre eles, mais tarde a viúva de um dos principais conspiradores, Hans von Dohnanyi, revelou que seu marido, um advogado, havia feito o rascunho de artigos com termos de paz para serem analisados pelo papa. De acordo com *Frau Dohnanyi*, Leiber havia levado esses termos ao papa Pio XII, que dissera ao secretário que informasse a Osborne sobre a crescente oposição alemã a Hitler.

Dois dias depois de se encontrar com o secretário do papa, Müller voou para Berlim a fim de informar Canaris. O chefe do serviço secreto duvidava que a iniciativa de paz pudesse ser bem-sucedida, visto que agora Churchill estava no poder.



Na tarde de segunda-feira, dia 10 de junho de 1940, Rosina Sorani estava datilografando cartas que Ugo Foa havia lhe ditado antes de sair para visitar um amigo no hospital, quando o telefone tocou na sinagoga. Era Settimio do outro lado da linha. Seu irmão raramente ligava quando ela estava no trabalho, e ela nunca o ouvira tão agitado. A Rádio Roma havia anunciado que Mussolini falaria à nação no final da tarde, às 6 horas em ponto. Os romanos deveriam ir à Piazza Venezia; o restante da Itália deveria ficar com os ouvidos grudados no rádio. Settimio lembrou-a de que a última vez que Mussolini participara de uma transmissão de rádio daquele tipo havia sido na véspera de a Itália invadir a Etiópia, em outubro de 1935.



Durante a tarde, Maglione havia feito várias tentativas de falar com o conde Ciano. Todas as vezes disseram ao secretário de Estado que Ciano estava em uma reunião com Mussolini e que não poderia ser incomodado. Maglione foi se encontrar com o papa. Pio lhe pediu que alertasse os chefes das Sagradas Congregações para que ouvissem a transmissão radiofônica de Mussolini e que pedisse aos núncios informações sobre as reações nos países onde estavam.



Myron Taylor e monsenhor Joseph Hurley, um padre americano dentro da Secretaria de Estado, haviam passado a tarde discutindo os presságios da transmissão radiofônica a ser feita em breve. O esplendor do escritório de Taylor não teve nenhum efeito para melhorar seu ânimo. Sentia que havia fracassado, dissera mais de uma vez.

Durante as últimas semanas, havia consultado Maglione, Osborne, Charles-Roux e outros membros do corpo diplomático. Todos tinham certeza de que Mussolini manteria a Itália fora da guerra.

Agora, disse a Hurley: “É tarde demais. Mussolini estava observando, esperando, feito chacal e abutre, pela ordem de Hitler. Nesse meio-tempo, ele nos fez de tolos. A você, a mim, ao presidente e a todo mundo”.

Taylor já havia até pedido ao presidente Roosevelt que fizesse um apelo direto a Mussolini para que permanecesse neutro. Roosevelt aquiescera. A resposta havia sido refinada, mas sem promessas. No dia 18 de abril, o conde de Halifax, secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, enviou uma mensagem a Taylor insistindo para que solicitasse mais uma vez a Roosevelt sua intervenção junto a Mussolini e o convencesse de que os aliados “têm relações amigáveis com muitos países governados por regimes autoritários e que o tipo de regime que predomina em outros países não é da nossa conta”.

A resposta dada a Roosevelt foi contundente: “A paz não é possível até que a proteção fundamental da liberdade da Itália esteja resolvida com as outras partes”. Taylor ponderou quem poderiam ser essas “outras partes” e sobre qual “proteção” Mussolini estava falando. Agora que o carrilhão se aproximava das 6 horas da tarde, cada vez mais tinha certeza sobre qual seria a resposta de Mussolini.



Giovanni Mezzaroma e Celeste di Porto haviam mandado os batedores de carteira dos Panteras Negras à Piazza Venezia. Tãmanha aglomeração era um alvo que não podia ser ignorado. A dupla havia assumido suas posições à beira da multidão espremida. Os batedores de carteira continuariam entre as pessoas até que começassem a se dispersar.

Nesse momento, a polícia tentaria prender aqueles que reconhecesse como membros dos Panteras Negras ou de outras gangues.

Celeste havia encontrado um jeito de ser mais esperta que a polícia. Cada pantera entraria com uma criança, algumas com apenas seis ou sete anos de idade. À medida que os ladrões passassem em meio à multidão, repassariam o material roubado às crianças para que o levassem para fora da praça. Em um lugar combinado, Celeste coletaria os itens roubados. Para as crianças, era a maneira de entrar na gangue.



Ugo Foa e Dante Almansì foram convidados a ir ao escritório de Renzo Levi escutar a transmissão radiofônica. Depois de uma reunião com o conde de Salis, o milionário havia montado a *Delaxem*. A organização objetivava ajudar a imigração dos judeus que haviam chegado a Roma por meio da rede de padres palotinos. Até o momento, tinha mais de 500 judeus registrados junto à organização. Levi havia ido a Nova York e arranjado fundos de organizações judaicas para pagar pelos vistos e passagens de navio para os Estados Unidos e outros países. Também havia aberto uma conta bancária em Roma, com a aprovação do governo fascista, que estava ávido por receber um influxo de moeda estrangeira. A partir da primeira semana de junho, seriam transferidos US\$ 20 mil por mês.



A princesa Enza Pignatelli Cortes havia convidado uma velha amiga, a marquesa Fulvia Ripa di Meana, outra integrante de uma família da Nobreza Negra, para escutarem juntas a transmissão radiofônica. A princesa havia telefonado para a esposa do conde Ciano, Edda, que era filha de Mussolini, para lhe perguntar se sabia o que o pai diria. Ela disse que não fazia ideia.



O professor Borromeo convidou alguns de seus médicos para se juntarem a ele na sala de descanso da equipe para ouvir a transmissão radiofônica. Ele havia instalado seu rádio depois do início da guerra. Várias enfermeiras que estavam de folga foram à praça. Um padre estava parado perto da entrada da praça.



Com 1,88m de altura, trajando suas inconfundíveis vestimentas vermelhas e pretas,

monsenhor Hugh Joseph O'Flaherty, de quarenta e três anos, era um *scrittore*, um escritor da equipe do Santo Ofício, um dos mais importantes das Sagradas Congregações. Entre suas atribuições, estavam a erradicação de todos os tipos de heresia e a proibição de livros que continham o que a lei canônica chamava de “afirmações perigosas”, incluindo erros fundamentais na educação sexual para católicos. Várias vezes por ano, ele recomendava que padres perdessem a batina por apresentar comportamentos imorais. Suas avaliações eram importantes o suficiente para que monsenhor Alfredo Ottaviani, chefe do Santo Ofício, as repassasse ao papa. Pio finalmente fora até O'Flaherty a fim de lhe dar os parabéns por seus julgamentos teológicos.

O repertório de piadas de O'Flaherty o tornara uma figura popular entre os sacerdotes mais jovens do Vaticano. Alguns sacerdotes de alto escalão diziam que ele poderia se tornar arcebispo ou, no final das contas, até mesmo cardeal. Mas também havia prelados mais velhos na cúria, o serviço civil do Vaticano, que diziam que ele estava disposto demais a desafiar o *Regolamento generale della curia romana* — as 160 páginas de regras que governavam a vida de todos dentro da cidade-Estado. Mas seus críticos sabiam que havia pouco a ser feito. O'Flaherty contava com o apoio de Ottaviani. Ele era um dos oficiais mais próximos do papa.

Era segredo público dentro do Palácio Apostólico que Hugh O'Flaherty tinha uma vida social ativa em Roma. Ele jantava e dançava na alta sociedade, divertindo os convidados com suas histórias. Mas aquilo que ele chamava de suas “noites na cidade” tinha outra função. As bisbilhotices que ouvia eram comunicadas a Ottaviani, que, por sua vez, as repassava em detalhes ao papa.



Quando os sinos das igrejas de Roma anunciaram a hora, 6 em ponto, naquele final de tarde de 10 de junho de 1940, a enorme porta da sacada se abriu repentinamente por dentro do escritório de Mussolini.

Flanqueado pelos símbolos gêmeos do fascismo cinzelados na parede de pedras atrás dele, a machadinha e o lictor, estava Mussolini em seu uniforme cinza, cinto Sam Browne, calças de montaria com listras vermelhas e suas botas pretas. Colocou ambas as mãos na balaustrada da sacada, seu corpo totalmente ereto, olhando reto e fixamente por cima do povo, seu queixo largo esticado para frente, seus olhos varrendo a multidão; seu rosto demonstrava uma expressão familiar de raiva.

Esperou, como sempre fazia, pelos aplausos. Quando chegaram, levantou as mãos, fazendo a saudação fascista. Silenciou os aplausos com um movimento de mãos descendente e brusco. Suas palavras começavam a retumbar por toda a praça.

“Concidadãos italianos, a partir da meia-noite esta nação estará em guerra com a Grã-Bretanha e a França.”

Rosina Sorani recordou que fizera o mesmo que muitos outros que estavam a sua

volta: ficara ofegante e agarrara o braço de Settimio enquanto Mussolini continuava seu discurso:

A guerra foi declarada sob o Pacto de Aço, que eu assinei em nome de vocês no dia 20 de maio deste ano e que pede que esta nação se junte ao nosso aliado, o Terceiro Reich, que já alcançou enormes vitórias contra nossos inimigos decadentes.



Em seu salão, a princesa Enza olhava fixamente, com a boca aberta de incredulidade, para a marquesa Di Meana. Pelo rádio, a voz de Mussolini continuava a ser transmitida.

“O magnífico povo italiano está resolvido a assumir os riscos e sacrifícios da guerra por nossa honra; os interesses e o futuro exigem isso de nós.”



Em seu escritório, na presença do monsenhor Hurley, Myron Taylor balançou a cabeça em desaprovação.

— Ele está louco. É um louco varrido — disse o embaixador.

— Pior ainda, pensa que é lúcido — disse Hurley. — Ele está pronto para sacrificar seu povo só para mostrar a Hitler o quão poderoso é.



Settimia Spizzichino lembraria como seu pai balançara a cabeça em fúria e fizera um sinal para que sua família o seguisse até a praça. “Ele continuava a dizer ‘agora chega, agora chega’. Meu pai sempre foi um homem que sabia controlar seus sentimentos. Mas não naquela ocasião.”

A voz de Mussolini se espalhava pela praça.

“A vitória deve ser nosso objetivo! Ela nos dará um período longo de paz e de justiça. Devemos pegar nas armas com coragem e tenacidade. Já fizemos isso antes! Faremos o mesmo agora!”



No escritório de Renzo Levi, Ugo Foa e Dante Almansì olharam um para o outro. Finalmente o milionário resolveu quebrar o silêncio. “Agora sabemos a verdade. Todos

nós temos trabalho a fazer.”



No escritório de Maglione, o secretário de Estado e seus dois assistentes, monsenhor Tardini e monsenhor Montini, escutavam atentamente enquanto a transmissão radiofônica prosseguia. A voz de Mussolini havia se elevado.

“Nós lutaremos com bravura! A vitória será nossa!”

A transmissão radiofônica havia acabado. O papa havia escutado o discurso em seu aparelho de rádio instalado em seu quarto. Assim que terminou, ele foi à capela. Pouco depois, Pascalina e as outras freiras que estavam no apartamento se juntaram a Pio para fazer orações.



Mais tarde, ainda naquela noite, o papa pediu a Maglione que informasse ao conde Ciano que, sob o Tratado de Latrão, já havia preparado acomodação para que os diplomatas cujas nações estivessem em guerra com a Itália e que estivessem acreditados junto à Santa Sé fossem abrigados dentro da Cidade do Vaticano. Somente duas famílias de cada embaixada ou missão diplomática aliada poderiam ser acomodadas. Todos os outros deveriam receber salvo-conduto, a fim de voltar para casa.

Harold Tittmann já havia retornado a seu posto de cônsul-geral em Genebra. Myron Taylor não se mudaria para o Vaticano. Sua missão como representante oficial do presidente Roosevelt tinha falhado em conseguir manter a paz. Em sua audiência final com Pio, disse ao papa que permaneceria em Roma, “no momento, para me dedicar à humanização da nova ordem”. O papa expressou sua preocupação com o futuro da Grã-Bretanha, “que parece realmente muito tenebroso”. Taylor ofereceu perspectivas de ajuda militar e econômica por parte dos americanos, mas Pio imediatamente respondeu que qualquer ajuda “se revelaria muito pequena e tardia demais”.

Taylor convidou Ugo Foa a visitá-lo no Hotel Excelsior para discutirem a situação dos judeus do gueto. Ele havia servido, nomeado por Roosevelt, em um cargo no Comitê Intergovernamental sobre Políticas de Refugiados antes de ir a Roma. Seu papel principal era facilitar a imigração de judeus do Terceiro Reich. Foa lhe contou sobre a *Delaxem* e os sacerdotes palotinos, que, até aquele momento, já haviam levado mais de 600 judeus a Roma. Quando Taylor perguntou se haviam sido abrigados por famílias judias que não tinham nenhuma relação de sangue com os refugiados, Foa disse que “isso já é o suficiente; eles são judeus”.



No dia seguinte à declaração de guerra feita por Mussolini, o papa pediu que o padre Leiber achasse um espaço em sua agenda de audiências para que pudesse se reunir com Ugo Foa. Disse a seu secretário que encontraria o líder da comunidade judaica em seu apartamento papal “como um velho amigo”. Era o sinal de que Pio não queria a presença de nenhum tomador de notas para registrar a reunião.

Já era final de tarde quando Foa foi acompanhado até o escritório do papa. Aquela seria a primeira reunião desde que Mussolini havia introduzido as leis raciais inspiradas no nazismo. Desde então, a imprensa fascista de Roma continuava seus ataques ao papa por causa de suas críticas contra a legislação antisemita. Foa levava consigo uma carta do doutor Nahum Goldmann, presidente da Organização Sionista Mundial, na qual agradecia ao papa por seu “apoio inabalável aos judeus”.

Naquele momento, havia mais de 4 mil judeus italianos — oficiais do exército, funcionários públicos, acadêmicos e jornalistas — que continuavam desempregados por causa das leis raciais.

O papa começou o encontro afirmando que, além de ajudá-los, também não se esquecera de seus “vizinhos próximos”, os judeus do gueto de Roma. Se algum deles estivesse passando por problemas, ele já havia tomado providências para que seu nuncio papal na Itália, monsenhor Borgongini Duca, tratasse do assunto de forma “sonora e clara” junto às autoridades fascistas.

Foa recordaria que o papa havia falado com

bastante ardor quando disse que enterraria de vez quaisquer pensamentos de que seguiria um plano mais conciliador que seu predecessor em relação aos estados totalitários. Ele deixou claro que a questão da segurança dos judeus estava ficando mais intensa e que era um dos mais graves entre os vários problemas sérios que enfrentava no momento.

Pio disse que empregaria todas as armas que estivessem sob seu poder: orações, liturgia e as leis internacionais para confrontar os nazistas, que, apesar de todas as suas habilidades técnicas, estavam repletos de vazio espiritual, naquilo que o papa definiu como “a era do agnosticismo impulsionado pelo antisemitismo”.

Ele também já tinha tomado providências, caso algum membro da comunidade judaica desejasse sair de Roma, e pedido que os padres palatinos os ajudassem a obter vistos estrangeiros. Poderia demorar um pouco até que obtivessem os documentos, mas seriam disponibilizados.

Por fim, Pio disse que queria se assegurar de que a comunidade continuaria a atacar o antisemitismo e protegeria os judeus. Ele deu a Foa uma cópia encadernada do *Summi Pontificatus*, com as seguintes palavras: “Onde há algum caso para salvar almas, nós

sentimos a coragem de tratar com o Diabo em pessoa”.

Foa respondeu com um ditado hebraico: “Um homem é comparado às estrelas no céu e ao pó da terra. Ele pode se elevar às alturas”.



Os diplomatas acreditados do Reino Unido, da França, da Bélgica e da Holanda, junto com seus familiares, receberam acomodação dentro de uma casa de hospedagem que era parte do complexo de Santa Maria no Vaticano, pertencente à Ordem das Irmãs de São Vicente de Paulo. No lado distante do complexo, estava o convento. As freiras, em seus hábitos azul-acinzentados e chapéus de abas largas, encarregavam-se das tarefas domésticas da casa de hospedagem.

D’Arcy Osborne foi o último a chegar. Os dias seguintes à declaração de guerra da Itália foram passados selecionando o que ele levaria ou não para dentro do Vaticano. Por fim, retirou o brasão britânico que ficava acima da porta de entrada. Ele havia enviado John May e sua secretária inglesa, a solteirona Edna Tindall, na frente para preparar o futuro lar.

Depois da caminhada final pelas ruas de Roma, com seu *cairn terrier*, Jeremy, sentado a seu lado no banco do passageiro, ele guiou seu carro para dentro do Vaticano. Com Jeremy em seus calcanhares, o ministro caminhou despreocupadamente para a casa de hospedagem. Quando um guarda suíço olhou para o cachorro, Osborne disse: “Tudo bem. Ele tem imunidade diplomática. Ou seja, você vai ter de se acostumar com ele farejando por aí”.

O apartamento de Osborne ficava no último andar da casa de hospedagem. Seu vizinho era o embaixador da Bélgica, Adrien Nieuwenhuys, que havia desenvolvido uma neurastenia por causa do badalar dos sinos da basílica de São Pedro, que ficava bem perto. Próximo a um colapso mental, recebeu autorização para voltar a sua residência em Roma; Osborne pegou para si o apartamento do belga, obtendo o dobro de espaço em relação aos outros diplomatas. Ele apreciou contar ao Ministério das Relações Exteriores sobre seu sucesso na empreitada.



Em janeiro de 1942, Josef Müller estava de volta a Roma para se encontrar com o padre Leiber. Contou ao secretário do papa que o Amt VI, departamento número quatro da organização de informações secretas do RSHA, *Reichsicherheitshauptamt*, que monitorava as nunciaturas papais, havia conseguido quebrar um dos códigos secretos usados pelo Vaticano. Isso não era só suficientemente sério para levar a possíveis mortes de conspiradores anti-Hitler na Alemanha, mas também poderia comprometer o papa, caso

o código houvesse sido usado para transmitir informações confidenciais.

Leiber foi tranquilizador: os códigos da Santa Sé eram indecifráveis. O que quer que os decifradores de códigos alemães houvessem feito, eles simplesmente não tinham como ter acesso a qualquer um dos códigos do Vaticano.

Müller apresentou uma folha de papel, alisou-a com a mão para abri-la e a colocou nas mãos do padre Leiber. O secretário olhou fixamente para o papel, incrédulo. Tratava-se de uma cópia decodificada do telegrama que o papa havia enviado ao núncio em Portugal havia dois dias, confirmando que ele ficaria no cargo por mais um ano. O padre disse que teria de mostrar o documento a Pio. Müller concordou. Naquela noite, quando se encontraram novamente, padre Leiber confirmou que o papa não havia usado aquele código para transmitir nenhuma informação secreta, mas que dera ordens para que o código não fosse mais usado.



No final de 1942, os decifradores de códigos do serviço secreto italiano também começaram a ler as mensagens codificadas enviadas e recebidas pela Santa Sé. A descoberta surgiu quando o conde Ciano, secretário de Relações Exteriores, — com sua indiscrição característica — informou Maglione. Ele imediatamente ordenou que se criasse um novo sistema criptográfico. Levou semanas para desenvolver um novo sistema que continha 25 mil grupos, com cada um deles criptografado com vinte e cinco chaves digitais. Cada chave tinha sua própria tabela com dígrafos e um alfabeto misturado randomicamente. Embutida em cada código, havia uma chave capaz de alterar um criptograma por até oito vezes dentro de uma única mensagem transmitida. Embora o Vaticano nunca tenha confirmado ou negado, as evidências apontam que esses códigos permanecem indecifráveis até hoje.



Settimia Spizzichino soube que algo estava errado assim que seu pai chegou a casa. Normalmente, ele chegava descendo a rua, cantando enquanto empurrava seu carrinho, e chamava pela família para ajudá-lo a descarregar as coisas. Em vez disso, ele entrou na casa de mãos vazias e pediu que Grazia reunisse a família na cozinha.

Sentados em volta da mesa, Mose lhes contou que o governo de Mussolini havia reduzido as licenças de venda dos vendedores ambulantes do gueto para uma pessoa por família. Ele havia escutado a notícia na Rádio Roma.

Em meio ao silêncio chocado, Settimia lembraria mais tarde que sua mãe apontara para a panela com sopa que mantinha no fogão para vizinhos que estivessem doentes. Grazia dissera que não poderia mais compartilhá-la com os vizinhos, um hábito que ela

mantinha desde seu primeiro dia como dona de casa. Em breve, ela não conseguiria mais alimentar sua própria família, dissera em meio a lágrimas.

Settimia viu seu pai colocar o braço em volta da esposa e dizer que aquilo não aconteceria. Ele cuidaria da situação; todos poderiam ver que ainda teriam comida na mesa.

Havia determinação em sua voz, que Settimia nunca havia ouvido antes, quando Mose disse que, além de roupas usadas, ele também venderia agulhas de costura, botões e dedais, os itens com os quais começara quando ainda menino. Suas filhas arranjariam trabalho como costureiras; seus maridos poderiam ser porteiros de mercado ou varredores de rua. Todos juntos teriam renda suficiente para sobreviver.

Ele lhes recordou que haveria outras famílias em situação pior e sem dinheiro economizado ao qual recorrer. A cada dia, disse, ele havia guardado dinheiro para uma emergência. Era algo que seu próprio pai também havia feito.

Settimia se lembrava do semblante de Mose, como ele olhou para todos. “Se houve algo que meu pai me ensinou, foi sempre estar preparado para qualquer problema que surgisse. Eu estou pronto, e assim você também estará”, disse ele.

Mose disse, depois do jantar, que as filhas deveriam sair e procurar qualquer trabalho que estivesse disponível.



O dia 16 de dezembro de 1942 marcou o início do segundo ano de Harold Tittmann como encarregado de negócios do Departamento de Estado, diplomata sênior dos Estados Unidos junto à Santa Sé. Seu apartamento ficava um andar abaixo de onde D'Arcy Osborne vivia em conforto magnífico, e sua família havia se adaptado à vida dentro do Vaticano. Tittmann contratou um mordomo e uma empregada e cozinheira, pagos com o dinheiro de sua verba mensal. O Departamento de Estado transferia fundos para o Banco Morgan, em Nova York, onde o Banco do Vaticano tinha sua conta. Depois de ser trocado por 28.500 liras, o valor era enviado a Roma e pago para que Tittmann pudesse manter a missão.

Os diplomatas não pagavam aluguel, já que eram classificados como “hóspedes do Santo Padre”. Cada missão pagava cem liras por mês para ter um telefone, embora não fosse possível fazer chamadas para fora do Vaticano. O espaço de garagem para um carro custava cinquenta liras por mês. A cada três meses, cada missão pagaria mil liras para a Ordem de Vicente de Paulo, a fim de cobrir os custos de manutenção dos apartamentos, incluindo as trocas semanais de roupas por parte da lavanderia. Alimentos provenientes da fazenda do papa, em Castel Gandolfo, que chegavam pelo trem do transporte ferroviário do Vaticano, podiam ser comprados nas barracas de mercado ali dentro.

Entre 2 e 6 horas da tarde, os jardins do Vaticano ficavam fechados à visitação, quando o papa fazia suas caminhadas por lá. Osborne percebeu que o papa levava dez

minutos para dar uma volta completa pelo jardim. Em alguns dias dava oito voltas, em outros dez. Osborne começara a apostar com May para ver quantas voltas Pio daria em um determinado dia. Outra aposta era tentar adivinhar se o papa leria algum livro em uma de suas voltas.

Embora houvesse reuniões regulares com membros da Secretaria de Estado para discutir uma ampla gama de eventos relacionados à guerra, a natureza de Osborne não era talhada para a vida monacal do Vaticano. “A srta. Tindall não era nenhuma compensação para as belas mulheres de Roma”, observou. Muitas vezes levava horas para preparar ou decifrar um relatório codificado para Londres ou proveniente de lá. Uma anotação no diário capturou os ares de depressão que o afligiam de tempos em tempos. “Cheguei à sombria conclusão de que não sou nada além de uma nota traçada às margens do *Livro da Vida*.”

À medida que o ano de 1942 chegava ao fim, ele percebeu que estava mudando física e mentalmente. Seu reumatismo havia piorado, e agora precisava de sua bengala de estoque para ajudá-lo a caminhar. Estava dormindo mal, seu cabelo começava a cair, e seus olhos pareciam afundar cada vez mais dentro das órbitas oculares. Havia dito a May: “Se as coisas continuarem desse jeito para mim, sou capaz de perder minha sanidade mental”.

May lembrou a Osborne que ele não estaria naquele posto se Londres não apreciasse seus relatórios. A relação entre o ministro e seu empregado havia se estreitado, era uma amizade de respeito mútuo.

May continuava a assegurar que as necessidades diárias de Osborne fossem satisfeitas. Fez arranjos com um jardineiro do Vaticano para que fornecesse cigarros e uísque, comprados no crescente mercado negro. Encorajou Osborne a fazer banquetes noturnos regulares, tomando o cuidado de sempre colocar o ministro ao lado de Eleanor, esposa de Tittmann. Osborne havia confidenciado a May que a achava “a mulher mais vivaz e inteligente daquele lugar”.

Nas tardes ensolaradas, quando os jardins ficavam reservados ao papa, Osborne subia só de calção ao telhado plano de seu apartamento para tomar banho de sol. Durante essas ocasiões, May levava um regador cheio de água fria na qual colocava uma boa quantidade de sal, para derramar sobre Osborne. “Aquilo intensificava minha sensação de estar no mar. Para evitar queimaduras, eu usava creme de barbear”, lembrou Osborne.

Em seu escritório, o ministro tinha um aparelho de remo seco. Ele imaginava estar na equipe de Oxford disputando a regata anual contra Cambridge, enquanto o suor lhe corria pela testa abaulada. Em outras ocasiões, fechava seus olhos e imaginava que o aparelho era um barquinho a remo e que estava pescando em um algum lago no sul da Irlanda. Quando caminhava pelo jardim com Jeremy em seu encalço, jogava o *terrier* dentro de um dos chafarizes para observar como o cachorro nadava entre os peixes. Quando o sol se punha, algumas vezes ia a um dos chafarizes e pegava uma truta, que serviria de jantar para uma ocasião especial: o aniversário de *mis* Tindall ou em comemoração por ter passado mais um ano dentro do Vaticano. Mas a conversa informal

de mesa sobre a guerra nunca ficava longe.



Havia alguns meses, o papa havia recebido relutantemente Joachim von Ribbentrop, ministro das Relações Exteriores de Hitler, com um único propósito. Estava determinado a expressar sua condenação às atrocidades perpetradas pelos nazistas e suas políticas antissemitas. Quando Von Ribbentrop tentou repudiar as acusações como “propaganda aliada”, Pio fez citações de um arquivo de relatórios enviados por núncios e bispos de toda a Europa, que detalhavam as evidências das atrocidades. O *The New York Times* relatou que o ministro das Relações Exteriores havia deixado o Vaticano cabisbaixo.

Desde então, o papa ordenou que a Rádio Vaticano transmitisse as evidências e que o *L'Observatore Romano* continuasse a publicá-las. O *The New York Times* escreveu em seu editorial: “O Vaticano falou com autoridade que não tem como ser questionadas e confirmou as piores ameaças aos judeus”.

Mas os relatórios sobre as atrocidades haviam aumentado, junto com os ataques da máquina de propaganda de Goebbels sobre Pio como “o amante dos judeus”. O papa deu um contragolpe ao pedir que todos os bispos católicos da Alemanha nazista assinassem um protesto contra o plano do Partido Nazista de estender o uso da Estrela de Davi para incluir os descendentes resultantes de casamentos mistos entre judeus e não judeus. A resposta nazista foi o confisco de conventos, hospitais católicos e outras propriedades da Igreja em toda a Alemanha; organizações católicas foram fechadas; e imagens religiosas, removidas das escolas.

PARTE II

A TEMPESTADE EM FORMAÇÃO





relógio do campanário avisou ao dr. Vittorio Sacerdoti que eram 5 horas daquela manhã de janeiro de 1943, quando ele caminhava pelos corredores do Fatebenefratelli, o hospital da ilha Tiberina onde havia se tornado o vice do professor Borromeo.

Era o terceiro ano da guerra, e as forças terrestres aliadas estavam se preparando para invadir a Itália. Os aviões já haviam começado a bombardear o coração industrial do país no norte. Em Roma, as pessoas se perguntavam quando chegaria sua vez. Os refugiados judeus continuavam a procurar abrigo. Entre eles estava uma família que esperava por Vittorio no pátio do hospital. Ele notou que o homem, sua mulher e os dois filhos tinham a mesma expressão atormentada, igualade todos os outros refugiados que já haviam esperado por ele no pátio durante o ano que passara.

Ele sorriu de forma reconfortante para eles, consciente do que deviam ter passado até conseguirem chegar a Roma, cruzando a Itália através de um mundo que continuamente se rachava por causa da violência letal proveniente do ar e da terra. Estavam ali para pegar documentos, com os quais esperavam poder escapar da guerra.

Settimio Sorani havia levado sua família muito cedo para o pátio do hospital a fim de evitar a polícia fascista, que em breve começaria seu dia de caçada de refugiados. Os oficiais recebiam um bônus para cada pessoa capturada.

Embora a *Delasem* já houvesse providenciado passaportes panamenhos para a família e passagens para o Panamá, eles ainda precisavam de atestados médicos que confirmassem o bom estado de saúde de todos. Vittorio os providenciaria.

Ele já havia assinado centenas de atestados que permitiam a judeus entrar não só no Panamá, mas também nos Estados Unidos, na Argentina, em Cuba, Tãnger e Xangai. O risco assumido era considerável para ele. Sob as leis raciais, ele poderia ser preso por ajudar outros judeus. Mas não hesitou em fazê-lo quando foi abordado pela primeira vez por Settimio Sorani. Sua irmã, Rosina, havia encontrado um abrigo para a família, que estava esperando no pátio enquanto os documentos eram preparados.

Vittorio mais uma vez ficou comovido com a gratidão daquelas pessoas em lágrimas enquanto lhes dava os atestados e observava como iam embora, acompanhadas por Sorani. Caminhando de volta, ao voltar para dentro do hospital, sentiu-se novamente como sempre se sentia naqueles momentos: aquelas pessoas faziam que sua vida como médico valesse a pena.

“Você só pode se sentir como está se sentindo quando está com olhos que choraram”, dizia-lhe o professor Borromeo.

Ambos sabiam que os suprimentos médicos eram escassos. Os equipamentos de

esterilização e os medicamentos estavam cada vez mais em falta. As ataduras esterilizadas, as luvas para fazer cirurgias e os anestésicos eram racionados. Em outros hospitais de Roma, as condições eram ainda piores. No San Giovanni, não só havia falta de leitos, mas também uma infestação de formigas. Um dos médicos de lá havia descrito para o professor Borromeo: “Elas invadem o prédio pelas paredes e as frestas do chão. Quando estou fazendo uma operação, elas tentam subir na mesa e entrar no corpo do paciente”.

Vittorio sabia que os casos de tuberculose haviam aumentado; haviam lhe dito que, em algumas áreas de Roma, uma em cada cinco pessoas havia contraído a doença. A malária também havia ensaiado uma volta. A cada dia os remédios e os alimentos para as crianças estavam diminuindo. O mercado negro continuava a se espalhar. Naquela manhã, uma paciente do ambulatório havia tentado vender uma garrafa de azeite de oliva por cinquenta liras, que custava muito menos no dia anterior. Quando o professor Borromeo a admoestou, a mulher lhe disse: “Amanhã será ainda mais cara”. Ele disse a Vittorio que “a atitude dela é uma colaboração para o colapso de nossa sociedade”.



Em fevereiro de 1943, a *Delasem* se mudou para o novo escritório, que ficava no mesmo prédio que a sede da União das Comunidades Judaicas Italianas. Usando seus contatos dentro da administração fascista de Roma, Ugo Foa e Dante Almansi conseguiram que a organização continuasse a atuar sem impedimentos. Ambos haviam crescido em uma sociedade na qual, Foa se recordaria disto mais tarde, “Mussolini encorajava as pessoas, dizendo que uma negociação sempre era possível”. Almansi recorda: “Nosso acordo era que manteríamos a *Delasem* sem fazer nenhum estardalhaço”. Para que tudo fosse feito daquela forma, eles haviam nomeado Settimio Sorani para dirigir a organização. Em troca, contavam com o apoio do conde de Salis, da princesa Enza Cortes e da marquesa Di Meana. Entre si, organizavam doações para aumentar os valores já doados por organizações assistenciais judaicas dos Estados Unidos. O dinheiro extra era usado para comprar alimentos, remédios e roupas para o número cada vez maior de judeus trazidos secretamente ao longo da rede de casas seguras que os padres palotinos haviam estabelecido a pedido do papa.



Na manhã de *Shabat* da primeira semana de março de 1943, Mose Spizzichino, com seu cabelo penteado primorosamente, estava sentado na sinagoga ao lado de sua esposa, suas quatro filhas e seus dois genros, cada um deles com uma criança sobre os joelhos. Todos os adultos haviam encontrado trabalho. Atrás deles, estava sentada a família Astrologo, que sustentava que seus antepassados haviam retirado secretamente de Jerusalém artefatos

inestimáveis antes de o imperador romano Tito saquear o Segundo Templo. Próxima a eles estava a família Muscati, inclusive uma das filhas, Maria, e Albert, o marido com que havia acabado de se casar.

A família Marino era outra cujos antepassados haviam chegado a Roma no auge do Império Romano. Ao longo dos séculos, haviam passado adiante as histórias de seus antepassados, enlutados com o assassinato de Júlio César e testemunhas quando o Senado nomeara Herodes rei da Judeia. Em seu lugar costumeiro, estavam sentados o alfaiate do gueto, Serafino Pace, e sua esposa, Italia, junto com seus nove filhos e filhas. Sentados atrás de uma coluna, estavam Celeste di Porto e seus pais. Apesar da vida que havia escolhido, a Pantera Negra nunca deixava de participar da celebração matinal do *Shabat*. Ela chegara em um vestido da última moda, seu braço enganchado no da mãe, sorrindo para os olhares fixos que atraía.

Naquela manhã de *Shabat*, não só Celeste era uma figura que chamava a atenção. A partir do momento que o rabino Zolli começou a se dirigir ao *bimá*, o palco de onde se dirigiria à congregação, todos olhavam fixamente para ele, absorvendo toda a tensão que exalava.

No passado, Rosina Sorani havia ouvido Zolli falar sobre assuntos que ela suspeitava não ser entendidos facilmente por muitos participantes de sua congregação. Ela sabia que um número cada vez maior de membros o via como frio e distante. Houve momentos em que ela mesma o achava arrogante e intratável. Embora ainda o respeitasse como “Zolli, o acadêmico, Zolli, o rabino, carecia de uma ligação mais vigorosa com sua congregação; muitos membros dela eram pobres e não haviam tido a oportunidade de estudar”.

Zolli olhou fixamente para o rosto de todos, seus lábios contraídos, as mãos entrelaçadas em cima de sua barriga grande, escondida embaixo de um manto negro de mangas largas, seu quipá negro impecavelmente bem colocado na cabeça. Rosina já havia visto o rabino adotar aquela postura muitas vezes. Mas, dessa vez, havia uma diferença: via-se a tensão em seu rosto depois de ignorar deliberadamente Ugo Foa e os membros da *giunta*, conselho responsável pela administração da sinagoga.



Mais cedo, naquela mesma manhã, Rosina estava em sua sala externa na sinagoga quando Zolli chegou para se encontrar com Ugo Foa. Normalmente, fazia-o para discutir seu sermão.

Mas, de dentro do escritório de Foa, Rosina ouviu o presidente advertir Zolli para que não tornasse pública a controvérsia que ameaçava macular sua posição como líder espiritual dos judeus de Roma.

Em Trieste, depois de uma série de reclamações da comunidade judaica sobre o comportamento de Zolli, o prefeito da cidade, que possuía amplos poderes, decidira tirar-lhe a nacionalidade italiana e registrá-lo como judeu polonês. Em sua entrevista para

o cargo de rabino-mor de Roma, Zolli convencera Foa de que havia sido vítima de uma comunidade judaica incompreensiva, e quaisquer dúvidas na cabeça do presidente foram dissipadas pela erudição de Zolli, o que indubitavelmente daria renome à comunidade de Roma. Foa havia assegurado ao rabino-mor que seu registro como cidadão polonês, por causa de seu local de nascimento, não importava. Mas isso havia se tornado um problema para Zolli quando a Itália entrara na guerra. A Alemanha estava acuando judeus poloneses e enviando-os em comboios para os campos de concentração. Ele queria que sua nacionalidade italiana fosse restabelecida. Apreensivo para agradar ao rabino-mor, Foa pedira que a *giunta*, o conselho da sinagoga, contratasse o principal escritório de advogados de Roma para tratar do assunto.

O secretário de finanças da *giunta* era Anselmo Colombo, um contabilista de olho clínico. As contas legais para o restabelecimento da cidadania de Zolli deixaram Colombo chocado; as taxas incluíam somas substanciais usadas para a diversão dos membros do governo fascista e da comunidade de negócios de Roma. Os custos haviam sido aprovados por Zolli com a explicação de que ele precisava de “árbitros substanciais”. Colombo dissera que esses custos deveriam ser pagos pelo rabino-mor. Ele se recusara e dissera a Foa que o contabilista era *malvagio*, malvado. Quando Foa pedira para analisar as custas legais, Colombo também lhe enviara um arquivo com outras alegações sobre Zolli feitas por membros da comunidade.

Foa já estava consciente das acusações havia algum tempo e concluíra que uma boa parte era feita por causadores de problemas. Mas quando lera, no arquivo, que Zolli havia dito a Colombo: “Considero uma honra para a comunidade de Roma ter-me como rabino-mor, mas não considero que para mim seja uma honra ser o rabino-mor da comunidade”, o presidente decidira que estava na hora de agir. Naquela manhã, ele foi até Zolli e, diante dele, leu o conteúdo do arquivo em voz alta. O rabino-mor saiu enfurecido.



Na sinagoga, Rosina observava como Zolli se recompunha. Sua voz demonstrava superioridade quando disse que queria levar a comunidade de volta “ao verdadeiro significado do judaísmo”. Segundo ele, pelo que havia vivenciado, a maneira como expressavam sua fé era, muitas vezes, maculada pela superstição.

Em volta de si, Rosina ouvia suspiros ofegantes e atordoados. Foa estava sentado ao lado dos membros da *giunta*, sua face petrificada. Zolli falou novamente, enquanto seus olhos percorriam a congregação.

— Muitos de vocês que celebram o *Yahrzeit* vão até o túmulo no aniversário da morte do pai ou da mãe, de um parente ou de um amigo, e lá mesmo sacrificam uma galinha. Eu já lhes disse que isso tem de parar; vocês continuam a fazê-lo. O aniversário da morte de um ente querido não requer nenhum sacrifício. O judaísmo não precisa disso. O rabino-mor de vocês não precisa disso.

Esperou até que os cochichos diminuíssem. Rosina sabia que muitas das famílias mais antigas do gueto sentiam que tais costumes estavam integrados à vida religiosa e que ficaram profundamente ofendidas por sua exigência de interromper um ritual que havia sido preservado por séculos.

Havia frieza em sua voz quando ele lhes contou que soube das acusações feitas contra si. Disse que eram falsas e que ele não as repetiria na santidade da sinagoga, mas que aqueles que as haviam feito sabiam muito bem que eram falsidades. “*Malvagia.*” Mentiras ímpias.

Rosina viu seus olhos varrerem a congregação, parando por um momento e, então, se movendo adiante novamente. Mais tarde, ela lembraria que aquela foi “uma atuação intimidadora”.

Zolli olhou para o rosto das pessoas, sua voz vibrante. No começo, achara muitas delas difíceis de conhecer e, em vários sentidos, ainda se sentia um estranho. Mas sua convicção no que estava fazendo o guiara. Ele tentara partilhar com eles o que havia aprendido ao longo de uma vida de leitura das Escrituras. Se nem sempre entendiam o significado do que lhes dizia, deveriam ter lhe dito. Mas havia uma questão que deviam entender.

Zolli colocou as mãos dentro das mangas de seu manto. Suas próximas palavras continham uma nova certeza.

— Já falei com muitos refugiados aqui em Roma e sei dos perigos da perseguição nazista. Amigos meus, rabinos na Alemanha e em outros países ocupados, apanharam, foram torturados e enviados para a morte. Eu rezei por eles. Acredito que minha própria fé me protegerá. Eu também protegerei aqueles entre vocês que a partilharem comigo.

O rabino-mor desceu do *bimá* e saiu da sinagoga, que estava em completo silêncio.

Naquele mesmo final de tarde, vestindo o traje de passeio escuro que usou durante a coroação de Pio XII, Zolli participou da missa vespertina na basílica de São Pedro.



Os aposentos do monsenhor Hugh O’Flaherty tinham vista para o pátio interno do Colégio Alemão, onde viveu desde que chegara a Roma.

Com sua nacionalidade irlandesa, poderia ter residido no Colégio Irlandês. Mas o Colégio Alemão ficava mais próximo do Santo Ofício. Vários outros sacerdotes viviam ali. Assim como ele, trabalhavam em horários pouco regulares e normalmente só se encontravam no caminho de ida ou volta da capela do colégio para celebrar a missa diária. Monsenhor Ottaviani havia dito a O’Flaherty que um deles era um criptógrafo e que outro trabalhava na Secretaria de Estado. Eles nunca falavam com ele sobre suas tarefas, e O’Flaherty nunca explicou suas ausências repentinas do colégio.

Desde 1941, ele era o inspetor do papa, responsável pela investigação das condições dos campos de prisioneiros de guerra aliados no norte da Itália. Havia milhares de

prisioneiros, muitas vezes mantidos em condições precárias. A cada visita, sua primeira tarefa era verificar os registros dos campos para ver quantos novos prisioneiros de guerra haviam chegado. Quando voltava a Roma, passava os nomes ao conde de Salis para que esse pudesse tomar as providências para que os novos prisioneiros recebessem as remessas da Cruz Vermelha. O'Flaherty também pedia que a Rádio Vaticano colocasse os nomes no ar; assim, os parentes saberiam que seus entes queridos estavam a salvo.

Em 1943, havia setenta campos de prisioneiros com 75 mil oficiais e homens das forças aliadas. A maioria provinha da Grã-Bretanha e de seus países da *Commonwealth* e havia sido capturada pelo Corpo Africano do Exército Alemão durante os dois anos de operações militares no deserto. Mil e quinhentos eram americanos, em sua maioria pilotos das forças armadas dos EUA que foram derrubados e outros membros das tripulações.

O relacionamento de O'Flaherty com de Salis havia se transformado em amizade, o que o levou a se encontrar com a princesa Enza Cortes e a marquesa Di Meana. Elas haviam usado sua influência para apoiar a campanha de O'Flaherty em favor da nomeação de mais médicos e capelães para os campos de prisioneiros.

Em um dos banquetes dados pela princesa Enza, ele foi apresentado a uma jovem e atraente viúva, a princesa Nina Pallavicini. O marido dela, um piloto da força aérea italiana, havia sido derrubado sobre a Sicília durante uma batalha aérea com um caça americano. Sua perda aprofundou sua oposição ao governo fascista. Depois do jantar, enquanto ele a acompanhava a pé de volta ao *palazzo*, localizado próximo ao Quirinale, Nina lhe contou que tinha um rádio com o qual conseguia ouvir a *BBC* e outras transmissões radiofônicas proibidas. Quando ele perguntou se ela não estava em perigo de ser presa, Nina respondeu sorrindo que contaria com a ajuda dele, se chegasse a tanto. Ele prometeu que ela sempre poderia confiar nele. Quando chegaram ao portal do *palazzo*, ela impulsivamente ficou na ponta dos pés e lhe deu beijos em cada lado do rosto.



Por dois anos, O'Flaherty continuou com suas visitas regulares aos campos de prisioneiros, levando notícias de novos sucessos das forças aliadas e distribuindo cópias de um livro de orações que ele havia compilado e conseguido que o *L'Osservatore Romano* imprimisse. Em cada campo de prisioneiros, celebrava uma missa e ouvia as confissões. Levava consigo uma gaita de boca e uma flauta irlandesa e conduzia os prisioneiros no canto; suas versões de *Danny Boy* e *It's a Long Way to Tipperary* eram as favoritas.

De volta a Roma, muitas vezes trabalhava até tarde da noite em seu aposento, datilografando relatórios em uma máquina de escrever velha, deixando-os com o padre encarregado das atividades noturnas na Secretaria de Estado a fim de que os entregasse ao cardeal Maglione logo de manhã. Depois de uma noite de sono curto, O'Flaherty caminhava pelas ruas do Vaticano, onde o dia começava cedo com a montagem das

barracas do mercado, as persianas das lojas levantadas e os primeiros café abertos.

Como de costume, tomava café da manhã em um café de uma rua secundária, sentado em uma mesa simples de madeira, bebendo em goles pequenos seu chocolate quente e comendo um bolo feito na hora, desfrutando da companhia matutina dos romanos. Eles olhavam para ele com respeito, sempre lhe perguntando sua opinião sobre a guerra. Ele lhes contava que tinha esperança de que Mussolini fosse realista o suficiente para saber que o Eixo estava perdendo de forma irrevogável; o Duce teria fracassado junto à nação italiana, mas, diferentemente de Hitler, certamente não estaria disposto a permitir que bombardeassem Roma. Sabia que era o que aquelas pessoas queriam ouvir, palavras de conforto de dentro do Vaticano.

Diariamente, o estado de espírito se tornava mais esperançoso na cidade com as notícias de novos desastres para o Eixo: os russos haviam retomado Stalingrado, e os britânicos estavam expulsando os Corpos Africanos do Exército do norte da África.

Os relatórios de O'Flaherty em suas visitas aos campos de prisioneiros refletiam o estado de ânimo cada vez mais melancólico dos guardas italianos, muitas vezes simples recrutas. Em contrapartida, o otimismo tomava conta da maioria dos prisioneiros. Suspeitava que o número de cavadores de túneis havia aumentado.

Em mais de uma ocasião, quando chegava ao campo de prisioneiros depois de uma fuga bem-sucedida, o comandante o acusava de ter ajudado. A questão chegou a um ponto crucial quando um dos censores descobriu, em uma carta de um prisioneiro para sua família em Londres, que “nosso monsenhor nos traz notícias de que Mussolini é cachorro morto. Nosso padre nos diz que em breve o Duce receberá seu castigo merecido”.

A carta foi encaminhada para a sede do exército em Roma, de onde foi enviada ao departamento de Relações Exteriores, que fez contato com a Santa Sé. Também foi entregue ao monsenhor Montini, subsecretário de Assuntos Ordinários, para que tratasse do assunto.

Ele mandou chamar O'Flaherty e lhe disse que, embora o papa visse seu trabalho como valioso, o governo italiano estava sendo pressionado por seus “parceiros nazistas” — Montini nunca se referia a eles com qualquer outro termo — para achar meios de fazer que a Santa Sé se comprometesse com a neutralidade, e que seria melhor se as visitas aos campos de prisioneiros fossem interrompidas.

Em suas anotações sobre a conversa, Montini observou: “Sempre há judeus que precisam de nossa ajuda”.

O'Flaherty se perguntava qual seria sua próxima tarefa.



Foa decidiu esperar uma semana inteira antes de requisitar a presença de Zolli para discutir o incidente ocorrido na sinagoga. O rabino-mor disse que não havia ido só para

pedir desculpas por qualquer mal-entendido que houvesse causado à congregação; disse que estava ali para discutir algo muito mais importante. Tirou um maço de cartas de uma pasta, explicando que haviam sido escritas antes de ele ir para Roma.

Depois de ler várias cartas em voz alta, Zolli disse que seus autores estavam mortos, capturados pelos nazistas.

Foa estava sentado em silêncio em sua cadeira de encosto alto quando Zolli selecionou outra carta. O autor afirmava que era um alívio poder permanecer no gueto e não ter alguém apontando para ele na rua, identificando-o como judeu, ou ter algum membro da Hitler *Jugend* [Juventude Hitlerista] cuspiando nele. Zolli colocou a carta de volta no final do maço.

— Seu gueto ficava em Lodz. O local não existe mais. Os nazistas capturaram todas as pessoas de lá — disse Zolli.

Havia um tom diferente em sua voz quando disse a Foa que, até aquele momento, acreditava que os judeus de Roma estavam em segurança em seu gueto. Mas que esse não era mais o caso.

— Os nazistas virão — repetiu. — Como dizem as Escrituras, “ninguém sabe o dia ou a hora”. Mas eles virão com certeza, e temos de nos preparar. Temos de sair de Roma.

O rabino-mor descreveu o que havia acontecido com outras comunidades judaicas na Europa. Falou com refugiados que haviam chegado a Roma e que lhe contaram como conseguiram escapar de um banho de sangue. Todos lhe faziam a mesma pergunta: por quanto tempo Roma ainda seria poupada daquilo?

Foa finalmente falou. Só de considerar a proposta de Zolli, uma imigração em massa da comunidade, as pessoas ficariam ainda mais nervosas. Já havia conversas suficientes sobre o assunto. Disse que a tarefa de Zolli não era chocar sua congregação, e sim tranquilizá-la.

Foa lhe contou sobre a visita ao papa e as garantias que recebera. O rabino-mor olhou-o espantado: como Foa conseguira ver o papa? Foa explicou que eles se conheciam havia muitos anos. Zolli balançou a cabeça, admirado.



Graziano Perugia, o açougueiro *cashier*, estava guardando a última peça de carne na câmara fria, que ficava na parte detrás do estabelecimento, quando um carro estacionou do lado de fora. As pessoas pararam para olhar; era incomum ver um veículo motorizado naquela rua, já que os produtos eram entregues com carrinhos de mão, inclusive a carne de Graziano.

O homem elegantemente vestido que surgiu de trás do volante também era um estranho para os homens em seus macacões de trabalho e mulheres e crianças com roupas já bastante puidas. Todos pararam e ficaram olhando enquanto o homem verificava o nome do açougue e, logo em seguida, entrava no estabelecimento.

O conde de Salis foi levar as notícias que a sede da Cruz Vermelha em Genebra havia recebido de seu representante na Cracóvia, dizendo que a cunhada viúva de Graziano e os três filhos dela foram levados por um dos *Einsatzgruppen*, ou esquadrões de ação, em uma caça a judeus ocorrida há algumas semanas.



Às 7 horas da manhã de segunda-feira, dia 19 de julho de 1943, a polícia municipal, em seu uniforme branco de verão, patrulhava o lado italiano da praça São Pedro e observava como os varredores juntavam os folhetos mais uma vez lançados pelos bombardeiros das forças aliadas durante a madrugada, instigando os romanos a se “distanciar do maldito ditador Mussolini”. Na véspera, a voz estridente do secretário nacional do Partido Fascista, Carlo Scorza, havia exigido na Rádio Roma: “Italianos, resistam em toda parte. Resistam. Resistam!”. Os folhetos que caíam do céu ridicularizavam suas palavras e causaram mais um estremecimento em todo o regime; eram prova de que as forças aéreas aliadas controlavam os céus italianos.

Dez dias antes, as forças aliadas haviam chegado à Sicília, e a ilha do Mediterrâneo se transformara, de uma hora para a outra, em trampolim para chegar a terra firme italiana.

Os brados de Scorza soavam falsos, e já havia uma resistência interna. Os seis grupos políticos antifascistas de Roma haviam se encontrado secretamente na virada do ano para formar um movimento clandestino que tinha como objetivo a derrubada de Mussolini. Os comunistas fizeram uma aliança pouco confortável com os monarquistas; os socialistas se juntaram aos liberais. Dessa coalizão surgiu o Comitê de Libertação Nacional, o CLN. Sob seus auspícios, estava uma grande quantidade de entidades clandestinas, incluindo o poderoso movimento anarquista trotskista *Bandiera Rossa* [bandeira vermelha]. Coletivamente, formavam a Resistência.

Em pouco tempo, o movimento contava com estudantes, trabalhadores ferroviários, jornalistas, donas de casa, artistas, escritores, advogados, professores universitários, lojistas, médicos e enfermeiras. Alguns já haviam usado uma arma em momentos de ira; aprenderiam a atirar com armas velhas. Alguns provinham de famílias de alta classe, muitos eram membros da classe trabalhadora, outros eram fascistas desiludidos, desgostosos com seus rituais vulgares. Todos amavam seu país e, acima de tudo, Roma. Era uma cidade sem sindicatos trabalhistas, sem direito de se reunir fora dos desfiles fascistas e com uma imprensa que predominantemente seguia a linha do Partido Fascista. De boca em boca, a Resistência havia conseguido se juntar, reunindo-se secretamente, evitando a polícia e seus informantes, sabendo que, se fossem pegos, teriam de enfrentar a prisão ou a morte. O dr. Vittorio Sacerdoti falou em nome de muitos quando disse que tinha ingressado na Resistência porque queria fazer de Roma um lugar melhor.

Naquela manhã, começaram a juntar folhetos que os aviões haviam jogado para colocá-los nas caixas de correio dos prédios do governo e pintar em suas paredes uma

mensagem. “A Resistência está pronta.”



Padres e freiras recolheram folhetos da praça São Pedro e os levaram para dentro do Vaticano, onde os jardineiros recolhiam os que haviam caído nos canteiros de flores, na grama, nas ruas e nas trilhas.

No apartamento papal, Pascalina já havia lido um deles antes de prosseguir com seus preparativos. A cada semana ela visitava, em ordem sequencial, um dos hospitais pelos quais o Vaticano era responsável sob o Tratado de Latrão, a fim de determinar quais remédios e suprimentos eram necessários. Os alimentos provinham da fazenda de Castel Gandolfo, onde ficava a residência de verão do papa. Estava cada vez mais difícil conseguir os medicamentos, por causa dos contratos rigorosos do governo. Embora os administradores dos hospitais nunca o houvessem mencionado, Pascalina suspeitava que os medicamentos essenciais eram comprados no mercado negro.



Em 23 de maio de 1943, o secretário de Estado, Maglione, buscou garantias do conde Ciano de que Roma se tornaria uma “cidade aberta”.

Sob as leis internacionais de guerra, a cidade poderia ser declarada “aberta” se um beligerante declarasse que não a defenderia ou não a usaria para fins militares. Em 1940, o governo francês tinha evacuado Paris para ir a Bordéus e declarar Paris como cidade aberta. Em teoria, Mussolini poderia fazer o mesmo e mudar todo seu governo e a sede militar para Milão ou Turim, assim como Hitler havia estabelecido que *Wolfschanze* sua Toca do Lobo, seria sua central de comando.

Mas a situação em Roma era mais difícil. O Vaticano ficava no subúrbio. O sistema de transporte italiano não permitia que Roma fosse evitada por qualquer movimento militar que seguisse em direção ao sul do país. Mussolini também havia permitido que os alemães estabelecessem um quartel-general em Frascati, nas colinas Albanas, e em Roma, em um hotel na Piazza del Popolo, bem como no Ministério da Marinha e em vários edifícios que ficavam na Piazza del Oca. A cidade era um local estratégico fundamental para os alemães, para canalizar suprimentos na direção sul, com o objetivo de combater as forças aliadas.

Depois de uma de suas reuniões com o papa, D’Arcy Osborne havia comunicado a Londres que Pio “está em estado de confiança e fé sobre a questão e parece sentir que recebeu uma missão de Deus para salvar a cidade que é tão sagrada quanto Jerusalém”. Contudo, Maglione não era da mesma opinião. O secretário de Estado temia que os britânicos e americanos não tivessem mais alternativa que “no mínimo bombardear os

pátios de manobras ferroviárias de Roma”.

O alto-comando dos Aliados, ao preparar a invasão da Itália, tomara a decisão de que tanto os pátios de manobras ferroviárias quanto as estações de trens de Roma e os campos aéreos próximos poderiam ser bombardeados.



ra uma manhã de tempo aberto, e as tripulações da primeira onda de Fortalezas Voadoras B-17 e B-24 dos Libertadores da Décima Nona Força Aérea dos EUA conseguiam ver a cúpula da basílica de São Pedro brilhando ao sol. Eram 521 aviões, cada um deles carregando oito bombas de cerca de 230 quilos, um total de cerca de mil toneladas de explosivos. O compartimento de transporte e lançamento de bombas começou a se abrir no avião que liderava o grupamento. Eram pouco depois de 8 horas da manhã daquela segunda-feira, 19 de julho de 1943.



Rosina Sorani e seu irmão, Settimio, deixaram o café, onde normalmente faziam o desjejum, e seguiram para o trabalho ao longo do Tibre quando as sirenes de ataque aéreo começaram a soar. E logo viram a primeira onda de bombardeiros se aproximar. Rosina gritou: “Mais folhetos!”. Settimio balançou a cabeça negativamente: os aviões estavam altos demais para jogar panfletos. Nos últimos meses, ele havia se tornado especialista em lançamentos. Disse a sua irmã que os aviões provavelmente estavam indo para o norte, a fim de bombardear alvos.

— Eles estão voando em direção ao Vaticano — insistiu Rosina.

— Sempre vão nessa direção. Isto os ajuda na navegação — explicou o irmão mais velho.

Ela sorriu; Settimio era um sabe-tudo. Continuaram caminhando.

De repente, houve uma explosão muito alta na área da Escola de Medicina da Universidade de Roma, próxima à estação de trens. E então, outro estrondo ensurdecedor, rapidamente seguido de uma série de enormes explosões, como se fossem fogos de artifício gigantes. Uma nuvem de fumaça subiu ao céu. Em volta deles, as pessoas gritavam e corriam para todos os lados, exceto na direção da fumaça que subia. As bombas continuavam a cair. Agarrando a mão da irmã, Settimio correu em direção ao prédio onde a *Delaxem* tinha seus escritórios.



A princesa Virginia Agnelli, filha da família Fiat, dirigia um dos mais recentes modelos

produzidos pela companhia automobilística da dinastia; andava pela Via Ápia em direção a Roma. Havia passado o final de semana com amigos no interior, e as conversas giravam em torno da guerra.

Ainda estava a quilômetros da cidade quando viu que o céu sobre o distrito de São Lourenço estava ficando escuro. Mais tarde, lembrou-se do fato e descreveu-o como “preto tingido de vermelho”. De seu ponto de sua vista privilegiado, no caminho cerimonioso ao longo do qual legiões romanas vitoriosas haviam marchado para dentro da cidade dois mil anos antes, ela viu as bombas caindo próximo aos muros antigos da cidade.



Mose Spizzichino e outros vendedores ambulantes que ainda tinham licença estavam próximos à estação de trens quando as primeiras bombas caíram. As explosões foram acompanhadas de vagalhões de nuvens de fumaça espessa. As pessoas iam na direção deles, gritando e sangrando por causa dos ferimentos. Os vendedores ambulantes usavam trapos para enfaixar os ferimentos, e aqueles que não conseguiam caminhar eram colocados nos carrinhos de mão, que empurravam de volta à cidade, até o hospital mais próximo. Atrás deles, as bombas continuavam a cair.



Em seu escritório, o conde de Salis monitorava os eventos para o relatório que teria de preparar para a sede da Cruz Vermelha Internacional em Genebra. A Rádio Roma transmitia um apelo contínuo para que todos os homens aptos fossem para o distrito de São Lourenço a fim de ajudar nos trabalhos de resgate. As enfermeiras de folga deveriam se apresentar em seus hospitais. Os médicos que não estivessem ligados a nenhum hospital deveriam ir para São Lourenço. A princesa Enza Pignatelli já tinha ligado para de Salis; dissera que estava contatando os conventos da cidade para que as freiras fossem enviadas para ajudar. Pouco depois, a rádio relatou que haviam caído bombas no principal cemitério de Roma, o Campo Verano. Mais tarde, descobriu-se que, entre os túmulos danificados, estava a sepultura da família Pacelli, onde os pais e irmãos do papa Pio estavam enterrados.



O secretário de Estado, Maglione, havia se juntado ao grupo crescente de pessoas que, no terraço panorâmico do Palácio Apostólico, observavam as bombas caindo. Um mês antes, Harold Tittmann, o enviado dos EUA, havia entregado uma resposta do presidente

Roosevelt à requisição do papa de que Roma “fosse poupada de ataques”. Roosevelt escreveu:

Os ataques contra a Itália ficarão limitados, na medida do humanamente possível, a objetivos militares. Nós não fizemos nem faremos operações de guerra contra civis ou objetivos não militares. Caso seja considerado necessário que aviões das forças aliadas operem sobre Roma, nossos pilotos já estão muito bem informados sobre a localização do Vaticano e foram especificamente instruídos a evitar que bombas caiam dentro da Cidade do Vaticano.



No telhado plano de seu apartamento em Santa Marta, D'Arcy Osborne observava o ataque aéreo com May e Jeremy, o cachorro do ministro. Desse local privilegiado, viram que a basílica medieval de São Lourenço estava tomada por chamas. Mais tarde, Osborne registraria o seguinte: “Aconteceu que havia vários bondes próximos à Igreja. Os mortos nesse episódio foram incluídos nos números oficiais: 717 mortos e 1.599 feridos nesse ataque aéreo”.



No momento em que ouviu o barulho da primeira explosão, o professor Borromeo ativou os planos de emergência do hospital. Os pacientes começaram a ser levados para os porões, enquanto os porteiros fechavam as venezianas das janelas para que houvesse alguma proteção contra a explosão das bombas. As operações não essenciais foram postergadas; e as equipes cirúrgicas, preparadas para ficar de prontidão, caso fosse necessário atender a feridos. Uma equipe de triagem foi posicionada na entrada do hospital para receber as vítimas e determinar a seriedade dos ferimentos. O dr. Vittorio Sacerdoti estava no comando. Procedimentos parecidos foram implantados nos outros hospitais da cidade.



Harold Tittmann estava com o monsenhor Montini no Palácio Apostólico quando um porteiro entrou correndo e gritando que Roma estava sendo bombardeada. Lembrou o piloto de avião de combate da Primeira Guerra Mundial:

Os aviões eram bonitos de ver. Voando em formação perfeita de três, moviam-se rapidamente na direção de seus alvos, reluzindo na luz radiante do sol. As defesas antiaéreas fizeram muito barulho, mas foram completamente ineficientes. Pareciam estar sempre atirando atrás das aeronaves. Quando vimos nuvens enormes de fumaça que subiam na direção da estação de trens, sabíamos que seria a vez de Roma sofrer com os horrores da guerra.

O pátio de cargas e a fundição de aço no distrito de São Lourenço arderam em chamas, assim como vários prédios da Escola de Medicina da Universidade de Roma.



Ugo Foa e Dante Almansi juntaram todos os homens disponíveis no gueto para ir ao distrito de São Lourenço fornecer ajuda. Equipados com picaretas e pás, requisitaram à força bondes e caminhões para que fossem levados às áreas atingidas pelas bombas.

Entre eles, estava Settimio Sorani. Quando chegaram ao local, ele encontrou um amigo, Asmelo Ricci, que vivia em uma das ruas bombardeadas. Settimio lembrou:

Asmelo gritava que sua esposa e filha estavam soterradas sob os escombros do que havia sido sua casa. Cavava feito louco só com as mãos. Começamos a ajudar. Havia chamas por todo lado e pouca água para combatê-las. Os canos estavam quebrados e pedras de construção caíam por toda parte em nossa volta. Primeiro, conseguimos retirar a filha e, depois, achamos a esposa. Ambas estavam mortas. Nós as colocamos em uma ambulância.



No terraço de Villa Savoia, a pouco mais de um quilômetro de São Lourenço, o rei Vítor Emanuel, de setenta e três anos de idade, e a rainha observavam como os bombardeiros circulavam sobre seus alvos. Com seus binóculos, ele tentava contar os aviões e distinguir as Fortalezas Voadoras dos Libertadores. O ajudante de campo do rei, general Paolo Puntoni, um veterano da Guerra da Abissínia, chegou com a notícia de que a pista de decolagem de Ciampino estava crivada de crateras e que seus hangares estavam destruídos, com os aviões ainda dentro. A defesa aérea de Roma havia se incendiado rapidamente.



O papa ficou parado à janela de seu escritório junto com Pascalina; observaram o ataque

aéreo até que as sirenes anunciaram que havia chegado ao fim. Ela viu que as lágrimas nos olhos dele haviam se transformado em raiva. Ele lhe disse que solicitasse a Stoppa, seu chofer, que preparasse seu carro. Pio saía do Vaticano pela primeira vez desde que a guerra começara.



O som do poderoso motor anunciou a chegada do carro do papa, exibindo as fâmulas pretas e amarelas da Cidade do Vaticano em seus para-lamas frontais. Parou em frente à basílica bombardeada de São Lourenço. Pio surgiu em sua batina e solidéu brancos e ajoelhou-se no chão; sua face estava pálida e sofrida quando entoou as palavras do *De Profundis*, o salmo dos mortos.

Próximas dali, as ambulâncias levavam os corpos. As chamas crepitantes destruíam um grande número de vagões de passageiros e de frete nos ramais ferroviários. A fumaça emanava das casas e armazéns. Pedacos de parede continuavam a cair da basílica, enquanto as chamas continuavam a crepitar do lado de dentro, onde ficava o túmulo do papa Pio IX.

Monsenhor Montini havia acompanhado o papa e levava consigo um suprimento em dinheiro para que os monges capuchinhos, que eram responsáveis pela basílica, pudessem distribuí-lo às famílias locais.

Mais tarde, Montini se lembraria de como Pio se movimentara entre os feridos e mortos, abençoando-os igualmente, enquanto médicos e enfermeiras faziam seu trabalho. Entre eles, estavam estudantes da escola de medicina próxima, que também havia sido bombardeada. Um deles era Rosario Bentivegna, um estudante do terceiro ano que pretendia ser cirurgião; fazia parte da Resistência. Tinha vinte e um anos de idade, mas, depois de uma vida toda, ainda se lembraria daqueles momentos de terror:

Em de um curto espaço de tempo, estávamos trabalhando com escombros e sangue até os tornozelos. Foi um marco em minha vida. Eu já havia visto o lado mais horrendo de uma guerra perdida. Era a carnificina de inocentes.



Na noite anterior ao ataque aéreo, Benito Mussolini pegara um avião em Ciampino para ir à cidade de Feltre, na região do Vêneto, a fim de se encontrar com Hitler — sua décima terceira reunião desde que haviam somado forças. Durante o voo em direção norte, os conselheiros militares e políticos haviam instigado o Duce a convencer Hitler a liberar a Itália de acordos mútuos, uma decisão que beneficiaria tanto Berlim quanto Roma. Em vez disso, ele assegurou a Hitler que a Itália continuaria com os combates.

Aquela decisão foi decisiva para o plano de derrubada de Mussolini, que havia sido aprovado secretamente pelo rei Vítor Emanuel. O plano foi idealizado por Stewart Menzies, chefe do MI6, com quem o rei havia se encontrado em uma visita a Londres antes da guerra, acompanhado de um velho membro da corte real, o duque Pietro d'Acquarone, que se tornara o elo entre Londres e os conspiradores. Estes eram liderados pelo general Vittorio Ambrosio, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas.

Osborne também tinha um papel na conspiração. Menzies lhe perguntou se o conde Ciano deveria ser investigado: ele não era mais ministro das Relações Exteriores da Itália; agora era embaixador junto à Santa Sé. Osborne recomendou insistentemente que nenhuma abordagem fosse feita a Ciano: dentro do Vaticano, sua nomeação foi vista como um insulto calculado para ter um embaixador tão identificado com Mussolini e o fascismo.

Depois de o avião da Força Aérea Italiana voltar da reunião realizada em Feltre, o general Ambrosio pegou um carro e foi se encontrar com o rei. Reuniram-se na biblioteca de Villa Savoia, onde o general revelou a decisão de Mussolini de continuar com a guerra, acrescentando que os alemães não teriam os recursos militares para lançar um contragolpe contra os conspiradores. Ambrosio se lembrou do que disse na ocasião: “Vossa Majestade, chegou a hora de tomar a decisão de liquidar Mussolini”. O rei acenara positivamente com a cabeça. A data estabelecida foi domingo, dia 25 de julho, dali a seis dias.



Menzies decidiu chamar Osborne a Londres para informá-lo sobre o progresso dos conspiradores em seu plano. Era vital saber em quais generais italianos se poderia confiar quando o momento crucial chegasse. Osborne foi instruído a consultar o médico do Vaticano “sobre sua saúde”. O médico recomendou que Osborne recebesse permissão do governo italiano para voar à Suíça, a fim de consultar um especialista. Maglione informou ao Ministério das Relações Exteriores que, sob o Tratado de Latrão, a condição de saúde de Osborne permitia que ele viajasse a um país neutro sob o entendimento de que voltaria.

Em uma semana, Osborne se encontrava em Londres. Informou Menzies, que lhe deu uma carta de um médico suíço que confirmava ter examinado Osborne e que o tratava por conta de um estresse. O médico era um contato do MI6 em Genebra. Osborne, então, foi levado ao Palácio de Buckingham e, de forma privada, nomeado cavaleiro pelo rei Jorge VI. Ele se tornaria duque de Leeds, um título que não poderia usar antes do final da guerra. Antes de retornar a Roma, passou um dia com um instrutor na escola de criptografia do MI6 para aprender a usar os códigos mais recentes.

Durante o jantar com Menzies, Osborne lhe contou sobre Hugh O'Flaherty e suas visitas aos prisioneiros aliados.

“Um homem que parece muito útil, mesmo sendo um pouco antibritânico”, dissera Menzies.



Logo depois dos bombardeios, os criptógrafos da Santa Sé trabalharam incansavelmente em mensagens enviadas pelo e para o papa. Pio ordenou que sua mensagem para os núncios fosse publicada:

O que tanto temíamos como resultado dos bombardeios agora é uma triste realidade. Uma das basílicas mais importantes, a de São Lourenço Extramuros, agora está praticamente destruída.

Quando Osborne leu a mensagem na edição seguinte do *L'Osservatore Romano*, disse a Tittmann que lamentava que Pio houvesse falhado ao não levantar sua voz contra a destruição de igrejas inglesas provocadas por bombardeiros alemães em um estágio anterior da guerra.



O rabino-mor Zolli visitou São Lourenço para ver a extensão dos estragos causados. Alguns de seus estudantes do colégio rabínico faziam parte da equipe de resgate. Cobertos de sujeira, os rostos manchados de suor, moviam-se cuidadosamente em meio ao entulho para resgatar corpos.

Durante a noite, *slogans* foram pichados nas paredes dos prédios. Os dois mais comuns eram “Queremos Paz” e “Abaixo o fascismo”. Um dos estudantes contou a Zolli que Mussolini havia ido até aquele local por volta da meia-noite e uma velha senhora, que estava procurando seus netos, gritara com o Duce. Ele ordenara que um de seus assistentes lhe desse algumas liras. Ela cuspira no dinheiro, dera-lhe as costas e se fora.

O bombardeio havia convencido Zolli de que não era mais seguro para sua família continuar na casa onde moravam; agora que os americanos haviam bombardeado Roma, seria só uma questão de tempo até que repetissem a dose. Inevitavelmente, os alemães chegariam para ajudar Mussolini a defender a cidade, e os judeus seriam presos. Ele não havia falado sobre seu temor à Emma, sua esposa, e às filhas, a fim de não as assustar. Perguntava-se se não deveria discutir a situação com o padre Weber. Ele havia se encontrado com o padre palotino quando este levava refugiados para o gueto. Weber dissera a Zolli que, caso algum dia precisasse de ajuda, poderia providenciá-la, explicando que havia recebido 1.500 vistos de imigração do governo brasileiro para que judeus pudessem ir para lá. Zolli havia lhe agradecido. Mas ir para a América Latina — assumiria mais tarde — era pouco atrativo para ele.



O barão Ernst von Weizsäcker, um antigo oficial da marinha alemã, havia substituído Diego von Bergen como embaixador credenciado junto à Santa Sé. Finalmente havia sido convocado de volta a Berlim pelo ministro das Relações Exteriores, Joachim von Ribbentrop, por “baixa qualidade dos relatórios”. Weizsäcker já estava havia cinco anos no Ministério das Relações Exteriores e ascendera ao cargo de subsecretário de Estado.

Sua jornada de ascensão ao escalão superior do Ministério incluía a leitura diária dos relatórios dos *Einsatzgruppen*, as unidades especiais da SS, que sistematicamente assassinavam judeus poloneses e russos. Participara da Conferência de Wannsee, em Berlim, para concluir a “Solução final para a questão judaica”, e assinara uma cópia do protocolo. A tabela de horários dos trens, elaborada pelo escritório de Adolf Eichmann responsável pelas deportações para os campos de extermínio, chegava a sua escrivaninha. Em dado momento, mais tarde, afirmara: “Fiquei enojado com o que era feito em nome do povo alemão”.

Ele havia persuadido Ribbentrop a permitir que ficasse a cargo de uma tarefa moralmente menos ofensiva — analisar o tráfego de informações interceptado pelo *Forschungsamt*, o departamento alemão de decifração de códigos secretos. Havia mensagens entre a Santa Sé e suas nunciaturas. Em 1943, os criptógrafos alemães haviam conseguido decifrar alguns dos códigos secretos do Vaticano, mas o sucesso teve pouco efeito nos esforços de guerra da Alemanha. Apesar disso, Weizsäcker tinha de apresentar sua análise ao almirante Canaris.

No início, as reuniões se resumiam a repassar informações resumidas ao chefe da espionagem em seu escritório e a responder a algumas poucas questões. Mas, aos poucos, Canaris começou a explorar a atitude de Weizsäcker em relação à guerra. Embora tivesse consciência do risco que assumia, o vice de Ribbentrop resolveu dizer que a continuidade da guerra só poderia resultar na derrota e no desmembramento da Alemanha. Ele achava que um acordo negociado seria a única esperança. Mais tarde, Weizsäcker se lembraria:

Canaris estava sentado perfeitamente imóvel, seus olhos fixos em mim. Quando resolveu falar, sua questão foi simples. Perguntou se eu acreditava que o Vaticano poderia atuar como mediador. Respondi que Hitler só aceitaria mediação papal se estivesse convencido da simpatia do papa pela Alemanha.

Houve mais reuniões nas quais Weizsäcker foi encorajado a criticar os relatórios de Von Bergen a Ribbentrop. Nesse meio-tempo, Canaris convenceu o Ministério das Relações Exteriores sobre a importância de manter Weizsäcker em Roma. Em um memorando datado de 8 de maio de 1943, que viria à tona nos julgamentos de Nuremberg, Canaris escreveu a Ribbentrop:

Weizsäcker é um dos fenômenos mais interessantes do momento, um tipo revelado e aperfeiçoado por meio de idealismo e astúcia sem interesses, tal como é particularmente raro de encontrar na Alemanha. Recomendo com grande insistência que ele seja delegado a Roma, lugar onde poderá ser muito útil para servir a nossa nação.

No dia 10 de julho, Weizsäcker apresentou suas credenciais ao papa Pio XII. Canaris havia instruído o novo embaixador dizendo o que esperava dele.



Era costumeiro que o papa e o novo embaixador se reunissem, sozinhos, depois da cerimônia de acreditação. Era o momento de o encarregado de negócios diplomáticos delinear as políticas atuais de seu governo em relação à Santa Sé e expressar sua expectativa de cooperação mútua. Weizsäcker começou dizendo que havia sido instruído a dizer que a Alemanha jamais bombardearia “ou prejudicaria de qualquer forma” o Vaticano. O único registro do que se seguiu seria a descrição dada por Weizsäcker: o papa teria lhe agradecido. “Passei a discutir as perspectivas de paz. Sua Santidade disse que esse era seu maior desejo, e eu cuidadosamente sugeri que o Vaticano poderia ter um papel importante nisso.”

Porém, como recordou Weizsäcker em seu telegrama subsequente a Berlim, “houve silêncio. A resposta do papa foi: ‘No momento, não parece haver nenhuma indicação na qual basear qualquer trabalho prático pela paz’”.

A audiência estava terminada. O plano de Canaris, de usar Weizsäcker para persuadir o papa a se envolver no plano para derrubar Hitler, havia encontrado seu primeiro obstáculo.



Passariam anos até que a resposta do papa viesse à tona nos julgamentos dos crimes de guerra de Nuremberg, quando Weizsäcker foi confrontado, em 1946. Ele seria sentenciado a sete anos de detenção. A única referência adicional a seu papel em Roma como colaborador do almirante Canaris para usar o papa surgiu em 1950, quando o embaixador escreveu em sua autobiografia: “Para aqueles que não conseguirem entender por si sós o que eu estava fazendo, realmente não tenho nada mais a dizer”. Ele faleceu em 1951, seu silêncio incólume.

Em uma caixa de arquivos com depoimentos juramentados — os que tratavam de Weizsäcker, Caso Onze na lista de julgamentos de Nurembergoos criminosos menores de guerra —, há um documento que eventualmente pode explicar aquelas palavras. Ele se

refere ao religioso mais controvertido dentro do Vaticano em 1943, o bispo Alois Hudal.



A missão alemã junto à Santa Sé estava instalada em Villa Napoleon e era composta por Weizsäcker, o primeiro-secretário, Albrecht von Kessel, descendente de uma família proprietária de terras na Baviera, dois secretários, um cozinheiro, um chofer e um jardineiro. Em contrapartida, a Embaixada do Reich na Itália estava instalada na suntuosa Villa Wolkonsky, cujo embaixador, Rudolf Rahn, comandava vários adidos e cinco secretários. A equipe doméstica contava com quatro criadas e um mordomo, dois *chefs*, três jardineiros e dois motoristas.

Kessel havia descrito para Weizsäcker os principais padres alemães dentro do Vaticano: padre Leiber: “É um antinazista dedicado”; monsenhor Johannes Schönhofer: “fielmente aciona a propaganda e nele se pode confiar”; Ivy Zeiger, reitor do Collegium Germanicum, o Colégio Alemão: “É extraordinário em seus ensinamentos e não gosta de Hitler”; padre Augustine Maier, professor catedrático na Universidade Beneditina na cidade: “Um convidado agradável para jantares”.

Quando chegou ao bispo Alois Hudal, o jovem diplomata fez uma descrição diferente.



Hudal era reitor do Colégio Pangermânico de Santa Maria dell’Anima, o principal centro de treinamento para padres alemães em Roma. Havia se tornado membro do Partido Nazista depois de Hitler ter lhe agradecido por um telegrama no qual apoiava a anexação da Áustria. Em 1937, Hudal enviou uma cópia de seu livro, *Die Grundlagen des Nationalsozialismus* [Os alicerces do nacional-socialismo], a Hitler e, com uma carta de agradecimento do *Führer*, recebeu um distintivo dourado de afiliação ao Partido Nazista. O livro foi publicado no mesmo ano em que a encíclica papal *Mit Brennender Sorge* [Com profunda preocupação] abertamente atacava o nacional-socialismo. Embora Hudal continuasse em seu cargo, sua ascensão constante no Vaticano havia sido interrompida à medida que suas visões em favor dos nazistas se tornavam conhecidas.

Em 1943, Hudal encontrou um novo meio de vazão para seus ideais. Tornou-se informante do RSHA — *Reichssicherheitshauptamt* — Escritório Central de Segurança do Reich. Ernst Kaltenbrunner, chefe do escritório, viu, no recrutamento de Hudal, um triunfo do serviço secreto no momento em que a Alemanha tentava estabelecer uma reaproximação entre a Santa Sé e o Terceiro Reich.

Hudal via a si mesmo como provedor de informações importantes. Seu controlador no RSHA, Waldemar Meyer, que viajava de forma regular e secreta a Roma, via Hudal

como uma verdadeira eminência parda dentro do Vaticano. Segundo Meyer, “ele conhece todos, e todos o respeitam”.

Hudal também havia se aliado a Giovanni Preziosi, um ex-padre antisemita radical que editava o *La Vita Italiana*, um jornal romano que perseguiu os judeus e tinha como modelo o *Der Stürmer*. Também estava em contato com um monge beneditino, o prior Hermann Keller, chamado por Kessel de “um agente da Gestapo”. Kessel os descreveu a Weizsäcker como “nossos pró-nazistas dentro do Vaticano”.



No entanto, Weizsäcker se surpreendeu em seu primeiro encontro com Hudal. As palavras iniciais do bispo diziam que via Hitler como um “Carlos Magno dos tempos modernos, um avalista para a criação de uma réplica moderna do Sacro Império Romano”.

O embaixador ainda se perguntava como responder àquelas colocações quando o bispo lhe assegurou que o ataque aéreo a Roma havia sido arranjado por Stalin. “Ele espera que esse ataque acabe com a aliança entre Mussolini e Hitler.”

Perplexo — “eu desejava não ter vindo para escutar essas tolices” —, Weizsäcker lembraria mais tarde: Perguntara a Hudal como sabia que Stalin estava envolvido no ataque. Hudal olhara fixamente para seu convidado: “Talvez você não saiba, mas eu tenho as minhas fontes de informação bem estabelecidas”.

Ele foi até uma de suas prateleiras e pegou uma cópia de seu livro *Die Grundlagen des Nationalsozialismus*. Autografou o livro e deu-o a Weizsäcker, acrescentando que Hitler também mantinha um exemplar em seu escritório.



No domingo, dia 25 de julho de 1943, Benito Mussolini estava à mesa para almoçar com sua mulher, Rachele, vestindo seu fraque, colarinho curto, polainas curtas e sapatos pretos reluzentes. Eram as roupas que sempre vestia quando se reunia com o rei. Disse a Rachele que confiava que o monarca o apoiaria e se livraria “daqueles bastardos”.

Na noite anterior, o Grande Conselho, entidade suprema do Partido Fascista, havia lhe pedido que participasse de uma reunião de emergência. Ele supusera que o encontro estava relacionado aos consertos dos estragos causados pelas bombas. Em vez disso, fora confrontado com a exigência de que renunciasse. Sentado à ponta da mesa de conferências, sua face marrom-arroxeadada, as veias de seu pescoço palpitantes, exigira que votassem. Dezenove dos vinte e seis membros do Conselho levantaram as mãos em favor da renúncia.

Ele saíra furioso do prédio, sabendo que precisava da aprovação do rei Vítor

Emanuel III para demitir o Conselho. Telefonara para o secretário do monarca, o general Puntoni. O ajudante de ordens dissera-lhe que o rei não estaria disponível antes do final da tarde de domingo. Mas afirmou que entraria em contato com o general Vittorio Ambrosio para providenciar uma guarda militar para a residência de Mussolini, onde deveria permanecer até ser levado de carro ao encontro com o rei. Em vez de sua escolta policial usual, teria uma de caráter militar. Tranquilizado, o Duce relaxara.

Pouco antes das 5 horas da tarde, sua limusine Fiat cruzava os portões da residência real. Mussolini saiu de seu carro para saudar o rei, que estava parado na entrada do palácio. Uma ambulância militar estava estacionada fora de vista.

O rei acompanhou o Duce para dentro do edifício. Caminhando atrás deles, Puntoni ouviu o rei dizer: “Você é o homem mais odiado da Itália, e agora só lhe resta um único amigo, eu”. E Mussolini olhou fixamente para ele e disse: “Este é meu colapso completo”.

Puntoni acenou para que entrasse no gabinete do rei, fechou a porta atrás deles e pressionou seu ouvido contra ela. Ouviu o rei dizer: “Eu sinto muito, mas não há outra saída”.

Puntoni se afastou da porta quando ouviu passos dentro do gabinete. O rei surgiu, seguido de Mussolini. Puntoni tomou seu lugar atrás deles, enquanto caminhavam de volta pelo corredor em direção à porta. Na entrada, a ambulância estava cercada de soldados, cada um deles portando um rifle. Um deles abriu a porta traseira. Mussolini voltou-se para o rei e perguntou por seu carro. O monarca disse: “A ambulância servirá para escondê-lo da fúria de meu povo”. Mussolini ficou visivelmente abatido e entrou na ambulância. A porta foi fechada, e o veículo partiu imediatamente.

Pouco depois de o veículo cruzar os portões da residência real, a Rádio Roma anunciava que o rei havia aceitado a renúncia de Mussolini e que um novo governo havia sido empossado sob o comando de Sua Excelência o marechal do Exército Pietro Badoglio.



A mensagem de Tittmann ao Departamento de Estado declarava:

O Partido Fascista afastou a si mesmo do poder por voto. Em toda a cidade, as pessoas estão participando, com muita alegria, da liquidação de todas as organizações fascistas. A atitude dos alemães é uma incógnita. O cardeal Maglione expressou sua esperança de que as forças aliadas mostrem paciência e compreensão em relação ao novo governo italiano.



No dia 8 de setembro de 1943, quando as forças invasoras britânicas aumentaram sua posição segura na ponta sul do continente e as forças americanas se preparavam para aterrissar em Salerno, o marechal Badoglio, conquistador da Etiópia em 1936, e o rei Vítor Emanuel fugiram para o sul, a fim de negociar a rendição incondicional com as forças aliadas. Naquela mesma noite, a Rádio Roma fez uma transmissão radiofônica com os termos do armistício:

Para todas as forças em terra, no mar e no ar. O governo italiano, reconhecendo a força esmagadora que possui o inimigo, requisitou um armistício ao general Eisenhower. A requisição foi aceita. Portanto, as forças italianas cessarão todos os atos de hostilidade contra as forças anglo-americanas, onde quer que se encontrem. Porém, resistirão a quaisquer ataques vindos de outras forças militares.



Em Roma e em outras partes, houve muitas celebrações, tanto pela retirada de Mussolini do poder quanto pela antecipação de que os exércitos aliados avançariam ao longo de toda a perna da Itália em questão de semanas.

Em Berlim, já enfrentando reveses militares na Rússia, quando Hitler ouviu as notícias, seu primeiro passo foi ordenar que dois exércitos alemães entrassem na Itália e começassem a avançar, descendo a península. Em velocidade igual, uma força da SS, as acompanharia para ocupar Roma. Em uma transmissão radiofônica de uma Ordem do Dia, Hitler disse que iria “tirar aquele bando de suínos de dentro do Vaticano e acabar com os judeus que estão sendo protegidos por eles”.



Durante todo o verão de 1943, o papa Pio continuava a expressar seu horror em relação ao destino dos judeus. No dia 2 de junho, usou a Rádio Vaticano para advertir que “qualquer ser humano que fizer distinção entre os judeus e outros seres humanos é infiel a Deus”. Em admoestação direta a Hitler, Pio disse: “Aquele que conduz o destino de nações não deveria esquecer que, apesar de ostentar a espada, não é senhor sobre a vida e a morte”. Sete dias mais tarde, depois de Goebbels se gabar dizendo que Berlim “agora se livrou dos judeus”, o papa escreveu um longo texto em alemão sobre os direitos desse povo. Foi lido em uma transmissão da Rádio Vaticano. Em julho, o papa fez uma transmissão radiofônica para os judeus iugoslavos, dizendo que continuaria a rezar por eles, porque “cada ser humano vem com a marca de Deus”.

Ao mesmo tempo, escrevia cartas aos núncios e bispos solicitando que instassem os

países onde estavam a fazer todo o possível para salvar judeus e “substituir a aversão pela caridade”. Em seus discursos e sermões, Pio constantemente clamava por ajuda “para as centenas de milhares de pessoas que, por causa de sua raça, estavam condenadas a morrer”. Mais de uma vez ele havia citado o apóstolo Paulo de Tarso — “não há nem gentios nem judeus” — acrescentando que ele usava a palavra “judeu” como uma convocação para rejeitar quaisquer ideologias raciais. Havia ido tão longe que chegara a dizer que estava “pronto e preferia ser deportado para um campo de concentração a fazer algo que fosse contra sua própria consciência”, Pascalina recordava.

Ele também havia transformado a Rádio Vaticano em uma arma poderosa, que, apesar das tentativas de bloqueio das transmissões, era bem-sucedida ao atacar os nazistas.



Em seu aparelho ilegal de rádio, a princesa Nina Pallavicini acompanhava a guerra à medida que se aproximava. Soube que a Sicília havia sido conquistada pelas forças aliadas, com baixas de 65 mil soldados para as tropas alemãs, que haviam sido mortos ou capturados. Uma força-tarefa poderosa dos aliados havia cruzado o mar Tirreno e chegado com seus exércitos a terra firme — um grupo de britânicos e um de americanos —, nas praias ao sul de Nápoles, em Salerno. A residência de verão da princesa ficava lá, e, até aquele momento, ela nunca havia ouvido a área ser mencionada no rádio. Agora o nome era citado a cada boletim da *BBC*, à medida que as defesas alemãs desmoronavam e o Quinto Exército dos EUA, sob o comando do general Mark Clark, começava a se mover país adentro.

A cada final de dia, a princesa Nina se sentava a sua escrivaninha, em seu *palazzo*, e anotava as notícias da *BBC* de Londres para depois levá-las a Hugh O’Flaherty no Colégio Alemão.



Serafino Pace, o alfaiate do gueto, nunca esteve tão ocupado. As mães compravam roupas para seus filhos, mas tinham de ser ajustadas: as calças dos meninos eram modificadas, e os vestidos das meninas, alongados. As roupas masculinas também passavam pelas mãos habilidosas do alfaiate Serafino. O racionamento e o aumento do custo dos alimentos eram a causa dos ajustes.

A família Spizzichino estava entre os que haviam achado uma forma de aumentar sua renda. No passado, Mose guardara sapatos e botas velhas dos quais poderia retirar agora o couro para consertar outros calçados que havia comprado durante as voltas pela cidade. Agora ele consertava sapatos velhos e pedia a Grazia que os vendesse a uma loja de

calçados.

O crescente mercado paralelo havia criminalizado grande parte dos cidadãos que antes eram cumpridores das leis. No gueto, assim como nas outras partes de Roma, tinham suas “fontes”: uma pessoa parada em uma esquina com seu saco de alimentos ou um vendedor ambulante carregando utensílios domésticos essenciais escondidos debaixo dos trapos. A maior parte do mercado era controlada pelos Panteras Negras. O bando roubava galinhas e ovos de propriedades rurais que ficavam em volta de Roma; as galinhas eram abatidas e vendidas junto com os ovos. O número de furtos também havia crescido, pois o bando arrombava casas à procura de itens para venda.

As filas haviam se tornado um modo de vida, e ninguém era tão orgulhoso a ponto de poder se dar ao luxo de não ficar nelas. A esposa de Zolli, Emma, estava entre as pessoas que formavam uma fila do lado de fora de uma padaria do bairro para receber a porção de pão destinada a sua família; logo depois ia até o fim da rua para se juntar aos clientes da fila atendida pelo açougueiro *cashier* Graziano Perugia.

Até mesmo as lojas normalmente bem abastecidas de Via del Portico d’Ottavia tinham prateleiras cada vez mais vazias. Rosina Sorani perguntou a seu irmão quanto a situação pioraria quando os alemães ocupassem Roma. Ele a tranquilizou dizendo que as forças aliadas chegariam em breve para repelir os nazistas.



Era tarde da noite quando o dr. Vittorio Sacerdoti levou monsenhor Patrick Carroll-Abbing pelo corredor de iluminação tênue do hospital e pelas mesas com pequenas luzes de leitura onde as enfermeiras de plantão podiam ler os prontuários de seus pacientes. O sacerdote irlandês atarracado era um capelão da antiga Ordem dos Cavaleiros de Malta, uma ordem religiosa medieval que, assim como os fundadores do Fatebenefratelli, tinha uma longa tradição na área de enfermagem. Em uma das ambulâncias da Ordem, o padre Patrick havia levado ao hospital alguns combatentes da Resistência feridos quando participavam de uma batalha que ocorria próximo dali, nas colinas Albanas, para defender a cidade das forças alemãs que já se podiam ver nos antigos portões de entrada de Roma.

Desde a alvorada, as Fortalezas Voadoras haviam bombardeado a sede de Kesselring, na cidade de Frascati. Ele conseguira sair rastejando ileso dos destroços e ordenara que suas tropas não mostrassem qualquer piedade à medida que continuassem avançando. De frente para elas, havia unidades do exército italiano da guarnição da cidade e milhares de romanos — veteranos da Primeira Guerra Mundial e membros da Resistência. Estavam armados com rifles, armas de caça, pistolas e metralhadoras, cujos carregadores conseguiram ser recuperados de um campo de batalha de 1918.

Com a vantagem de conhecer o campo, os italianos travaram uma batalha de guerrilha contra um inimigo muito mais poderoso. Mas as baixas entre eles foram muitas;

os mortos e feridos eram levados a um posto de primeiros socorros próximo à Pirâmide de Caio Céstio, o monumento da antiguidade onde São Paulo teria parado para rezar a caminho de sua crucificação em Via Ostiense. Os mortos eram dispostos em fileiras por mulheres que ajudavam de forma emergencial. O padre Patrick havia sido designado para levar uma série de feridos para o Fatebenefratelli. Entre eles estava um jovem seriamente machucado, cuja perna havia sido despedaçada por estilhaços de bomba. Ele disse ao padre Patrick que seu nome era Cesare. Em seu pescoço, estava pendurada uma Estrela de Davi.

Padre Patrick se lembrava de que Cesare pediu a presença de um rabino e que lhe havia sido dito que não havia nenhum no hospital. “Ele olhou para mim, seus olhos de um marrom profundo estavam repletos de dor, e perguntou se eu poderia ficar com ele até que sua cirurgia começasse. Eu disse que estaria lá quando ele acordasse.” Vittorio lhe contou que os cirurgiões faziam operações noite e dia e que braços e pernas muitas vezes eram amputados em uma última tentativa desesperada de salvar vidas. Agora, nas primeiras horas daquela manhã de setembro, o ar do hospital estava tomado pelo cheiro forte de anestésicos e sangue em estado de putrefação, quando ele caminhava pelo corredor com Vittorio, que lhe explicou que Cesare não só havia perdido a perna, como também sofria de tuberculose terminal. Disse o médico: “Não há esperanças. Ele sabe disso e entende. Ele tem tanta coragem!”.

O padre Patrick já havia visto muitas vezes a aproximação da morte. Parado do lado da cama de Cesare, viu que um olhar de paz interior havia se apossado do jovem.

Na mão, Cesare segurava sua Estrela de Davi. Fez um gesto para que o padre Patrick se aproximasse e colocou o emblema em sua mão, pedindo que o guardasse a salvo até que a cirurgia terminasse.



Pascalina sentiu que o ânimo da cidade havia mudado. Anotou em seu diário: “Os alemães estão mais próximos de Roma do que pensávamos. O que farão?”.

A questão também preocupava outra freira. Jessica Lynch era filha de uma família irlandesa do Brooklyn, Nova York. Quando professara seus votos de freira, escolhera ser conhecida como irmã Luke. Recebera um aposento no convento da Ordem perto da Via Veneto, e, com suas habilidades linguísticas — falava italiano, francês e alemão —, fora designada para dirigir o Gabinete de Informações do Vaticano. Era uma das mais ocupadas dentro do Palácio Apostólico; respondia às cartas enviadas todos os dias para o papa à procura de sua intercessão em uma ampla gama de questões. Com uma pequena equipe de freiras, irmã Luke era quem decidia como responder; cada resposta era escrita à mão e imbuída de sua própria fé e humanidade.

Um interesse comum no papel histórico das mulheres na Igreja foi o que aproximou as duas freiras. Elas haviam se encontrado na biblioteca do Vaticano. Pascalina

estava pesquisando sobre o assunto para um sermão que Pio preparava. Irmã Luke procurava por detalhes para responder a uma das cartas que ia enviar.

Estavam sentadas juntas na sala de leitura da biblioteca, estudando os volumes encadernados de couro que haviam solicitado e tomando notas.

Irmã Pascalina e irmã Luke concordavam que o assunto das mulheres na Igreja era um tópico fascinante. Para Pascalina, a mais importante era irmã Catarina de Siena, a visionária a quem o papa Pio XII havia proclamado santa na véspera da Segunda Guerra Mundial. Ela contou à irmã Luke que Catarina tinha um lugar especial reservado em seu próprio diário e perguntou se ela também mantinha um registro desse tipo. Ao ouvir que não, Pascalina a instou a começar um. Irmã Luke começou seu diário na quarta-feira, dia 8 de setembro de 1943. Naquela manhã, escreveu: “Acordei com uma punhalada de ansiedade. O que este dia trará para mim?”.



ra uma questão que também perturbava Ugo Foa depois de ter feito várias ligações a oficiais dos escritórios do governo. Do outro lado, o telefone só tocava. De manhã cedo, ele havia caminhado pelo gueto. Todas as lojas estavam fechadas; e os carrinhos de mão dos vendedores ambulantes, parados do lado de fora das casas, as janelas fechadas. As portas da sinagoga estavam trancadas, e o zelador não havia atendido à campainha. Uma ligação telefônica para a casa de Zolli não foi atendida. O gueto parecia “um cemitério”, Foa dissera a seus filhos.

A cada hora os estrondos sinistros das bombas de artilharia se aproximavam mais, caindo na ponte Milvio e na Piazza San Giovanni, no subúrbio de La Ferno, lugares onde Foa havia caminhado a vida toda. Seu telefone tocou ao meio-dia. Era Rosina, para dizer que seu irmão, Settimio, estava próximo do Portão de São Paulo. Ele dissera que carros blindados alemães estavam descendo a Via Marco Polo, entrando na cidade. As pessoas estavam correndo para todos os lados. Alguns procuravam lugares onde se esconder. Outros atiravam, mas as balas já estavam acabando. Ela disse que o irmão contara que havia corpos estendidos por todos os lados.

Foa disse a Rosina que ligasse novamente se tivesse mais notícias. Nesse meio-tempo, tentou novamente entrar em contato com Zolli. Ninguém atendeu do outro lado da linha.



Do lado de fora de sua casa, na Via della Reginella, Mose Spizzichino desfraldou a bandeira italiana que já havia carregado durante os desfiles fascistas nos primeiros dias do regime de Mussolini. Agora ele os chamava de *Porci! Carogne fasciste!*, “Porcos! Escória fascista!” Disse aos maridos das suas filhas, Marco e Umberto, que devolveriam o orgulho àquela bandeira pelo que estavam prestes a fazer — ingressar na Resistência. Cada um deles tinha um boldrié de rifle de caça sobre os ombros e uma bolsa de munição presa no cinto. No verão, iam caçar nas montanhas. Agora, defenderiam seu lar.

Settimia e sua irmã mais nova, Giuditta, ficaram ao lado da mãe, Grazia, esperando sua vez de beijar a bandeira antes de Mose a passar a Umberto. Esforçando-se para conter as lágrimas, as mulheres observaram Marco e Umberto descerem pela rua, a bandeira erguida no alto. Settimia lembraria mais tarde de que eles não olharam para trás.



O rabino-mor Zolli ordenou que Emma não respondesse às chamadas telefônicas e que ficasse dentro de casa com as crianças, enquanto que ele sairia para ver o que estava acontecendo. Não havia lhe contado que planejava ir à basílica de São Pedro para a missa do meio-dia, da qual participava regularmente.

O som dos tiroteios estava mais alto na cidade, e podiam-se ver chamas na direção do Hotel Continental, onde os combatentes da Resistência estavam lançando coquetéis *molotov* dentro dos prédios onde a polícia fascista estava encurralada. Em volta do Ministério do Interior — onde Zolli havia ido buscar seu passaporte italiano depois de sua cidadania ser restabelecida —, havia uma batalha de rua próxima a um carro blindado alemão em chamas. Das proximidades do Circus Maximus vinham os clarões de granadas de mão lançadas e o trepidar ruidoso de metralhadoras.

Caminhou apressadamente por ruas laterais em direção ao Vaticano. A praça São Pedro apresentava um cenário que ele nunca havia visto antes. A Guarda Suíça estava parada à beirada *piazza*, os rostos voltados para a cidade. Em vez de seus piques medievais usuais, portavam rifles com baionetas caladas. As pessoas que paravam diante deles eram informadas de que o papa havia ordenado o fechamento da basílica. A Porta Sant'Anna, o Arco delle Campane e a Porta di Bronzo, os portões que levavam ao Vaticano, também permaneceram fechados.

Zolli deu meia-volta e voltou para casa. “Sabia que devia ter convencido Foa de que eu estava certo em dizer que nós, judeus, devíamos ter ido embora enquanto ainda era tempo. Agora, é cada um por si”, a filha Miriam se recorda de ter ouvido seu pai dizer.



Ignorando o som da batalha na cidade e o fechamento do Vaticano, O'Flaherty permaneceu a manhã toda dentro do Santo Ofício tratando do caso de um casal argentino. A esposa queria a anulação de casamento porque seu marido cometeu adultério depois de se recusar a ter filhos. Durante os anos que O'Flaherty havia trabalhado no Santo Ofício, tratara de vários casos parecidos com esse. Nenhum deles havia sido fácil de julgar, e ele sabia que recebera esse caso devido a sua sensibilidade incomum. O casal vinha de famílias católicas abastadas, apoiadoras generosas da Igreja, as quais haviam dado apoio financeiro a vários hospitais católicos e conventos na Argentina.

O'Flaherty havia lido os fundamentos jurídicos, o *aide-mémoire* e as cartas, algumas delas com trocas de intimidades entre o casal, o que o ajudou a mapear o relacionamento. Levou semanas para avaliar a arbitragem. Nesse meio-tempo, O'Flaherty resolvera colocar o caso de lado para ir visitar os campos de prisioneiros de guerra.

Quando chegou ao trabalho naquela manhã, havia um memorando do monsenhor

Montini em cima de sua escrivaninha. Enquanto isso, os estrondos de explosões provinham das colinas Albanas.

Quando entrara no Santo Ofício, monsenhor Ottaviani lhe dissera que Montini gerenciava todas as heranças, o truste, as hipotecas e propriedades doadas à Santa Sé e acrescentara: “Nunca se esqueça, o que Montini quer, Montini consegue”.

O que Montini queria naquela manhã era o julgamento do caso de anulação de casamento, no qual levava em consideração que a família da peticionária havia feito recentemente mais uma doação substancial à diocese de Buenos Aires.

O irlandês pôs de lado o memorando e retomou a análise do caso. O som da batalha chegava mais perto.



Na tarde de sexta-feira, dia 10 de setembro, D'Arcy Osborne estava parado em seu telhado plano de Santa Marta, onde normalmente tomava banho de sol, e observava os combates na cidade. Já estava ali quase o dia todo, só fazendo uma pausa para se sentar em uma cadeira à mesa que John May havia levado para lá para comer os sanduíches e tomar o chá que o criado lhe servia.

May ficou ao lado do ministro, ambos se revezando no uso dos binóculos para acompanhar a batalha. Osborne lembrou May que, quando a Porta San Sebastiano houvesse caído, os alemães poderiam invadir a cidade como um dilúvio através da Via Ápia, exatamente como os normandos haviam feito mil anos antes. Mais tarde, quando estudou a área em volta da Porta San Giovanni, informou a May que, em 1529, os luteranos haviam escolhido invadir Roma ao longo de uma rota parecida. May ressaltou a aula de história ao dizer: “Agora é a vez dos hunos de Hitler”.

Eles não eram os únicos observadores. Padres e freiras ligavam das casas religiosas para informar o Vaticano sobre o que estava acontecendo. Cada chamada dava notícias de como o Tratado de Latrão, que, sob lei internacional, dava ao papa direitos temporários e jurisdição sobre um grande número de propriedades dentro de Roma, estava sendo violado. As basílicas de São João de Latrão, de São Paulo Extramuros e de Santa Maria Maior haviam todas sido incendiadas. O mesmo ocorreu com o palácio de São Calisto e o Colégio Agostinho de Santa Mônica e outros prédios do Janículo, uma das sete colinas de Roma. Em outras partes da cidade, vários colégios, o hospital Bambino Gesù, a Universidade Gregoriana e um bom número de institutos de pesquisa estavam na linha de fogo. O mesmo aconteceu com os albergues, que forneciam acomodação aos visitantes em tempos de paz. Todos eles estavam sob a proteção do papa, agora impotente para deter as batalhas.



As tentativas de Maglione de entrar em contato com o barão VonWeizsäcker, o embaixador alemão junto à Santa Sé, haviam falhado. A linha telefônica com Villa Napoleon, sede da missão diplomática, havia sido cortada. O padre Leiber se ofereceu para pegar a limusine do papa e ir até lá. Pio o proibiu; a bandeira tremulante do Vaticano não garantiria passagem segura. O padre Leiber pediu que os arquivos pessoais do papa fossem reunidos e escondidos no porão do Palácio Apostólico. Maglione ordenou que seus funcionários principais ocultassem todos os documentos confidenciais, incluindo os códigos secretos usados pelos criptógrafos. No final da tarde, Pio pediu aos cardeais que viviam no Vaticano que se juntassem a ele e a seus funcionários mais próximos para as orações na capela do apartamento.



Em seu escritório, o conde de Salis recebia ligações da princesa Enza Pignatelli Aragona Cortes. Ela avisou que seus amigos contavam que os alemães entravam cada vez mais fundo na cidade, de forma vagarosa, mas irrevogável. Os soldados paraquedistas alemães, que mais cedo haviam sido obrigados a retroceder para além do Circus Maximus, haviam se reagrupado para chegar ao Coliseu. Na Piazza di Spagna, um repórter, dos escritórios onde o *Il Messaggero*, um jornal fascista diário, era elaborado, ligou para um padre para lhe contar que unidades da guarnição italiana haviam estabelecido um per í metro de defesa em volta das escadarias. O padre perguntou se havia quaisquer notícias das forças aliadas. A resposta do repórter se tornou uma das observações passíveis de citação durante a batalha: — O senhor sabe onde está Deus quando precisamos dele?

Os relatórios de irmã Luke às freiras sobrecarregadas na mesa telefônica do Vaticano também se tornariam inesquecíveis, pois ela narrava, por telefone, o que estava acontecendo do lado de fora dos muros sólidos de seu convento, na Via Veneto. Sua própria madre superiora havia solicitado que contactasse outras casas religiosas. Poderia haver feridos que precisassem de cuidados, dizia a freira idosa, e irmã Luke e as outras freiras do convento poderiam oferecer sua ajuda.

Irmã Luke contou que, na Via Veneto ou em quaisquer outras ruas e estradas, alemães eram atacados onde quer que fossem vistos. Os conflitos eram violentos, e havia carros blindados por toda parte. “É uma mistura de tumulto, guerra civil e anarquia”, reportou a voz calma da freira.

As lojas eram saqueadas, e os soldados corriam de volta às ruas carregando queijos de formato cilíndrico, pacotes de macarrão e caixas de vinho. Um padre foi alvejado na Via Massimo d’Azeglio enquanto corria para ajudar uma mulher ferida. Um padre dominicano contou à irmã Luke que soldados estavam requisitando carrinhos de mão para levar embora os produtos pilhados. Um sacerdote da igreja São Camilo relatou que havia vários corpos espalhados na rua.



Quando Zolli não conseguiu ter acesso a São Pedro, seguiu caminho pelas vias estreitas, apressando-se, enquanto o fogo das armas ecoava dos telhados arqueados que levavam à casa de Luigi e Carla Pierandello. Mais de uma vez o zunido das bombas fez que ele se abaixasse e se escondesse dentro de uma igreja, em uma das várias pelas quais passou. Finalmente chegou ao bloco de apartamentos onde o casal vivia. Ele os conhecera quase um ano antes, quando saía da basílica, depois de se sentar ao lado deles durante a missa.

Desde então, Zolli já os havia visitado várias vezes, algumas vezes acompanhando-os na caminhada de volta à casa deles. A cada visita aprendia mais sobre o casal. Luigi era um funcionário dos correios, Carla era auxiliar de balcão em uma loja. Eles haviam lhe mostrado fotos do dia de seu casamento. Embora não houvessem perguntado, ele gradualmente lhes contara sobre sua vida e o que significava ser um rabino-mor em Roma. Atônita, Carla olhara para ele com os olhos arregalados e dissera que devia ser algo equivalente a ser papa. Ele rira e dissera que o papa tinha o mundo inteiro para cuidar; ele tinha somente uns poucos milhares de judeus a quem dar assistência. Para sua grande surpresa, eles nunca lhe perguntaram por que participava das missas.

Algumas semanas antes, Carla sugerira que Zolli levasse sua esposa e os filhos para uma refeição; ele explicou que Emma era tímida e que nunca organizava ou participava de eventos. Não haviam mais tocado no assunto até aquela sexta-feira à tarde, depois de Zolli lhes contar sobre o fechamento de São Pedro e a Guarda Suíça que estava postada para cuidar da praça e das entradas do Vaticano. Foi então que Carla disse, depois de Zolli ter lhes contado tudo sobre os nazistas, que ele e sua família estariam mais seguro no apartamento do casal; os nazistas jamais procurariam por eles dentro de um lar católico.

Luigi acrescentou que várias famílias judias estavam sendo abrigadas depois do afastamento de Mussolini e de Hitler mais uma vez ter feito declarações absurdas contra os judeus em seus programas de rádio. Carla insistiu para que Zolli e sua família fossem logo, antes de os alemães ocuparem Roma. Além disso, dizia Luigi, as forças aliadas chegariam em breve, e, então, todo mundo estaria a salvo.

Zolli lhes agradeceu, mas disse que seu próprio dever exigia que permanecesse junto a seu povo.



Às 7 horas da noite em ponto, a Rádio Roma transmitiu uma proclamação em nome do Feldmaresciallo Kesselring

Roma está sob meu comando e é declarada território de guerra. Ela fica sujeita à lei marcial alemã. Quaisquer crimes cometidos neste território contra as

minhas forças armadas serão punidos sob a lei marcial alemã. Aqueles que organizarem greves ou sabotagens, bem como franco-atiradores, serão imediatamente mortos a tiros. Até segunda ordem, toda correspondência privada está suspensa. Todas as conversas telefônicas serão rigorosamente supervisionadas. A polícia e outras autoridades civis estão subordinadas às autoridades alemãs para ajudar a prevenir todos os atos de resistência passiva. Todas as noites, às 21h30, começa o toque de recolher, que durará até as 7 horas da manhã do dia seguinte. Somente os serviços de emergência terão autorização para operar durante esse período.

O locutor de notícias transmitiu sua mensagem em italiano, mas com um sotaque alemão. A Rádio Roma, assim como o resto da cidade, estava ocupada.



Naquela noite, a cidade caiu em silêncio; só era possível ouvir alguns gritos repentinos, o ranger de freios e ordens guturais. Não havia trânsito, a não ser de caminhões alemães, carros blindados e ambulâncias que levavam os feridos para o hospital.

Padre Patrick havia perdido a conta das inúmeras viagens que fizera para recolher mortos e moribundos. Tudo que sabia era que, na escuridão, havia muitos mais deitados nas ruas esperando para ser recolhidos.

Durante seu longo dia, soube que, por toda a cidade, havia homens escondidos: eram soldados italianos que trocaram seus uniformes por roupas civis, mas que mantiveram seus rifles; refugiados e membros da Resistência.

“Disseram-me que havia pelo menos 50 mil pessoas escondidas. Eles viviam sob nomes falsos e se escondiam sob telhados ou em porões”, padre Patrick recordaria mais tarde.

Naquele final de tarde de sexta-feira, ele tinha uma adolescente ferida em sua ambulância. Ela corria descalça rua abaixo para não ser ouvida quando um soldado gritou que parasse. Ela virou em um beco e continuou correndo. Ele a perseguiu, seus passos estrondosos no paralelepípedo. De repente, uma granada de mão explodiu atrás dela, quando entrava em outro beco. Ela sentiu os fragmentos de metal em suas costas e o sangue descendo por suas pernas. Continuou a correr. Atrás dela, o som dos passos primeiro enfraqueceu e, depois, parou.

Padre Patrick foi parado por uma senhora de idade que carregava a menina. Ele a levou para o hospital e, logo depois, saiu em busca de mais feridos.



D'Arcy Osborne se sentou e se pôs a escrever depois do jantar daquela noite de sexta-feira, a fim de transformar os eventos daquele dia em um relatório criptografado a ser enviado a Londres, quando John May anunciou que Anton Call havia chegado. O ministro colocou seu trabalho de lado e convidou o policial a se sentar, enquanto preparava os drinques.

Call havia sido transferido da força policial da cidade para a pequena força do Vaticano. Quando os diplomatas aliados se mudaram para dentro de Santa Maria, ele havia sido designado para patrulhar a entrada do complexo de edifícios. May descobriu que Call havia se formado cirurgião veterinário e que mostrava um interesse afetuoso por Jeremy, o *terrier* de Osborne. Quando o cachorro desenvolvera uma hérnia, Call levou sua maleta cirúrgica para o apartamento e ajudara May a fazer uma operação salvadora, enquanto Osborne observava ansiosamente. Desde então, os três homens se tornaram amigos.

Nem Osborne nem Call sabiam que sua amizade havia sido revelada à Polícia Secreta Italiana, a OVRA, por um de seus informantes de dentro do Vaticano. Tratava-se do monsenhor Pucci, o vendedor de histórias falsas, que trabalhava agora como tradutor para o cardeal Nicola Canali, um rabugento de peruca que era chefe da administração do Vaticano. Fascista dedicado e antibritânico, opunha-se às visitas de O'Flaherty aos campos de prisioneiros de guerra, alegando que esse ato só poderia “encorajá-los a fugir e causar problemas para o Vaticano”.

O armistício que a Itália havia assinado com as forças aliadas permitia que os prisioneiros de guerra fossem libertados antes que os alemães os transportassem para os campos de prisioneiros do Terceiro Reich. Mas muitos estavam presos na parte central da Itália e poderiam se dirigir a Roma, na convicção de que a cidade poderia abrigá-los até que os exércitos aliados chegassem.

O ministro disse a Call que suspeitava que

muitos deles poderiam estar sem um líder e não ter ideia clara de onde se esconder em Roma. O inverno está vindo, e a maioria deles foi capturada no norte da África, com suas roupas de deserto. Mas, se viessem para Roma em grande número, o Vaticano simplesmente não conseguiria alimentá-los, muito menos escondê-los.



No domingo de manhã, dia 12 de setembro, Dante Almansi, antigo subchefe da polícia de Roma, passou apressado pelas ruínas da arcada que o imperador Augusto mandara construir para sua irmã Octávia, em 23 a.C. Suas magníficas colunas estavam perdidas em meio à névoa que, durante a noite, havia se espalhado feito cobertor felpudo a partir do Tibre. Coberta por ela, a cidade prendia a respiração.

Almansi e sua família viviam na Piazza Quadrata, em um movimentado distrito de casas e apartamentos; ali cada um tinha seus empregados domésticos, e as ruas eram varridas diariamente pelos *spazzini*, os garis da cidade.

À luz do dia, quando o toque de recolher era suspenso, decidiu caminhar em vez de ir de carro para a reunião na sinagoga, preocupado com um possível confisco por parte dos alemães e também para poder ver melhor a extensão dos estragos.

A polícia de trânsito usual de Roma havia sido substituída por soldados alemães que predominantemente coordenavam o tráfego de caminhões e carros blindados. Furgões com antenas de detecção instaladas no teto moviam-se lentamente pelas ruas à procura de usuários de rádios ilegais. Os bondes estavam vazios e parados nos trilhos, exatamente onde haviam sido abandonados na noite passada quando o toque de recolher soara e seus condutores e passageiros saltaram e fugiram. Os sapatos de Almansi ruidosamente trituravam vidro e escombros manchados de sangue. Em intervalos regulares, viam-se soldados colando pôsteres nas paredes. Ele parou para ler um deles. Tratava-se de uma versão impressa da proclamação que havia ouvido na Rádio Roma no final de tarde anterior, publicado em nome de Kesselring.

Na Via del Portico d'Ottavia, os únicos estabelecimentos abertos eram duas padarias; estavam preparando a porção usual de 150 gramas de pão à qual cada cliente tinha direito. Não havia garis ou vendedores ambulantes indo para a cidade. Uns poucos grupos se aglomeravam e conversavam entre si. Um homem pediu a ajuda de Almansi, perguntando o que deveriam fazer. Ele os aconselhou a ficar fora de Roma para evitar o risco de ser presos.

Quando entrou na sinagoga, a névoa já estava se levantando, evaporada pelos raios de sol matinais. Ugo Foa havia convocado uma reunião de emergência na biblioteca da sinagoga, que tinha uma coleção magnífica não só para o estudo do judaísmo, mas também do cristianismo antigo. As prateleiras continham evidências de 2 mil anos de presença judaica em Roma.

Rosina Sorani estava sentada ao lado de Foa para tomar notas. Os membros da *giunta* estavam sentados dos dois lados da mesa. Zolli se sentava na outra ponta.

As palavras de abertura de Foa renovaram a confiança. Ele finalmente havia conseguido falar com seus contatos dentro da administração da cidade, e entre eles havia consenso de que Kesselring não introduziu nada que especificamente discriminasse os judeus. Segundo Foa, enquanto, em outros lugares da Europa, havia uma perseguição implacável aos judeus, ele acreditava que a melhor forma de conviver com tropas de ocupação era ver a presença deles como pouco diferente da vida sob as leis raciais já instituídas. Relembrou *à giunta* que ele e Almansi haviam conseguido reduzir o efeito de muitas dessas leis e que esperava não demorar tanto até obter sucesso ao fazer o mesmo sob os alemães.

Foa fez um gesto sinalizando a Zolli que falasse. O rabino-mor se levantou e disse que era reconfortante ouvir as palavras do presidente, mas que seria errado de sua parte se não levantasse certas preocupações. Lembrou a todos que em breve, no outono, as

grandes festas do judaísmo seriam celebradas, num momento em que a comunidade encheria todos os espaços disponíveis na sinagoga. Disse que os festivais religiosos poderiam servir de oportunidade aos nazistas para juntar todos os judeus e levá-los a campos de concentração. Propôs que as celebrações fossem adiadas. Rosina recordaria mais tarde: “Era um silêncio daqueles que só a raiva poderia criar”.

Zolli, então, propôs que a sinagoga retirasse dos vários bancos todo seu dinheiro, que era usado para cobrir os custos da escola da comunidade, do Colégio Rabínico, para manter o cemitério judaico e pagar os salários dos funcionários da sinagoga. Sugeriu que o dinheiro fosse usado para pagar pela hospedagem de judeus abrigados por famílias cristãs. Ele tinha certeza de que muitos receberiam essa renda adicional a título de aluguel, com agrado. O Vaticano também deveria ser abordado para fornecer abrigo em conventos e mosteiros da cidade, e ele disse que estaria disposto a discutir essa ideia com a Santa Sé.

Foa pulou da cadeira, seu rosto flamejante de raiva, e acusou Zolli de “estar acometido de pânico”. Almansi disse que o rabino-mor “queria destruir a comunidade”. Vozes de desaprovação provenientes de todos os lados da mesa dirigiam-se alto e bom som a Zolli.

Rosina anotou: “Todos falavam ao mesmo tempo. Anselmo Colombo gritava que Zolli deveria renunciar”. Ela desistiu de tentar identificar quem protestava e o que diziam. Coube a Renzo Levi convocar uma votação. As propostas de Zolli foram rejeitadas.



Na tarde daquele mesmo domingo, o papa Pio convocou uma reunião no Palácio Apostólico. Maglione e seus dois assistentes, Montini e Tardini, estavam sentados em volta da mesa de um dos salões. Com eles estavam Ottaviani, O’Flaherty e o coronel Pfyffer Von Altshofen, comandante da Guarda Suíça. Padre Weber completava o grupo.

Na mesa em frente ao papa, havia relatórios de padres e freiras de Roma. Incluíam o que havia acontecido com dois funcionários do Vaticano. Um deles era um médico que havia sido ferido na cabeça por uma bala naquela mesma manhã; estava indo ver um padre à beira da morte no hospital e agora ele próprio se encontrava em estado crítico. O outro era um porteiro do Palácio Apostólico que havia sido parado em um posto de controle alemão e submetido a uma revista íntima, apesar de ter mostrado sua carteira de identidade do Vaticano. Seu relógio fora roubado. Outros relatórios davam conta de romanos sendo arrancados de suas bicicletas ou puxados para fora de seus carros, ficando sem seu meio de transporte. Um relatório descrevia a situação da seguinte forma: “Não há nada a fazer, eles estão armados. A morte seria destino certo para quem tentasse resistir”.

Pio deu suas primeiras instruções. Maglione deveria enviar um forte protesto ao embaixador alemão Von Weizsäcker, dizendo que quaisquer novos ataques aos funcionários do Vaticano seriam vistos como séria violação de sua neutralidade. O

comandante d'Altshofen entraria em contato com a polícia de Roma e a imprensa, exigindo que as autoridades alemãs investigassem os tiros e o roubo.

Enquanto isso, São Pedro seria reaberta, mas não se permitiria a entrada de soldados armados. A Guarda Suíça ao longo do perímetro da praça seria reduzida de modo a não alarmar os fiéis. Os portões do Vaticano também seriam desbloqueados e continuariam abertos durante o toque de recolher.

Pio se voltou para outra questão. Reportou que, de manhã cedo, havia recebido uma ligação telefônica do conde de Salis. O diretor da Cruz Vermelha calculava que em breve poderia haver cerca de 4 mil soldados das forças aliadas se escondendo na cidade, que, depois de terem saído dos campos de prisioneiros, estariam esperando pela chegada dos exércitos americano e britânico a Roma.

O papa se voltou para o padre Weber. Disse que, durante o verão, centenas de judeus receberam documentos de viagem e foram introduzidos ilegalmente na Itália pelas fronteiras da Áustria e da Eslovênia. Mas muitos haviam sido apanhados pelas forças alemãs e foram mortos a tiros ou levados para campos de concentração. Os sobreviventes estariam fugindo para Roma.

Por esse motivo, a presente reunião havia sido convocada. Segundo seu ponto de vista, haveria uma chance muito limitada de mover os judeus ainda mais em direção sul. Estariam entrando em uma zona de guerra e seriam mortos a tiros por alemães ou deixados à própria sorte pelas forças aliadas. A única solução que restaria ao Vaticano seria se preparar para aceitá-los. Aquilo por si só já geraria problemas. Os relatórios enviados pelos núncios dentro do Terceiro Reich indicavam que os guetos haviam sido sistematicamente esvaziados; e os judeus, mortos ou enviados a campos de concentração. Não havia garantia de que o mesmo não aconteceria em Roma, apesar das promessas de Von Weizsäcker, o embaixador alemão, de que a população judaica receberia autorização para seguir sua vida normalmente.

Era necessário que se estabelecesse, continuou Pio, um sistema organizado de forma adequada, com lugares que estivessem sob a proteção do Tratado de Latrão. Na Alemanha e em outras partes do Terceiro Reich, os nazistas não haviam respeitado a propriedade da Igreja. Em Viena, as tropas haviam sido aquarteladas em um convento; e a escola feminina de São Francisco de Sales, transformada em caserna. Tudo aquilo fazia parte da guerra sistemática dos nazistas contra a Igreja. O papa disse ainda que diariamente recebia relatório de padres e freiras da Polónia e de outros lugares que eram mandados para campos de concentração. Todos eles haviam sido acusados de ajudar os judeus e de se manifestar contra o nazismo. Mais que nunca, o Vaticano teria a obrigação de proteger os judeus que estavam em sua vizinhança. Assim como os nazistas haviam tomado posse das instituições católicas no Terceiro Reich, o Vaticano teria de transformar cada convento, mosteiro e instituição possível em Roma em um refúgio secreto para os judeus e os prisioneiros de guerra que haviam conseguido fugir.

Seria difícil fornecer uma assistência desse tipo, até mesmo perigoso, já que os alemães veriam o gesto como uma violação do Tratado de Latrão. Mas seria um risco que

deviam assumir.

O papa se voltou para Ottaviani e disse que, dada a experiência de O'Flaherty em visitas aos campos de prisioneiros de guerra, queria que ele fosse liberado de todas as suas tarefas secundárias no Santo Ofício para que se concentrasse em organizar um plano que desse abrigo tanto aos judeus de Roma quanto aos soldados aliados.



O bispo Alois Hudal também havia recebido uma nova atribuição. Waldemar Meyer, seu controlador do RSHA, mais uma vez havia chegado de Berlim para solicitar que encontrasse uma propriedade adequada na cidade que pudesse ser convertida em um colégio religioso para estudantes georgianos que houvessem conseguido evitar o cativeiro dos russos e que desejassem completar seus estudos de sacerdócio em Roma.

A atitude antinazista cada vez mais pronunciada de Hudal fazia com que não fosse mais bem-vindo entre os monsenhores responsáveis pelo contato diário com os núncios do Terceiro Reich; eles firmemente tinham se recusado a lhe dar acesso a seus relatórios, e o secretário do papa, o padre Leiber, insistia que os sermões do bispo e as palestras que dava a estudantes primeiro fossem aprovadas pelo papa.

Recentemente Hudal havia sido advertido por Maglione, que lhe pedira que parasse de se envolver nos assuntos entre o Vaticano e os alemães. Isso ocorreu depois de um memorando que Hudal havia mandado ao papa oferecendo-se para ir a Berlim discutir com Hitler como Pio poderia fazer uma declaração pública sobre os perigos do bolchevismo para a civilização ocidental e, ao fazê-lo, reconhecer a necessidade do Terceiro Reich de lidar com a ameaça proveniente de Moscou. O bispo já havia enviado a proposta a Meyer. Ele a repassara a Ernst Kaltenbrunner, chefe do RSHA, que, havia mais de um ano, estava pensando sobre a melhor forma de possibilitar que seus espões atuassem dentro do Vaticano. Decidiu que o primeiro passo seria mandar Meyer a Roma para se encontrar com Hudal com a bem preparada mentira da necessidade de um colégio para os estudantes georgianos.

O entusiasmo de Hudal só aumentou quando Meyer partilhou com ele alguns dos motivos para a busca que realizaria.

Sofia Coghieli, membro devoto da Congregação Georgiana de Nossa Senhora de Lourdes, foi forçada a fugir da própria casa nas montanhas do Cáucaso por causa da perseguição soviética. Foi para Bruxelas, onde faleceu em 1941. Em seu testamento, deixou uma grande quantia de dinheiro que poderia ser usada para abrir um colégio em Roma, onde rapazes da Geórgia poderiam fazer seu treinamento para o sacerdócio.

O legado havia chegado ao conhecimento de Kaltenbrunner. Ele tomou providências para que o dinheiro fosse retirado do banco holandês onde estava depositado e transferido para uma conta que o RSHA tinha em um banco suíço. De lá, seria colocado em outra conta que a organização mantinha em Roma, a fim de pagar pela propriedade,

uma vez encontrada. Meyer disse a Hudal que vários georgianos estavam lutando junto com o Terceiro Reich na frente de batalha na Rússia. Segundo Meyer, achar uma propriedade adequada onde poderiam se tornar padres era o mínimo que a Alemanha poderia fazer por eles.



Não foi dito a Hudal que o Colégio Georgiano serviria como base de um serviço de informações secretas que queria se infiltrar no Vaticano. À primeira vista, funcionaria sob as mesmas regras aplicadas a todos os outros colégios. Contudo, os estudantes seriam oficiais do RSHA, entre eles linguistas, criptógrafos e analistas. Sua preparação também contemplava os estudos clericais para lhes fornecer o disfarce essencial para se prepararem para o sacerdotício. Na verdade, espionariam o Vaticano.

O colégio ficaria sob o controle de Michael Kedia, um nacionalista georgiano que havia sido recrutado pelo AMT VI-G, gabinete russo dentro da divisão de inteligência estrangeira do RSHA. O papel de Kedia era assegurar que o lado clandestino do colégio permanecesse secreto.

A busca de Hudal por uma propriedade adequada finalmente deu frutos na Via Alessandro Brisse, no distrito industrial nos subúrbios do norte de Roma. O *palazzo* já havia pertencido a um editor fascista, Salvatore di Carlo, que fugiu depois da queda de Mussolini.

Depois de Hudal e Meyer inspecionarem o prédio, surgiu um problema. Kaltenbrunner queria que a propriedade fosse registrada junto à Administração do Vaticano para Propriedades Eclesiásticas, a fim de conferir legitimidade ao colégio sob o Tratado de Latrão; uma proteção que evitaria investigações por parte das autoridades italianas. Mas Hudal se deu conta de que o registro produziria investigações dentro do Vaticano. Sabia que o cardeal Eugène Tisserant, chefe da Congregação para as Igrejas Orientais, se envolveria no caso e exigiria que o legado de madame Coghlieli fosse rastreado. A questão inevitavelmente chamaria a atenção de Maglione e o levaria a tomar medidas contra Hudal, questionando por que não mantivera o Vaticano inteiramente informado. Quanto mais analisava a requisição de que a propriedade fosse registrada, mais Hudal ficava alarmado. Por fim, disse a Meyer que não poderia mais se envolver. Aquela que ficou conhecida como “Operação Convento Georgiano” dentro do RSHA recebeu um golpe mortal. Meyer retornou a Berlim, sua própria carreira em ruínas. Kaltenbrunner ordenou que a operação fosse interrompida. O bispo Hudal passou as semanas seguintes em uma casa de repouso em Roma.



No domingo à tarde, dia 12 de setembro, a princesa Nina Pallavicini havia ido ao Hotel Excelsior para almoçar. Sua convidada era Margherita von Wyss, uma jornalista suíça que era uma dos poucos repórteres estrangeiros que ainda permaneciam em Roma. Ambas as mulheres ignoraram os oficiais alemães que ocupavam a maior parte das mesas, incluindo os que estavam sentados à mesa grande no centro do salão. A princesa reconheceu o general Rainer Stahel por causa de uma fotografia sua publicada no *Popolo di Roma*. O jornal o chamara de comandante militar da cidade. Ela notou que seu cabelo era mais prateado; e seus lábios, mais cheios que na foto.

Sentado com ele, entre outros oficiais uniformizados, estava oSS-*Obersturmbannführer* Herbert Kappler. Seu nome e foto também estavam no jornal, que informava que aquele homem de trinta e sete anos de idade era o chefe da Gestapo em Roma e o responsável pelo plano de resgate de Mussolini do cativeiro.

Naquela manhã, a Rádio Roma anunciara que uma ação ousada de noventa soldados, que chegaram em planadores de assalto, havia libertado o Duce de seu cativeiro no Hotel Campo Imperatore, em Abruzos. Ele estabeleceria um regime neofascista na Itália ocupada pelos alemães, em Salò, no lago de Garda. A foto publicada no jornal transpirava a ameaça de Kappler: a forma como olhava fixamente para a câmera, os cabelos alisados para trás, seus olhos semicerrados.

No período que se passou desde sua ida a Roma para o funeral do papa Pio XI, Kappler havia sido treinado pelo RSHA em técnicas de interrogatórios e em como criar horror em todos que interrogava. Judeus na Áustria, na Polônia e em outras partes do Terceiro Reich já estavam acabados no momento em que eram mandados para os campos de concentração.

Neste meio-tempo, ele também havia encontrado uma esposa, Leonore Janns, uma datilógrafa de vinte e sete anos que trabalhava no escritório do Partido em Stuttgart. Impossibilitado de ter filhos, Kappler inscrevera-se no programa Lebensborn — o plano perverso de Himmler de criar alemães perfeitos por meio da engenharia genética. O casal recebeu um menino, que chamaram de Wolfgang. De cabelos loiros, olhos azuis e um corpo musculoso, o menino poderia ter sido um modelo para o programa.

A família havia chegado a Roma com a equipe do general Stahel. Helen Brouwer, amante de Kappler, também os acompanhou; ele tinha encontrado aquela mulher jovial e viçosa em uma escola de treinamento da Gestapo e tomara providências para que também fosse a Roma como sua assistente.



Depois de receberem instruções do papa, O'Flaherty e Ottaviani saíram do Palácio Apostólico e foram à praça São Pedro. Pararam para observar os fiéis que entravam na basílica; todos caminhavam rapidamente, falando entre si e ocasionalmente voltando a cabeça e olhando para trás. Ao redor da praça, soldados alemães estavam postados diante

da linha branca recentemente pintada para separar Roma do Vaticano. Qualquer pessoa, antes de cruzar a linha, tinha sua carteira de identidade italiana verificada. Montado em um caminhão, um telescópio potente fazia uma varredura do Palácio Apostólico. Os membros da Guarda Suíça estavam parados do lado de dentro da linha e, de forma cortês, acenavam com a cabeça à medida que os romanos tomavam seu rumo em direção à basílica.

Dois padres se olhavam. Então, em passos sincronizados, cruzaram a linha branca, entraram poucos metros em Roma, deram meia-volta e entraram novamente no Vaticano. Os soldados olharam confusos para aquele ato de rebeldia.

“Nunca poderão esquecer que somos um país livre”, disse Ottaviani . O’Flaherty observou que a Inglaterra havia levado séculos para se lembrar disso em relação à Irlanda.



Harold Tittmann havia passado parte de seu domingo à tarde passeando pelo pátio de Santa Marta com dois sacerdotes que descrevera, em uma mensagem ao Departamento de Estado, como “meus assistentes que coletam informações”. Um deles era o padre Joseph McGeough, um irlandês de Boston com um estoque de piadas que fazia rivalidade a O’Flaherty. O outro era o cônego francês de São Pedro, monsenhor Hérissé. Ele vivia em uma das pontas do complexo de Santa Marta; era um homem vivaz de cabelos brancos, passos largos e vigorosos e possuía um grande estoque de informações que adquirira na congregação da basílica, entre as quais estavam notícias sobre os judeus do gueto e as atividades da *Delasem*.

Ambos eram responsáveis pela distribuição das transferências mensais de dinheiro que entravam na conta bancária da missão aberta no Banco do Vaticano. Era transferido por organizações judaicas de assistência humanitária de Nova York. Embora o uso do Departamento de Estado e do Tesouro dos EUA constituísse uma violação da neutralidade do Vaticano, Tittmann via a ação como uma “ajuda beneficente para prisioneiros desamparados”.



Naquele domingo à tarde, o rabino Zolli decidiu visitar Luigi e Carla Pierandello para verificar se ainda estavam dispostos a abrigá-lo junto com sua família. Não havia discutido a proposta com Emma. Desde a chegada dos alemães, sua esposa estava à beira de um colapso nervoso, chorando e dizendo que nunca deviam ter se mudado para Roma. Zolli tranquilizou Emma, dizendo que não havia motivos de preocupação, e saiu do apartamento. O dia estava quente, e ele ficou agradecido pela sombra das ruas secundárias. Alguns estabelecimentos que vendiam alimentos estavam abertos, mas havia

pouca coisa para comprar.

O ruído dos bondes de rua era um lembrete de que Roma estava voltando ao normal, mas Zolli decidiu não se arriscar a tomar um deles, pois os soldados estavam verificando as carteiras de identidade. Sua carteira o identificava como rabino-mor.

Novos cartazes advertiam que pessoas flagradas em saques ou em posse de alimentos roubados seriam punidas com prisão. Próximo ao Panteão, observou soldados que distribuíam pães a um grupo de mulheres, enquanto um cinegrafista alemão uniformizado os exortava a sorrir para a lente. Quando o cinegrafista se deu por satisfeito, os oficiais retiraram os pães das mãos das mulheres e mandaram-nas embora. O pão foi colocado em um caminhão, o *cameraman* embarcou e o veículo partiu para encontrar outra loca ção para filmagens produzidas pela máquina de propaganda de Goebbels.

Já era final da tarde quando Zolli chegou ao bloco de apartamentos onde Luigi e Carla Pierandello viviam. Subiu os degraus de pedra até o andar deles e bateu à porta. Não houve resposta, e bateu novamente, mais alto. Uma porta que ficava mais adiante no corredor se abriu, e um homem idoso saiu e olhou fixamente para ele. Disse que o casal havia ido embora. Zolli perguntou para onde haviam ido. “Ele respondeu que as pessoas estavam em pânico e deixando a cidade. Antes que pudesse perguntar algo mais, ele fechou a porta”, Zolli lembraria mais tarde.

Quando chegou a casa, encontrou Emma agachada com suas filhas em um canto da despensa onde guardavam os baús, dentro dos quais haviam transportado seus pertences de Trieste. Viu que sua esposa estava enchendo um dos baús com roupas quando um novo ataque de pânico tomou conta dela; ela soluçou e disse que iam todos morrer. Em meio a lágrimas, contou-lhe que um caminhão cheio de soldados havia passado pela rua deles. Mais tarde, Zolli se lembraria de como Miriam olhara para ele enquanto acalmava sua esposa. “Havia confiança nos olhos dela. Ela beijou a mãe e disse que tudo ficaria bem. Então, eu sabia que tinha de fazer algo, achar algum lugar onde elas estariam em segurança.”

Naquela noite, todos dormiram no mesmo quarto.



Em sua sala no Colégio Alemão, O’Flaherty estudou a lista de propriedades do Vaticano que estavam protegidas sob o Tratado de Latrão. Aquele havia sido um dos primeiros documentos que lera ao se mudar para o Vaticano. Mas duvidava e achava improvável, apesar de o tratado garantir que as propriedades extraterritoriais da Santa Sé estavam protegidas, que os alemães permitissem que a soberania se estendesse ao fornecimento de abrigo aos judeus e fugitivos aliados.

Em um caderno, havia escrito os nomes de madres superiores e de seus conventos, junto com os dos diretores de colégios e institutos de educação. A seguir, repassou a lista de padres paroquiais na cidade. J á conhecia alguns deles, outros eram recém-empoados

em seus cargos. Junto a alguns nomes, colocava uma marca para servir de lembrete a si mesmo, indicando que seus históricos fossem verificados mais de perto.



Em seu quarto, a princesa Nina Pallavicini escutava a transmissão radiofônica das notícias da *BBC* na madrugada, que começava com as palavras usuais já muito conhecidas: “Aqui estamos, falando de Londres”. O boletim começou com a notícia de que os remanescentes de uma frota italiana haviam fugido para Malta e se rendido à Marinha Real Britânica, quando sua empregada entrou correndo: um furgão equipado com detector de rádios estava no final da rua. A princesa desligou seu aparelho e o colocou de volta em seu esconderijo, debaixo de um piso falso dentro do guarda-roupa. Juntou-se à empregada na frente da janela do quarto para observar como o furgão passava lentamente em frente ao *palazzo* para depois virar a esquina.



No final da noite de domingo, no conforto da biblioteca na VillaNapoleon, Weizsäcker tomava uma grapa com Kessel. Mais cedo, no final da tarde, o embaixador informou Maglione que havia sido autorizado por Ribbentrop a confirmar que a neutralidade do Vaticano seria inteiramente respeitada. Kessel deu de ombros e perguntou por quanto tempo. Weizsäcker sorriu com indulgência. Durante as semanas que passaram se conhecendo, reconheceu que partilhavam as mesmas opiniões e experiências. Nenhum deles era membro do Partido Nazista e ambos eram católicos. A diferença entre eles era a obstinação de Kessel e o fato de não fazer segredo de suas opiniões.

Agora, enquanto apreciavam seus drinques, Weizsäcker contou a seu jovem vice que a chegada de Kappler à cidade havia tornado mais definido o destino dos judeus de Roma.



Um carro oficial alemão e cinco caminhões fechados, escoltados por motociclistas com *sidecar*, andavam pelas ruas do centro de Roma pouco depois do crepúsculo da manhã de quarta-feira, dia 16 de setembro de 1943. Durante a noite, mais cartazes colocados nas paredes pelos ocupantes haviam sido arrancados pela Resistência, cujos membros desapareciam rapidamente na escuridão das ruas secundárias.

O comboio parou em frente ao Banco Central da Itália. Buracos horríveis nas paredes pareciam feridas abertas e eram um lembrete das batalhas ferozes de rua que haviam precedido a captura da cidade, agora envolvida em silêncio sombrio, tão sufocante quanto o calor que fazia.

O diretor-geral do banco esperava do lado de fora das portas duplas; a seu lado estava um *Oberscharführer* da SS e um segundo sargento (chefe sênior de esquadrão). Pôs-se em posição de sentido quando Kappler saiu do carro em seu uniforme impecável e botas pretas. Por um momento, ficou parado observando o prédio, a luz da manhã em sua cicatriz de cerca de oito centímetros na bochecha, advinda de um duelo, quando levantou a mão para aceitar a saudação do sargento; o anel de aço em seu dedo indicador reluzia. Era decorado por uma caveira e uma suástica, os símbolos da Gestapo.

Quando os soldados paraquedistas saltaram dos caminhões, Kappler os levou até o local onde o diretor-geral esperava. Inclinou a cabeça como se estivesse saudando clientes valiosos, então abriu as portas e levou Kappler e os paraquedistas para dentro do prédio. Na rua, os motociclistas tomaram suas posições, submetralhadoras a postos.

Em uma hora, 110 toneladas métricas de ouro haviam sido retiradas dos cofres-fortes do banco e carregadas nos caminhões pelos soldados paraquedistas. Toda a reserva de ouro da Itália havia sido roubada em sessenta minutos. Mais tarde, naquele mesmo dia, os soldados paraquedistas transferiram os lingotes de ouro para dois vagões de carga para começar a viagem de trem em direção norte, para Berlim. Kappler já começava a planejar como poderia roubar ainda mais ouro para o Terceiro Reich — desta vez, dos judeus de Roma.



O'Flaherty havia reunido a rede do Vaticano com a velocidade e habilidade pelas quais já era conhecido. Falara primeiro com padres irlandeses que trabalhavam no Vaticano para verificar os conhecimentos de língua gaélica que possuíam. Os padres que falavam a língua

nativa dele haviam desempenhado um papel importante nos difíceis anos que a história irlandesa conhecera na década de 1920, quando foi usada para ajudar os republicanos a lutar contra os *Black and Tans*, as tropas britânicas na Irlanda, que eram vistos pelos católicos como os “terroristas do rei”. O’Flaherty disse aos padres que havia escolhido o gaélico para ser mais esperto que os alemães.

Entre os primeiros recrutados, estava o padre Sean Quilan, cuja família era vizinha dos O’Flaherty no condado de Kerry. Outro escolhido foi monsenhor Thomas Ryan, que teria dito: “Vai ser mais divertido que rezar a missa de manhã”. Padre Owen Sneddon trabalhava para a Rádio Vaticano. O’Flaherty já sabia que ele com frequência inseria, disfarçadamente, mensagens para as famílias de prisioneiros aliados durante seus programas de rádio.

Durante dias, vários outros padres foram recrutados, e Sneddon — um amante das histórias de espionagem — sugeriu que todos deviam ter codinomes. O’Flaherty se tornou “Golf”; Sneddon escolheu ser conhecido pelo nome de seu pai, “Horace”; Quilan virou “Kerry”; e Ryan, “Rinso”. Outros receberam nomes que poderiam ter saído de uma das peças de teatro que O’Flaherty vira nos campos de prisioneiros. Havia nomes como “Eyerish”, “Fanny”, “Emma” e “Whitebows”, um padre da ordem educadora La Salle.

Todos haviam se formado no seminário de Maynooth, na Irlanda, o maior do mundo católico. Atuariam como mensageiros entre as casas seguras. O’Flaherty decidira que seriam conventos, em sua grande maioria. Mas, após sugestão da princesa Pallavicini, concordara que ela negociasse o aluguel de apartamentos cujos ocupantes haviam fugido. Poderiam ser usados para esconder soldados aliados, que achariam “um pouco desconfortável se esconder em um convento de freiras”, dissera ela.

Uma das tarefas de seus recrutados seria fornecer detalhes sobre uma rede de padres que tinham paróquias próximas aos campos de prisioneiros de guerra, de onde os prisioneiros aliados escapavam para se dirigir a Roma.

Ao longo dos anos, O’Flaherty havia feito várias visitas ao gueto, atraído por sua história e estilo de vida. Havia uma pobreza de séculos de tempos difíceis, mas também um sentido muito forte de espiritualidade que se centralizava no *tempio maggiore*, a sinagoga. Aprendera que a cultura deles estava enraizada tão profundamente quanto a da Irlanda. Sua visita mais recente havia sido feita para se encontrar com Settimio Sorani, uma apresentação feita pelo padre Weber, que dissera, depois de O’Flaherty ter sido nomeado pelo papa para chefiar a rede do Vaticano, que seria bom se o trabalho com a *Delasem* desse certo.

Settimio havia lhe mostrado evidências que a *Delasem* recebera e que confirmavam os mais recentes relatórios dos núncios sobre as atrocidades nazistas. Entre elas, estavam fotografias tremidas de caça aos judeus na Lituânia, Letônia e Ucrânia.

Por meio de Rosina, O’Flaherty conheceu Ugo Foa, Dante Almansi, Renzo Levi e Israel Zolli.

Era a primeira vez que se encontrava dentro de uma sinagoga, e Foa a mostrou a ele, levando-o para a biblioteca e explicando sua importância para a história judaica, antes de

levá-lo a seu escritório, onde os outros estavam esperando. Cumprimentaram O'Flaherty cordialmente e escutaram atentamente quando lhes falou sobre os planos do papa para ajudar os judeus de Roma. O'Flaherty percebeu que todos, exceto Zolli, expressaram sua satisfação quando terminou de descrever as intenções de Pio. O rabino-mor disse que, se as forças aliadas não chegassem em breve, haveria um banho de sangue. De acordo com Zolli, Almansi lhe teria dito: “Como pode uma mente tão lúcida como a sua fazer uma previsão dessas, que só pode tumultuar a vida das pessoas? Os alemães ainda não deram nenhum sinal de que farão qualquer movimento contra nós!”. O rabino-mor deu de ombros e não participou mais da conversa.



Naquele final de tarde, O'Flaherty se encontrou com a princesa Nina Pallavicini. Ela lhe contou que conseguira alugar mais de uma dezena de apartamentos para acomodar soldados aliados e outros fugitivos e que vários outros estariam disponíveis em breve.

Depois de lhe dar as últimas notícias transmitidas pela *BBC* de Londres, a princesa revelou que ela e sua empregada haviam passado a tarde enterrando seus objetos de valor nos jardins do *palazzo*, em uma lata enrolada em linóleo. Várias outras amigas já haviam feito o mesmo por causa do aumento de pilhagens feitas por gangues de rua. Enquanto ele a acompanhava a pé de volta a seu *palazzo*, as ruas já se esvaziavam, por causa da aproximação do toque de recolher.



Em um final de tarde, vestido como um carteiro de Roma, O'Flaherty saiu para visitar o príncipe Filippo. O disfarce foi a ideia que teve para não levantar suspeitas sobre o motivo de um mosenhor visitar o Trastevere.

O príncipe era um dos membros da Aristocracia Negra e um antifascista incondicional, uma posição que lhe havia custado muito caro. Mussolini havia ordenado que fosse enviado a um campo de prisioneiros, do qual Filippo foi solto depois de pressão exercida pelo papa. Agora Filippo estava escondido para evitar ser preso pelos alemães. O'Flaherty fazia parte do pequeno círculo de amigos que visitavam o príncipe em sua pequena casa no Trastevere. Era muito diferente do *palazzo* barroco da família na Via del Corso, em Roma. Com seus mil aposentos, não concorria em tamanho com o Palácio Apostólico. Nas margens do Tibre, os vizinhos de Filippo eram famílias da classe trabalhadora, e vários deles faziam parte da Resistência.

O príncipe foi o anfitrião atencioso de sempre e, quando O'Flaherty lhe contou sobre o progresso no estabelecimento de uma rede, deu-lhe 500 mil liras para alugar mais apartamentos e abastecê-los com alimentos e roupas.



O próximo passo de O'Flaherty era entrar em contato com D'Arcy Osborne. Sua amizade com o ministro britânico datava dos dias em que jogavam juntos no exclusivo Clube de Golfe de Roma. Quando Osborne se mudou para Santa Marta, deu a O'Flaherty caixas de bolas de golfe novas, para as quais não encontraria uso dentro do Vaticano, e o convidou para jantar; Osborne concluiu que não havia sinal algum de sentimentos antibritânicos em seu convidado; estava claro que O'Flaherty lutava em favor dos refugiados, judeus e antifascistas.

Naquela manhã de setembro, Osborne deu as boas-vindas ao monsenhor em seu escritório, com sua costumeira saudação irlandesa exagerada: “O melhor da manhã para você, Hugh”. O'Flaherty não perdeu tempo e disse que havia ido “em busca de dinheiro, a causa de todos os males”. Falou a Osborne sobre a decisão do papa de fornecer abrigo a judeus e fugitivos das forças aliadas em Roma.

O ministro se sentou para tomar notas, interrompendo-o para fazer perguntas ocasionais. Quanto mais lhe era dito, mais sabia que não poderia deixar fugitivos britânicos escaparem para percorrer o campo tentando sobreviver da terra, muito menos tentando sobreviver nas ruas da cidade. Mas, se os alemães descobrissem que ele os havia ajudado, ficaria caracterizada a violação do *status* diplomático britânico, e ele seria expulso do Vaticano. Ainda assim, tinha de tomar providências. Disse a O'Flaherty que faria arranjos para “abrir uma linha de crédito” no Banco do Vaticano, que seria garantida pelo Ministério das Relações Exteriores em Londres, e o dinheiro que pediria para ajudar a apoiar a rede seria reembolsado no prazo de três meses depois da libertação de Roma.

Um O'Flaherty levemente confuso perguntou qual soma estaria disponível para ser retirada da conta.

— Quanto você quer? Dois milhões, 3 milhões de libras?

O'Flaherty não hesitou:

— Vamos optar pelo número mais alto. Muitas pessoas precisam de nosso cuidado.



Em Londres, o pedido de dinheiro chegou acompanhado da promessa de Osborne de que seria usado para “salvar vidas preciosas” e da imagem de “pessoas famintas caçadas por nazistas”. O pedido foi parar na mesa do oficial sênior do Tesouro, *sir* Horace Rumbold. O arquivo FO 371/37566 do Ministério das Relações Exteriores revela um tomador de decisões burocrático. Quais eram os riscos de se abrir uma conta no Banco do Vaticano para salvar prisioneiros britânicos? Que perigo isso poderia criar para a relação do governo de Sua Majestade com a Santa Sé? Como Osborne poderia garantir que o dinheiro só seria usado para ajudar as “pessoas certas e não cair nas mãos de

trapaceiros”? O dinheiro seria usado para ajudar outros prisioneiros aliados fugitivos, tais como russos e gregos? Se fosse o caso, seria recuperado mais tarde junto a seus governos no final da guerra? No final, Rumbold ponderou que “vale a pena assumir essa grande quantidade de riscos”. Um empréstimo de 3 milhões de libras foi aprovado sob os termos e as condições propostas por Osborne.

Finalmente O’Flaherty discutiu com Maglione o papel que ele próprio desempenharia. Disse ao secretário de Estado que havia planejado ficar no degrau mais alto da basílica de São Pedro antes das missas da manhã e do final da tarde. Para os membros da rede, seria uma oportunidade de contatá-lo e repassar suas notícias mais recentes, além de receber suas instruções. Aquele também seria um lugar para onde os fugitivos e refugiados poderiam ser levados para depois serem encaminhados a seus esconderijos.

O cardeal se reclinou em sua cadeira e disse que, embora o plano houvesse sido bem preparado, ainda existiam riscos. Os alemães haviam estabelecidos postos de observação em prédios diante da praça. Eles certamente começariam a se perguntar por que O’Flaherty estaria parado ali duas vezes por dia em seus paramentos distintos, suas vestes pretas e vermelhas, que o identificavam como um membro do Santo Ofício.

O’Flaherty disse que seria um risco que teria de assumir.



Além de fazer suas visitas semanais aos hospitais, Pascalina agora também ligava para os conventos selecionados por O’Flaherty como casas seguras. Dizia às madres superiores de cada convento que o papa havia autorizado e que receberiam ajuda financeira para cobrir os custos de acomodação e alimentação de seus hóspedes. O dinheiro seria distribuído por meio dos padres palotinos.

No convento da Ordem de Santa Brígida, a abadessa mostrou à Pascalina a porta secreta que levava a um refúgio subterrâneo onde as freiras se abrigavam nos anos da Idade Média, quando Roma estava sob ataque. O local estava sendo equipado com quartos, onde os refugiados poderiam dormir. No convento agostiniano, que ficava na encosta do monte Célio, a abadessa levou Pascalina para a pequena fazenda adjacente ao prédio, que forneceria leite e carne para os refugiados. Pascalina lhe disse que os nazistas haviam proibido os judeus de fazer o abate ritual, mas que o papa mandaria um açougueiro *cashier* especialmente treinado da fazenda do Vaticano em Castel Gandolfo para preparar a carne, conforme o exigido pelo ritual judaico de abate.

Em um convento, Pascalina encontrou planos em andamento para ter farinha suficiente para cozinhar. Em outra casa religiosa, as despensas eram abastecidas com alimentos enlatados. Irmã Emilia Ameblow, madre superiora pedia insistentemente à Pascalina:

Por favor, traga a maior quantidade de judeus que puder. Dormiremos no chão para dar lugar a eles e também asseguraremos que tenham um lugar para seus rituais de devoção. Afinal de contas, são todos filhos de Deus.

Naquele final de dia, Pascalina escreveu em seu diário:

Todas elas disseram que era bom ser convocadas pelo Santo Padre para abrir as portas, levantar as grades e ignorar o risco para poder salvar a vida de pessoas em perigo”.



O papa enviou seus cumprimentos a O'Flaherty quando soube que a rede do Vaticano havia começado a trabalhar estreitamente com a *Delasem* e os padres palotinos com o objetivo de ajudar os refugiados. Pio tomou providências para que Settimio Sorani pudesse usar os edifícios da Igreja para estabelecer escritórios secretos em povoados e cidades por toda a Itália; funcionariam com o apoio dos arcebispos de Gênova, Turim, Florença e Milão. Ordenou que as contas bancárias das dioceses fossem usadas para distribuir o dinheiro que a *Delasem* recebia de organizações judaicas humanitárias dos Estados Unidos para oferecer documentos e roupas aos judeus fugitivos. Caminhões claramente identificados como do Vaticano forneciam alimentos aos conventos e mosteiros onde os refugiados se abrigavam.

A *Delasem* havia começado a enviar pequenos grupos de judeus para a Suíça. Alguns dos padres que haviam se prontificado voluntariamente a agir como guias eram palotinos e levavam consigo documentos carimbados pelo Vaticano para mostrar aos guardas de fronteira na Suíça que estavam acompanhando peregrinos que voltavam para casa depois de visitar Roma. Os homens judeus eram vestidos com paramentos fornecidos por ordens religiosas. As mulheres vestiam hábitos de freiras, e as crianças eram registradas como órfãs de um lar católico. Se os guardas suspeitassem de algo, um envelope com dinheiro resolvia a situação. Sorani já havia providenciado que membros da filial suíça da *Delasem* esperassem no povoado mais próximo da fronteira e organizassem tudo para que os refugiados pudessem ter uma vida nova em um país neutro. Pio havia enviado vários padres e freiras à Suíça a fim de que pudessem dar assistência no reassentamento.

Muitos dos que esperavam para fazer a jornada eram levados de uma casa religiosa a outra. Mais tarde, Gisela Birach recordaria:

As freiras eram bondosas, mas esperavam que nós seguissemos a ética de trabalho delas. Tínhamos que lavar e encerar os pisos dos corredores, e nossos homens tinham que trabalhar nas roças. Em alguns conventos, mantinham longos períodos de silêncio, durante os quais tínhamos que

permanecer em nossos aposentos e não podíamos conversar.

Ester Braunstein trabalhou na cozinha de um convento:

Eu era encarregada de descascar batatas, e elas eram contadas uma a uma. A fome definia nossa existência. Embora as irmãs dividissem tudo conosco, nunca havia o suficiente para saciar nossa fome. A não ser que você já tenha mascado casca de batata ou folhas de rabanete, não sabe o que significa ter fome.



No final da segunda semana de ocupação, a vida cotidiana parecia ter recomeçado em Roma. As lojas estavam abertas, os bondes faziam suas linhas, as crianças voltavam da escola, o mercado negro continuava a operar. Somente os jornais e a Rádio Roma revelavam a realidade. Publicaram os nomes dos “comissários” nomeados pelo general Stahel para dirigir a cidade. Havia recebido a ordem de entregar todos os operadores do mercado negro para “execução imediata”. Entre as outras violações, estavam a distribuição de “propaganda” aliada, a quebra do toque de recolher e a remoção de notas públicas postadas pelo “alto-comando alemão do sul da Itália”. As autorizações para que enfermeiras e médicos pudessem estar nas ruas durante as horas do toque de recolher deviam ser obtidas no gabinete do Ministério da Guerra, estabelecido na sede de polícia da cidade. Qualquer uso impróprio das permissões para se comunicar com a Resistência ou apoiá-la de algum modo era punível com morte.

A cada manhã, a estação fazia transmissões radiofônicas com trechos dos mais recentes discursos de Hitler e, na segunda-feira, dia 20 de setembro, anunciou que tinha “o grande prazer” de confirmar que Kesselring havia sido recebido pelo papa. Nos dez minutos de audiência, o papa obteve concessões do marechal de campo: todos os veículos que possuísem a placa de licenciamento do Vaticano, S.C.V., poderiam andar sem quaisquer restrições pelas ruas de Roma; todas as propriedades extraterritoriais teriam um aviso na porta com as palavras “Propriedade da Santa Sé”, tanto em italiano quanto em alemão, e nenhuma autoridade alemã entraria nelas; o trem do transporte ferroviário do Vaticano proveniente de Castel Gandolfo não seria parado nem inspecionado; o exército alemão não cruzaria a linha branca que demarcava as fronteiras com o Vaticano.

Tanto o *L'Osservatore Romano* quanto a Rádio Vaticano noticiaram as concessões sem comentários. Mas Dalla Torre, editor do jornal, comentou com sua equipe: “Quaisquer que sejam seus motivos, os alemães estão tentando fazer amigos, na esperança de que isso os ajude quando as forças aliadas chegarem”.



Assim que ouviu sobre as concessões, o professor Borromeo ordenou que fosse instalada uma placa bem clara na entrada do Fatebenefratelli: “Ordem de São João. Propriedade da Santa Sé”. Soube que, nos últimos dias, outros hospitais de Roma não protegidos pelo Tratado de Latrão haviam sido inspecionados por soldados alemães à procura de combatentes feridos da Resistência e violadores do toque de recolher internados.

Já havia muitos pacientes no Fatebenefratelli que se recuperavam dos ferimentos sofridos por causa da batalha por Roma ou por violar o toque de recolher. Depois das cirurgias, eram transferidos para uma ala em um andar mais alto, identificada como unidade de isolamento para pacientes com tuberculose.

Eram jovens e passavam os dias deitados, imóveis, olhando fixamente para a brancura vazia do teto. Quando já podiam se mexer, uma enfermeira os ajudava a ir a uma sala de recreação, onde podiam ouvir rádio em um aparelho fornecido pelo doutor Vittorio Sacerdoti para saber as notícias sobre os avanços das forças aliadas. Algumas vezes, ele se sentava com os pacientes no final da tarde, e eles lhe contavam como estavam ansiosos para voltar e se juntar à Resistência. Ele os advertia dizendo que provavelmente já havia um preço estabelecido por suas cabeças, mas respondiam dizendo que, para salvar Roma, valeria a pena pagar esse preço. Ele entendia o sentimento deles.

Ele nunca lhes contou que já tinha enfrentado duas vezes as ruas noturnas perigosas, carregando sua valise de cirurgião, para ajudar combatentes, cujas famílias estavam amedrontadas demais para levá-los ao hospital. Em vez do procedimento normal, havia usado água fervente para higienizar uma mesa de cozinha antes de dar uma anestesia local no paciente e tratar suas feridas.

Sua coragem o tornaria um dos primeiros heróis da ocupação.



Mose Spizzichino e suas filhas casadas, Ada e Gentile, descarregaram seu carrinho de mão. A cada dia ficava mais difícil achar algo bom para comprar. As pessoas haviam deixado suas casas, e aqueles que tinham algo a vender pechinchavam por toda oferta feita para um vestido velho, um sobretudo ou um par de sapatos usados.

Ainda não tinham notícia de Umberto e Marco desde que foram embora para ingressar na Resistência. Mas Mose estava confiante. Na volta que deu, ouviu que um bom número de combatentes havia ido em direção sul para se juntar aos correligionários e atacar os preparativos de defesa que os alemães faziam contra as forças aliadas, que estavam avançando. Disse às filhas que seus maridos estavam ocupados demais com os combates para contatá-las.



A própria cidade de Roma também havia passado por mudanças. Nomes de ruas haviam sido alterados, incluindo a antiquíssima Via Marco Polo; agora se chamava Via Adolf Hitler. A insígnia real das caixas de correio se escondia debaixo de uma camada de tinta preta, e a bandeira com a suástica tremulava em todos os edifícios de escritórios. Havia barreiras de estrada por toda parte para verificar se todos os veículos motorizados tinham os novos discos de taxaço introduzidos pelo general Stahel. Ele também ordenara uma proclamação pela Rádio Roma e publicou em todos os jornais que soldados italianos que houvessem lutado do lado germânico antes do armistício poderiam se alistar no Exército Alemão, obtendo o mesmo *status* dos alemães, incluindo pagamento e alimentos.

Stahel também havia “convidado” trabalhadores italianos a se oferecerem como voluntários e ingressarem nas “brigadas de trabalho” para construir defesas em volta da cidade “contra um inimigo que tomou posse do solo italiano e precisa ser expulso”. Havia trabalho para 60 mil homens saudáveis e capazes, que seriam pagos e tratados “no espírito de justiça nacional e socialista, que distingue a nova Alemanha que está sendo construída”, Stahel prometera.

Quando somente 300 romanos responderam ao chamado, Kesselring ordenou uma convocação forçada. As ruas foram isoladas com cordões; e prédios, varridos; bondes e carros eram parados, e homens fisicamente em forma eram agrupados em caminhões, que ficavam à espera.

Mose conseguiu escapar duas vezes de ser recrutado empurrando rapidamente seu carrinho de mão para uma rua lateral.



Pascalina visitou o gueto pela primeira vez nas últimas semanas. Queria ver como os judeus estavam enfrentando os acontecimentos. Enquanto caminhava ao longo da Via del Portico d’Ottavia, as pessoas sorriam e acenavam com a cabeça em reconhecimento por sua presença. “Ela era um lembrete de que o papa estava próximo e zelando por nós”, recordaria mais tarde Giogina Ajo, prima do doutor Sacerdoti.

Outros contaram à Pascalina que seus vizinhos que haviam se escondido estavam retornando a suas casas para trabalhar e assegurar seu lugar nas filas para conseguir alimentos. Um lojista lhe contou que o leite estava ficando raro e que as mães muitas vezes tinham de ir de um estabelecimento a outro e, ainda assim, voltar para casa de mãos vazias e em lágrimas.

Pascalina voltou para o Vaticano e propôs ao papa que enviassem leite da fazenda de Castel Gandolfo para as crianças do gueto. Pio concordou.



De sua posição com vista privilegiada, o degrau mais alto da basílica de São Pedro, O'Flaherty observou um carro oficial alemão estacionar do outro lado da praça São Pedro. O motorista abriu a porta do passageiro, e Kappler apareceu. Caminhou lentamente ao longo da linha branca que dividia o Vaticano e Roma, parando para olhar para as estátuas dos santos no topo da colonata de Bernini. Quando chegou ao final da linha fronteira, Kappler parou para olhar o Palácio Apostólico. Então, voltou-se e caminhou rapidamente de volta à limusine.

O'Flaherty sabia que naquele momento o papa estaria rezando em sua capela particular, onde ele próprio já estivera mais de uma vez ajoelhado no genuflexório. Sabia que o papa havia automaticamente incluído aquele homem que acabava de dar a última olhada impetuosa no Vaticano; em todas as suas orações Pio sempre incluía todas as almas da Terra. Mas isso não teve nenhum efeito em favor da redução do sentimento instintivo de O'Flaherty, enquanto olhava o carro ir embora, de que dentro daquele veículo estava um inimigo implacável.



Naquele final de tarde de setembro, o embaixador Ernst von Weizsäcker e seu vice, Albrecht von Kessel, estavam sentados no conforto da biblioteca de Villa Napoleon e discutiam uma potencial crise iminente nas relações Vaticano-Alemanha, pelas quais eram responsáveis em Roma.

No dia anterior, uma unidade da *Waffen-SS* havia feito ataques a pequenos povoados turísticos ao longo da margem do lago Maior, no norte da Itália. Lá vivia uma pequena comunidade judaica. Cinquenta e quatro homens, mulheres e crianças do povoado haviam sido levados para o lago e executados. Outros vinte e dois foram colocados em trem e deportados para Auschwitz.

Weizsäcker ficou chocado quando recebeu os detalhes de padre Leiber, secretário do papa. Pediu que o embaixador desse garantias a Pio de que “tal crime de guerra não se repetirá em solo italiano”. As tentativas do embaixador de entrar em contato com o general Stahel ou com o marechal de campo Kesselring haviam falhado. Seus assistentes disseram ao embaixador que o ocorrido não era “assunto diplomático”, mas que ele o poderia encaminhar ao *Reichsführer* Himmler, em Berlim. O embaixador foi informado de que Himmler “não estava disponível”.

“Os líderes judaicos da comunidade de Roma precisam ser alertados para a necessidade de ir para algum esconderijo”, insistiu Kessel. Concordaram que seria impossível para eles fazer isso. Caso se tornasse público que haviam feito contato desse nível com judeus, seria praticamente certo que suas carreiras terminariam — e, muito

provavelmente, teriam de pagar com a própria vida.

Kessel propôs uma solução. O doutor Alfred Fahrener, que era um oficial veterano da Liga das Nações em Roma, era conhecido por ter contatos com Ugo Foa e Renzo Levi.

Weizsäcker lhe telefonou e contou o que havia acontecido. Fahrener imediatamente concordou em ligar para Foa e Levi. Passada uma hora, ligou de volta. Ambos haviam rejeitado a sugestão de que os judeus “se escondessem ou fugissem”. Fahrener disse que ele mesmo estava inclinado a concordar que não haveria necessidade de uma ação tão dramática.

Weizsäcker lhe agradeceu e colocou o telefone de volta no gancho.

GROUP XIII/52
ROME TO BERLIN
RSS 180/20/10/43.
(r) on 9138 kcs.
CT 2010/1130/43.

1100 GMT

20/10/43.

Admungsplizei

Request express W/T despatch to B.G.S VIENNA and
B.G.S. PRAGUE. Transport of Jews from ROME left
ROME on 18th at 0900 hours with transport No.
X70469 and is travelling via ARNOLDSTEIN to
AUSCHWITZ. Since the GRUO escort detachment is
urgently required at this end, please find out
times of passing through and arrange relief of the
escort detachment by OKFO from your area.

Dr. HARSTER, SS Brigadier and Com.
(Countersigned) Major der Pol.

Mensagem interceptada decodificada por decodificadores ingleses em Bletchley Park, enviada por Theodor Dannecker, encarregado da Judenaktion do gueto de Roma. Apenas quinze dos 1.041 no trem para Auschwitz sobreviveram. Coleção do autor



Dr. Vittorio Sacerdoti, o ousado jovem médico do Fatebenefratelli, hospital judaico na ilha

Tiberina, em Roma. Ele arriscou a vida para ajudar combatentes feridos da Resistência, mas também inventou uma falsa enfermidade que chamou de "Síndrome de K" para enganar os alemães, fazendo-os crer que os judeus escondidos no hospital podciam de uma doença mortal e contagiosa e não podiam ser transportados. Luciana Tedesco



Professor Giovanni Borromeo, diretor médico do Fatebenefratelli. Durante o bombardeio de Roma, ele se tornou um herói para os seus pacientes e equipe. Luciana Tedesco



Israel Zolli, rabino-mor de Roma. Na véspera da razia, ele fugiu com a sua família para o Vaticano e se refugiou lá até o fim da guerra. Depois da guerra, ele se converteu ao catolicismo e mudou seu prenome para Eugenio, em homenagem ao papa. Dentro da comunidade judaica, Zolli continua sendo um personagem controverso. Cortesia da irmã Margherita Marchione



Quando os judeus de Roma fugiram da razia, encontraram refúgio no Vaticano. Refeitórios foram improvisados no Palácio Apostólico e em outros edifícios. Cortesia da irmã Margherita Marchione



O papa deu autorização para que o seu palácio de verão em Castel Gandolfo fosse usado para

abrigar judeus romanos que haviam fugido da razia. Cada espaço disponível foi utilizado, inclusive o chão para dormir. Cortesia da irmã Margherita Marchione



Refugiados judeus do gueto receberam santuário em conventos de Roma. Cortesia da irmã Margherita Marchione



Caminhões do Vaticano entregavam comida em conventos, centros religiosos e mosteiros onde judeus e prisioneiros de guerra aliados estavam sendo escondidos. Cortesia da irmã Margherita Marchione



Após o bombardeio de Roma em 1943, o papa Pio deixou o Vaticano pela primeira vez durante a Guerra, para visitar a região bombardeada. Cortesia da irmã Margherita Marchione



O gabinete do papa em Castel Gandolfo foi atingido por bombardeiros aliados durante um ataque contra alvos alemães na região. Cortesia da irmã Margherita Marchione



A mensagem de Natal do papa, em 1943, foi um ataque aos nazistas, mas o presidente Roosevelt achou que não foi forte o suficiente. Cortesia da irmã Margherita Marchione



O papa fala a uma multidão do pós-guerra na praça São Pedro. Na parte superior esquerda da foto, vê-se a sacada de onde a equipe do Vaticano e os diplomatas aliados haviam assistido aos ataques aéreos sobre Roma. Cortesia da irmã Margherita Marchione



O secretário de Estado do Vaticano, cardeal Luigi Maglione, uma influência poderosa sobre o papa Pio. Ele acompanhou as movimentações militares da Segunda Guerra Mundial e discutiu a estratégia dos generais com seus dois assistentes, monsenhor Tardini e monsenhor Montini (mais tarde papa Paulo VI). Cortesia da irmã Margherita Marchione.



Monsenhor Alfredo Ottaviani, chefe do Santo Ofício, o elo entre a organização secreta para ajudar prisioneiros de guerra foragidos, os judeus e o papa. Disciplinador circunspecto, também defendeu O'Flaherty de ataques dentro do Vaticano por suas atividades. Cortesia da irmã Margherita Marchione



Barão Ernst von Weizsäcker. Membro de uma antiga e proeminente família alemã, opunha-se

aos nazistas. Foi persuadido pelo almirante Wilhelm Canaris, chefe da Abwehr da Alemanha, a ir a Roma como embaixador alemão junto à Santa Sé e tentar obter a adesão do papa a um complô que Canaris estava tramando para derrubar Hitler. Ambos sentiam-se desconfortáveis com as ideologias do regime nazista. Mas o papa não se envolveu no complô. Hitler ordenou que Canaris fosse enforcado por traição. Réu no Julgamento de Nuremberg para crimes de guerra, Weizsäcker foi sentenciado a sete anos, libertado em 1950, morreu um ano depois. Cortesia de Marianne Weizsäcker



KAPPLER
Herbert

Herbert Kappler, chefe da Gestapo em Roma. Originalmente incumbido da tarefa de deportar judeus romanos, foi substituído, por ordem de Adolf Eichmann, pelo notório especialista em Judenaktion da sua equipe, Theodor Dannecker. Após o ataque da Resistência em Via Rasella, Kappler foi incumbido de executar a ordem de Hitler que levou ao Massacre nas Cavernas Ardeatinas. Kappler foi posteriormente aprisionado em Roma, julgado como criminoso de guerra e sentenciado a quinze anos de prisão. Ele contraiu câncer, e sua esposa, uma enfermeira, ajudou-o a escapar para a Alemanha Ocidental, cujo governo se recusou a devolvê-lo à Itália. Morreu em 1978. Coleção do autor

PARTE III

OBSERVANDO E ESPERANDO





sando as luvas brancas de algodão que Ugo Foa lhe havia dado para proteger a coleção inestimável da Biblioteca Comunale, a biblioteca da sinagoga, Rosina cuidadosamente retirou mais um exemplar da prateleira e, em um livro de registro, escreveu seu título e ano de publicação. Muitos dos livros tinham séculos de idade e eram escritos em línguas que ela não sabia ler; mesmo assim, eles a haviam encantado durante os meses em passara catalogando o

acervo.

Quando Foa lhe solicitou que atualizasse o inventário da biblioteca, explicou que se tratava de uma coleção sobre a comunidade judaica de Roma, não só venerada em toda a diáspora, mas também ultrapassada somente por uma: pelos Arquivos Secretos do Vaticano, a maior coleção do mundo de fontes primárias de 2 mil anos de história religiosa e secular.

Havia relatos dos primeiros colonizadores judeus que se estabeleceram ao longo do Tibre e que muito provavelmente conheceram Cristo pessoalmente; documentos daqueles que se converteram ao cristianismo, mas também se contentavam em continuar vivendo à sombra do judaísmo. Havia descrições da chegada a Roma do apóstolo Paulo na primavera do ano 61, e, um pouco mais tarde, de um pescador de cabelos grisalhos, Simão Pedro. Havia manuscritos em grego que datavam do tempo dos césaes e gravuras do imperador Nero, que fazia orgias nas ruas e praças de Roma. Em cada livro ou pergaminho que tocava, Rosina podia sentir os séculos de história.

Ela trabalhou na biblioteca à tarde, quando a sinagoga estava deserta, com apenas poucos empregados. Disse a Foa que levaria anos para completar a catalogação, e ele sorriu e disse que seria melhor fazer tudo adequadamente do que às pressas. Ele lhe deu permissão para escolher um livro em hebraico para ler em casa, e ela resolveu estudar os relatos de como os judeus haviam sido obrigados a marchar sob o Arco do Triunfo de Tito, representando a destruição de Jerusalém, e como, em abril de 1753, as autoridades papais haviam entrado na sinagoga e enchido trinta e oito carrinhos com centenas de livros que foram levados para dentro do Vaticano.

Foa assegurou a Rosina que um ultraje daqueles jamais se repetiria. A garantia havia sido dada pelo papa Pio XI antes de sua morte, em 1939.



Como o casal Pierandello havia deixado a cidade, Zolli resolveu procurar outro refúgio

seguro para sua família.

Os ataques de ansiedade de Emma tornavam cada vez mais difícil trabalhar ininterruptamente em seu gabinete, escrevendo. Ela constantemente o procurava para se certificar de que os alemães não viriam e, durante as noites, acordava e começava a chorar. Miriam, sua filha, disse ao pai que deveria levar Emma ao médico.

O professor Borromeo prescreveu um tônico calmante para os nervos e um xarope para dormir. Também disse a Zolli que conhecia um colega que atuava como médico particular, um católico que estava indo para o México e que ficaria lá até o final da guerra; estava procurando alguém para cuidar da casa durante sua ausência.

O doutor Angelo Anaca, solteiro, vivia em um apartamento na elegante Via del Mascherino. Lembrou a Zolli que Emma o havia consultado uma vez. Disse que estava feliz por ter encontrado uma família que cuidasse de sua casa. Zolli garantiu a Emma e a suas filhas que estariam seguros até que as forças aliadas chegassem.



Todos os dias, o papa solicitava que padre Leiber obtivesse os números mais recentes da quantidade de judeus que recebiam abrigo ao chegar a Roma de trem ou de ônibus. Todos eles portavam documentos que os identificavam como peregrinos católicos. Pio havia tomado providências para que fossem expedidos daquela forma.

Eles chegavam em grupos pequenos, depois de terem sido acompanhados no caminho por padres palotinos e recebidos na estação de trem ou no terminal de ônibus por padres da rede de O'Flaherty, que os levavam para abrigos de casas religiosas. Aqueles que tivessem parentes no gueto ou no Trastevere eram levados por um membro da *Delasem*.

Pio também solicitou que Pascalina arranjasse acomodação adicional para judeus dentro do Vaticano. Em sua caminhada vespertina diária, parava e perguntava aos refugiados se estavam precisando de alguma coisa. Estava particularmente preocupado com as crianças, tomando providências para que parte dos jardins fosse usada como área de recreação; também encorajava os mais velhos a visitar a Rádio Vaticano, onde poderiam ficar no centro de controle e observar como um programa era transmitido. O Museu do Vaticano também foi instruído a organizar visitas. Ele regularmente encontrava pais e mães e lhes perguntava de onde vinham, escutava as histórias horrorosas que haviam vivido e assegurava-lhes que agora estavam dentro do Vaticano e que a Guarda Suíça os protegeria ali. Para Pascalina, o papa Pio era prático, “sempre pronto para ajudar nossos hóspedes judeus”.

Ele havia lhe dado novas atribuições na rede. Todos os dias, ela ligava para os conventos e as outras casas religiosas em Roma, onde se escondia um número cada vez maior de judeus, a fim de verificar se não tinham nenhum tipo de necessidade específica. Ela recebera acesso a uma conta no Banco do Vaticano para comprar roupas de bebê e

instruções para providenciar que médicos dos hospitais gerenciados pelo Vaticano, que regularmente faziam visitas em domicílio para examinar freiras muito idosas ou doentes demais para ir ao hospital, agora também incluíssem os judeus em suas visitas. Quando uma criança precisava de tratamento hospitalar, a mãe era levada para lá em uma ambulância do Vaticano, e o papa pedia que Pascalina o mantivesse atualizado sobre o progresso nos cuidados à criança. Sob seu olhar vigilante, a rede secreta do Vaticano operou com riscos em meio às tropas de ocupação.



Na quinta-feira de manhã, dia 22 de setembro, Kappler começou seu dia bem-humorado. A promessa da Rádio Roma de outro dia de céu azul foi reforçada pelos parabéns recebidos do *Reichsführer* Himmler pela chegada segura a Berlim da reserva de lingotes de ouro da Itália. Com a mensagem, chegara um documento com o carimbo *Geheime Reichssache* — Assunto Secreto do Reich —, a forma mais alta de sigilo procedente do gabinete de Himmler. O documento de uma página tinha como título *Judenproblem in Rom*, “Problema dos Judeus em Roma”.

Para Kappler, aquela seria a primeira *Judenaktion* que comandaria. Até ali, só havia desempenhado um papel nas caças nas cidades do norte da Europa. Seu primeiro passo foi solicitar que o *Stadtkommandant* Stahel declarasse o gueto área proibida para as tropas; muitos soldados haviam começado a frequentar as lojas tipo bazar para comprar recordações e mandá-las para casa. A polícia de Roma deveria patrulhar a rua de acesso e só permitir a entrada de judeus no gueto. Ele os queria todos em um só lugar para fazer sua *Judenaktion*.

No início da noite, os judeus já estavam em casa, antes do toque de recolher, inclusive vários que haviam ido se esconder em Roma e que agora se sentiam seguros o suficiente para voltar. Entre eles, estavam Emma Zolli e suas filhas. Ela dissera a seu marido, depois de ter passado uma semana no apartamento, que achava o lugar pequeno demais e os vizinhos pouco acessíveis. As meninas haviam voltado para a escola, e, com a ajuda dos remédios do professor Borromeo, Emma estava mais calma, e Zolli voltara a sua programação de escrever pela manhã.

Kappler continuou com seus preparativos para a *Judenaktion*. Enviou Helen Brouwer para a *Questura*, sede da polícia de Roma na Via della Grotta, para pegar arquivos que havia requisitado.

Consistiam em uma lista do número total de judeus que viviam em Roma no dia 1º de janeiro de 1943, um mapa das ruas do gueto e das áreas adjacentes e um mapa de Roma, excluindo o Vaticano. Por fim, havia um arquivo que continha o nome de líderes de gangues criminosas de Roma.

Ele havia passado horas estudando os nomes constantes nas listas, enquanto Helen Brouwer verificava seus endereços, comparando-os com as ruas desenhadas nos dois

mapas. Um bom número de judeus vivia em várias áreas da cidade. Contudo, os do gueto estavam bem agrupados, e muitas vezes havia sobrenomes repetidos em uma mesma rua. Kappler sabia que o número certamente estava desatualizado, já que não levava em conta os judeus que teriam saído da cidade antes de sua ocupação. Também não havia forma de saber quantos refugiados haviam ocupado o lugar dos fugitivos.

Somente dois nomes no arquivo sobre os líderes de gangues criminosas chamaram sua atenção. Um deles era Giovanni Mezzaroma, o líder dos Panteras Negras. O outro era Pietro Koch, cuja gangue recebia seu próprio nome. Kappler solicitou que sua amante preparasse relatórios sobre ambos.



O clima na sinagoga era de expectativa. No dia 8 de outubro, o nono de Tishrei de 5704 no calendário judaico, seria o Yom Kippur, o Dia do Perdão, uma das celebrações mais sagradas do ano. Havia séculos, os rituais e as celebrações na sinagoga seguiam a forma tradicional. Ugo Foa entrou em contato com o gabinete do general Stahel e foi informado de que não havia motivos para não fazer a celebração, desde que não violasse o toque de recolher.

A família Astrologo, cujos antepassados haviam clandestinamente removido de Jerusalém a famosa *menorá* — o grande candelabro judeu — e alguns outros tesouros do templo antes que Tito e seus romanos o destruíssem, havia muito tempo desempenhava um papel na preparação da sinagoga para o Yom Kippur.

Era uma família próspera cujo dinheiro vinha da compra e venda de joias. Nenhuma noiva do gueto se casava sem que tivesse uma aliança de ouro dos Astrologo no dedo anular. A família era conhecida por sua generosidade para com seus clientes quando se tratava da compra de um broche ou de alguma outra joia; tinham o instinto de perceber se alguém vendia alguma peça para comprar alimentos ou roupas para um filho ou filha em fase de crescimento. Desde cedo, seus próprios filhos foram apresentados ao mundo do trabalho duro e das negociações difíceis, aprendendo como tomar decisões.

Para preparar a sinagoga para o Yom Kippur a família poliu todos os candelabros, pratos e bancos de madeira, e o *Risalt*, onde se guardavam os rolos talmúdicos sagrados e de onde eram tirados durante a celebração do Kol Nidrei, na véspera do Yom Kippur. O dia em si é todo dedicado às orações e ao jejum, seguido pelo *Minchá*, celebração que inclui a leitura de todo o livro de Jonas, a história do profeta e da baleia.

Explicaram a Fernando Astrologo, o filho mais novo, de sete anos, da família, que a leitura era um lembrete de que ninguém teria como escapar da vontade de Deus. Durante o Yom Kippur, o menino ficou sentado do lado de seu pai para a celebração do *Ne'ila*, a oração final da penitência. Então, o *Shofar* ressoaria, e a família, assim como todos os outros, iria para sua casa para interromper o jejum.



No domingo, dia 26 de setembro, o professor Borromeo fez sua reunião diária com a equipe de funcionários do Fatebenefratelli. O último dos violadores do toque de recolher, que precisou ser tratado por causa de ferimentos a bala, havia recebido alta. Pela primeira vez desde o início da ocupação, havia leitos vazios.

Borromeo começou a reunião anunciando que um oficial da SS havia entregado um cartaz que deveria ser exposto em cada prédio público de Roma. Continha uma lista de penalidades para os violadores das leis mais recentes impostas pelo alto-comando alemão. O diretor médico as leu em voz alta:

Por dar refúgio ou ajudar fugitivos prisioneiros de guerra: morte.

Por possuir um transmissor de rádio: morte.

Por saquear áreas evacuadas: morte.

Por deserção do trabalho ou sabotagem: morte.

Por não cumprir as expectativas de trabalho: morte.

Por não avisar as autoridades ao mudar de endereço: vinte anos de prisão.

Por tirar fotografias ao ar livre: trabalhos forçados pelo resto da vida.

Por imprimir ou publicar ou circular notícias pejorativas contra o prestígio das potências do Eixo: trabalhos forçados pelo resto da vida.

O documento estava assinado: general Stahel.

O dr. Vittorio Sacerdoti quebrou o silêncio. Disse que, embora os alemães ainda não houvessem feito nenhum movimento sério contra o gueto, seria só uma questão de tempo até que resolvessem fazer. Jovens romanos já estavam sendo detidos no meio das ruas e enviados para trabalhar na Alemanha. Contudo, era fato significativo que jovens judeus estavam sendo poupados disso. Será que haveria outro destino planejado para eles, para todos os judeus de Roma? “Mas, assim como escondemos e tratamos os violadores do toque de recolher, também teremos de fazer o mesmo por nosso povo”, disse o jovem médico.

Os outros médicos e as enfermeiras pensavam sobre o que haviam acabado de ouvir. Assim como Borromeo, uma grande quantidade de pessoas da equipe médica era composta por católicos, inclusive com a presença de várias freiras. Irmã Ester, a enfermeira-chefe da ala infantil, lembrou que havia um acordo para que se desse

prioridade às crianças e aos idosos judeus. “Eles poderiam ser internados com um diagnóstico falso de tuberculose”, sugeriu a freira.

Irmã Ester era conhecida por suas brincadeiras para manter as crianças entretidas durante a internação no hospital. Disse que poderia ensinar seus pacientes a fazer o “som correto da tosse para enganar os alemães”. Teve outra ideia. Para completar o engodo, a doença fingida receberia uma nova descrição, para indicar o grau de contágio que possuía. Seria conhecida como *morbo di K*, “Síndrome de K”.

Borromeo concordou: “Do nome do cientista Koch que descobriu a tuberculose”.

A resposta de irmã Ester provocou sorrisos: “Mas nós saberemos que nosso K se refere a Kesselring, um lembrete de todas as coisas ruins que ele tem feito”.

Borromeo olhou para Vittorio. Será que ele achava que o truque funcionaria?

Seu vice disse que, nos primeiros dias da ocupação, os alemães enviaram uma equipe médica de inspeção para o hospital, que havia se recusado a entrar nas alas de isolamento, onde eram tratados pacientes que realmente tinham tuberculose. Uma vez que os pacientes com a Síndrome de K houvessem aprendido a simular a doença, sugeriu que Borromeo relatasse formalmente ao gabinete do general Stahel que estaria ocorrendo uma epidemia da doença letal e contagiosa. “Isso será o suficiente para manter afastadas suas tropas”, prognosticou Vittorio.



Naquela tarde, visitou parentes no subúrbio romano, na Viale Parioli, e disse a eles que poderia escolher oito deles para se tornarem “pacientes com Síndrome de K”. Ficariam isolados dos outros pacientes e, mesmo com a equipe de enfermeiras sabendo que não estavam doentes, seriam tratados como se tivessem a doença contagiosa.

Ao retornar ao hospital, Vittorio havia escolhido sessenta e cinco judeus, metade crianças, para serem levados ao Fatebenefratelli. Mais tarde, recordaria o episódio: “As famílias eram grandes, especialmente no gueto, e todos mereciam ter uma chance de se esconder de alguma forma. Mas só havia espaço limitado dentro do hospital”.

Em questão de dias, os casos de Síndrome de K foram isolados no segundo andar do hospital. Em cada porta, era afixado um aviso. *Morbo di K*. De dentro dos quartos vinha o som da tosse de uma doença inexistente.



Depois de se juntar às freiras do convento para fazer as orações de final de tarde, irmã Luke fez anotações em seu diário. Os jornais de Roma publicavam artigos atacando as pessoas que “falavam em colaborar com as forças alemãs”. O número de grupos de trabalho forçado havia aumentado. Meninos que mal estavam na adolescência eram

forçados a cavar trincheiras e empilhar sacos de areia. Outros eram convocados para o serviço militar.

O encanador do convento chegara em um final de tarde para contar que seu filho único, Antonio, havia sido pego em uma *blitz* no dia de seu aniversário de dezoito anos. Foi mandado para um campo de detenção com vários outros jovens. Sua esposa havia saído para tentar achar Antonio e soubera que ele era um dos seis jovens que haviam tentado escapar pela tubulação de drenagem. Os guardas selaram ambos os lados da tubulação e deixaram que morressem asfixiados.

Ocasionalmente havia um toque de humor para registrar:

Soldados em torno da Embaixada da Alemanha receberam ordem de atirar, sem antes advertir qualquer um que se aproximasse do prédio durante a noite. Um deles, provavelmente embriagado, viu semblantes próximos ao telhado, aparentemente acenando um para o outro. Delineados claramente no céu noturno, representavam alvos fáceis. Atirou, mas sem o resultado esperado. Deu mais tiros. Novamente sem resultado. Um pelotão correu até o local e identificou os “homens que acenavam um para o outro” como estátuas de pedra de santos que ficavam acima da entrada da basílica de São João de Latrão.



A cada segunda-feira de manhã, Helen Brouwer arrumava as rosas no escritório de Kappler; ele mesmo as colhia em seu jardim. Tinha orgulho de sua plantação e dizia que o perfume delas duraria uma semana. Uma lembrança mais duradoura de seu passatempo predileto eram as fotografias que havia tirado do jardim e colocado na parede. Em uma delas, aparecia Wolfgang, o menino selecionado pelo programa *Lebensborn*.

Em um final de tarde, a amante de Kappler conduziu dois visitantes ao escritório. Um deles era Pietro Caruso, o chefe de polícia de Roma, recomendado por Kappler para ser nomeado por Stahel. Aquele homem de quarenta e quatro anos era um veterano da marcha de Mussolini sobre Roma em 1922.

Ao seu lado, estava uma figura alta, faces encovadas, lábios finos, tez amarelada e olhos vigilantes de animal selvagem. Tratava-se de Pietro Koch, um dos dois líderes de gangue a respeito dos quais Kappler havia solicitado mais informações a Brouwer. Depois de ler o relatório dela, pediu que Caruso levasse Koch a seu escritório.

O líder da gangue, de vinte e cinco anos de idade, era um ex-oficial dos granadeiros fascistas da Sardenha, um dos regimentos mais duros do Exército Italiano. Fora lá que Koch aprendera sobre o submundo de Roma, por meio dos homens que comandava. Com sua educação e modos sociais, eles o respeitavam. Depois do armistício, os granadeiros foram dissolvidos, e Koch levara consigo um bom número deles para Roma.

Em semanas, haviam se tornado uma gangue implacável de ladrões; os únicos rivais à altura eram os Panteras Negras. Koch havia se encontrado com o líder da facção rival, Giovanni Mezzaroma, e concordaram que havia espaço suficiente para ambas dentro de Roma.

Foi esse acerto que fez Kappler tomar a decisão e pedir que Caruso levasse Koch a seu escritório. Decidiria mais tarde como usar o líder dos Panteras Negras.

Kappler levou Koch a uma janela e apontou um prédio do outro lado da rua, na Via Tasso. Disse que era a sede da Gestapo e que lá havia vinte celas no porão, além de duas salas de interrogatórios. Explicou que estava nomeando Koch como chefe da nova unidade — *RapportoSpeciale di Polizia*. Ela teria a mesma autoridade da força policial de Caruso, podendo investigar, entrar em recintos e prender, mas só informaria a Kappler diretamente. Deveria caçar a Resistência, soldados aliados escondidos e judeus que viviam na cidade. Cada prisioneiro deveria ser levado a seu novo quartel-general. Para cada prisioneiro entregue, haveria uma recompensa de 5 mil liras. Mas não poderiam ser judeus do gueto, não antes de Kappler dar ordens de agir lá.



A telefonista idosa encarregada do turno noturno na central telefônica do Vaticano estava sentada silenciosa em frente à mesa de operações. Era membro dos Discípulos Devotos do Divino Mestre, cujas irmãs trabalhavam em turnos da alvorada até a meia-noite para atender aos milhares de ligações que entravam e saíam através da mesa telefônica. Agora, àquela hora da noite, a mesa estava silenciosa.

Diante dela, havia uma lista de números em uma ficha datilografada. No topo, estava o número do ramal que ficava ao lado da cama do comandante da Guarda Suíça. O próximo era o número noturno do secretário de Estado, Maglione, seguido pelo de irmã Pascalina. Os outros eram os números de padre Leiber, monsenhor Montini, monsenhor Domenico Tardini e monsenhor Alfredo Ottaviani.

Ela sabia que a lista fazia parte do aumento perceptível de segurança dentro e em volta do Vaticano. Agora a Guarda Suíça solicitava a identificação até mesmo de empregados que serviam ao Vaticano havia muito tempo; o controle era feito nos portões de entrada, e havia patrulhas noturnas extras nas dependências, nos jardins e na praça São Pedro.

Uma luz piscou na mesa telefônica; a voz de um membro da Guarda Suíça relatava que tudo estava em ordem. A freira comutou a ligação para a casa da Guarda, que ficava atrás do portão fechado do Arco dos Sinos. Em quinze minutos, repetiria o mesmo processo.

A telefonista, evidentemente, não soube que as ligações estavam relacionadas com um plano para sequestrar o papa Pio.



Desde que o *Führer* declarara, em julho de 1943, que tinha a intenção de entrar no Vaticano e “retirar aquele bando de suínos”, ficou obstinado com a ideia de sequestrar o papa e levá-lo para a Alemanha. A ideia foi alimentada por sua crença de que Pio havia sido responsável por persuadir o rei Vítor Emanuel III e Badoglio a abandonar o Eixo e se juntar aos Aliados.

Hitler também acreditava que o rapto o habilitaria a persuadir a Grã-Bretanha e os Estados Unidos de que estavam lutando na guerra errada; que deveriam se juntar à Alemanha e derrotar a União Soviética.

No dia 13 de setembro, o plano de Hitler para sequestrar o papa havia alcançado o estágio em que decidiu que deveria ser executado. Convocou a seu quartel-general — a *Wolfsschanze*, Toca do Lobo, próxima a Rastenburg, na Prússia Oriental — o general Karl Friedrich Otto Wolff. Aquele homem bem-apegoado, de olhos cor de aço e quarenta e três anos de idade, havia servido como chefe do Estado-Maior de Himmler antes de se tornar oficial de ligação da SS de Hitler. Suas credenciais antisemitas eram muito seguras, e ele havia desempenhado seu papel ao assegurar que a SS tratasse os judeus de forma eficiente. Um mês antes, Hitler havia conferido um título singular a Wolff — general da *Waffen-SS* e líder de polícia de toda a Itália. No círculo interno paranoico na Toca do Lobo, Hitler confiava completamente em Wolff.

Mas havia outro lado do Wolff sorridente, cortês, sempre autoconfiante e em posição de sentido. Ele sabia que a guerra estava perdida. Vira isso no rosto dos mais altos conselheiros militares de Hitler: o marechal de campo Alfred Jodl e o general marechal de campo Wilhelm Keitel. Até mesmo o bombástico ministro da *Luftwaffe*, Hermann Göring, não conseguia esconder que a derrota era só uma questão de tempo. Sua força aérea podia fazer pouco para evitar que as forças aliadas bombardeassem a Alemanha dia e noite, e o Exército Vermelho corria em direção oeste e ameaçava converter toda a Europa ao comunismo.

Mas nenhum desses assuntos estava na pauta de discussões naquela manhã de segunda-feira no escritório de Hitler. Ele ficou atrás de sua mesa, as palmas das mãos pressionadas contra o tempo, e disse a Wolff o motivo por tê-lo convocado. Mais tarde, o general registraria em seu diário a conversa que se seguiu:

Wolff, tenho uma missão especial para você. Será obrigação sua não discutir isso com ninguém antes de eu lhe dar permissão para fazê-lo. Quero que você e suas tropas ocupem a Cidade do Vaticano o quanto antes, apreendam seus arquivos e tesouros artísticos e tragam o papa para a Alemanha. *Não quero que ele caia nas mãos das forças aliadas ou que fique sob a pressão política ou influência deles.* Acha que conseguirá cumprir essa missão até quando? Quero que seja o quanto antes.

Wolff ficou sentado, atordoado e em silêncio, as ideias relampejando por sua cabeça. Havia renunciado à fé protestante ao ingressar na SS, e seu conhecimento sobre o catolicismo se restringia ao que ouvira nos desvarios de Himmler. Mas o que sabia era que o papa era o líder religioso mais poderoso no mundo. Wolff se deu conta de que o sequestro lhe garantiria a condenação para a posteridade. Mas dar o mínimo indicio de recusa a Hitler poderia ser fatal.

A resposta de Wolff foi calma. Disse que poderia cumprir a missão, mas que precisaria de tempo para prepará-la. Hitler perguntou de quanto tempo Wolff necessitaria. Wolff disse de quatro a seis semanas.

Os olhos do *Führer* fitaram o rosto de Wolff: “Isso é tempo demais”, rosnou.

A voz de Wolff ganhou confiança. Disse que precisaria de unidades adicionais da SS e da polícia transferidas para Roma; especialistas na identificação de tesouros artísticos preciosos; tradutores de latim e de grego para identificar os documentos dos Arquivos Secretos do Vaticano.

Hitler calou Wolff com um gesto de mão. Disse que poderia ter o que quisesse, mas que a missão teria de ser cumprida em um mês.

Wolff se levantou, fez continência, a saudação nazista, e saiu do escritório. Quando chegou ao quartel-general no lago de Garda, nos Alpes, percebeu o que devia fazer.

Até aquele momento, havia executado qualquer ordem de Hitler; se lhe houvesse dito para elaborar um plano para assassinar Stalin em Moscou ou matar Churchill em Londres, assim faria. Esse era seu forte: o impossível era possível; isso aprendera na escola militar. Mas sequestrar o papa e saquear o Vaticano era uma loucura muito além de qualquer coisa que pudesse imaginar. Depois de concluir isso, começou a ver como poderia usar a missão para conquistar a gratidão do papa e salvar sua própria vida quando as forças aliadas ganhassem a guerra. Significaria que ele teria de atrasar e sabotar o plano do sequestro. Para alcançar esse objetivo, teria de envolver o embaixador alemão junto à Santa Sé, o barão Ernst von Weizsäcker.



Era tarde da noite quando Giovanni Mezzaroma estacionou seu carro na Via Tasso, em frente ao número 155, onde ficava o novo quartel-general de Kappler. O chefe dos Panteras Negras e Celeste di Porto haviam chegado a tempo para a reunião marcada com Kappler; foram acompanhados até seu escritório. Ele os saudou de forma polida, fez um sinal para que se sentassem a sua frente e retomou seu próprio assento atrás da escrivaninha.

Por enquanto se concentrava em Mezzaroma, dizendo-lhe o que havia dito a Koch: que, para cada judeu ou soldado aliado que capturasse, haveria uma recompensa de 5 mil liras. Ele teria a mesma autoridade de detenção e busca em recintos que Koch. Também foi advertido de que os Panteras Negras deveriam ficar longe dos judeus do gueto.

Kappler se voltou para Celeste. Ela deveria caminhar pelas ruas de Roma e, cada vez

que reconhecesse um judeu de um contato feito anteriormente, deveria cumprimentá-lo. Agentes da Gestapo ficariam próximos dela. Assim que ela terminasse seu contato e continuasse sua caminhada, os agentes prenderiam as pessoas com as quais havia falado. Ela também deveria ir atrás de judeus até seus esconderijos, bem como até os locais onde suspeitava haver soldados aliados escondidos. Em troca de cada detenção, ela não só receberia uma recompensa de 5 mil liras, mas também teria permissão para saquear os esconderijos, levando o que bem entendesse.

Celeste di Porto aceitou seu novo papel. Nenhum judeu em Roma estaria a salvo do sorriso e cumprimentos dela.



Em um campo de prisioneiros de guerra ao leste de Roma, o major Sam Derry, um britânico de 1,91m de altura e oficial de artilharia do Regimento Real de Artilharia, quase que exclusivamente pensava em como poderia escapar e ir para a cidade. Ele era um dos 800 prisioneiros mantidos no campo de Sulmona, um dos muitos na Itália, onde os alemães despejavam seus prisioneiros para serem vigiados por italianos. Pouco depois do armistício, os guardas haviam desertado e deixado os portões de Sulmona abertos. Mas, antes de os prisioneiros poderem sair, os soldados alemães já haviam substituído os desertores.

Derry sentiu que seria só uma questão de tempo até que os alemães enviassem todos os prisioneiros para a Alemanha. Deitado em seu beliche, durante as noites planejava sua fuga para Roma. Nunca estivera lá antes; tudo que sabia é que lá também ficava o Vaticano. E o Vaticano tinha um padre que se tornara lendário entre os prisioneiros de guerra aliados. Aquele padre havia tomado providências para que todos os parentes dos prisioneiros soubessem que estes estavam a salvo. Havia melhorado o moral dos prisioneiros. Cantava com eles e ouvia suas reclamações sobre o comandante do campo de prisioneiros. Levava notícias da guerra e de como as coisas iam bem para as forças aliadas. Mas suas visitas foram interrompidas repentinamente. Ninguém sabia o motivo. Mas ninguém, muito menos Derry, havia esquecido seu nome. Era O'Flaherty.



Ugo Foa estava em casa quando ouviu uma batida alta à porta da frente. Quando abriu a porta, viu um oficial uniformizado da Gestapo; Foa deveria acompanhá-lo até a sinagoga. Na rua, estava estacionado um caminhão alemão. Atrás de Foa, estavam seus filhos adolescentes e a filha. O oficial sorriu e disse que não havia motivos para alarme, já que não estava ali para prender nenhum deles. Disse a Foa que tinha ordens de revistar a sinagoga, pois havia uma denúncia de que estava sendo usada pela Resistência para

armazenar armas. Foa protestou e disse que isso não era possível. O oficial insistiu, disse que tinha ordens a seguir. O oficial olhou para os filhos e lhes assegurou que o pai deles voltaria para casa em breve e fez um sinal para que Foa o seguisse até o caminhão. Havia vários soldados sentados no fundo.

A operação havia sido ordenada por Kappler. Era mais um dos passos nos preparativos da *Judenaktion*. Ele queria criar temor, mas não pânico dentro do gueto — “O suficiente para que se escondessem dentro de suas casas”, dissera a Helen Brouwer.

Mostrar sua força ao líder da comunidade era parte de um plano que Kappler havia elaborado depois de retirar todos os lingotes de ouro do Banco Central da Itália. Na imaginação de Kappler, poderia haver ouro suficiente no gueto para fazer uma contribuição valiosa ao fundo de guerra da Alemanha, uma adição que impressionaria ainda mais seus superiores. Kappler era sutil, sagaz, implacável e astuto — e sabia que deveria ter todas essas características para poder colocar as mãos no ouro do gueto. Considerara e descartara vários planos antes de concluir que a melhor forma seria convencer os líderes da comunidade de uma proposta, que então pediria que fosse transmitida por eles a seus irmãos de fé. Nesse meio-tempo, demonstraria seu poder ao fazer que um de seus oficiais forçasse Foa a abrir a sinagoga e observar, sem poder fazer nada, como os alemães vistoriavam e passavam por todos os lugares que desejassem. Aquilo prepararia o terreno para a proposta que Kappler tencionava fazer: a vida dos judeus em troca do ouro.



Dias depois de se encontrar com Hitler, o general Wolff voou para Roma em um avião da *Luftwaffe*. Durante o voo, elaborou um plano para mostrar a Hitler como sequestraria o papa.

Era necessário que 2 mil soldados da *Waffen-SS* fossem a Roma e cercassem o Vaticano. Então, um pelotão ocuparia a Rádio Vaticano e a tiraria do ar. Outros esquadrões entrariam no Palácio Apostólico e prenderiam o papa e seu séquito. Estes seriam transportados para o aeroporto de Roma e, depois, levados de avião a Munique. Nesse meio-tempo, outra unidade de especialistas avaliaria os quadros e esculturas do Vaticano. Caminhões cheios de livros e documentos seriam retirados dos Arquivos Secretos. Junto com os tesouros, seriam enviados para a Alemanha.

Wolff sabia que o plano deixaria Hitler satisfeito, e até empolgado mas estava determinado a nunca executá-lo. A *Waffen-SS* já estava empenhada em todas as frentes, e achar especialistas para avaliar as preciosidades do Vaticano levaria um tempo considerável. Até que isso acontecesse, as forças aliadas talvez já estivessem próximas a Roma, forçando os alemães a recuar e deixando o Vaticano a salvo. Ele seria um herói para os católicos, e os judeus veriam que a sabotagem ao plano havia ajudado a salvar a vida dos que estavam em Roma.

Wolff daria detalhes suficientes a Hitler para convencê-lo de que os preparativos estavam sendo feitos e enviou uma mensagem criptografada para a Embaixada da Alemanha. Então, foi à Villa Napoleon para se encontrar com Weizsäcker.

Ele já havia estudado o arquivo do embaixador. Vinha de uma família proeminente de Württemberg, em cujo círculo também estava Ribbentrop. O ministro das Relações Exteriores havia encontrado um lugar em seu escritório para Weizsäcker e guiara sua ascensão na carreira dentro do Ministério. Wolff também sabia da relação cada vez mais próxima do embaixador com o almirante Canaris. Desde o acesso de fúria de Hitler, dizendo que estava cercado de traidores, Wolff se perguntava se o chefe da *Abwehr* havia sido incluído na lista. Se assim fosse, seria possível que Weizsäcker houvesse sido enviado a Roma para se envolver nas maquinações? Era por isso que Hitler queria ver o papa sequestrado, para usá-lo como arma contra seus inimigos? Wolff admitiu, mais tarde, que essas eram as questões que ainda o preocupavam quando entrou no escritório de Weizsäcker.

O embaixador e Kessel, seu suplente, estavam esperando, e Wolff sentiu a tensão. Weizsäcker não perdeu tempo explicando o motivo do encontro. Havia visto uma cópia da ordem de *Judenaktion* de Kappler e perguntou se esse era o motivo de Wolff estar em Roma. Se assim fosse, deveria estar ciente de que o papa certamente protestaria e que isso poderia ser o prelúdio de um levante popular liderado pela Resistência e que possivelmente receberia o apoio dos prisioneiros de guerra aliados fugitivos que se escondiam na cidade.

Wolff não hesitou: falou aos dois diplomatas sobre a ordem de Hitler para sequestrar o papa e sobre sua própria intenção de não lhe atender.

Weizsäcker lhe agradeceu. Wolff explicou que teria de continuar com os preparativos do plano, de forma que Hitler não suspeitasse.

— Mas, e se você falhar? — perguntou o embaixador.

— Então, estaremos todos liquidados — respondeu Wolff.



o final da tarde de domingo, 26 de setembro, Foa e Almansi chegaram ao quartel-general de Kappler na Via Tasso. Ele mandara seu próprio veículo oficial buscá-los, dizendo que era o mínimo que podia fazer depois de perturbá-los no final de semana avisando com tão pouca antecedência. Foa disse que não havia problema algum e que, se houvesse qualquer assunto com que pudessem ajudar, ficariam contentes. Almansi recordava que Kappler meneava a cabeça positivamente, de forma afável, e falava sobre o quanto gostava da vida em Roma, especialmente de sua cultura. De repente, inclinara-se para frente e, quando falara, nas lembranças de Foa, sua voz era fria:

Vocês e seus correligionários são cidadãos italianos, mas isso não tem muita importância para mim. Nós, alemães, consideramos vocês somente como judeus e, como tal, um inimigo. Na verdade, para ser mais preciso, vemos vocês como um grupo distinto, mas não totalmente à parte dos piores inimigos contra os quais estamos lutando. E os trataremos como tal.

Almansi recordava que Kappler olhara para cada um deles sucessivamente, como se estivesse julgando suas reações.

De acordo com a descrição feita mais tarde por Foa, Kappler havia dito:

Tiraremos a vida de vocês e de seus filhos se não satisfizerem a nossas demandas. É o ouro de vocês que queremos, para que possamos fornecer novas armas para nosso país. Dentro de trinta e seis horas, vocês fornecerão cinquenta quilos de ouro. Se assim fizerem, nenhum mal será causado a vocês e a seus correligionários.

Kappler os instou a discutir o assunto entre si em hebraico. Foa e Almansi concordaram que seria inútil tentar ignorar a exigência. Tudo que podiam fazer era solicitar que o limite de tempo fosse estendido. Kappler concordou em deixar o tempo correr a partir daquele final de tarde até as 11 horas da manhã do dia 28 de setembro.

Enquanto levava Foa e Almansi em direção à porta de saída do escritório, Kappler advertiu: “Tenham em mente que já dirigi várias operações desse tipo e todas, exceto uma, acabaram bem. Aquele fracasso na operação fez que algumas centenas de seus correligionários pagassem com a própria vida”.

Desejou-lhe uma boa-noite e pediu que seu motorista os levasse de volta para casa.



Na manhã seguinte, segunda-feira, dia 27 de setembro, quando Rosina e seu irmão, Settimio, chegaram à sinagoga, Foa, Almansi e o rabino Zolli já estavam lá. Renzo Levi e membros da *giunta* chegaram pouco depois e se juntaram aos outros em torno da mesa de conferências. Foa lhes contou o que havia acontecido na reunião com Kappler; houve murmúrios chocados, e Anselmo Colombo, um dos membros do comitê, que havia desafiado Zolli por causa de seus gastos, gritou que não acreditava que Kappler cumpriria o que havia prometido. “Eles tomarão nosso ouro e nosso povo!”, gritou. Outro membro do comitê se perguntava se era possível reunir tanto ouro em tão pouco tempo. Uma terceira voz disse que se tratava de um truque para reunir todos os judeus em um só lugar; que já haviam feito aquilo em outros países durante suas caçadas. Foa silenciou o debate lembrando que só lhes restava um dia para conseguir encontrar cinquenta quilos de ouro.

A coleta do ouro seria organizada por Levi e feita no segundo andar da sinagoga. Nesse meio-tempo, os membros da *giunta* deveriam entrar em contato com judeus que viviam fora do gueto para pedir que levassem para a sinagoga todo o ouro que possuísem. As pessoas do gueto seriam alertadas a fazer o mesmo. O ourives do gueto, Angelo Anticoli, levaria sua balança para a sinagoga, para pesar o ouro.

Às 11 horas daquela manhã, todos os preparativos para a coleta haviam sido feitos.

Rosina estava entre os primeiros a fazer sua doação: era um colar de ouro que seu pai lhe havia dado em seu décimo nono aniversário. Pesava cerca de cinquenta e sete gramas. Em breve, apareceram outras joias; cada uma delas era pesada e colocada em um baú de madeira.

Ao meio-dia, já começava a se formar uma fila de doadores do lado de fora da sinagoga. Os donativos eram pequenos: alianças de casamento, braceletes e broches. O rabino Zolli contribuiu com uma correntinha de ouro, Anselmo Colombo também; Emma Zolli entregou um anel. Sua filha Miriam caminhou ao longo da fila com uma bandeja para coletar as joias e levá-las para Anticoli. Graziano Perugia, o açougueiro *casher* do gueto, doou um anel; Grazia Spizzichino e seu marido, Mose, deram um broche antigo que ele havia dado a ela no dia do casamento. O alfaiate Serafino Pace doou uma moeda de ouro. Para muitos, as doações que faziam eram os últimos itens preciosos que ainda possuíam. Oito anos antes, fielmente deram o ouro que possuíam quando Mussolini pedira doações para financiar a guerra da Itália na Etiópia.

Grama a grama o peso aumentava. Entre os colaboradores, havia alguns vizinhos cristãos, que perguntaram primeiro se suas contribuições seriam aceitas. Rapidamente receberam resposta positiva. Alguns poucos exigiam recibos, que Rosina providenciava gentilmente.

O joalheiro Cesare del Monte deu a aliança de casamento que havia feito para a esposa; Vittorio Astrologo selecionou várias alianças de casamento de seu estoque. Angelo di Porto não só doou seu próprio anel, mas também as alianças de casamento de seus pais e os brincos da irmã. Lello Perufia, um dos membros da Resistência, doou um anel de família. Elena Sonnino Finzi, professora na escola do gueto, convenceu todos os seus alunos a coletar a maior quantidade de joias que conseguissem. Também resolveu falar com o presidente Foa e perguntou se, apesar do ouro dado aos alemães, ela ainda não poderia sair de casa. Ele lhe disse que “não via necessidade” de que continuasse se escondendo uma vez que o ouro fosse entregue. Apesar disso, depois de fazer sua doação, Elena decidiu voltar ao esconderijo do convento que lhe havia oferecido abrigo.

As enfermeiras e os médicos do Fatebenefratelli também foram à sinagoga fazer suas doações. O dr. Vittorio Sacerdoti recordaria que, enquanto esperava que sua contribuição fosse pesada, algumas pessoas expressavam dúvidas acerca de se aquelas doações realmente fariam qualquer diferença. Outros sentiam que a deviam honrar: haviam feito um acordo, e os alemães teriam de ser pagos. “Já que não se sabe o que seriam capazes de fazer. Queimar a sinagoga? Não, é melhor que todos contribuam”, dizia uma mulher.

À medida que cada item era colocado na balança, seu peso era registrado; parecia que a meta de cinquenta quilos seria atingida. Mas, depois de chegar a trinta e cinco quilos, não houve mais contribuições. E o final da tarde já havia chegado.

Levi ordenou que as doações fossem pesadas mais uma vez. Não houve aumento no peso total. Ainda faltavam quinze quilos para completar o peso exigido.

Foa não conseguiu esconder seu desespero. Foi quando Zolli falou. Iria até o Vaticano e pediria ao papa que cobrisse a diferença.



Era início da noite de segunda-feira quando um carro chegou ao Arco dos Sinos, uma das portas que dão entrada para o Vaticano. Um dos integrantes da Guarda Suíça deu alguns passos à frente. O conde de Salis lhe mostrou sua carteira de identidade da Cruz Vermelha e pôde seguir adiante. A seu lado, estava o rabino Zolli. Uma hora antes, ele ligara para o diretor da Cruz Vermelha e explicara quanto ainda faltava de ouro e os motivos pelos quais acreditava que o papa poderia concordar em completar o resto com uma contribuição do Vaticano. De Salis fora buscar Zolli em sua residência depois de marcar a reunião de emergência com o cardeal Maglione. Os dois foram acompanhados até o escritório do secretário de Estado, e Zolli explicou a urgência da situação. Visivelmente comovido, o cardeal se levantou e deixou o recinto. Quando regressou, disse que o papa autorizaria a Santa Sé a fornecer os quilos de ouro que ainda eram necessários. Em uma hora, as barras foram entregues a Zolli. O rabino-mor pediu que a gratidão da comunidade judaica de Roma fosse transmitida a Sua Santidade.



A transação se tornou assunto de controvérsias. Houve alegações de que o papa Pio teria discutido alguns aspectos sobre o fornecimento dos valores: de que teria pedido conselhos ao diretor do Banco do Vaticano sobre os termos e as condições sob as quais os valores poderiam ser fornecidos. Deveria ser um empréstimo a prazo fixo, reembolsável com juros? Essas foram as dúvidas repulsivas lançadas pelos críticos sobre o assim chamado “silêncio” do papa — a alegação de que ele se recusara a oferecer qualquer tipo de ajuda aos judeus. A verdade sobre como respondeu a tais clamores seria confirmada pelas notas escritas por Maglione antes de sua morte súbita, encontradas subsequentemente por seu sucessor, o cardeal Montini. Elas deixam absolutamente claro que Pio imediatamente autorizou “sem quaisquer discussões” que fosse fornecido o ouro que ainda faltava.

Uma confirmação adicional veio da parte de Zolli, em 25 de junho de 1944, quando foi recebido por Pio em uma audiência. “O papa me confirmou que não houve qualquer discussão sobre o ouro. Deixou claro que havia dinheiro na tesouraria do Vaticano para ajudar nosso povo. Nenhum herói de toda a história foi mais heroico que o papa Pio em sua presteza em defender os filhos de Deus.”

Em seu registro sobre aquela noite, Pascalina declarou o seguinte:

Pio XII nunca quis que suas boas ações fossem reveladas. Quando nossos hóspedes conseguiam sair do Vaticano para ir ao Canadá ou ao Brasil ou para qualquer outro lugar que fosse, ele ordenava que eu retirasse dinheiro suficiente de seus fundos pessoais para dar a cada família mil dólares dentro de um envelope lacrado.

Esse gesto jamais foi mencionado por seus críticos ulteriores.



Naquela noite, Ugo Foa se dirigiu à congregação lotada. Disse que nunca havia visto tanta generosidade e que o papa, seu vizinho, havia ajudado. “Essa foi a intervenção mais providencial e mais generosa.”

Fez uma pausa; havia uma convicção renovada em sua voz. Durante o dia, ouvira algumas pessoas expressarem dúvidas, perguntando-se se o ouro realmente garantiria sua segurança. Não poderia haver dúvidas. Em troca dos cinquenta quilos de ouro, ele e Almansi teriam recebido a garantia de que a comunidade estaria a salvo. As doações que haviam feito eram um preço pequeno para poder viver em paz e sem temores.

Foa pediu ao rabino Zolli que os conduzisse em uma oração de agradecimento por

poderem continuar vivos, assim como seus antepassados haviam conseguido ao longo dos séculos dentro daquele gueto.



Uma hora antes de o prazo expirar, na manhã de terça-feira, dia 28 de setembro, o ouro chegou ao escritório de Kappler em uma caixa lacrada. No final da tarde, a caixa foi colocada em um trem para Berlim e endereçada ao *Obergruppenführer* Ernst Kaltenbrunner, chefe da RSHA. Em sua carta explicativa, Kappler dizia que estava fornecendo “um ótimo presente” ao Reich. O feito não impressionou Kaltenbrunner, e os cinquenta quilos de ouro judeu, ainda dentro da caixa, foram jogados em um canto de seu escritório, acumulando poeira. A caixa nem sequer foi aberta. Em 1948, com a criação do Estado de Israel, foi mandada para lá.



Tony Simonds chegou a Roma da mesma forma que chegava a todos os outros lugares: ninguém o esperava, e partia sem contar a ninguém aonde estava indo. Vestia-se de forma a se integrar ao papel que escolhia. Em sua visita a Roma, decidiu se vestir como um produtor rural das montanhas. O agricultor que lhe havia providenciado as roupas era um dos nomes da lista que mantinha trancada em seu escritório com vista para o Nilo, no Cairo. A lista identificava nomes de informantes de confiança que ele havia recrutado e de casas seguras que havia encontrado em torno do Mediterrâneo durante os dois últimos anos.

O tenente-coronel Simonds era responsável por uma unidade cuja existência era um segredo compartilhado por poucos. Era chefe da seção N, o departamento mais importante do MI9, desmembrado do MI6. Desde a eclosão da guerra, sua equipe havia idealizado os mais diversos métodos de fuga para prisioneiros aliados capturados, levando ilegalmente para os campos de prisioneiros dinheiro, mapas, roupas, bússolas e serras de arco para metais.

O próprio histórico de Simonds fazia dele a escolha ideal para dirigir a seção N. Havia trabalhado com Orde Wingate na Palestina treinando o movimento de resistência judaico, o Haganá, que apavorara os árabes durante a ocupação britânica nos anos de 1930.

Em 1941 fora enviado para o Cairo para criar linhas de fuga em todo o mar Egeu e também através da Grécia e da Turquia. Depois do armistício, a preocupação era o que se faria com os prisioneiros de guerra aliados na Itália. O general Montgomery, comandante britânico nomeado para liderar o ataque contra as forças de Kesselring, ordenara que todos os prisioneiros permanecessem em seus campos até que suas forças os libertassem.

Simonds estava preocupado com que os prisioneiros que não houvessem escapado fossem “amontoados em caminhões de gado e enviados para os campos de concentração na Alemanha, apesar das Convenções de Genebra”, e alertou o MI9 em Londres.

Foi intimado a comparecer ao quartel-general aliado em Argel, como escreveu mais tarde, para “me esforçar ao máximo para resgatar prisioneiros aliados na Itália”. Disseram-lhe que a ordem de passar por cima da decisão de Montgomery vinha do primeiro-ministro Churchill. Pouco depois, começaram a chegar notícias de que um número cada vez maior de prisioneiros havia escapado e se dirigia a Roma.

Simonds já sabia sobre as visitas de O’Flaherty aos campos de prisioneiros por meio dos relatórios que D’Arcy Osborne havia enviado ao Ministério das Relações Exteriores e tinha certeza de que “nosso padre bom samaritano é um farol de orientação para que os fugitivos se dirijam ao Vaticano”.

Partiu para Roma. Uma semana depois de deixar o Cairo, Simonds entrou caminhando em Roma cheirando a ovelhas, dentre as quais havia dormido nas montanhas. A missa estava prestes a começar quando chegou à praça São Pedro. Parado no degrau mais alto das escadarias, onde lhe haviam dito que o poderia encontrar, estava O’Flaherty; balançava seu breviário. Próximos a ele, havia dois integrantes da Guarda Suíça. Eles mal olharam para Simonds quando este se aproximou de O’Flaherty, que abriu seu livro de orações e murmurou “Bem-vindo”. O’Flaherty se voltou e entrou na basílica, seguido por Simonds. Uma porta lateral os fez ingressar no Vaticano; uma caminhada curta os levou até a entrada de Santa Maria. Poucos minutos depois, estavam no apartamento de D’Arcy Osborne.

Durante o jantar, Simonds escutou cuidadosamente enquanto Osborne e O’Flaherty o informavam sobre como o papa havia ordenado que o Vaticano estabelecesse uma rede para esconder soldados aliados e refugiados judeus. Osborne lhe contou sobre o dinheiro fornecido pelo príncipe Filippo Pamphili e outros aristocratas antifascistas; O’Flaherty lhe explicou que as princesas da Aristocracia Negra estavam dispostas a fornecer abrigo. Simonds reconheceu que valeria muito a pena apoiar a rede, mas também discutiu o risco que tinha a enfrentar. Em toda a Europa, homens e mulheres estavam sendo pegos e executados pelos alemães por operarem em organizações parecidas.

Osborne disse a Simonds que, como diplomata, ele estaria mais seguro que O’Flaherty se os alemães ocupassem o Vaticano, porque poderia lembrá-los de que era descendente do grande duque de Marlborough e do conde de Danby, que haviam tido um papel de liderança ao convidarem Guilherme de Orange a invadir a Inglaterra em 1688.

E, disse O’Flaherty, sua família descendia de republicanos irlandeses, que também tinham lutado contra os ingleses. Os alemães não lhe fariam mal algum. Mas que a questão poderia ser diferente para o papa: nas últimas semanas, O’Flaherty havia lido relatórios dos nuncios de Lisboa e Madri dando conta que Hitler pretendia invadir o Vaticano e prender Pio. Simonds perguntou se os relatórios eram dignos de confiança. Verdade ou não, replicou O’Flaherty, poderiam as forças aliadas assegurar que isso nunca aconteceria?

Simonds disse que passaria essas preocupações adiante. Naquela noite, dormiu no sofá da sala de estar de Osborne e saiu do Vaticano sem ser visto, junto com os primeiros fiéis que frequentavam a primeira missa da manhã na basílica. Cinco dias mais tarde, já estava novamente no Cairo.



Nas primeiras horas de sábado, dia 2 de outubro, um trem chegou à estação Roma, e quatorze oficiais e subalternos, junto com quarenta soldados, saíram dos vagões. Cada um deles portava uma insígnia da caveira da força-tarefa das *Waffen-SS-Einsatzgruppen*, as unidades móveis de extermínio de Himmler. Havia sido responsáveis pelo massacre dos judeus que viviam em volta do lago Maior. Agora, formavam o grupo avançado para a *Judenaktion* de Kappler. Embora ele ainda não soubesse, a operação não estava mais sob seu comando.

A decisão de substituí-lo havia sido tomada pelo *Obersturmbannführer* Adolf Eichmann. Em seu quartel-general em Berlim, Tiergarten, na Kurfürstenstrasse, chefiava o departamento com uma missão: a deportação de todos os judeus do Terceiro Reich para os campos de concentração. Mais tarde, descreveria seu trabalho a Rafi Eitan, chefe da equipe do Mossad, que conseguiu capturá-lo na Argentina e levá-lo a Jerusalém para enfrentar um julgamento em 1961.

Dentro do RSHA, seu departamento IV-B-4 estava enfrentando problemas. Países da Europa Ocidental, como a Dinamarca, estavam resistindo às deportações. O Ministério dos Transportes também se recusava a dar prioridade aos trens necessários para levar os judeus aos campos de prisioneiros, já que eram necessários para transportar os soldados para as linhas de frente.

A tabela com transportes agendados que Eichmann havia fornecido na Conferência de Wannsee para realizar a Solução Final estava atrasada. Ele prometeu a Himmler em uma *Schlussverfügung* ultrassecreta, uma “disposição final”, que o gueto de Roma seria “tirado do mapa, limpo; pelo menos 8 mil judeus serão deportados”.

Contudo, quando Kappler recebeu a ordem de executar a *Judenaktion*, informou o escritório de Himmler sobre as dificuldades que enfrentava. Não havia oficiais da SS suficientes em Roma para executar a caçada. Informou que aqueles que estavam disponíveis eram totalmente inexperientes em tais operações. Além disso, podia-se esperar que a população não judia de Roma apoiasse a Resistência para tentar impedir uma operação dessa natureza. Kappler solicitou que tropas suficientes da frente oriental, veteranos das *Judenaktion*, fossem enviadas para Roma. Himmler repassou o pedido a Eichmann. Depois de analisar o histórico de Kappler, Eichmann decidiu que o chefe da Gestapo não tinha experiência suficiente para a tarefa. Mandou buscar o *Hauptsturmführer* da SS, Theodor Dannecker, o mais experiente entre todos os especialistas em *Judenaktion* dentro do departamento. Ele deveria ir a Roma com suas próprias unidades e uma carta

assinada pelo chefe da Gestapo, o *Gruppenführer* Heinrich Müller. Ela confirmava que Kappler deveria ficar à disposição de Dannecker para a operação.



Sam Derry estava sentado entre um produtor rural e a filha do mesmo, uma menina descalça, em uma carroça cheia de repolhos destinados ao mercado de Roma. Quatro dias antes, o oficial de artilharia decidira saltar de um trem que o levava, junto com seus companheiros prisioneiros de guerra, para a Alemanha; ele se arremessara pela porta do vagão depois de empurrar um dos guardas para o lado. Vestindo uma camisa, calças e sapatos de oficial, não tinha comida, dinheiro, documentos, mapas e a menor ideia de onde estava. Só o que conseguia pensar era que estava em liberdade. Em breve, Nancy, sua esposa, receberia a última carta que havia escrito um dia antes de saltar do trem. O que o Gabinete de Guerra lhe contaria? Que ele estava “desaparecido”. Tranquilizá-la era mais um motivo para Derry tentar chegar a Roma.

Por três dias, esteve escondido na cabana da família de um plantador de repolho nas cercanias de um vilarejo. Eles haviam lhe dado comida e cuidado das suas contusões. À noite, dormia em um monte de feno. A bondade da família era suficiente para convencer Derry de que não o trairia.

No quarto dia, o padre do vilarejo foi até a cabana. Cumprimentou Derry calorosamente em inglês e escutou atentamente enquanto ele explicava como havia escapado e por que queria ir a Roma. O padre disse que tomaria as providências necessárias. No dia seguinte, retornou com o produtor rural e sua filha. As apresentações foram rápidas. O produtor rural se chamava Pietro; e a menina, Marta. O padre chamou Derry de *signor*.

Juntos, carregaram as cabeças de repolho do produtor na carroça e, com o padre acenando com seu chapéu e desejando uma viagem segura, partiram para Roma.

No início, a carroça sacolejou pelos buracos, mas, à medida que as horas passavam, a trilha se tornou uma estrada, e, a distância, a cúpula de São Pedro se tornava cada vez mais clara, dominando sobre todas as outras cúpulas e torres da cidade.

Derry deu uma batida leve no braço de Pietro. Um pouco adiante, havia um caminhão alemão estacionado do lado da rodovia. Derry sabia que se tratava de um posto de controle. Pietro falou com sua filha, que subiu no monte de repolhos e começou a afastá-los para um dos lados. Ela fez um sinal para que Derry entrasse no buraco e colocou os repolhos sobre ele. A carroça avançou por uns instantes e, depois, parou completamente; Derry ouviu vozes em alemão. Respirou lentamente, mantendo-se perfeitamente quieto. Ouviu uma pancada do lado da carroça. Prendeu a respiração: algum dos soldados teria identificado um movimento no meio dos repolhos? A qualquer momento, a ponta afiada de uma baioneta poderia atravessar os vegetais. Uma voz autoritária berrou. A carroça começou a se mover, e as vozes enfraqueceram, e o barulho

do trote causado pelas ferraduras do pônei aumentou. Os repolhos em cima dele começaram a se movimentar, e o rosto sorridente da menina apareceu; Derry saiu calmamente do buraco e inspirou profundamente o ar romano, ao mesmo tempo em que ouvia o badalar dos sinos da cidade.



No calor do início da tarde, Rosina Sorani colocava um livro de volta em sua prateleira na biblioteca da sinagoga depois de anotar o título e o assunto em seu caderno, quando se deu conta de que não estava sozinha no recinto. No vão da porta, estavam parados dois homens de ternos cinza. Um deles era calvo e usava óculos. Seu companheiro era mais jovem e tinha um bigode curto; ele pediu desculpas por tê-la assustado. O homem mais velho disse que gostariam de falar com o presidente Foa. Rosina explicou que ele não estava e perguntou se poderia ajudar de alguma forma. Os homens entraram na biblioteca e disseram que gostariam de fazer uma verificação. Rosina perguntou se havia algum livro em particular que gostariam de ver, lembrando-se do que Foa lhe havia dito: que, em 1939, os fascistas haviam entrado à força na biblioteca da comunidade judaica de Turim, confiscando quase toda a coleção; os livros foram usados para abastecer uma fogueira feita na cidade, na Piazza Carlina.

Talvez já sentindo a preocupação dela, o homem mais velho disse que eram professores do Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg Institut, o ERR, alegando que era ligado às grandes universidades da Europa, incluindo a Sorbonne de Paris. Disse que o ERR se dedicava ao estudo de campos acadêmicos que até o momento ainda não haviam sido totalmente explorados. Além disso, explicou que estavam em Roma somente para avaliar o papel que a biblioteca da sinagoga poderia ter como parte desse programa. O homem mais jovem acrescentou que, em quaisquer circunstâncias, ela não os deveria confundir com a SS ou qualquer outra organização militar.

Tranquilizada de certa forma, Rosina os acompanhou pela biblioteca, destacando livros produzidos pelos primeiros impressores e documentos passados ao longo dos séculos. Chegou à conclusão de que as perguntas polidas eram de homens cultos que passaram a vida em atividades acadêmicas e que estavam longe das vozes ásperas dos soldados que caminhavam pelas ruas de Roma. O homem mais velho revelou que era um orientalista e que havia passado um tempo nas bibliotecas da Palestina e de outros países do Oriente Médio. Seu colega disse que era um especialista em literatura judaica e que seu professor de línguas havia sido um rabino em Berlim, antes da guerra. Falou em hebraico com Rosina, e ela ficou impressionada. De tempos em tempos, quando destacava algum livro, os dois homens falavam alemão entre si.

Depois de lhe dar a mão, foram embora.



O ERR era uma unidade especializada formada em julho de 1940 pelo teórico oficial do Partido Nazista, Alfred Rosenberg, para montar uma biblioteca para o novo instituto educacional e de pesquisas do partido, a Hohe Schule, que ficaria no Chiemsee, em dos lagos da Baviera. Teria meio milhão de volumes e um auditório com capacidade para 3 mil pessoas.

Rosenberg havia estabelecido uma regra para o material que o ERR deveria obter para o instituto: “Se o objeto desejado pertencer a estrangeiros ‘arianos’, os proprietários são obrigados a vendê-lo; se pertencer a judeus, será confiscado. Material inútil deve ser destruído”.

A biblioteca judaica de Lublin, na Polônia, foi uma das primeiras a ser queimadas; Joseph Goebbels enviou um jornalista do Ministério da Propaganda para fazer reportagens sobre o evento.

Levamos os livros para a praça do mercado, onde os queimamos. O fogo durou vinte horas. Os judeus reunidos no entorno choraram amargamente, quase nos silenciando com seus prantos. Convocamos a banda militar, e, com gritos de alegria, os soldados abafaram o som do pranto dos judeus.

Um destino diferente havia sido reservado para a biblioteca da sinagoga do gueto de Roma.



Em Londres, o relatório de Simonds sobre a ameaça de Hitler de sequestrar o papa chegou a Stewart Menzies. O chefe do MI6 mandou chamar Sefton Delmer. O antigo correspondente estrangeiro do *Daily Express*, do lorde Beaverbrook, havia entrevistado Hitler antes da guerra e estabelecido contatos importantes por toda a Europa. Em seu escritório, na Fleet Street, havia escrito reportagens que eram verdadeiros furos jornalísticos, feito que somente poucos repórteres conseguiam igualar. Ele falava várias outras línguas, e Beaverbrook o chamava de “minha fonte no mundo”. Tomou providências em 1942 para que Delmer ingressasse no departamento de Guerra Política do Ministério das Relações Exteriores. Foi lá que Delmer conseguiu sua primeira notícia sobre um plano para derrubar Hitler. A informação havia sido vazada por uma fonte de longa data, que Delmer suspeitava ser um oponente do regime nazista. Delmer escreveu em seu diário: “Bem-sucedido ou não, até mesmo a suspeita de um golpe de Estado anti-Hitler ajudaria a acelerar sua derrota”.

Em circunstâncias normais, a notícia garantiria a primeira página do *Daily Express* a

Delmer. Mas Beaverbrook lhe disse que a deveria segurar e deixá-la para um “momento mais oportuno”.

Em outubro de 1943, Delmer sabia que o momento havia chegado, quando foi transferido do Ministério das Relações Exteriores para o MI6. Menzies lhe disse que sua nova tarefa seria “fomentar o máximo de suspeitas entre Hitler e seus generais”.

Delmer estava prestes a chefiar uma operação singular do serviço secreto. Usando suas capacidades jornalísticas, produziu programas de rádio que supostamente se originavam de uma estação secreta na Alemanha. Na realidade, eram feitos em uma casa de campo, nas proximidades de Londres. Delmer havia escolhido sua equipe de radialistas de língua alemã a dedo. Ele descreveu cada um deles como um “alemão fiel, dedicado à pátria mãe, mas perturbado pelas políticas fanáticas de Hitler”. Uma parte era de judeus que fugiram para a Inglaterra antes da guerra. Outros eram estudantes de universidades alemãs. A todos foi dito que suas transmissões não eram concebidas para atacar a Grã-Bretanha, mas sim para fornecer a seus ouvintes as notícias que não eram transmitidas para as audiências alemãs. Para enfatizar seu papel, Delmer chamou a estação de Rádio Republicana Fascista Livre (FFRR, *Free Fascist Republican Radio*).

Menzies mostrou o relatório de Simonds a Delmer e pediu-lhe que criasse uma transmissão radiofônica destinada às populações católicas do Terceiro Reich.

No dia 7 de outubro, a estação anunciou: “As acomodações foram preparadas para o papa Pio na Alemanha, local para onde será levado e onde permanecerá”.

Pio foi citado supostamente dizendo ao secretário de Estado, Maglione: “Fui colocado aqui pela vontade de Deus e, portanto, não devo sair. Eles terão de me amarrar e levar à força para fora, porque é aqui que pretendo ficar!”. As palavras foram escritas por Sefton Delmer. A ameaça ao papa e sua reação foram publicadas em jornais do mundo todo, gerando indignação em países católicos. O plano de Hitler, que pretendia se manter secreto até o último momento, agora era de domínio público.

Dando-se conta de que a transmissão radiofônica havia lhe dado uma oportunidade de abandonar a conspiração planejada, Wolff foi, de avião, ver Hitler e lhe disse que toda a Itália católica defenderia o Vaticano para proteger o papa.

Para enfatizar ainda mais seu argumento, Wolff continuou dizendo a Hitler que, para poder controlar distúrbios civis de massa em Roma, seria necessário que tropas alemãs fossem retiradas da frente meridional, onde estavam ocupadas na tentativa de deter as forças aliadas que avançavam.

A atmosfera no escritório de Hitler foi capturada no relato de Wolff guardado na biblioteca da cúria jesuíta, no Borgo Santo Spirito, em Roma: “Hitler, suas mãos trêmulas, estava parado em frente à janela de seu escritório, olhando fixamente para fora em direção às árvores de abeto; o semblante de quem acaba de receber notícias ruins”. Wolff lhe disse que havia pedido ao bispo Alois Hudal que “persuadisse” Pio a deixar o Vaticano voluntariamente. Mais tarde, soube-se que Hudal realmente explorara a ideia de forma superficial, junto com seus colegas simpatizantes do nazismo dentro do Vaticano. Mas, sem dúvidas, intimidados pela responsabilidade decorrente do mero fato de conhecerem

a proposta, recusaram-se a levá-la adiante. Somente então Hudal abandonou a ideia.

Wolff relembrou como Hitler finalmente saíra da frente da janela de seu escritório e cancelara o plano, com “a loucura e a raiva mais que evidentes em seus olhos”.



Derry estava tendo dificuldades para compreender tudo que lhe estava acontecendo desde que chegara a Roma. De tempos em tempos, a carroça passava por patrulhas alemãs a pé, que davam não mais que uma olhada rápida para eles. Na praça do mercado, um padre lhe disse, com forte sotaque irlandês, que havia ido buscá-lo e levou-o embora por ruas secundárias. Parado no vão da porta de um prédio junto a uma igreja, outro padre levou Derry para um recinto onde um homem alto, de terno preto e colarinho de clérigo disse chamar-se padre Aldo e ter uma pergunta: como Derry conheceria O’Flaherty? Derry lhe contou. Aldo disse que o levaria para o Vaticano.

Ele levou Derry de volta por ruas secundárias antes de tomarem um bonde até a parte baixa da Via della Conciliazione, que levava à praça São Pedro. Estava lotada de fiéis que iam à missa. Ignorando as patrulhas alemãs com aparência entediada, padre Aldo guiou-o em direção à escadaria da basílica. A figura alta e distintiva de O’Flaherty, em sua batina vermelha e preta, estava ali parada com um livro de orações nas mãos. Quando eles se aproximaram, voltou-se e foi embora; padre Aldo o seguiu, cutucando Derry para que fizesse o mesmo. Sentindo que sua jornada estava chegando ao fim, Derry atravessou uma arcada e entrou em um pátio interno circundado por edifícios de paredes de pedra, seguindo os dois na travessia do pátio até chegarem a uma porta aberta. Parou para olhar ligeiramente a inscrição entalhada acima: *Collegio Teutonicum*. Hesitou. Conhecía latim o suficiente para entender as palavras: Colégio Alemão.

Detrás da porta, uma poderosa e animada voz irlandesa pediu que entrasse. Eram as primeiras palavras que O’Flaherty dizia a Derry.

No corredor, não havia sinal do padre Aldo quando O’Flaherty se apresentou e tomou a frente subindo um lance de escadas rumo a uma sala. Os móveis eram espartanos, e, em um canto, próximo à cama, havia uma bolsa de golfe cheia de tacos. O’Flaherty percebeu o olhar de Derry e perguntou se jogava; ele respondeu que seu jogo preferido era críquete. A risada estrondosa de O’Flaherty foi seguida da informação de que “os padres não jogam golfe no seminário, major Derry”.

Derry se recompôs: era a primeira vez que alguém usava o nome de seu posto de oficial desde que havia saltado do trem. Como o padre detinha essa informação? O’Flaherty disse a Derry que seu nome estava na lista do Vaticano de prisioneiros de guerra fugitivos que havia sido fornecida pela Cruz Vermelha.

Derry tinha mais uma coisa a perguntar. No campo de prisioneiros, haviam lhe falado que o governo britânico não tinha mais embaixada em Roma, mas que ainda teria um diplomata acreditado junto ao Vaticano. Seria possível falar com ele? O’Flaherty

perguntou se Derry sabia o nome dele. Derry fez um sinal positivo com a cabeça. Francis D'Arcy Godolphin Osborne, acrescentando: “Um nome desses a gente não esquece”.

O'Flaherty riu mais uma vez antes de ir até um armário e mostrar algumas peças de roupa, incluindo cuecas e sapatos, e levou Derry ao final de um corredor, onde havia um banheiro. A última vez que havia tomado banho fora no Cairo, havia mais de um ano, antes de sair de lá para se juntar ao Oitavo Exército no deserto. Agora, poderia relaxar na água quente, como hóspede de um monsenhor irlandês em um colégio alemão. Usando ceroulas do padre, um paletó de *smoking* que lhe caía perfeitamente, calças e uma camisa, Derry voltou para o quarto de O'Flaherty.

John May o esperava; usava um sobretudo preto e calças listradas. Apresentou-se e disse que estava ali para levar Derry ao encontro do enviado extraordinário britânico e ministro plenipotenciário junto à Santa Sé — “meu patrão”.



Hauptsturmführer Theodor Dannecker chegou a Roma de trem no final do dia 8 de outubro de 1943. Tinha trinta e três anos de idade, era solteiro, magro, de queixo comprido, 1,90m de altura e não fazia nada para compensar os movimentos mal coordenados de seu corpo, entre eles um tique nervoso que continuamente movia sua cabeça para o lado.

Mais cedo naquele mesmo ano ele havia executado deportações de mais de 11 mil judeus da Bulgária, da Grécia e da Iugoslávia para Auschwitz e Treblinka. Anteriormente, já havia levado a cabo operações parecidas na França, Polônia, Bélgica e Holanda. No total, Dannecker havia enviado várias centenas de milhares de judeus ao encontro da morte. Ironicamente, sua primeira namorada, Lisbeth Stern, era judia.

Como de costume, o gabinete de Eichmann havia tomado providências para que ele viajasse sozinho em um compartimento reservado, a fim de lhe dar tempo para planejar sua próxima missão. Já no trem, lera os despachos que Kappler lhe enviara: seu pedido de mais tropas para conduzir a caça aos judeus e sua preocupação com a Resistência de Roma. Dannecker entendeu por que Eichmann havia decidido que Kappler não seria capaz de conduzir uma *Judenaktion* bem-sucedida. Talvez o fato de viver em Roma o houvesse amolecido. Dannecker já vira isso acontecer antes, quando um chefe da polícia local em Belgrado se recusara a realizar as execuções. Dannecker, naquela época um membro da *SS-Verfügungstruppe*, uma força especializada em apoio a combates, matou-o a tiros. Depois de Eichmann o escolher para chefe do *Judenreferat*, o departamento judeu, Dannecker resumiu seu trabalho usando as palavras de seu passatempo predileto. “Com o passar dos anos, aprendi qual anzol usar para cada tipo de peixe.”

Em seu uniforme da SS de corte impecável e coturnos polidos, encarnava alguém a ser temido e odiado; um homem brutal, malvado e cruel.

Seguindo seu costume de permanecer discreto em uma missão, Dannecker se hospedou em um hotel pequeno na Via Po. A acomodação havia sido arranjada por um dos oficiais da *Judenaktion* que chegara a Roma antes dele; já trabalhava com Dannecker havia um ano e conhecia seus hábitos.

Dannecker trocou seu uniforme por um terno e foi jantar sozinho em um restaurante próximo; a qualidade da comida era mediana, mas, ainda assim, melhor do que a oferecida em Berlim. Depois disso, caminhou por Roma, estudando as estátuas de mármore sólido e os sarcófagos. Chegou à conclusão de que a cidade era ainda mais impressionante que Paris. Roma tinha padres com batinas pretas, brancas e vermelhas e missas em latim; pôde constatar isso quando passou em frente a uma igreja. E, é claro,

havia os romanos: crianças sentadas nas beiras de mármore das fontes de água; as mulheres jovens, muitas vezes com cabelos cor de fogo; homens e mulheres idosos sentados às mesas espalhadas pelas calçadas em frente aos cafés. Quantos daqueles que vira eram judeus? Quantos morreriam sob suas ordens?



Derry concluiu que o jantar com D'Arcy Osborne, no apartamento do ministro em Santa Marta, teria três etapas. Primeiro, foram servidos coquetéis, durante os quais Osborne deu a impressão de que sabia lidar com qualquer problema que abalasse, mesmo que momentaneamente, sua compostura. Havia recebido Derry com a cortesia inglesa usual, como se já esperasse o retorno do hóspede de alguma terra distante. O'Flaherty estava ao lado do anfitrião quando Derry descreveu a viagem desde o campo de prisioneiros de guerra.

Circulando próximo, May sempre estava pronto para reabastecer os copos antes de anunciar o jantar. Osborne levou seus dois convidados para a mesa reluzente por conta da prataria e cristais. Enquanto May começava a servir a refeição, Osborne revelou que o número de prisioneiros fugitivos de guerra que procuravam esconderijo em Roma estava crescendo e que não só se destacavam na multidão por causa de suas roupas esfarrapadas, mas muitas vezes também por causa de sua condição física ruim. Durante o café e o conhaque, oferecidos na sala de visitas do apartamento, o ministro contou a Derry que o Vaticano, compreensivelmente, estava cada vez mais preocupado com o perigo de se tornar um refúgio para os soldados fugitivos.

A Santa Sé era um Estado neutro e, sob as leis internacionais, tinha de confiná-los. Ela nunca iria, nem poderia, fazer isso; não havia espaço para encarcerá-los nem guardas para tomar conta deles. Mas o papa não poderia permitir que uma série de prisioneiros fugitivos das forças aliadas se escondesse dentro do Vaticano. Os alemães acusariam a Santa Sé de dar abrigo a seus inimigos e exigiria que fossem entregues.

Osborne esperou que May servisse mais bebidas antes de continuar. Segundo o que ouvira falar — sua fonte era Simonds, apesar de ele nunca ter mencionado seu nome —, milhares de prisioneiros ainda se escondiam nos Apeninos. Disse que estavam sem liderança, sem noção do que deveriam fazer, a não ser se dirigir a Roma e ao Vaticano. Em parte, a culpa era da *BBC*. Em junho, ela havia aconselhado os fugitivos a tomar essa atitude.

A irritação na voz de Osborne estava muito clara para Derry. “Fui asperamente criticado pelo secretário de Estado por questionar aquela transmissão radiofônica e disse ao Ministério das Relações Exteriores que não deveria ser repetida. Mas a história já corre solta, incontrolável, e agora vemos os fugitivos virem aos montes para se esconder em Roma e até pular para dentro do Vaticano.”

O ministro disse a Derry que o papa havia escolhido O'Flaherty para estabelecer

uma rede de padres e romanos com suas casas seguras: eles davam abrigo às primeiras centenas de prisioneiros fugitivos. Mas ainda havia milhares mais escondidos nas montanhas e prestes a ir para Roma.

Derry fez sua primeira pergunta: como conseguiam dinheiro para comprar alimentos e fornecer roupas adequadas aos fugitivos?

Osborne explicou que somas suficientes haviam sido fornecidas pelo Ministério das Relações Exteriores por meio do Banco do Vaticano, e uma parte também vinha do próprio Vaticano. Mas, embora o apoio financeiro não fosse mais um problema, haveria outro. O ministro mais uma vez olhou para Derry, balançando a cabeça como se houvesse chegado a uma resolução. Anos mais tarde, Derry se lembraria das palavras ditas por ele:

Major Derry, vi seu histórico militar. O senhor é a pessoa ideal para resolver o problema de não termos um oficial britânico sênior para comandar estes soldados fugitivos e impor a disciplina necessária nessas situações. O senhor trabalhará estreitamente com o monsenhor e John. Ficará hospedado, é claro, com monsenhor O'Flaherty e terá os documentos adequados.

Derry sentou-se, atordoado demais para falar, dominado por uma sensação de inadequação, enquanto os outros continuavam a olhar para ele. Por fim, Osborne reclinou-se em sua cadeira e perguntou-lhe se estava preparado para assumir aquela tarefa.

Derry assentiu com a cabeça.



O rabino-mor Israel Zolli nunca faltava às reuniões regulares do Conselho de Administração do Fatebenefratelli, realizadas na sala de reuniões da diretoria, que ficava dentro do hospital, sob a presidência do professor Giovanni Borromeo. A agenda de outubro tinha somente um item a ser discutido: a lista de benfeitores judeus que contribuíram com a manutenção do hospital deveria ser destruída para que não caísse nas mãos dos alemães? Renzo Levi colocou a proposta em pauta; havia sido adiada na reunião do mês anterior. Borromeo relatou ter descoberto, desde a última reunião, que duas outras listas de doadores — uma guardada no Ministério do Interior e outra na Prefeitura da cidade — haviam sido removidas por Settimio Sorani para serem usadas pela *Delasem*.

Zolli disse que todos os nomes da lista que não estivessem mais fazendo contribuições para a manutenção do hospital deveriam ser usados pela *Delasem* para “fabricar documentos que ajudem os judeus que queiram deixar Roma, apesar das garantias dadas pelo presidente Foa”.

Em volta da mesa de conferências, algumas vozes se pronunciaram contra o rabino. Se os alemães descobrissem que usavam documentos falsos, tomariam atitudes severas.

Zolli fez mais uma tentativa de convencer os presentes. Argumentou que ainda havia

peçoas no gueto que não acreditavam que os alemães honrariam a promessa feita a Foa e Almansi depois da coleta do ouro. Todos sabiam que, havia algumas semanas, corriam rumores de que os alemães estavam considerando evacuar Roma, pois as forças aliadas avançavam lentamente. As pessoas lhe perguntavam o que aconteceria antes de os alemães irem embora. Levariam os judeus junto com eles? Os alemães poderiam usá-los como escudos humanos enquanto se afastavam das forças aliadas? Ou será que poderiam quebrar sua promessa de alguma outra forma?

Suas questões foram recebidas com escárnio. Finalmente Borromeo convocou uma eleição, pedindo que os presentes levantassem a mão. Zolli foi a única pessoa a votar em favor de não destruir as listas com os nomes. Saiu da reunião sabendo que o diretor médico secretamente já havia dado carteiras de identidade a todos os funcionários judeus, providenciadas pela *Delaxem*.



Um a um, os membros fundadores da rede secreta de O'Flaherty tomavam seu rumo, atravessando o pátio interno do Colégio Alemão até chegar aos aposentos dele. Derry já estava lá, tomando um café servido por uma das freiras do colégio. Apesar de ela se perguntar quem era ele e por que havia recebido um quarto ao longo do corredor, havia muito tempo aprendera a não ser curiosa em relação aos atos do monsenhor.

Antes de os padres chegarem, O'Flaherty deu duas carteiras de identidade a Derry. Uma delas em alemão, que o descrevia como funcionário do Vaticano. Continha o carimbo da Embaixada da Alemanha na Santa Sé. A outra carteira foi expedida em italiano e o identificava como cidadão de Dublin, na Irlanda, empregado como *scrittore*, escritor, na biblioteca do Vaticano. Ambos os documentos tinham a intenção de satisfazer a quaisquer perguntas feitas pelos policiais de Roma e as patrulhas alemãs. Cada uma delas declarava que seu prenome era Patrick, que deveria ser usado por Derry a partir daquele momento. Não podia ser mais irlandês, disse O'Flaherty, acompanhado de mais uma de suas risadas estrondosas.

Apresentou os padres à medida que chegavam, usando o codinome de cada um. Derry assentiu com a cabeça, dizendo que os códigos secretos eram parte importante do papel que desempenhariam. O'Flaherty disse que Derry poderia explicar o que estava envolvido na ajuda aos soldados fugitivos.

Derry começou descrevendo as táticas de fuga e evasão que haviam ajudado os soldados a chegar a Roma; contudo, o motivo de estarem se escondendo era o fato de verem nesse gesto um atalho para encontrar o caminho de volta à unidade, ao regimento ou ao exército de origem. Aqueles que os ajudavam jamais deveriam esquecer que fugitivos fariam de tudo para atingir esse objetivo.

Os amigos não os deveriam colocar em uma posição em que tivessem que lutar por sua liberdade, precisando mutilar ou até mesmo matar um soldado inimigo ou qualquer

pessoa que atrapalhasse a fuga. Isso não só violaria as Convenções de Genebra, como também acarretaria represálias fatais para quem estivesse ajudando.

Derry fez uma pausa: se alguém desejasse desistir, esse era o momento. Nenhum padre se mexeu.



Emma Zolli aos poucos começava a se sentir mais relaxada desde que havia retornado a casa com as filhas, depois de passarem um tempo no apartamento que seu marido havia encontrado para que pudessem se esconder. Ele a convenceu a caminharem pelo gueto, onde as pessoas o cumprimentavam como *professore*, em respeito a seu cargo, e ele as lembrava de que era chegada a hora de *attenzione*, esperando pela chegada das forças aliadas. Foa lhe pediu que repetisse a informação ao final de cada *Tefilá*, o serviço diário na sinagoga.

Nas discussões que teve com o presidente, Zolli percebeu que a cada dia estava mais relaxado, desde a coleta de ouro. Foa chamou a atenção para o fato de ainda não ter havido nenhuma patrulha alemã no gueto e disse que Zolli deveria fazer todo o possível para tranquilizar as pessoas, assegurando que não havia motivos para alarme.

Zolli havia guardado para si a discussão que tivera com o padre Weber e Settimio Sorani. O padre palotino dissera que a atmosfera calma que permeava a cidade era “irreal, e algo vai acontecer”. Sorani dissera a Zolli que havia terminado de analisar os arquivos da *Delasem* e que retirara tudo que pudesse ser comprometedor, caso caíssem nas mãos dos alemães. Ele também havia ido com Renzo Levi discutir a situação com Foa. Mais uma vez o presidente os tranquilizara. Levi e Sorani concluíram que tudo que poderiam fazer era visitar seus amigos da comunidade judaica e instá-los a deixar a cidade. Ninguém aceitara o conselho.

Na reunião mais recente que tiveram, o padre Weber dissera a Zolli que havia recebido notícias de Estocolmo falando de uma caçada na qual 1.600 judeus dinamarqueses haviam sido transportados de trem e de navio para campos de concentração poloneses.

Aparentemente, Foa manteve sua conduta de confiança inabalável em sua caminhada diária para a sinagoga. As pessoas contavam umas às outras que o presidente havia obtido a melhor parte do acordo com Kappler. Muitos repetiram as palavras do ourives Angelo Anticoli: “*che de sense ne resta!*” Se Deus quiser, nosso ouro pode até dar azar para os alemães!



Certa manhã, Emma decidiu que caminharia até o centro da cidade, algo que não fazia

havia semanas. Ao chegar à Via del Portico d'Ottavia, viu uma figura familiar um pouco mais à frente; conversava com um casal de idosos. Tratava-se de Celeste di Porto; Emma reconheceu o casal como membros da congregação. Embora vivessem fora do bairro, no subúrbio, eram fiéis que compareciam regularmente à sinagoga. Emma supunha que provavelmente estavam indo para casa depois da celebração religiosa da manhã. Mas se perguntava como conheciam Celeste; Emma não a via na sinagoga já fazia algum tempo, mas ela parecia conhecer bem o casal de idosos, a julgar pela forma como ouviam atentamente, enquanto Celeste assentia com a cabeça e observava um carro se aproximar. Parou ao lado de Celeste; dois oficiais da Gestapo desceram e enfiaram o casal apavorado dentro do automóvel. A Pantera Negra acabava de ganhar outra recompensa por denunciar mais dois judeus.

Emma correu de volta ao gueto, espalhando em voz alta o que acabara de presenciar.



O papa Pio continuava a receber relatórios da rede.

Uma sinagoga havia sido aberta no porão do mosteiro de São Francisco de Assis, onde quase uma centena de judeus podia celebrar seus ritos religiosos às escondidas, enquanto os monges rezavam pouco acima, na capela. O gabinete de informações do Vaticano, onde irmã Luke trabalhava, havia aberto uma unidade especial para ajudar os judeus do exterior que procuravam notícias de seus parentes. Em outubro de 1943, a unidade respondeu a 20 mil consultas em um mês. O papa havia nomeado seu próprio homem de contato com a *Delasem*, o padre capuchinho Bourg D're. Ele recebeu uma soma inicial de 5 milhões de liras para fornecer alimentos, roupas e remédios aos refugiados judeus que chegavam a Roma.

A resposta do papa a cada relatório continha um lembrete: além de salvar a vida dos judeus, também era necessário empreender todos os esforços para salvar os materiais das sinagogas e dos centros culturais, especialmente das bibliotecas. “Para o povo judeu, é tão importante proteger sua história quanto a nossa para nós”, escreveu Pio.



Naquela manhã de outubro, Rosina Sorani estava sentada a sua escrivaninha, classificando as cartas de Foa, quando ouviu passos subindo as escadas que davam para o térreo. Os passos eram pesados demais para ser de Foa, e ele geralmente ligava antes, para que seu café estivesse pronto quando chegasse. Um homem atarracado, de meia-idade, peito enorme e profundo, estava parado no vão da porta. Ofereceu-lhe um sorriso cheio de dentes e se apresentou como paleógrafo do ERR, dizendo que estava ali para inspecionar vários textos da biblioteca. Entregou-lhe uma folha datilografada.

Rosina olhou para o papel e notou que listava as obras mais raras da biblioteca: os livros da famosa editora Soncino, datados do século XV; textos originais de Constantinopla e da Tessalônica do século XVI; manuscritos que eram histórias da vida literária e intelectual de Roma; um registro de como a Cabala passara a substituir a filosofia já existente; um texto de matemática do século XIII e um vocabulário hebraico-italiano-árabe extremamente raro, publicado em Nápoles em 1488. Por fim, havia vinte e um tratados talmúdicos.

Pediu a Rosina que o levasse à biblioteca e localizasse os livros para ele.

Rosina hesitou. Os textos preciosos eram guardados em uma área trancada no fundo da biblioteca, e, apesar de ter uma chave, ela se perguntava se não precisaria da autorização de Foa para permitir a entrada de um estranho. O oficial disse que ela o poderia acompanhar até a biblioteca para ter certeza de que estava manipulando os manuscritos e livros com o cuidado necessário. Foa ainda não havia chegado, e ela julgou que ele provavelmente não faria objeções; além disso, no passado havia permitido que o rabino Zolli e um ou dois estudantes do último ano do colégio rabínico consultassem alguns livros para os trabalhos de pesquisa que estavam escrevendo. Levou o oficial até a biblioteca, deu-lhe um par de luvas de algodão brancas e destrancou a porta da sala onde os livros raros eram guardados.

Percebeu que ele era um especialista pela forma como abria um livro, tocando suavemente o papel e ao folhear as páginas, da mesma maneira que já tinha observado o rabino Zolli fazer. Aquele homem tinha o mesmo cuidado ao tocar, percorrer a mão enluvada pela página, parar em um ponto especial de interesse antes de mudar para a página seguinte. Algumas vezes, ele dava um sorriso discreto para Rosina, quando ela lhe entregava algum documento, identificando-o como códice ou palimpsesto. Ele ficava em pé, algumas vezes mexendo uma das mãos acima da página, como se estivesse dando uma espécie de bênção.

Muitos dos materiais que pedia para ver estavam escritos em alfabetos para ela desconhecidos. Ela lhe perguntou sobre um deles, e ele respondeu que se tratava de armênio, uma ramificação da antiga Igreja cristã. Mas, na maior parte do tempo, ele permanecia em silêncio, seus olhos fixos em uma página aumentando e brilhando. Ocasionalmente inspirava fundo, da mesma forma como o rabino Zolli fazia quando parecia saber onde procurar um texto em particular.

Finalmente, terminou a análise. Rosina trancou a porta atrás deles e levou-o de volta a sua mesa; ele se voltou para ela e compartilhou uma sentença aterradora: “A senhora, por favor, informe a seu presidente que a biblioteca está sob custódia e que, se quaisquer livros sumirem, a senhora pagará com a própria vida”.

Ele se voltou, desceu as escadas e foi embora.



Quando Foa chegou, mais tarde, naquela mesma manhã, ela lhe contou sobre a visita mais recente do oficial do ERR.

Ele ditou quatro cartas para que datilografasse. A primeira era destinada ao general Stahel, as outras eram para a administração neofascista da cidade: para o ministro do Interior, o ministro da Educação e o diretor-geral de Segurança Pública. Cada uma delas continha o mesmo texto: um relato sobre as visitas do ERR; a tomada em custódia da biblioteca e seu valor sem igual. Terminava com um pedido de ação imediata e adequada para que a biblioteca fosse protegida. Depois de assinar as cartas, Foa pediu que Rosina fosse entregá-las pessoalmente nos diferentes endereços. Ele jamais receberia uma resposta.



Para Dannecker, a segurança havia sido um problema em Paris quando descobrira que a polícia francesa, que havia sido recrutada para ajudar na caçada, havia avisado, em troca de dinheiro, judeus abastados sobre a prisão que estava prestes a acontecer, permitindo que escapassem de ser colocados nos trens para Auschwitz. Com base no que havia lido nos relatórios de informações secretas de Kappler, Roma poderia gerar um problema parecido.

Por esse motivo, havia aquartelado sua equipe da *Judenaktion* no Collegio Militare. O complexo em estilo de fortaleza ficava no monte Janículo e tinha vista para o Tibre. O grupo da SS ocupava um dos prédios em volta da enorme área de paradas militares do colégio, onde os recrutas do exército eram adestrados à sombra de uma estátua imponente do imperador Júlio César. O colégio estava vazio e em condições decrépitas. Mas Dannecker havia decidido que aquele seria o lugar ideal como área de confinamento para o começo de sua *Judenaktion*.

Não só ficava próximo ao gueto, mas também era seguro para prender seus prisioneiros antes de serem colocados em um trem com destino a Auschwitz. Mas ele não receberia um trem até que pudesse informar ao Ministério de Transportes em Berlim o tempo mais adequado para sua caçada e o número aproximado de judeus a transportar.

A esperança de Dannecker de manter sua missão em sigilo falhou por causa de uma regulamentação introduzida pelo general Stahel. Assim como qualquer outro hóspede de hotel em Roma, Dannecker teve de se registrar. Na condição de oficial a serviço, só precisava fornecer seu nome, posto e unidade no formulário que era rotineiramente coletado e levado ao quartel-general do *Stadtkommandant* no Hotel Flora. Lá, era comparado com uma lista de nomes de oficiais militares que eram aguardados na cidade; normalmente estavam de férias ou a caminho de assumir algum novo posto.

Mas o nome de Dannecker não constava na lista. A ausência na lista poderia ter sido causada por descuido de algum outro quartel-general, mas, desde o princípio de sua nomeação como *Stadtkommandant*, Stahel havia ordenado que qualquer omissão fosse

rastreada e corrigida. Um de seus oficiais da equipe de funcionários recebeu ordens para ligar para Berlim e foi informado de que Dannecker estava em Roma por ordem do *Obersturmbannführer* Eichmann e que sua presença deveria permanecer secreta, uma classificação aprovada pelo *Reichsführer* Himmler.

Stahel ficou furioso. Para ele, ninguém poderia ir a Roma, nem mesmo em missão secreta, sem que lhe dissessem o motivo. Já havia sido irritante saber pelo rádio e pelos jornais que havia um plano para sequestrar o papa, assunto sobre o qual nada soubesse de antemão e que havia causado tanto protesto. Mas descobrir que Eichmann — um homem pelo qual Stahel tinha aversão profunda — havia atraído de alguma forma o apoio de Himmler para uma missão secreta já era demais; telefonou para Kesselring em seu quartel-general em Frascati. O comandante em chefe foi firme: A missão de Dannecker deveria permanecer um *Geheime Reichsache*, assunto secreto do Reich.



Stahel enviava relatórios detalhados diários para Berlim e outras autoridades nazistas e fascistas de Roma. Entre eles, estavam Weizsäcker e o novo embaixador da Embaixada da Alemanha na Itália, Eitel Friedrich Möllhausen. Percebeu que o relatório mais recente mencionava a chegada de Dannecker.

Aquele solteiro elegantemente vestido de trinta anos rapidamente chamou a atenção de mais de uma mulher romana, e atualmente tinha um caso com uma viúva jovem e rica. Ela lhe contou sobre a família de refugiados judeus que mantinha escondida dentro do porão de seu *palazzo* e como estava cada vez mais difícil alimentá-los, pois não podiam ter carne de racionamento. Ele imediatamente tomou providências para que recebessem alimentos por meio da embaixada.

Sentindo que Weizsäcker compartilhava a mesma oposição ao nazismo, Möllhausen o via como seu mentor e mencionou o nome de Dannecker na lista de Stahel. O colega embaixador pediu que Möllhausen fosse discutir o assunto com ele e Kessel.

Weizsäcker disse ter certeza de que Dannecker estava em Roma por um único motivo e apresentou uma cópia da *Judenaktion* que já havia mostrado ao general Wolff. Dannecker estava lá para assegurar que Kappler executasse a *Judenaktion* ou para assumir as operações pessoalmente.

A carreira de Möllhausen havia sido devotada a evitar o que ele chamava de “situações difíceis”. Ele sabia que os colegas da embaixada o viam como um diplomata que rapidamente havia galgado os degraus hierárquicos, enquanto muitos outros ainda estavam inertes nos escalões inferiores. Embora Möllhausen evitasse qualquer discussão com os funcionários da embaixada sobre o que eles chamavam da “questão judaica”, aquele documento o deixou chocado. A única coisa que importava era o que poderia ser feito para interrompê-la.

Kessel sugeriu que um alerta fosse comunicado aos judeus por uma voz que

levariam a sério: a do papa. Disse que poderia entrar em contato com a doutora Hermione Spier. Ela era uma judia alemã e trabalhava no Vaticano como consultora de arqueologia. Kessel disse que poderia tentar persuadi-la a ir ao gueto e alertar seu povo, “como representante do papa”, sobre as ameaças.

Weizsäcker pediu a Kessel que ligasse para ela. Ninguém atendeu do outro lado da linha. Então, Kessel ligou para o número do diretor do Instituto Arqueológico Alemão em Roma. Kessel recordaria mais tarde:

Informei que a situação atual para os judeus em Roma estava difícil e que gostaria que a doutora Spier soubesse disso. Que minha intenção era enviar um sinal, a ser repassado por ela aos líderes da comunidade judaica. Mas ela deu a entender que nunca teve qualquer contato com a comunidade.



Kappler estava em seu escritório quando Dannecker entrou, cumprimentou-o e se apresentou antes de lhe dar a carta do *SS-Gruppenführer* Müller, que lhe dava poderes para assumir o comando da *Judenaktion*. Kappler leu a carta e a devolveu. Por dentro, disse mais tarde, estava fervendo: não havia sido comunicado sobre a mudança de comando e via o gesto como um insulto ao modo como executava suas obrigações em Roma até o momento — especialmente depois da coleta bem-sucedida do ouro. Ele havia concebido aquela operação como a precursora perfeita da caça aos judeus.

Os relatórios que havia recebido dos chefes de gangue Giovanni Mezzaroma e Pietro Koch confirmavam que o gueto permanecia calmo. Os dois também haviam recebido suas recompensas financeiras depois de atualizar Kappler sobre o número de judeus capturados nas ruas e que eram mantidos no presídio Regina Coeli, esperando para serem incluídos na caçada. Por alguns momentos mais, Kappler permaneceu sentado e olhando para Dannecker, a cicatriz em seu rosto mais arroxeadada que o normal.

Dannecker estava acostumado com reações desse tipo, provenientes de chefes locais da Gestapo. Embora tivesse hierarquia maior, Dannecker sabia que Kappler também tinha ciência de que, no relatório final sobre a missão a ser enviado para Eichmann, Dannecker poderia prejudicar seriamente a carreira futura de Kappler. Mais de um oficial já havia sido enviado para a frente na Rússia depois de Dannecker reclamar sobre sua falta de cooperação.

Contudo, depois de estudar os arquivos sobre Kappler e Stahel em Berlim, Dannecker concluiu que ambos eram idênticos quando o assunto era proteger seus próprios postos. Sabia que, se sua *Judenaktion* desse errado, eles certamente evitariam criticá-lo. Teria de trazer Kappler para seu lado. Dannecker disse a Kappler que receberia de braços abertos o conhecimento sem igual que tinha sobre Roma. Kappler disse que ofereceria toda a assistência possível.

Dannecker lhe contou sobre o aquartelamento de seus homens no Collegio Militare e o papel que o local exerceria como área de confinamento. Em Paris, ele havia cometido “o erro” de agendar sua *Judenaktion* para o Dia da Bastilha, quando a cidade estava celebrando seu feriado nacional mais patriótico. Só postergou a caçada por dois dias, depois de um informante lhe chamar a atenção para a possibilidade de os parisienses atrapalharem suas operações. Ele não queria ver isso acontecer em Roma.

Kappler lhe assegurou que não haveria problemas. Os judeus haviam acabado de celebrar o Yom Kippur.

Dannecker deu um breve sorriso de alívio. Mas, admitiu, havia outras questões em relação às quais a orientação de Kappler seria bem-vinda.

Kappler apresentou a lista que havia obtido da *Questura*. O tique nervoso no rosto de Dannecker aumentou enquanto a estudava: havia mais judeus que o previsto. Provavelmente teria de solicitar o agendamento de mais de um trem para o Ministério dos Transportes e também precisaria de mais homens que a quantidade que havia levado consigo.

Mais tarde, Kappler alegou:

Eu lhe disse que não teria homens para pôr a sua disposição. Quando ele perguntou por informações topográficas para que pudesse organizar sua operação, eu lhe disse que nenhum de meus oficiais conhecia a cidade o suficiente. Em lugar da informação solicitada, eu lhe dei um mapa com as ruas do gueto.

Mais uma vez Dannecker expressou sua gratidão. Kappler sentiu que havia “algo de tenebroso” no homem sentado à sua frente. Certamente devem ter formado uma dupla impossível e incompatível: Kappler, com seu cabelo loiro impecavelmente penteado, a testa recuada, olhos cinza-azulados penetrantes e uma cicatriz de luta; Dannecker, com seu tique nervoso que constantemente fazia virar sua cabeça de um lado para o outro enquanto estudava os documentos.

Depois de marcar vários pontos no mapa, perguntou a Kappler que relação tinha com a polícia. Kappler normalmente não gostava de ser questionado, mas reconhecia que Dannecker estava fazendo um esforço para ser amigável. Disse que Pietro Caruso, o chefe das forças policiais, era um fascista leal e que poderia confiar nele em qualquer situação. Dannecker perguntou se seria possível usar a polícia na caça aos judeus para fechar as ruas que levavam ao gueto, além de fornecerem guardas do Collegio Militare.

Kappler hesitou. Ele havia nomeado Caruso e não gostaria de perder controle sobre ele ao permitir que Dannecker tratasse diretamente com o chefe de polícia. Pegou seu telefone e ligou para a *Questura*, pedindo para falar com Caruso. Ordenou que colocasse quarenta de seus homens em “guarda especial”. Até lá, precisariam ficar em um complexo de edifícios alemães, de forma a não chamar a atenção. Colocou o telefone no gancho e se voltou novamente para Dannecker. O oficial da SS tinha mais perguntas. Em Berlim,

havam lhe contado que o Vaticano era dirigido por “amantes dos judeus, incluindo o papa”. Como isso poderia afetar a caçada? Kappler disse que era preciso ser cuidadoso.

O chefe da Gestapo deu uma rápida aula sobre a neutralidade do Vaticano; sobre a recusa do *Stadtkommandant* de tratar a Resistência com firmeza, apesar de serem comunistas em sua maioria; sobre como os diplomatas do Reich na cidade eram “jovens e brandos”. No fim, havia tensão na voz de Kappler quando disse as seguintes palavras:

Em Roma, tudo isso levou à convicção de que a relação entre os judeus e o Vaticano é próxima. Os judeus acreditam nisso, a Resistência acredita nisso e a maior parte dos romanos acredita nisso. É por isso que o senhor precisa ser cuidadoso com a forma como sua operação será executada.

PARTE IV

HERÓIS MAGNÍFICOS





o início, Luciana Tedesco achou estranho estar no Fatebenefratelli; sentia que nada estava errado com sua saúde, apesar de ter de tossir regularmente naquela ala do hospital, assim como fazia o resto de sua família. Todos os outros judeus da área de isolamento do segundo andar faziam a mesma coisa.

Ela perguntou a seu primo, o doutor Vittorio Sacerdoti, por que todos tinham de tossir, e ele disse que era para que ela ficasse em segurança — para manter todos em segurança. Ela perguntou se ele poderia lhe dar algum remédio; ele examinou o peito dela com seu estetoscópio e disse com sua voz gentil, a qual sempre usava com os pacientes, que, enquanto tossisse e respirasse fundo, tudo estaria bem.

Ela o ouviu dizer a seus pais que os alemães haviam ido até o hospital, que os recebera na entrada e que mostrara o arquivo que continha o registro dos casos de todos os pacientes com a Síndrome de K que haviam sido internados. Cada um deles era classificado como “contagioso”, e ele sorriu ao dizer que os soldados haviam ido embora rapidamente.

Havia livros para Luciana ler, e, durante as tardes, irmã Ester, uma das freiras, levava as crianças para um quarto contíguo e fazia brincadeiras com elas. Na ala, os adultos tiravam uma soneca em suas camas ou jogavam cartas e conversavam entre si. Para Luciana, era uma grande família.

Havia os pais dela, Gabrielle e Alvisè, além de Claudio, seu irmão mais novo; sua tia Giogina e seu filho Pierluigi, bochechudo, de cinco anos de idade. Todos comiam juntos à mesa que ficava no centro da ala, com outra família. A comida era trazida da cozinha pelas freiras.

Todas as manhãs, quando Vittorio chegava, Luciana orgulhosamente mostrava sua tosse; ele ria e escutava as outras crianças se exibindo com sua tosse. Sempre lhes dizia que eram as melhores.

Depois disso, checava os adultos, chamando-os pelo nome. Ao ser internados, cada um deles recebeu um nome falso não judeu. No início, houve um pouco de confusão quando ele fazia o teste para ver se eles se lembravam de sua nova identidade. Mas, depois de alguns dias, atendiam perfeitamente pelo novo nome, e cada paciente levantava a mão a sua vez. Ele ia de ala em ala e repetia o processo, as crianças seguindo-o como se fosse o flautista de Hamelin do Fatebenefratelli.



Até outubro, O'Flaherty havia recrutado três mulheres para ingressar na rede de padres e freiras. Eram a princesa Nina Pallavicini, Yvette Bruccoler, que trabalhava no escritório do conde de Salis, diretor da Cruz Vermelha, e uma mulher que pediu para ser conhecida como *Frau K*. A única pista sobre seu passado era que falava italiano com sotaque alemão, mesmo depois de viver em Roma por vinte anos. Assim como as outras, era viúva e regularmente participava das missas na basílica de São Pedro.

O'Flaherty já as conhecia bem muito antes de alistá-las: a princesa por causa de suas visitas regulares com notícias dos programas de Londres captados por seu aparelho ilegal de rádio; Yvette Bruccoler de seus encontros com o conde de Salis, para quem ela trabalhava como secretária; e irmã Pascalina, governanta do papa, havia lhe apresentado *Frau K*.

Frau K foi a primeira a oferecer ajuda, explicando que era uma calígrafa treinada e que gostaria de usar sua habilidade para falsificar cupons de comida. Ela lhe dera uma amostra de seu trabalho, e O'Flaherty imediatamente viu que o cupom era idêntico aos verdadeiros e que poderia ser usado para comprar alimentos para os soldados e judeus que se escondiam. Yvette se ofereceu para distribuir os cupons forjados por meio da Cruz Vermelha.

Ainda faltava que a princesa Nina o surpreendesse. Em um final de tarde, depois de repassar as notícias mais recentes da *BBC*, ela lhe contou que havia dominado a arte de forjar documentos para os funcionários da Aristocracia Negra, que haviam fugido para a clandestinidade com medo das detenções fascistas; para poder sobreviver escondidos, precisavam de carteiras de identidade e outros documentos para evitar ser detidos. Ela disse que poderia fornecer os mesmos documentos para os refugiados judeus.

Ele acolheu a ideia de braços abertos, e Nina voltou a seu palácio para começar a trabalhar imediatamente.

Duas amigas de longa data também ofereceram seus serviços. Eram Delia Murphy, a esposa do representante diplomático irlandês, que mantinha seu país em neutralidade estrita, e a filha deles, Blon, uma moça extraordinária de dezenove anos de idade. Elas chegaram ao Colégio Alemão com dois sacos cheios de coisas e os esvaziaram no chão, na frente de O'Flaherty. Eram sapatos e botas que haviam sido consertados. Ele ficou imóvel, surpreso demais para falar, antes de pedir que, em nome de Deus, contassem onde haviam conseguido todos aqueles calçados. Delia explicou que haviam descoberto um prédio, atrás da residência da embaixada, que era usado como oficina alemã de conserto de botas, e que ficava aberto e sem vigia durante a noite. As duas mulheres haviam escalado o muro da embaixada, entrado na oficina destrancada, reunido uma seleção de sapatos e botas e atirado tudo por cima do muro para dentro do pátio da embaixada. O'Flaherty balançava a cabeça demonstrando seu espanto. Foi buscar Derry e John May, que começaram a selecionar os calçados para distribuição. Blon maliciosamente disse acreditar que poderiam fornecer um saco por semana.

Naquela noite, como de costume, os padres das paróquias de Roma estavam nas

ruas para levar alimentos e roupas aos conventos e às casas seguras onde os refugiados judeus se escondiam. Alguns dos padres haviam se tornado especialistas em trabalhar no mercado negro, negociando trocas para conseguir um vestido para uma menininha ou uma calça para um menino em crescimento. Os padres escondiam suas aquisições debaixo de suas batinas ou as levavam em sacolas usadas para levar os cálices e as hóstias que usavam para fazer a santa comunhão. O padre Patrick Carroll-Abbing recordaria: “A escuridão era um pesadelo envolto no som de coturnos alemães que patrulhavam”.



Foi o som dos coturnos que corriam em direção à porta de entrada do *palazzo* que serviu de primeiro alerta para a princesa Pallavicini. Ela estava sozinha: havia mandado a cozinheira e a empregada para a casa de campo no sul, junto com seu chofer e o jardineiro. Sabia que, se fosse descoberta forjando documentos, eles seriam presos, ou até mesmo executados como colaboradores.

Sua amiga, a princesa Virginia Agnelli, viúva de Eduardo Agnelli, herdeiro da Fiat de Turim, já havia sido presa no convento de São Gregório; apesar do Tratado de Latrão, o prédio foi transformado pelos fascistas em um presídio para as mulheres da Aristocracia Negra. Virginia havia conseguido passar clandestinamente uma mensagem a Nina, dizendo: “Estou razoavelmente confortável e posso usar a capela”.

Os chutes das botas na porta da frente e os gritos em alemão fizeram que Nina corresse para os fundos do palácio para pular por uma janela do andar térreo. Sabendo que a pena de morte a esperava se seu rádio ilegal fosse descoberto, correu pelas ruas em direção à única pessoa e ao único lugar onde sabia que lhe dariam refúgio — o Colégio Alemão, onde estava monsenhor O’Flaherty.

Naquela noite, O’Flaherty arranhou um quarto para ela nos alojamentos das freiras. Horas mais tarde, a Rádio Roma anunciou que ela deveria ser presa imediatamente por usar um rádio ilegal e por trabalhar para o inimigo. Uma recompensa substancial foi anunciada por sua captura. O’Flaherty disse a Nina que havia obtido permissão para que ficasse no colégio no futuro próximo, onde poderia continuar a produzir seus documentos até que as forças aliadas chegassem. Nina trabalhou em um recinto no porão, e o papel especial e os equipamentos que havia abandonado dentro do *palazzo* foram repostos por um velho amigo de O’Flaherty, o conde Giuseppe Dalla Torre, editor do *L’Osservatore Romano*.



Os três diplomatas alemães — Weizsäcker, Kessel e Möllhausen — encontraram-se em sigilo a portas fechadas para mais uma reunião na Villa Napoleon, a fim de discutir uma

nova abordagem depois que suas tentativas de alertar os judeus do gueto não deram certo. Os dois diplomatas da Santa Sé disseram que era essencial que Berlim entendesse que a *Judenaktion* teria consequências sérias para as relações do Vaticano com Berlim. Em uma época em que a guerra estava indo muito mal para a Alemanha, a perda de qualquer possibilidade de apoio do papa seria um golpe sério às políticas alemãs. Concordaram que Von Ribbentrop, o ministro das Relações Exteriores, fosse alertado.

Möllhausen sugeriu que o general Stahel era a pessoa certa para se comunicar com Ribbentrop; em seu cargo de *Stadtkommandant*, tinha a responsabilidade de manter Roma em paz e evitar um levante. Os outros concordaram, e Möllhausen disse que lhe faria uma visita. Levaria consigo uma cópia da *Judenaktion* de Weizsäcker. Ao mesmo tempo, Möllhausendisse que contaria ao general o que se sabia sobre Dannecker.

Stahel explodiu assim que leu a ordem. Mais tarde, Möllhausen se lembrou de vê-lo gritar: “Por que não fui avisado?”. A ordem fora enviada diretamente a Kappler. “Vou fazer de conta que não sei nada sobre isto.”

O embaixador falou a Stahel sobre Dannecker. Sua raiva aumentou: “Não quero ter nada a ver com esse tipo de sujeira”.

Möllhausen informou os colegas sobre como transcorreu a conversa, e eles concordaram que o próximo passo deveria ser o envio de um telegrama para o Ministério das Relações Exteriores. Möllhausen propôs que, como representante dos interesses do Reich na Itália, ele deveria se dirigir pessoalmente a Von Ribbentrop. Transmitiria a mensagem em seu próprio nome e usaria o código secreto que os embaixadores alemães possuíam para tratar de assuntos que exigissem a atenção imediata do ministro das Relações Exteriores.

Se Weizsäcker ou Kessel questionasse sua decisão, eles poderiam muito bem supor que Möllhausen via isso como um passo a mais na escalada da promoção. Não fizeram nenhuma tentativa de também assinar o documento porque Möllhausen insistia em trechos do telegrama que deixavam os outros dois nervosos. Mas ele insistia que deviam ser incluídos se quisessem ter êxito em prevenir a *Judenaktion*.

O telegrama foi criptografado e marcado como “*supercitissime!*” — “urgentíssimo”. O próprio termo era uma classificação extraordinária, pois não existia no manual dos códigos secretos alemães; o mais alto era “*citissime*”, muito urgente. Möllhausen havia acrescentado o prefixo “super” para dar ênfase extra ao telegrama. Adicionalmente, dizia: aos cuidados do *Reichsminister* “pessoalmente”.

Essa instrução adicional gerou surpresa no departamento de comunicações da Wilhelmstrasse. O telegrama foi decodificado e datilografado, e foram feitas três cópias com papel-carbono. Uma delas foi enviada ao escritório de Ribbentrop. Como se referia a um assunto fora da esfera normal da diplomacia, as cópias foram enviadas para os escritórios de Himmler e de Eichmann. O texto dizia o seguinte:

O *Obersturmbannführer* Kappler foi encarregado por Berlim de capturar 8 mil judeus residentes em Roma e levá-los para o norte da Itália, onde devem ser

aniquilados . O general Stahel, comandante da cidade de Roma, disse que essa ação só poderá ser autorizada com a aprovação do ministro das Relações Exteriores da Alemanha. Tenho a opinião pessoal, que seria melhor negócio transportar os judeus para trabalharem em fortificações. Proporei isso ao marechal de campo Kesselring. Por favor, envie recomendação. Möllhausen.

O telegrama causou consternação em Berlim — mas não da forma como Möllhausen esperava. Nenhum embaixador havia mandado uma carta pessoal ao ministro das Relações Exteriores que incluísse a palavra “aniquilados” em um documento oficial; qualquer referência à Questão Judaica estava proibida. O telegrama também havia envolvido o ministro das Relações Exteriores em uma operação que estava estritamente sob o comando da SS.

O resultado foi rápido. Stahel negou que houvesse feito qualquer declaração a Möllhausen. Um Ribbentrop furioso e constrangido pediu desculpas a Himmler por esse “telegrama infeliz”, assegurando ao *Reichsführer* que jamais permitiria que tal atropelamento de autoridade se repetisse por parte de qualquer um dos funcionários de sua equipe. Enviou uma mensagem a Möllhausen:

O ministro das Relações Exteriores do Reich insiste que Vossa Senhoria se mantenha afastado de quaisquer questões relativas aos judeus. Tais questões, em consonância com um acordo entre o Ministério das Relações Exteriores e o RSHA, são de competência exclusiva da SS, e quaisquer interferências adicionais sobre essas questões poderiam causar sérias dificuldades para o ministro das Relações Exteriores.

Möllhausen se deu conta de que sua carreira diplomática estava seriamente prejudicada, assim como suas tentativas de salvar os judeus. Ele já havia decidido não entrar mais em contato com Kesselring, para evitar transtornos adicionais.



Em 2000, a Lei de Divulgação dos Crimes Nazistas de Guerra permitiu que o Arquivo Nacional de Washington D. F. liberasse cerca de 400 mil páginas de documentos do Gabinete de Estudos Estratégicos, o Gabinete de Serviços Estratégicos (OSS) do tempo da guerra. Entre os materiais, havia interceptações britânicas de mensagens de rádio entre Roma e Berlim, em outubro de 1943. O telegrama de Möllhausen a Von Ribbentrop e a resposta que gerou também faziam parte desse lote. As interceptações haviam sido feitas pelos decifradores de códigos secretos de Bletchley Park.

Sua libertação levantaria uma questão perturbadora. Naquela época, as forças aliadas poderiam ter usado essas informações para tentar salvar os judeus de Roma? A questão se

tornaria parte do interminável debate sobre o que poderia ter sido feito com as informações secretas obtidas durante a guerra. Aqueles milhões de palavras colocaram o foco, não pela primeira vez, sobre o papel dos líderes da guerra, Churchill e Roosevelt. Poderiam ter feito mais para alertar os judeus? Inevitavelmente, as mensagens decodificadas foram interpretadas por alguns escritores como acusação, com alegações de que ambos certamente sabiam com antecedência sobre o destino iminente dos judeus de Roma e que nada teriam feito para salvá-los.

A verdade é outra. Naquelas 400 mil páginas, que exigem meses de leitura cuidadosa, não há nenhum indício de que Franklin Roosevelt tenha recebido informações preliminares suficientes sobre as intenções dos nazistas em Roma que permitissem alguma ação. Foi só em dezembro de 1943 que Allen Dulles, chefe do OSS, obteve uma cópia do telegrama de Möllhausen dirigido a Ribbentrop e o enviou de seu quartel-general em Berna, na Suíça, para Roosevelt.

Os arquivos com informações secretas de Churchill, no Gabinete do Arquivo P ú blico em Kew, Londres, mostram que, embora recebesse resumos diários sobre as informações das interceptações de Bletchley, não há nada nos arquivos indicando que teria sabido sobre o destino dos judeus do gueto antes do final de outubro. Contudo, mais cedo naquele mesmo mês, o primeiro-ministro havia discutido com seu Gabinete de Guerra, em uma reunião realizada no dia 6 de outubro, se deveria mais uma vez denunciar todas as atrocidades nazistas. Anthony Eden, ministro das Relações Exteriores, opusera-se à ideia. “Estou muito aflito, não quero ser colocado na posição de mandar criminosos de guerra para o pelotão de fuzilamento e prometer a punição merecida e, um ano ou dois mais tarde, ter de arranjar desculpas por não ter feito nada.”



O escritório de Eichmann informou Dannecker sobre a tentativa frustrada de Möllhausen intervir na *Judenaktion*, assegurando ao oficial da SS que não haveria mais novas tentativas de interferência em seu trabalho.

Dannecker também pediu a Kappler que lhe providenciasse um escritório dentro do quartel-general da Gestapo, na Via Tasso. Em mesas montadas sobre cavaletes, Dannecker abriu os mapas do gueto e das ruas da cidade que haviam sido fornecidos por Kappler. No mapa do gueto, havia criado trinta *Judenaktionsbezirke* — “áreas para a *Judenaktion*”. Então, repetiu o processo no mapa da cidade, produzindo outras quarenta e cinco áreas quadradas.

Dannecker havia elaborado um mapa geográfico com a localização dos judeus de Roma. As áreas quadradas mais intensamente preenchidas ficavam no mapa do gueto, muitas vezes adentrando um quadrado adjacente. Algumas áreas quadradas de Trastevere estavam vazias, indicando onde moravam os que não eram judeus. As áreas do mapa da cidade eram as mais vazias; as que continham alguns poucos nomes ficavam próximas ao

muro norte do Vaticano. Quando chegasse o momento certo, ele conseguiria designar o número correto de homens para visitar cada uma das áreas. Isso também possibilitaria a logística correta, permitindo o envio do número correto de caminhões para coletar os judeus e completar a caçada dentro do menor tempo possível. Preparativos como aqueles é que haviam rendido a Dannecker o elogio que recebera de Eichmann: “apanhador de judeus”.

Dannecker também era realista. Não esperava capturar todos os judeus de Roma. As experiências do passado haviam lhe mostrado que sempre haveria alguns que conseguiriam escapar. Também havia as mais recentes limitações de combustível para os trens de deportação, impostas pelo Ministério dos Transportes. Isso significava que existia um limite de distância que um trem poderia percorrer, o que, por sua vez, reduzia o número de vagões que a locomotiva poderia puxar. O limite usual, em 1943, era de vinte vagões, o suficiente para transportar mil pessoas. Os vagões iam abarrotados de gente; os que não coubessem a bordo poderiam ser mantidos no presídio Regina Coeli, aguardando o próximo trem. Antes de Dannecker chegar a Roma, foi informado de que o escritório de Eichmann havia tomado providências para que o presídio fosse esvaziado, que todos os prisioneiros italianos com penas curtas saíssem para fazer espaço, já prevendo que nem todos caberiam no trem de deportação.

Pelos cálculos de Dannecker, o tempo tinha enorme importância: o momento mais adequado para a chegada do trem deveria coincidir com o final da caçada ou ficar o mais próximo possível da sua conclusão, a fim de evitar que fosse atacado pela Resistência; o início da operação deveria ser nas primeiras horas da madrugada, antes da alvorada, quando as pessoas estivessem dormindo e com a menor chance possível de tentar escapar.

Ele descobriu que havia mais um elemento a considerar para uma caçada bem-sucedida. Era necessário convencer as pessoas de que estavam somente sendo “transferidas” para trabalhar e colaborar com os esforços de guerra da Alemanha. Aquilo havia dado certo antes; esperava que desta vez também funcionasse. Ele solicitou a Kappler que se traduzisse um texto para o italiano, que seria mimeografado em papel no tamanho e formato de cartões-postais. Seriam apresentados a cada chefe de uma família judia.

Você e sua família, além de todos os judeus que fazem parte de seu ambiente doméstico, serão transferidos.

Vocês devem levar consigo:

Alimento para pelo menos oito dias.

Os carnês de racionamento.

As carteiras de identidade.

Vocês podem levar:

Uma mala pequena com artigos pessoais, roupas, cobertores, etc.

Dinheiro e joias.

Fechem e tranquem seu apartamento/casa. Levem a chave consigo.

Inválidos, mesmo nos casos mais severos, não podem ficar para trás, seja qual for o motivo. Existem enfermarias nos campos.

Vinte minutos após a apresentação deste cartão, a família tem de estar pronta para partir.

Ao concluir seu pré-planejamento, Dannecker mostrou os resultados a Kappler. O chefe da Gestapo expressou sua surpresa, mas também alertou para a importância de se assegurar que cada deportado era de fato um judeu, conforme o definido pela lei alemã, e lembrou a Dannecker que a cidade estava cheia de fugitivos das forças aliadas que seus próprios homens tentavam capturar e que, se fossem capturados durante a caçada, com o inimigo tão perto, aquilo poderia ter consequências prejudiciais para os soldados alemães capturados.

Dannecker prometeu que teria tudo isso em mente.



Settimio Sorani se encontrou com o padre Anton Weber na Casa Geral dos padres palotinos, na Via dei Pettinari. De uma hora para outra, Roma se tornara mais perigosa: os alemães haviam saqueado Villa Savoy, o palácio abandonado do rei Vítor Emanuel. As equipes alemãs trabalhavam na recuperação das linhas telefônicas cortadas que ligavam os postos de comando em toda a cidade. A pilhagem do palácio alimentou rumores de que os alemães estavam se preparando para abandonar Roma, roubando tudo que podiam, e que a Resistência tinha interrompido as comunicações para acelerar a partida.

Enquanto caminhava ao longo do saguão de entrada do escritório do padre, flanqueado pelos bustos de dois padres palotinos já falecidos, o diretor da *Delasem* se perguntava o que ouviria em breve.

O conteúdo o deixou aturrido. O padre Weber disse que, na Alemanha, os nazistas tinham detido vários padres em Hamburgo, encarcerando-os em Dachau pelo fato de ajudarem judeus. Ele havia recebido ordens para encerrar as atividades da rede que trazia refugiados do norte da Europa. Instou Sorani a fazer o mesmo com a *Delasem*.

Sorani se encontrou com Renzo Levi. Ambos concordaram que era chegado o momento de encerrar as atividades da agência e também de se esconderem. Levaram consigo todos os documentos incriminadores para queimá-los. Naquela noite, Settimio foi buscar Rosina na sinagoga, e, juntos, tomaram um bonde até seu novo esconderijo, que haviam encontrado nos subúrbios. Ela tentou ligar para Foa, mas ninguém atendeu. Só mais tarde soube que Foa havia encontrado um esconderijo para seus filhos e para si mesmo.



O papa Pio também havia solicitado que o padre Leiber entrasse em contato com o líder da comunidade. Ele pretendia oferecer acomodação no Vaticano tanto para Foa e sua família quanto para outras pessoas que selecionasse, de acordo com a quantidade de espaço ainda disponível.

A decisão foi tomada depois de Pio discutir o assunto com dois acadêmicos judeus que havia mandado para o gueto. Tanto o professor Tullio Levi-Civita quanto o professor Giorgio del Vecchio disseram a Pio que a exigência dos cinquenta quilos de ouro seria o começo de outras exigências feitas à população do gueto. Tendo em vista o que estava acontecendo aos judeus em outros guetos, ambos alegaram que seria melhor se todos já houvessem ido embora. Mas, de acordo com a experiência de Del Vecchio, “nosso pessoal do gueto é teimoso para aceitar qualquer conselho, imagine, então, para se mudar de lá”.

No entanto, Pio insistira que haveria espaço disponível, caso fosse necessário. Mas Leiber não conseguiu encontrar Foa.



No final da tarde da quinta-feira, dia 14 de outubro, o zelador da sinagoga telefonou para Zolli. Como não recebeu resposta, correu até a casa do rabino-mor e encontrou os vizinhos reunidos do lado de fora. A porta da frente da casa de Zolli estava entreaberta, e um vizinho contou ao zelador que a família havia ido embora naquela manhã e que à tarde os soldados alemães chegaram com um serralheiro, que abriu a porta. Eles haviam retirado livros e arquivos da casa e levado o material em um caminhão. O zelador entrou no apartamento e viu que havia sido examinado com cuidado; os pertences da família estavam espalhados por todos os lados. Usou o telefone de Zolli para ligar para Foa, Almansi e Rosina. Nenhum deles respondia. Não sabendo que mais fazer, o zelador fechou a porta atrás de si e voltou apressado para a sinagoga. Passaria a noite sentado ao lado do telefone, que não tocou nenhuma vez.



Depois de Emma Zolli correr para casa, compreensivelmente aterrorizada com a cena que acabara de presenciar — o casal de idosos sendo enfiado dentro de um carro pelos homens da Gestapo e Celeste di Porto se afastando do local —, disse ao marido que precisavam voltar para o apartamento que seu ginecologista lhe havia emprestado. Ele concordou imediatamente. Enquanto sua esposa e os filhos refaziam as malas, ele reuniu seus livros preferidos, papel e sua máquina de escrever, com a qual redigia seus artigos. A família se amontoou dentro de um dos poucos táxis que ainda circulavam no gueto à disposição de passageiros, e o rabino-mor de Roma desapareceu. Era o momento em que sua congregação mais precisava dele.



Era final de tarde quando Dannecker foi ao Collegio Militare para informar suas tropas. Mostrou-lhes os mapas e designou o número apropriado de soldados para cada uma das áreas. Os caminhões haviam chegado e estavam estacionados no pátio de desfiles dentro do colégio. Finalmente, forneceu a data e o horário para iniciar a missão: sábado, dia 16 de outubro, às 5h30 da manhã.



Em seu diário, irmã Luke anotou que o Vaticano havia ordenado um aumento do número de guardas em todas as propriedades extraterritoriais em toda a cidade de Roma. Com bom olho para a moda, anotou: “Cada um deles tem uma boina elegante na cor magenta, bastante larga e flexível, acompanhada de um emblema pontifical amarelo e branco e um capote militar azul-escuro. Alguns podem ser vistos com suas calças civis debaixo dessa roupa gloriosa, mas é impossível ter tudo com a situação atual de falta de materiais. Eles também carregam rifles e munição”.



Em sua sala de jantar particular, o bispo Alois Hudal recebia como hóspede Eugen Dollmann, *Sturmbannführer* da SS. Aquele havia se tornado um evento regular, desde que Dollmann chegara a Roma em 1937, designado como representante pessoal do *Reichsführer* Himmler junto ao governo fascista de Mussolini, e, no momento, junto ao Vaticano. O posto não era oficialmente reconhecido pela Santa Sé, mas Dollmann via a si mesmo, como afirmaria mais tarde ao chefe do OSS Allen Dulles, “como uma forma de

ligação superior entre os alemães e a Igreja”. Multilíngue, alto e elegante em seus ternos feitos sob medida, penteava seu cabelo longo e negro para trás e tinha modos efeminados.

Depois do desastre que se seguiu ao telegrama de Möllhausen, fora informado pelo escritório de Himmler que estava prestes a se tornar o elo entre o novo *Stadtkommandant* Kurt Mälzer e o Vaticano. Dollmann considerava Mälzer um grosso e beberrão, mas ambos aprenderam rapidamente que tinham uma aversão comum contra Kappler e o embaixador Weizsäcker.

Entretanto, Dollmann desenvolveu uma relação próxima com o padre Pankratius Pfeiffer, nascido na Baviera e abade geral da Ordem do Divino Salvador, que havia sido escolhido pelo papa Pio para ser sua ligação pessoal com as tropas de ocupação alemãs; os dois se encontraram pela primeira vez quando Pio era núncio em Munique, onde Pfeiffer era padre de paróquia. Mais tarde, Allen Dulles afirmaria: “Dollmann sabia como ser o homem preferido por todos, mas só nos lugares mais altos”.

Em breve, o eloquente Dollmann seria requisitado a mais uma vez mostrar suas habilidades em causa própria.



e manhã cedo, na quarta-feira, dia 13 de outubro, Mose Spizzichino parou de empurrar seu carrinho de mão ao longo da Lungotevere dei Cenci, a avenida larga que o levaria para dentro da cidade. Em sua direção, vinham vagarosamente dois vagões de carga grandes, ao longo dos trilhos do bonde; faziam parte da rede de transporte público da cidade. Estavam sendo rebocados por um veículo motorizado menor, e, caminhando ao lado da composição, havia um grupo de homens vestindo macacões; tratava-se dos empregados de uma das principais firmas de remoções e mudanças de Roma. Estavam acompanhados de um pelotão de soldados armados. Atrás dos vagões de carga, havia um carro militar com um motorista uniformizado e três homens vestindo ternos cinza.

Mose empurrou seu carrinho de mão para dentro de uma viela e observou a procissão passar. Os vagões de frete eram idênticos aos que havia visto em suas visitas às ruas em volta dos pátios de manobras ferroviárias: cada um deles tinha uma suástica e um emblema das estradas de ferro da Alemanha estampados na lateral. Deu meia-volta e se apressou a retornar pela viela ao gueto, a fim de relatar o que acabara de presenciar.



Da janela de seu escritório na sinagoga, Rosina observou a aproximação dos vagões de carga. Ela sabia por que estavam ali e não tinha a menor ideia do que poderia fazer. Além do zelador, ela era a única pessoa no prédio.

Rosina dormiu muito mal no apartamento pequeno que Settimio havia encontrado para eles. Discutiram até tarde da noite sobre o que o padre Weber havia contado a seu irmão depois de tê-lo ajudado a queimar os documentos que ele havia trazido do escritório.

O padre havia lhe assegurado que cuidaria do restante dos refugiados que estavam sob os cuidados da *Delasem*, em sua maioria mulheres e crianças. Settimio havia lhe dado uma lista com seus nomes e endereços. Ele começava a se preocupar, pensando que os alemães a poderiam encontrar. Ela tentara lhe garantir que não haveria problemas, mas ela mesma começava a se sentir cada vez mais inquieta: Primeiro Almansi, e agora Foa e o rabino Zolli haviam desaparecido. Ela ainda não tinha recebido nenhum retorno, enquanto continuava a telefonar para os números do presidente e do rabino-mor até tarde da noite. Sabia que não faria o menor sentido ligar para Almansi. Ele havia dito que jamais atenderia ao telefone em seu esconderijo e que, em vez disso, ligaria para a

sinagoga e deixaria uma mensagem dizendo onde poderia ser encontrado, sempre em um lugar diferente da cidade durante o final da tarde, “a fim de tratar de assuntos relevantes para o cumprimento de minhas tarefas”.

Agora os vagões de carga estavam estacionados do lado de fora da sinagoga, e ela reconheceu os três oficiais do ERR que desceram do carro e estavam mostrando aos homens de macacão o caminho que levava à sinagoga.

O mais jovem dos oficiais, aquele que falou com ela em hebraico na primeira visita à sinagoga, polidamente solicitou que ela os levasse à biblioteca. Rosina disse que estava trancada. O oficial que a havia ameaçado anteriormente ordenou que ela destrancasse o recinto. Rosina disse que não tinha a chave. Ele fez um sinal para que um dos soldados o seguisse, e, momentos mais tarde, ela ouviu o barulho da porta da biblioteca sendo aberta à força. A pilhagem estava por começar.

Uma multidão começou a se formar lá embaixo, na rua. Entre eles estava Umberto di Veroli, que havia saído de sua loja em frente à sinagoga para ver o que estava acontecendo. Os soldados formaram uma barreira para deter as pessoas.

À medida que os homens da companhia de mudanças surgiam com os livros, os homens do ERR supervisionavam seu armazenamento nos vagões de transporte de cargas. Lâminas de papel corrugado eram colocadas entre os livros para protegê-los. Lenta e cuidadosamente, as pilhas de publicações insubstituíveis enchiam cada um dos vagões até o teto. Um total de 26.568 volumes estava pronto para uma longa viagem de trem até a Alemanha. Já era início da noite quando o trabalho acabou.

O oficial que falava hebraico agradeceu a Rosina por sua “paciência e compreensão”. Ela lhe disse que não era apropriado lhe agradecer pelo que havia sido feito. Ele fez a saudação *Heil* Hitler e se juntou aos outros no carro. Enquanto os vagões de carga andavam de volta à rua, Umberto di Veroli lhe deu uma folha de papel na qual havia escrito os números estampados nos vagões de carga; disse ter esperança de que um dia pudessem ajudar a rastrear a biblioteca roubada. À beira das lágrimas, chamou o ato de crime contra a história.



Quatro anos se passaram, até que, em outubro de 1947, um oficial da seção de monumentos, belas-artes e arquivos do governo militar aliado na Alemanha Ocidental foi designado para descobrir o destino dos livros. O major Seymour J. Pomerenze, um ex-arquivista do Arquivo Nacional de Washington, descobriu que haviam sido enviados para o ERR Institut der NSDAP zur Erforschung der Judenfrage, o Instituto do Partido Nazista para a Pesquisa da Questão Judaica, no pequeno vilarejo de Hungen. De lá Pomerenze conseguiu rastrear o envio dos livros para a biblioteca Rothschild, em Frankfurt; mais tarde, foram enviados de volta a Roma. Assim como muitos outros livros, conseguiram se salvar do sacrifício em holocausto ao ódio racial dos nazistas da Alemanha.



No início da noite daquela quarta-feira, quando os vagões de carga haviam partido, Foa chegou à sinagoga com o zelador. Rosina esperava por eles; juntos, foram à tesouraria, o local onde guardavam os artigos de ouro usados nos sermões religiosos. Levaram-nos para o *Mikvá* na sinagoga, o batismo ritual. Enquanto Rosina vigiava na entrada, os homens começaram a colocar as peças preciosas no tanque com a água benta usada para os batismos rituais. Naquela noite, já de volta a seu esconderijo, Foa escreveu: “Com a ajuda de Deus, estão salvos e guardados intactos”. Mas o destino de muitos que usavam aqueles objetos estava se aproximando.



Irmã Pascalina assumira pessoalmente a tarefa de manter atualizado o número de judeus que haviam sido resgatados pelo Vaticano desde outubro de 1942, quando o principal jornal fascista da Itália, o *Regime Fascista*, recordara a seus leitores que “não podemos esquecer que, em longo prazo, o papa é um inimigo maior ao nacional-socialismo que Churchill ou Roosevelt. É incompreensível que o clero católico atualmente apoie tantos protestos contra a eliminação dos judeus”. O registro pessoal de Pascalina incluía detalhes de uma carta secreta que o papa escreveu para os bispos católicos da Europa em 1942, depois da Conferência de Wannsee. Intitulada *Opere et caritate* (Obra e caridade), a carta solicitava que “salvassem os judeus e outras vítimas de perseguição”. Pio solicitou que sua carta permanecesse secreta “pelos mesmos motivos que a Cruz Vermelha Internacional e o Conselho Mundial das Igrejas têm evitado fazer qualquer declaração pública que poderia aumentar o sofrimento dos judeus”.

Os registros de Pascalina também mostraram que, no final do verão de 1943, mais de 2 mil judeus da Hungria receberam documentos do Vaticano identificando-os como católicos batizados. O cardeal de Gênova recebeu ordens para que seus padres emitissem certificados de batismo para 800 judeus escondidos na cidade. Em cada cidade, área urbana e vilarejo, havia judeus escondidos; Pio autorizou que os padres providenciassem certificados e, em alguns casos, dessem a cidadania do Vaticano a judeus. Além de tudo isto, havia 4 mil judeus escondidos em conventos e mosteiros em toda a Itália.

Em Roma, o número de famílias judias abrigadas cresceu depois de o padre Weber levar as pessoas da lista da *Delaxem* para conventos. Muitos chegavam em ambulâncias dirigidas pelo monsenhor Patrick Carroll-Abbing. Agora o veículo possuía placas de licenciamento do Vaticano, a fim de evitar que fosse parado pela polícia alemã.

Apesar de tudo, houve um problema em uma manhã de outubro, quando o padre Patrick chegou ao convento de Nossa Senhora de Sion e encontrou um grupo de famílias judias, que ele havia levado mais cedo para o convento, em meio a um grande alvoroço. A

madre superiora lhes havia dito que os homens do grupo não poderiam permanecer no convento, porque as regras da ordem não permitiam. Padre Patrick pediu à freira que ficasse com os homens até ele retornar. Foi de automóvel até o Vaticano e explicou a situação ao padre Leiber. Este imediatamente ligou para a madre superiora e disse que ela estaria desobrigada de seguir as regras da ordem nesse caso, visto que o Santo Padre havia decretado que, “dada a grave situação, as freiras têm a permissão de dar abrigo em seus conventos a homens judeus, bem como a suas famílias”. No final do dia, mais de 150 madres superiores haviam sido contatadas e receberam as mesmas instruções.



Na segunda semana de outubro, a organização de O’Flaherty havia encontrado esconderijo para quase 500 soldados das forças aliadas. O número poderia ter sido maior, não fosse pela quantidade de fugitivos apanhados nas ruas pelas gangues de Koch e dos Panteras Negras; eram encarcerados em um velho palácio próximo ao Panteão.

Derry disse a O’Flaherty que estava na hora de lembrar novamente aos fugitivos que “estão sob a disciplina militar britânica e que não devem passear pelas ruas como se fossem turistas. Precisam entender que jogamos um jogo perigoso para conseguir comida, roupas e achar um lugar para que possam se esconder”.

O’Flaherty sugeriu que Derry fosse visitar as casas seguras.

Com a carteira de identidade no bolso de seu terno e acompanhado do padre Owen Sneddon — o padre da Nova Zelândia que tinha escolhido “Horace” como codinome —, percorreram as casas seguras e tiveram uma compreensão profunda da coragem dos romanos que arriscavam a vida para ajudar os fugitivos. Antes de sair de cada uma das casas seguras, Derry firmemente convencia os soldados de que estavam em uma posição de grande responsabilidade e que deviam assegurar que as pessoas que os estavam ajudando não fossem pegas.



Depois de instalar sua família mais uma vez no apartamento que o ginecologista de sua esposa havia emprestado, Zolli saiu para se encontrar com o padre Borsarelli, abade do mosteiro Sagrado Coração, em Roma. O padre havia se tornado amigo íntimo do rabino-mor, depois de Zolli ter visitado o mosteiro para ver sua pequena, porém importante, coleção de pinturas religiosas. Depois de várias visitas, Zolli acabou contando a Borsarelli sobre sua viagem espiritual por meio de orações e meditação que o havia levado do judaísmo devoto a querer se converter ao catolicismo.

O abade pediu a Zolli que esperasse enquanto foi fazer uma ligação telefônica. Quando regressou, disse a Zolli que os dois iriam pegar a esposa e as filhas do rabino

para levá-las ao Vaticano, onde poderiam permanecer com a bênção do papa. O abade disse a Zolli que um dos santos favoritos do papa era são Filipe Néri, “que sempre havia rezado pelos hebreus e que tinha um desejo tão intenso de ver os judeus unidos aos cristãos que, se visse um deles ainda fora do redil, chorava”.

Já anoitecia quando o velho carro do mosteiro entrou no Vaticano. Atrás de suas paredes, o rabino-mor e sua família se tornariam os hóspedes mais recentes entre os 300 judeus que haviam recebido abrigo até o momento.



Ugo Foa ordenou ao zelador da sinagoga que permanecesse no prédio depois de trancá-lo, pois Zolli poderia ligar; caso isso acontecesse, lhe daria o novo número do presidente em seu esconderijo e lhe pediria que ligasse imediatamente. Durante a noite, nenhum telefonema perturbou a chuva que caía nos paralelepípedos da praça do Templo.

Na alvorada da sexta-feira, dia 15 de outubro, a chuva parou, e a luz do dia inundou o aposento do zelador. Ele havia deixado a porta aberta para ouvir, caso tocasse, o telefone no escritório de Foa, que ficava um andar acima.

Um despertador tocou, acabando definitivamente com qualquer resquício do sono inquieto do zelador. Enquanto escutava os pequenos sons do prédio, tentava entender e juntar as peças de tudo que havia acontecido: o roubo dos livros, o afundamento dos vasos de ouro no reservatório de água, a raiva do presidente que queria saber sobre o paradeiro do rabino-mor.

Do outro lado da rua, Umberto di Veroli interrompeu a abertura de sua loja para trocar cumprimentos com o zelador. Quando este abriu as portas da sinagoga, ambos concordaram que, se Zolli não aparecesse para fazer a celebração do *Shabat*, seria um sério problema.



Restando menos de um dia para o lançamento da *Judenaktion*, Kappler disse a Dannecker que precisaria de mais soldados para garantir o sucesso da operação. Disse que, nos últimos dias, houvera um aumento dos ataques da Resistência, o que poderia ser um prelúdio para a interrupção das deportações.

Dannecker ligou para o escritório de Eichmann. Dentro de uma hora, duas companhias de oficiais da SS ligadas ao quartel-general de Stahel foram transferidas para Dannecker. No início da tarde de sexta, o “especialista em judeus” de Eichmann tinha um total de 365 soldados da SS à disposição para executar sua operação, além de quarenta oficiais da polícia de Roma.



Mose Spizzichino estava indo para casa no final da tarde. Mais uma vez, começara a chover, e seu carrinho de mão, praticamente vazio, indicava que o dia havia sido ruim para seus negócios; havia somente algumas roupas velhas e poucos pares de botas debaixo do lençol que usava para proteger os artigos. Os donos de lojas estavam fechando as portas cedo, pois sabiam que aquele tempo não incentivaria clientes tardios. O *Shabat* estava chegando, e as famílias estavam em casa fazendo os preparativos.

O som dos passos apressados se enfraquecia, e, pelas janelas, era possível ver os candelabros de sete braços que bruxuleavam nas mesas já postas para a refeição do *Shabat*. Já estava escuro quando Mose chegou à Via del Tempio, o único som vinha da chuva que batia nos paralelepípedos. Viu que as portas da sinagoga estavam fechadas; e o prédio, às escuras. Havia uma nota afixada na porta lateral avisando que a celebração noturna estava cancelada.

Mose se perguntava se aquela seria mais uma prova do que ouviu: que o rabino-mor e sua família haviam desaparecido.

Uma mulher estava parada em uma das esquinas da rua. Na escuridão, parecia mais amedrontadora que o normal; por causa da chuva, seu vestido preto esfarrapado se colava a sua pele; e seus cabelos emaranhados, no rosto. Deploravelmente magra, com olhos selvagens e tocos de dentes, realmente se parecia com o apelido pelo qual todos a conheciam: Celeste, a louca. Ele sabia que ela vivia em algum lugar no Trastevere e dizia ter parentes no gueto, mas ninguém alegava parentesco com ela. Era conhecida por rir em funerais e gritar do lado de fora da sinagoga durante casamentos; fazia fofocas com qualquer um que lhe desse ouvidos.

Celeste correu em direção a Mose, gesticulando e gritando, a saliva escorrendo pela boca. Gritou que tinha notícias, agarrando seu braço.

Mose era um homem gentil, um dos poucos que não ria dela; perguntou-lhe quais eram as novidades.

Celeste disse que a mulher para quem fazia limpeza lhe havia dito que os alemães viriam pegar todos. Sua patroa ouvira a informação de um amigo do marido, um dos guardas do presídio Regina Coeli. Celeste balbuciou que chegariam naquela mesma noite. Jurou que era verdade. Ela fora especialmente do Trastevere, para levar a informação. Em vez de lhe dar atenção, as pessoas fechavam a porta em sua cara.

Mose agradeceu pelo alerta dado e empurrou seu carrinho de mão em direção a sua casa. Estava cansado demais para decidir se acreditava nela, enquanto ela continuava a berrar atrás dele, pedindo que acreditasse.



Já havia anoitecido, e o toque de recolher começara quando caminhões chegaram ao Collegio Militare com duas companhias da SS e os quarenta *carabinieri* de Roma.



Em seu diário, irmã Luke dedicou o espaço de 15 de outubro para anotar que, nos últimos dias, centenas de *slogans* haviam aparecido por toda cidade, pintados em muros e nas portas de lojas, em todos os lugares onde havia algum espaço disponível. Todos eles eram da mesma cor, vermelho-escuro, e haviam sido pintados, ela supunha, sob o manto da noite “por homens corajosos que certamente sabiam que teriam de enfrentar a morte se fossem pegos. Trabalharam rapidamente, pois as letras gotejaram tinta antes de secar. Os *slogans* são um protesto contra a tirania que cerca a todos em Roma”.

As palavras a fizeram se sentir, pela primeira vez, incomodada sobre o que aquele grupo tencionava fazer depois da guerra. Cada frase glorificava o comunismo. *Viva la Russia! Viva Stalin!* Ela se perguntava, quando completou suas anotações no diário, o que o papa pensava sobre aqueles *slogans*.



O turno do doutor Sacerdoti naquela sexta-feira à noite no Fatebenefratelli havia passado com poucas requisições de suas habilidades. Mas, pouco antes da meia-noite, um homem entrou correndo no hospital. Suas mãos estavam sujas de tinta vermelha, e disse ao médico que fazia parte de um grupo de partidários que estavam pintando *slogans* nas pontes e nos muros ao longo do Tíber quando uma patrulha alemã os localizara. Jogara sua tinta e o pincel no chão e correrá para a escuridão. Agora, precisava se lavar e eliminar as provas de suas mãos e roupas. O dr. Sacerdoti o levou para o banheiro e achou um espaço no porão onde poderia ficar até que uma das enfermeiras lavasse e secasse suas roupas.

Quando o médico voltou para sua sala de pronto atendimento, o relógio deu meia-noite, o início do dia 16 de outubro.



O açougueiro *cashier* Graziano Perugia ficou acordado até tarde, discutindo com sua esposa, Sara, o que fazer com o alerta anunciado aos gritos por Celeste enquanto corria pelo gueto, informando que os alemães estavam chegando para deportá-los. Eles a observaram pela janela do quarto enquanto ela fazia uma pausa do lado de fora, parada na chuva, gritando com sua voz rouca afirmando que se arrependiam se não a escutassem, que, se ela fosse *signora* todos acreditariam nela, mas que, por não ter dinheiro para

comprar roupas finas, tinha de usar farrapos. Continuou a correr e a repetir as mesmas coisas.

Graziano disse a sua esposa que, se Celeste ainda não estivesse louca, estava perto. Sara tinha menos certeza, lembrando ao marido que Celeste algumas vezes havia mostrado uma capacidade estranha de previsão: alguns anos antes, havia advertido que uma inundação causada pelo Tibre seria maior que o normal, e, de fato, várias ruas foram inundadas; em outra ocasião, havia previsto que haveria uma epidemia seis meses antes de vários bebês do gueto morrerem de difteria.

O açougueiro e sua esposa finalmente decidiram ir para a cama; adormeceram sem chegar a uma conclusão sobre as advertências de Celeste.



Em um apartamento de baixo custo do gueto, vivia Lazzaro Anticoli, mecânico e primo do ourives do gueto, junto com sua delicada esposa e mãe de seus gêmeos. Lazzaro decidira, depois de Emma dar à luz Mario e Rosa, logo após os alemães ocuparem Roma, que o gueto já não era mais um lugar seguro para sua família viver e para educar os filhos. Um amigo do trabalho, um católico, dissera-lhe que poderiam ir morar com sua família.

O novo lar era apertado, e seus anfitriões também eram pobres. A família Anticoli dormia no chão em um dos cômodos. Inesperadamente, Rosa ficara doente. O amigo de Lazzaro mandara buscar um médico. Até que chegasse, Rosa já estava com febre alta e mal conseguia respirar. Dissera aos pais que a menina estava com pneumonia e que não viveria por muito mais tempo. Lazzaro decidira que a única esperança de Rosa era voltar ao gueto e dormir em sua própria cama. Ajudados por seus amigos católicos, a família retornara a seu próprio apartamento no dia anterior. Enquanto a manhã de sábado se aproximava, estavam sentados em volta do berço de Rosa rezando para que continuasse viva.



O conde de Salis terminou seu relatório semanal para a sede da Cruz Vermelha Internacional em Genebra. Suspeitando que suas comunicações seriam interceptadas tanto pelas forças aliadas quanto pelos alemães, Salis concluiu:

O papa continua a apoiar a causa judaica e continua a ser visto como o defensor mais influente dela. Continua a coordenar incontáveis missões de resgate feitas por seus padres e fornece fundos ao padre Leiber para obter vistos e cumprir outras exigências. No momento, há quase 3 mil refugiados judeus nos conventos, igrejas paroquiais e instituições religiosas de Roma,

bem como os que estão no gueto e dentro do Vaticano. O número mais recente de fugitivos das forças aliadas agora está próximo de 4 mil.



Nas primeiras horas de sábado, o gueto dormia mais uma vez. Uma hora antes, o som de tiros havia acordado as pessoas, seguido do barulho de botas pisando os paralelepípedos e de vozes alemãs gritando. Aqueles que eram corajosos o suficiente foram até suas janelas e olharam de relance para os *rashanim*, gíria do gueto para soldados; logo em seguida, foi possível ouvir o som de um veículo indo embora, antes de o silêncio retornar.

Em sua cama, Settimia Spizzichino se perguntava se a pessoa a quem os tiros se dirigiam havia conseguido escapar. Dentro de casa, só se ouvia o som de seu pai, Mose fazendo as molas rangerem no quarto acima. Ao seu lado na cama, sua irmã Giuditta dormia profundamente.

Settimia começou a contar os segundos, mas o sono não vinha, embora suas pálpebras estivessem pesadas. Tudo que podia ouvir era o zumbido de um inseto que tentava escapar do quarto. Ela não o podia ver no escuro, somente ouvir seu zumbido pelo quarto. Mais uma vez ficou pensando sobre o que o pai havia contado à família durante o jantar, sobre o alerta de Celeste. Era estranho ela vir do Trastevere para dizer tais coisas. Talvez quisesse se referir aos soldados que haviam acabado de ir embora. Aquele pensamento ajudou Settimia a finalmente mergulhar de novo no sono.



Eram cerca de 5 horas da manhã de sábado quando o príncipe Filippo Doria Pamphilj acordou. Nos últimos dias, ajoelhava-se em seu genuflexório para rezar e se perguntar se era o momento certo de pedir à Resistência que colocasse os detonadores no túnel que ficava embaixo do *palazzo* da família, na Via del Corso, para assegurar que o enorme prédio barroco, com seus mil cômodos, que haviam se tornado o quartel-general e a caserna da *Waffen-SS* em Roma, fosse totalmente destruído.

Durante as últimas semanas, o príncipe de quarenta e três anos, vestindo roupas de entregador de carvão, levou a equipe de demolição pelos túneis enquanto trabalhavam à luz de uma lanterna, colocando os explosivos debaixo do palácio onde por séculos sua família havia vivido e recebido monarcas, papas e governantes da Europa. Com duas exceções: príncipe Filippo havia se recusado a entreter Mussolini ou Hitler quando estiveram em Roma.

Sua decisão lhe custara a liberdade — o príncipe fora preso em um dos campos de concentração de Mussolini. Depois da pressão do Vaticano para libertá-lo, o papa Pio o

aconselhara a se esconder da fúria dos fascistas.

O jardineiro do palácio, na época um membro da Resistência, havia encontrado uma casa para o príncipe no Trastevere, no meio da classe trabalhadora, e o apresentara aos líderes partidários, que lhe prometeram que estaria seguro entre eles. Mostraram-lhe alguns de seus esconderijos. Ele lhes falara sobre os túneis. Quando os alemães chegaram a Roma, propusera que o palácio fosse mandado pelos ares.

Até mesmo os homens mais duros da Resistência hesitaram. Os estragos poderiam ter grande alcance, a vingança dos alemães seria garantida, e ele se tornaria um dos principais alvos, junto com sua família.

Príncipe Filippo discutira o assunto com sua esposa, Gesine, e a filha do casal, a princesa Orietta. Gesine lembrara a seu marido que Orietta herdaria o palácio, visto que era filha única; ela também teria direito aos quatro principados, dois ducados e uma grande quantidade de propriedades, incluindo um castelo, uma abadia do século XII e a igreja de Santa Inês, em Piazza Navona, em Roma.

Orietta dissera a seu pai que ele deveria fazer o que sentia ser o correto.

Desde então, o príncipe Filippo se ajoelhava todas as manhãs, assim que irrompia a alvorada, em seu genuflexório e rezava para que pudesse tomar a decisão correta.

Naquela manhã, suas devoções foram interrompidas pelo ruído dos caminhões que saíam do Collegio Militare e se moviam pela rua que ficava do outro lado do Tibre.



O doutor Sacerdoti estava parado na janela que ficava acima da entrada dos funcionários do Fatebenefratelli, observando os caminhões cobertos com lonas que desciam a Lungotevere dei Vallati, enquanto a chuva proveniente do Tibre lavava as paredes do hospital. Um caminhão parou, e alguns soldados saltaram e correram para uma rua lateral. Um pouco mais adiante, outro caminhão repetiria o mesmo processo. O dr. Sacerdoti havia visto o suficiente para reconhecer o que estava prestes a acontecer: uma nova caçada.

Pediu a uma das enfermeiras do plantão noturno que alertasse todos os funcionários para que permanecessem no hospital. Mandou que os porteiros ficassem de vigília na entrada e pediu que o chamassem caso algum alemão se aproximasse. Seu próximo passo foi ligar para o professor Borromeo, a fim de alertá-lo sobre o que estava acontecendo. Feito isso, o doutor Sacerdoti foi ao segundo andar, onde os “pacientes” com a Síndrome de K estavam abrigados. Todos estavam dormindo. Em outra ala, as enfermeiras estavam examinando os pacientes.

Antes de o diretor médico voltar ao hospital para assumir o comando, tinha algumas ligações pessoais a fazer. A primeira era para Ugo Foa. Ninguém atendeu do outro lado da linha. Da mesma forma, não houve resposta do número de Dante Almansi. O número do rabino Zolli também chamou até o fim, sem resposta. Lembrou-se de que,

após a última reunião do comitê de gerenciamento do hospital, um dos membros, Alina Cavaliera, o puxou de lado e disse que havia recomendado com insistência ao rabino-mor que se escondesse. A próxima ligação de Borromeo foi para o conde de Salis. Ele ainda estava dormindo, mas, assim que ouviu o que estava acontecendo, fez o que mais tarde chamaria de “a ligação fundamental, para o secretário de Estado, Maglione, para alertá-lo”. O cardeal disse à irmã Pascalina que precisava falar com o papa assim que acordasse. Até lá, ninguém mais no Vaticano saberia que, a pouco menos de 2 quilômetros dali, a primeira *Judenaktion* de Roma estava sendo executada.



A chuva havia parado quando Graziano Perugia acordou, pouco antes das 6 horas da manhã. Era o horário em que normalmente se levantava, se vestia e descia as escadas para preparar a carne que seria colocada no balcão da loja. Mas aquele não era um dia normal. Da rua chegava o som cadenciado de botas marchando. Sabia que Sara estava acordada e olhando para ele. Foi para a janela do quarto e levantou um canto da persiana. Soldados com capacetes e rifles marchavam pela rua. Abaixou a persiana e disse à Sara que precisavam sair imediatamente.

Sara não precisou dizer que o alerta de Celeste estava correto; isso estava estampado no rosto do marido.

Saíram silenciosamente pela porta dos fundos, entraram em uma viela e tomaram a direção da margem do Tibre, passando pelas ruínas do Teatro de Marcelo, passaram pela pirâmide de Caio Céstio e seguiram para a zona rural.

A mesma rota seria seguida por outros. Ainda mais pessoas fugiriam para a cidade a fim de encontrar refúgio em conventos e outras casas religiosas, antes de a armadilha se fechar em volta do gueto.



Barreiras de rua haviam sido estabelecidas na entrada do Porticod’Ottavia, onde alguns policiais de Roma ficaram de guarda. Havia recebido ordens de colocar qualquer pessoa que se aproximasse dentro de um dos caminhões que esperavam. Outros *carabinieri* ficaram de prontidão do lado de fora da sinagoga e nas pontes que cruzavam o Tibre, a ponte Céstio e a Garibaldi. Mais caminhões esperavam lá com o mesmo objetivo.

Os soldados da *Waffen-SS*, trabalhando em duplas, começaram a procurar por seus alvos. Às 6 horas da manhã, a operação estava em pleno andamento.



Arminio Wachsberger, magro, gentil, com vinte e nove anos de idade, era especialista em consertos de câmeras e relógios. Nascido na província austríaca de Fiume antes de se tornar parte da Itália, havia ido a Roma antes da guerra; alistara-se na Força Aérea Italiana e se casara com uma garota do Trastevere, Regina. Seu pai, um rabino, havia feito a cerimônia. Em 1938, nasceu a filha deles, Clara. Teve poliomielite aos três anos de idade. Os negócios de Arminio haviam se expandido com a ajuda de dois amigos católicos; montou uma pequena oficina para seus consertos de câmeras e relógios.

Os clientes chegavam de toda a Roma para consertar suas câmeras ou relógios, incluindo os alemães de um quartel próximo. Wachsberger falava-lhes na língua-mãe deles e, com o nome que tinha e um leve sotaque austríaco, fazia-os pressupor que era alemão.

Embora vivesse fora do gueto, em um apartamento espaçoso na Via Lungotevere, dentro do reduto judeu era visto como membro devoto da sinagoga; a família participava de todas as celebrações do *Shabat*. Os pais de Regina viviam com eles, e o pai dela trabalhava na oficina do marido.

Houve discussões de família sobre se não seria conveniente que todos se mudassem para mais perto da oficina. Arminio dissera que havia uma grande quantidade de apartamentos disponíveis no distrito, mas Regina e seus pais eram reticentes a viver lá. O distrito era uma área, havia muito tempo, estabelecida para fascistas, e mudar-se para dentro da cidade aumentaria a distância da escola de Clara. Além disso, todos os seus amigos viviam no Trastevere. Arminio havia proposto um meio-termo: ficariam onde estavam, mas sua esposa deveria “se preparar para se mudar depois que as forças aliadas chegassem”.

Assim havia ficado a questão, até que, naquele sábado de manhã, houve batidas insistentes à porta da frente do apartamento deles. Ao abrir a porta, Wachsberger viu dois soldados alemães com o símbolo de raios duplos da *Waffen-SS* na gola. Um deles lhe deu o papel de tamanho de cartão-postal com as instruções que Dannecker havia preparado.

Arminio leu as palavras e balançou a cabeça, dizendo em alemão que deveria haver um engano. Um dos soldados deu uma olhada no papel que estava em suas mãos, olhou para o número do apartamento na porta e disse *Kein fehler*, “nenhum engano”.

Atrás de Arminio, no corredor, estavam Regina, Clara e os pais dela. Wachsberger testemunharia mais tarde, afirmando que um dos soldados havia olhado para a família e dito *Alle müssen kommen*, “todos têm de vir”.

O outro soldado foi tranquilizador. Disse que estava previsto que os pais de Regina só fizessem trabalhos leves no campo para o qual estavam sendo transferidos. Clara receberia os cuidados necessários na creche. Eles deveriam levar os objetos de valor e todo o dinheiro que tivessem para poder comprar coisas na loja do campo de trabalho.

Os soldados ficaram na entrada da porta, observando enquanto a família fazia as malas. Arminio pediu que vestissem suas melhores roupas, para causar uma boa impressão quando chegassem ao campo. Ele escolheu seu terno novo e um par de sapatos que havia comprado recentemente. Dentro do limite de tempo de vinte minutos, a família estava pronta para partir. Os adultos carregavam malas. Clara segurava uma boneca.

Arminio trancou o apartamento atrás de si, enquanto as outras portas do corredor se abriam; os vizinhos não judeus os observavam imóveis em suas vestes noturnas, aturdidos demais para dizer algo.

Na rua, a família foi empurrada para dentro de um caminhão. Arminio foi puxado para o lado por um dos soldados e recebeu ordens de dizer a todos no caminhão que seriam mortos a tiros se tentassem pular e fugir. Cutucou Arminio com seu rifle, empurrando-o para dentro do caminhão.



Em todo o gueto, as equipes de detenção cumpriam sua missão. Uma descrição do trabalho feito sobreviveu ao tempo:

De uma porta de entrada na Via del Tempio, várias mulheres com crianças são empurradas bruscamente em direção à rua. As crianças estão chorando. Em todos os cantos, escuta-se um choro de cortar o coração e os suplícios das vítimas, enquanto os assassinos — alguns violentos, alguns indiferentes — cumprem suas tarefas sem qualquer sinal de piedade humana. Um grupo de pessoas, em sua maioria mulheres e crianças, é empilhado dentro de um caminhão. Tudo isso parece uma cena saída do purgatório.

Celeste di Porto estava sentada ao lado do motorista de um dos caminhões. Kappler a havia recomendado a Dannecker como guia do gueto.



A caminho da missa matinal, a marquesa Ripa di Meana viu um caminhão sair do gueto, lotado de mulheres e crianças. Mais tarde, ela se lembraria do episódio:

Eu vi seus olhos cheios de terror, os rostos pálidos, como se sentissem uma forte dor, suas mãos trêmulas segurando as laterais da carroceria do caminhão, o medo enlouquecedor que havia tomado conta deles pelo que haviam visto e ouvido, além da aflição atroz nos corações, já prevenido o que os esperava.

Ela estava entre os primeiros a ligar para o Vaticano e alertar o padre Leiber.



Pouco depois das 8 horas daquela manhã de sábado, o secretário de Estado, Maglione, ligou para o embaixador Ernst von Weizsäcker para requisitar informações sobre os relatos de que uma caçada estava sendo executada para capturar os judeus de Roma. O embaixador disse não ter conhecimento de “qualquer operação desse tipo”, mas que imediatamente faria uma consulta.

Nesse meio-tempo, a princesa Enza Pignatelli Aragona Cortes também havia visto caminhões carregando homens, mulheres e crianças para dentro do Collegio Militare, que ficava próximo ao local onde vivia. Mais caminhões passavam por ela enquanto se dirigia ao Vaticano.

Como amiga íntima de Pio, ela foi imediatamente autorizada a entrar no apartamento papal, onde o papa e Maglione escutaram em silêncio enquanto ela descrevia o que havia visto.



As primeiras ordens do papa foram dadas calmamente. Maglione deveria permanecer em contato com Weizsäcker. O padre Pankratius deveria obter informações do alto-comando alemão de Roma. Os dois assistentes do secretário de Estado — Montini e Tardini — deveriam trabalhar juntos para contatar as casas religiosas onde os judeus eram abrigados, informando-as sobre o que estava acontecendo. O padre Leiber deveria informar Osborne e Tittmann e perguntar se seus governos protestariam em Berlim; o secretário do papa faria uma solicitação parecida às missões neutras acreditadas junto à Santa Sé. Pascalina deveria informar o rabino-mor Zolli e pedir-lhe que repassasse as notícias a todos os outros judeus escondidos dentro do Vaticano. D'Altshofen, comandante da Guarda Suíça, deveria entrar em contato com a polícia de Roma para obter informações. Ottaviani deveria informar O'Flaherty, que deveria enviar seus padres para as ruas para determinar o que estava acontecendo. A mesa telefônica do Vaticano foi alertada e começou a cuidar das chamadas prioritárias da rede que Pio havia mobilizado para ajudar os judeus.



Durante aquele longo dia, Pio permaneceu em seu escritório, recebendo relatórios e emitindo novas ordens. Para o padre Leiber, ele estava “dirigindo o menor estado do planeta para desafiar os mestres militares de Roma. Estava claro que a vida dos que haviam sido levados para dentro do colégio militar dependia de sua coragem e decisões”.



embaixador Von Weizsäcker havia transformado seu escritório em um posto de comando. Ligara para o quartel-general de Kesselring, em Frascati, e recebera a informação de que o marechal de campo estava em uma reunião de planejamento e que não poderia ser perturbado. Uma ligação para a embaixada alemã em Roma dera-lhe a informação de que Möllhausen havia sido intimado a ir a Berlim e que a embaixada agora estava sendo chefiada por seu primeiro-secretário, Gerhard Gumpert, um advogado de trinta e três anos de idade cujo posto como adido econômico se resumia a organizar suprimentos de comida para serem enviados da Itália à Alemanha.

Weizsäcker decidiu enviar Kessel à embaixada para verificar o que Gumpert estava fazendo. Encontrou Gumpert em uma ligação telefônica com um dos jornais fascistas da cidade que queria obter mais informações sobre a caça aos judeus. Kessel disse que não atendesse mais nenhuma chamada — “nem do próprio papa” — antes de decidir o que fariam e diriam.

Quando Gumpert hesitou e sugeriu que ele deveria entrar em contato com o Ministério das Relações Exteriores em Berlim, Kessel disse, conforme recordava: “Eu lhe disse que não haveria tempo hábil para isso. Se não encontrássemos uma forma de interromper essa operação, ela teria efeitos muito sérios para as relações da Alemanha com o Vaticano”.

Se Gumpert quisesse entrar em contato com alguém, que fosse com o *Stadtkommandant* Stahel; Kessel disse que o ajudaria a redigir uma carta a ser enviada ao general.



Durante o sábado, Dannecker recebeu informações em seu escritório temporário, montado no Colégio Militar, de que o trem para a deportação chegaria na manhã de segunda-feira. O plano com o horário tinha a advertência usual — “desde que não sofra ataques aéreos”. Haveria vagões de carga suficientes para carregar até mil pessoas.

Dannecker se deu conta de que, para cumprir a cota original que lhe fora ordenada, teria de deixar para trás milhares de judeus. No passado, teriam sido mantidos em um presidio local até que pudessem ser transportados; ele havia ordenado a seus homens que agissem dessa forma em várias cidades do leste da Europa. Mas, em Roma, uma ação desse tipo provocaria uma revolta por toda a cidade; ele também não teria homens

suficientes para fazer a guarda dos judeus no presídio Regina Coeli, que ficava nas proximidades, até que outro trem chegasse. As duas companhias da SS já haviam sido devidamente devolvidas ao comando do general Stahel para ajudar Kappler a lidar com a Resistência.

Dannecker convocou o oficial encarregado dos judeus que já estavam no Collegio Militare. Reportou que aproximadamente 500 haviam sido arrebanhados nas últimas quatro horas. Dannecker tomou uma decisão. A caçada continuaria até as 2 horas da tarde, pois, até lá, outros quinhentos poderiam ser apreendidos. Os quartéis poderiam, então, se preparar para se defender até segunda-feira contra quaisquer ataques da Resistência. Embora mil judeus fosse um número de presos bem menor do que planejava originalmente, Dannecker sabia que ainda assim seria uma quantidade significativa para Eichmann.



Angelo Anticoli, o ourives do gueto que havia pesado o ouro durante a coleta, foi detido junto com sua esposa e os dois filhos jovens. Estavam no mesmo caminhão que seu primo, Lazzaro Anticoli. Sua esposa, Emma, segurava Rosa perto de si para mantê-la aquecida; seu genro estava sentado ao lado da esposa, com Mario em seus joelhos, afagando os cabelos do filho e assegurando a todos que tudo acabaria bem.

Em todo o gueto e em endereços selecionados do Trastevere, os soldados da SS batiam com força às portas, apresentavam o cartão-postal com suas instruções, esperavam que os ocupantes arrumassem as malas no tempo prescrito e os acompanhavam até o caminhão.

Mose Spizzichino e sua família estavam na cozinha quando ouviram as batidas à porta da frente; dois soldados entraram na casa. Settimia apontou para sua irmã casada, Gentile, e o filho pequeno dela, dizendo que eles não eram judeus, e sim católicos que trabalhavam para a família. Mose e os outros confirmaram a informação em coro. Um dos soldados alemães perguntou a Gentile se ela era católica. Ela fez um aceitável sinal da cruz. Os soldados olharam um para o outro. Um deles usou seu rifle para indicar o movimento em direção à porta da frente e disse: “*Raus!*” — Fora! Mose gritou em hebraico para que sua filha saísse. Ela pegou seu filho no colo e saiu correndo da casa.



Na embaixada alemã, em Villa Wolkonsky, Kessel e Gumpert estudavam suas cópias da carta datilografada, endereçada ao *Stadtkommandant* Stahel. Dizia:

Preciso tratar de um assunto de enorme urgência com o senhor. Um

dignitário respeitado próximo ao Santo Padre acaba de me contar que, hoje de manhã, teve início uma operação, na qual houve várias detenções de judeus de nacionalidade italiana. No interesse das boas relações que existiram até aqui entre o Vaticano e o alto-comando das forças armadas alemãs — e, acima de tudo, graças à sabedoria política e a magnanimidade de Vossa Excelência, que um dia terá presença marcante na história de Roma —, eu seriamente peço que o senhor ordene a suspensão imediata dessas detenções, tanto em Roma quanto em suas cercanias. Caso contrário, temo que o papa tome posição em público, dizendo ser contrário a essa ação, algo que indubitavelmente seria usado por propagandistas antialemães como arma contra nós, alemães.

Kessel disse que a carta deveria ser assinada por Gumpert como embaixador *pro tempore* e uma cópia deveria ser entregue a Weizsäcker na Villa Napoleon.



O bispo Alois Hudal foi acordado pelo padre Pankratus Pfeiffer com as notícias sobre a caça aos judeus. O padre disse que o papa estava “muito preocupado” com o que estava acontecendo.

Hudal perguntou quais medidas ele teria tomado até o momento. Pfeiffer disse que Pio estava em conferência constante com seus conselheiros de alto escalão.

O bispo, havia tanto tempo banido dos círculos papais, viu uma oportunidade de cair novamente nas graças do papa quando Pfeiffer lhe explicou sobre a carta escrita para Stahel sob a assinatura de Gumpert. Hudal disse a Pfeiffer que a carta não deveria ser enviada antes que ele mesmo a pudesse ler. Pfeiffer disse que entregaria uma cópia a Hudal dentro de uma hora.



Era o meio da manhã quando Weizsäcker foi conduzido ao escritório de Maglione. O secretário de Estado disse que o embaixador precisaria intervir junto ao ministro das Relações Exteriores em Berlim para que a caça aos judeus fosse cancelada “por amor à humanidade e à misericórdia cristã”.

A resposta de Weizsäcker chegou depois de uma pausa. “Seria mais eficiente se o papa protestasse publicamente contra a deportação.”

Aquelas palavras fariam parte das alegações e contra-alegações do que se seguiu na reunião curta que houve entre os dois diplomatas. Weizsäcker alegou que teria elogiado a Santa Sé por sua atitude equilibrada durante toda a guerra e teria questionado se “valeria a pena colocar tudo em perigo exatamente no momento em que o navio estava alcançando o

porto”.

Maglione insistiu: “Eu o fiz lembrar que a Santa Sé não tinha o menor desejo de ser colocada em uma posição tal que fosse necessário protestar, mas, se a Santa Sé fosse obrigada a isso, eu deixava as conseqüências nas mãos da divina providência”.



No gueto, uma longa fila de pessoas esperava que os caminhões voltassem vazios do Collegio Militare. Entre eles, estavam um homem com deficiência física sentado em uma cadeira, carregada por seus dois filhos, e mulheres chorando. Uma delas segurava a bolsa com seus pertences e falava com ela como se fosse uma criança de colo. Uma mãe que carregava um bebê se ajoelhou em frente a um soldado, implorando que a deixasse buscar água para a criança beber. Mas o soldado a empurrou de volta para a fila e ameaçou afogar o bebê no Tibre.

Ao longo de toda a fila, ouvia-se o som de orações e os gritos meio loucos dos dementes. Quando as pessoas imploraram para saber para onde estavam sendo levadas, os soldados apontaram para os caminhões e gritaram que subissem a bordo. O homem na cadeira foi erguido por seus filhos, com cadeira e tudo, e levado para o caminhão. Ele lhes agradeceu profusamente por não o deixar para trás.

Em outro caminhão, Settimia Spizzichino estava sentada ao lado de suas irmãs e de sua mãe, que chorava. A caminho do caminhão, Mose rapidamente beijou sua esposa e repentinamente correu para uma viela. Antes que um soldado pudesse atirar, o vendedor ambulante havia desaparecido em outra viela. Os soldados deram de ombros e gritaram que não conseguiria ir longe.



Do segundo andar do Fatebenefratelli, os “pacientes” com a Síndrome de K observavam das janelas de sua ala enquanto os caminhões passavam estrondosamente para cima e para baixo ao longo do Tibre e se perguntavam o que estava acontecendo. O professor Borromeo havia dado instruções para que nenhum paciente fosse informado, para evitar o pânico.

Quando saiu de seu apartamento, Alina Cavaliera foi presa por membros da gangue de Koch, que haviam recebido um furgão da polícia para esse fim. Ela havia passado a noite anterior estudando planos para uma ampliação do hospital, que ela mesma financiaria e que pretendia mostrar ao professor Borromeo.

Em outra parte da cidade, Giovanni Mezzaroma, chefe dos Panteras Negras, também havia recebido um furgão. Até o meio-dia, calculava ter ganhado mais de 50 mil liras com a caça a judeus abastados que havia levado para o presídio Regina Coeli.

Entre eles, estavam Lionello Alatri e sua esposa, proprietários da maior loja de departamentos de Roma e sogros de Enrico Fermi, o físico que havia recebido um prêmio Nobel. Naquele mesmo dia, ele estava nos Estados Unidos; fazia parte de uma equipe que desenvolvia a bomba atômica em Los Alamos. Mais tarde, ele admitiu que sua única ambição consistia em preparar a bomba a tempo de jogá-la sobre o *bunker* de Hitler em Berlim.



Hudal recebeu um assento na mesa para a reunião do meio-dia de sábado que o papa fazia regularmente no salão do Palácio Apostólico com seus conselheiros de alto escalão. Entre eles, estavam Maglione, Montini, Tardini, monsenhor Leiber, monsenhor Ottaviani e padre Pfeiffer.

Depois de Maglione revisar sua reunião com Weizsäcker, Ottaviani reportou que os conventos e casas religiosas estavam abrigando judeus do gueto que haviam conseguido escapar e que padre Weber também havia conseguido levar vários para dentro do Vaticano.

Cada um tinha diante de si uma cópia da carta escrita por Gumpert e Kessel e que Pankratius tinha levado para Hudal. Tornou-se o assunto de discussão. Hudal disse que considerava o conteúdo aceitável, mas que o signatário tinha um cargo hierárquico muito baixo para a importância das opiniões expressas. Já que envolvia a Santa Sé, ela deveria ser assinada por alguém com uma posição hierárquica apropriada dentro do Vaticano, pois tinha certeza de que o general Stahel transmitiria a carta a Berlim. Além disso, ela deveria ser levada ao *Stadtkommandant* pelo padre Pfeiffer, a fim de reforçar que a carta representava a posição da Santa Sé.

Embora concordasse com essa abordagem, Maglione tinha uma pergunta: quem deveria assinar a carta? Hudal disse que se sentiria honrado em colocar seu nome. Ao papa restou decidir e dizer que o documento não deveria ser escrito com o papel de carta do Vaticano, mas sim com o papel timbrado do colégio alemão do bispo Hudal, já que ele era o reitor do estabelecimento. Isto seria interpretado por seus críticos como “evidência” de que o papa não desejava se envolver mais no destino reservado aos judeus.



O conde de Salis dirigiu seu carro até a Via del Portico d’Ottavia, a entrada do gueto, onde foi parado pela polícia de Roma. Um pouco adiante na mesma rua, viu pessoas sendo empurradas para dentro de um caminhão. Seguiu o veículo até o Collegio Militare, até encontrar o caminho bloqueado por mais policiais. Voltou para seu escritório e ligou para a sede da Cruz Vermelha em Genebra. Lá, disseram-lhe para prosseguir com seus

esforços para entrar em contato com os judeus e descobrir o alcance da caçada.



Às 14 horas, Dannecker foi informado de que havia 1.259 pessoas dentro do quartel, 859 delas mulheres e crianças. Com base em sua experiência no passado, concluiu que muitos homens judeus, acreditando que os alemães só estivessem interessados nos fisicamente aptos, haviam se escondido no início da operação.

Nessas ocasiões, ele fazia que suas tropas ficassem emboscadas por dias, sabendo que os homens retornariam em busca de suas famílias. Mas ele não teria tempo para isso dessa vez. Dentro de trinta e seis horas, o trem já teria ido para Auschwitz e voltado.

O que necessitava agora era de um intérprete. Um de seus oficiais lhe havia dito que um judeu dentre os presos pela caçada falava alemão. Tinha até um nome alemão — Wachsberger. Dannecker pediu que ele fosse levado a seu escritório.



D'Arcy Osborne tentou acompanhar a caçada e enviou um telegrama para seu Ministério das Relações Exteriores com os poucos detalhes que obtivera do contato de May com O'Flaherty.

Ele havia se encontrado com Tittmann e chegou à conclusão de que o quartel era só um lugar de detenção provisória antes da deportação e discutira se seria possível para as forças aliadas bombardear a ferrovia e interromper os serviços por tempo suficiente até que o SOE e o OSS pudessem libertar os judeus. Osborne havia recebido de Derry a informação de que estavam em atividade na Itália.

Sem o conhecimento do ministro, os decifradores de códigos de Bletchley Park estavam rastreando as mensagens entre Dannecker e o escritório de Eichmann e, naquela manhã de sábado, captaram um sinal do comandante da SS Wilhelm Harster, chefe da polícia de segurança na Itália, confirmando que o trem de deportação teria o número X70469 e que Dannecker deveria dar duas cópias de sua lista de passageiros ao chefe da unidade de guarda da SS que estivesse a bordo. Tratava-se do *SS-Oberscharführer* Arndze. Dannecker foi instruído a informar-lhe que deveria “entregar as cópias assim que chegasse a Auschwitz”.

Enquanto a interceptação era decifrada em Bletchley Park, D'Arcy Osborne continuava tentando conseguir uma audiência com o papa. No sábado à tarde, disseram-lhe que ocorreria na segunda-feira.



Na praça do quartel, observado por Dannecker, Wachsberger executou sua primeira ordem como tradutor. Em cima de uma mesa, disse à multidão, primeiro em italiano e depois em hebraico, que seriam divididos em grupos, cada um deles com no máximo setenta e cinco pessoas, e que as mulheres e crianças seriam separadas dos homens. Seriam levados para salas de aula, onde receberiam comida para complementar o que já haviam levado consigo.

Do meio da multidão, algumas pessoas começaram a levantar os braços com documentos de identificação nas mãos e gritando que não eram judias e que deveriam ser liberadas. Wachsberger traduziu o pedido a Dannecker. Com seu tique fazendo sua cabeça se mover de um lado a outro, ele disse que os documentos seriam examinados mais tarde e, caso fossem genuínos, seriam liberados. Os gritos cessaram quando a tradução terminou.

Dannecker continuou a vociferar suas ordens, que eram traduzidas por Wachsberger. Disse que eles permaneceriam no colégio até segunda-feira, quando seriam levados para a estação, de onde um trem os levaria para um campo de trabalhos forçados. Se, nesse meio-tempo, alguém tentasse escapar, seria assassinado a tiros. Um destino parecido esperava quem tentasse atacar os guardas.



Às 5 horas da tarde, padre Pfeiffer chegou ao escritório do general Stahel no Hotel Flora e entregou a carta que continha a assinatura de Hudal. Depois de lê-la, Stahel suspirou e balançou a cabeça em desaprovação e ordenou que um de seus assistentes a levasse à sala de comunicações para codificá-la e enviá-la ao Ministério das Relações Exteriores em Berlim. A questão agora estava em outras mãos, disse o general.

De volta a seu escritório no Palácio Apostólico, padre Pfeiffer informou Maglione e Hudal da decisão tomada por Stahel. O secretário de Estado pediu que padre Pfeiffer informasse Weizsäcker.

A confirmação de Pfeiffer de que o documento estava a caminho de Berlim foi o sinal para que Weizsäcker preparasse sua própria resposta à caça aos judeus. Começou a escrever em uma placa fina de cobre:

Com relação à carta do bispo Hudal, posso confirmar que representa a reação do Vaticano à deportação dos judeus de Roma. A cúria está especialmente irritada, considerando que a ação foi executada, por assim dizer, debaixo da janela do quarto do papa. A reação poderia ser abafada de certa forma se os judeus fossem empregados em serviços laborais aqui na Itália. Os círculos hostis de Roma estão usando esse evento como forma de pressionar o Vaticano a abrir mão de sua postura reservada. Dizem que, quando incidentes análogos ocorreram em cidades francesas, os bispos de lá mostraram sua

resistência de forma muito clara. Portanto, o papa, como líder supremo da Igreja e como bispo de Roma, não tem mais alternativa que fazer o mesmo. O papa também está sendo comparado a seu predecessor, Pio XI, um homem de temperamento mais espontâneo. A propaganda inimiga no exterior certamente verá esse evento da mesma forma, a fim de incomodar à cúria e a nós mesmos.

Assinou e lacrou a carta, colocando-a de lado para que fosse enviada na mala diplomática para a Wilhelmstrasse, em Berlim. Mais tarde, aquela decisão geraria mais especulações que qualquer outra coisa feita por Weizsäcker durante sua permanência em Roma. Seria a carta uma clara indicação de que estava preparado para arriscar sua carreira, e muito provavelmente sua vida, para tentar salvar os judeus? Se esse fosse o caso, sabendo da urgência da situação, por que não a criptografara e a enviara imediatamente a Berlim? A mala diplomática não sairia antes de segunda-feira. Até então, ele poderia deduzir, de modo razoável, que o destino dos judeus já estaria selado. Pelo que havia ouvido, as *Judenaktionen* eram operações rápidas.



Em outras partes da cidade, naquele sábado à noite, as pessoas expressavam sua opinião sobre o assunto. O conselho militar da Resistência se reuniu secretamente para analisar os relatórios de partidários que haviam visto os judeus serem levados para o Collegio Militare. Vários deles conheciam o quartel dos dias de estudante que haviam passado lá, e todos descartavam um ataque. Nem mesmo dinamite quebraria as paredes de blocos de pedra maciços do velho colégio militar, e um ataque inevitavelmente levaria os guardas a praticar uma carnificina contra os judeus. Decidiram que os ataques a alvos alemães na cidade deveriam ser aumentados para fazer que as tropas de ocupação hesitassem em reter os judeus. De qualquer modo, o conselho não tinha uma informação crucial: Quando os alemães pretendiam levar os judeus para fora de Roma e para onde? Essa informação daria uma oportunidade para destruir os trilhos ferroviários.

Em outro bairro da cidade, a mais recente edição do jornal *L'Italia Libera* estava sendo preparada para impressão. Um poderoso editorial de primeira página tinha a intenção de incitar a fúria dos leitores contra os alemães.

Eles andaram por Roma a fim de caçar cidadãos italianos para suas fornalhas no norte. Os alemães gostariam que nós acreditássemos que essas pessoas são, de alguma forma, estranhos para nós, que são de outra raça. Mas nós os vemos como parte da nossa carne e de nosso sangue. Eles sempre viveram, lutaram e sofreram junto com todos nós. Não só homens fisicamente aptos, mas também pessoas idosas, crianças, mulheres e bebês foram amontoados em caminhões cobertos e levados embora para confrontar seu destino. Não há

um único coração que não se estremeça com o pensamento de como será o destino dessas pessoas.

Mas os soldados que executaram tal tarefa desumana, tão friamente, tão destemidamente e sem um pingo de piedade em seus olhos, também têm entes queridos, longe daqui: mães, esposas, filhos, irmãs. E até mesmo eles algumas vezes se enchem de nostalgia quando escutam uma música de sua juventude. Qualquer partido ou disciplina nacional que desidrata e petrifica o coração de um homem a tal ponto, que silencia qualquer sentimento humano, que degrada o homem à automatização, é um veneno que precisa ser cauterizado a ferro e fogo.

Nós não odiamos mais; estamos horrorizados. Não há a menor esperança de paz antes de a Europa estar livre desse pesadelo. Ninguém pensa em se vingar de mulheres e de crianças, mas sim desses soldados nazistas, de seus bajuladores, de espíões e de fascistas degoladores, que precisam ser silenciados de uma vez por todas, enterrados para sempre nesta mesma terra que eles ousaram profanar e cobrir de vergonha.

Essas palavras chegariam à Rádio Bari, a voz do rei Vítor Emanuel fazendo uma transmissão radiofônica por trás das linhas das forças aliadas. Por sua vez, a transmissão radiofônica da estação foi capturada pela *BBC* de Londres e repassada para a agência de notícias *United Press International*. A matéria chegou aos Estados Unidos a tempo de entrar na edição dominical de seus jornais. Os americanos souberam o que estava acontecendo com os judeus de Roma.



No Collegio Militare, Dannecker ordenou que três mesas fossem montadas na praça. No meio de uma, Wachsberger se postou com um megafone nas mãos, para que sua voz chegasse às salas de aula que ficavam em volta da praça. Na mesa do centro, estava uma mulher jovem com uma máquina de escrever; havia se prontificado quando solicitaram que alguém fizesse o trabalho de secretária. Na terceira mesa, havia duas caixas grandes, na frente das quais estava Dannecker, sua cabeça se movendo em tiques de um lado para o outro enquanto observava os judeus se reunirem. O capitão ordenou que seu tradutor mandasse que todos formassem uma fila. Começou diante daquela mesa e serpeou em volta de toda a praça.

Dannecker quebrou o silêncio. Cada pessoa deveria colocar na mão direita suas coisas de valor — joias e dinheiro vivo — que haviam levado consigo. Então, deveriam se

apresentar, dar seu nome à datilógrafa e declarar se era judeu ou não judeu. Depois de fornecer seu nome e religião, deveriam depositar as joias em uma das caixas e o dinheiro na outra.

O que se seguiu foi capturado nas palavras usadas por Wachsberger mais tarde:

Por meu intermédio, ele nos disse que seríamos levados para a Alemanha, para um campo, onde todos teríamos um trabalho a fazer, de acordo com nossas habilidades profissionais. Já que os idosos, inválidos, mulheres e crianças naturalmente não estariam aptos a trabalhar e como o governo alemão não tinha a intenção de mantê-los de graça, todo o dinheiro e as joias, além dos outros objetos de valor que havíamos levado conosco, teriam de ser entregues, a fim de criar um fundo comunal. Ele concluiu dizendo que os judeus mais ricos entre nós teriam de pagar pelos judeus pobres.

Uma atrás da outra, as pessoas se moviam lentamente; os saudáveis e os doentes, os velhos e os jovens, os que choravam e os que se mostravam fortes, os silenciosos e os chocados, os ricos e os pobres. Deram seus nomes e admitiram sua fé; muitos o fizeram com orgulho e coragem.

De sua posição privilegiada, Wachsberger os observou avançando. Suas palavras transmitiam o horror do que estava acontecendo.

“Quando alguém depositava alguma joia de valor especial, Dannecker a colocava em seu bolso; rapidamente percebemos que aquilo tudo havia sido uma encenação, um truque para roubar nossos bens de valor.”



No Vaticano, o secretário de Estado, Maglione, esperava em seu escritório por notícias acerca de uma resposta à carta de Hudal. Ele havia avisado a mesa telefônica para imediatamente repassar qualquer ligação de Weizsäcker. Montini e Tardini ficaram em suas escrivaninhas, prontos para receber quaisquer chamados de Osborne, Tittmann ou qualquer outro diplomata estrangeiro de Santa Marta. Até aquele momento, não houve contato algum.

Hudal pediu que Dollmann fosse vê-lo em seu escritório no colégio e o incitou a usar o telefone do bispo para ligar para seus contatos de Roma para avaliar as reações à caça aos judeus. Várias pessoas haviam lhe contado que o controle dos alemães sobre a cidade seria aumentado se a Resistência lançasse um ataque de grandes dimensões.

Padre Pfeiffer continuava em seu escritório no Palácio Apostólico e pediu que irmã Pascalina ligasse para ele se houvesse qualquer tipo de novidade. Ela lhe disse que o papa estava rezando na capela. O padre já havia lido cuidadosamente os editoriais dos dois principais jornais de Roma. Nenhum deles mencionava a caça aos judeus.



Naquela noite, a paz de Roma foi quebrada pela Resistência, que preparou seu maior ataque contra os alemães e seus colaboradores, as gangues de rua fascistas. Batalhas intensas ocorreram na região do Panteão, da Piazza Navona e ao longo do Corso. Os membros da gangue de Koch e dos Panteras Negras, que normalmente usavam boinas pretas com uma caveira cor de prata, foram mortos a tiros; e seus corpos, deixados no meio da rua. Até que chegassem os carros blindados alemães, a Resistência já havia sumido e reaparecido em outro lugar para lançar novos ataques.



Dentro do Collegio Militare, as pessoas que dormiam no chão das salas de aula acordaram com o som dos tiros. Encostaram-se uns nos outros enquanto escutavam o ruído, apavorados.

Settimia Spizzichino e suas irmãs se agruparam em volta da mãe, acariciando seu rosto, enxugando-lhe as lágrimas e tranquilizando-a, dizendo que Mose estava vivo em algum esconderijo. Grazia assentiu com a cabeça, exausta demais para falar. Em outros grupos, as pessoas tentavam, de forma parecida, confortar umas às outras — se os parentes não estavam ali, certamente haviam escapado.

Havia quarenta e um parentes de Umberto di Veroli no quartel, o maior número de pessoas capturadas de uma mesma família durante a caçada. Mas ele e sua esposa, juntamente com seus onze filhos, haviam conseguido fugir logo no começo da caçada.

Na escuridão, homens e mulheres se lembravam de outras fugas que haviam presenciado: a família que havia pulado, um depois do outro, por uma janela; os homens que correram por cima dos telhados; uma mãe que jogou seu bebê para um vizinho que o pegou embaixo; o jovem que carregara sua mãe nas costas. Todos desapareceram antes que os alemães os pudessem pegar.



Rosina Sorani e seu irmão, Settimio, passaram o dia em seu apartamento se perguntando o que fazer. Ela estava a caminho do trabalho quando vira os caminhões estacionando na Via del Portico d'Ottavia. Calmamente se voltara e fizera o mesmo caminho de volta para casa. Desde então, revezavam-se tentando usar o telefone; Rosina para tentar contatar Foa, seu irmão para falar com o padre Weber e Renzo Levi. Settimio conseguiu contatar o padre palotino no final da tarde, e este lhe disse que iria imediatamente vê-lo. Quando chegou, explicou que esteve no Vaticano o dia todo ajudando a tratar da situação.

Weber disse que os levaria até o local onde Foa, Almansi e Levi haviam se

encontrado depois de ir para o esconderijo. Era uma loja de laticínio de uma viúva católica e sua filha. Enquanto ela providenciava café, os três homens mais poderosos da comunidade judaica escutavam as notícias de Weber.

Discutiram como poderiam salvar os judeus. Foa sugeriu que ele mesmo deveria escrever um apelo para que o papa intervisse. Weber disse que Pio estava fazendo tudo que podia. Levi propôs que fosse feita uma abordagem direta junto à embaixada alemã ou sua missão na Santa Sé, para solicitar que libertassem os idosos, doentes, as mulheres e crianças. Ele pessoalmente garantiria o pagamento de qualquer quantia em dinheiro em troca de sua libertação. O dinheiro poderia ser levantado nos EUA. Weber perguntou quanto tempo levaria para reunir uma soma grande de dinheiro. Levi pensava que poderia levar “alguns dias”. O padre palotino olhou para os outros e disse temer que só restassem algumas horas para tentar negociar qualquer acordo.

Mesmo assim, Ugo Foa decidiu que escreveria ao papa, e Weber disse que levaria a carta até o Vaticano. Quando a entregou a Pfeiffer, a carta continha uma sentença que chamou sua atenção. Foa escreveu que havia uma grande quantidade de pessoas no gueto que eram classificadas, sob as leis raciais, como *Mischlinge* — filhos de pais de religiões mistas. Alguns, Foa escreveu, haviam sido batizados e, embora ainda vivessem no gueto, eram vistos como católicos. A liberdade deveria ser concedida a essas pessoas.

Pfeiffer foi rapidamente até Maglione. Depois de ler a carta, o secretário de Estado pegou um livro que continha as leis raciais e encontrou a passagem relevante. Levou o livro e a carta de Foa consigo e foi encontrar o papa. Pio pediu que Maglione informasse Weizsäcker e pedisse que intervisse a fim de liberar os *Mischlinge* e que providenciasse que um membro do alto escalão do Vaticano fosse ao Collegio Militare levando consigo o livro com as leis raciais, para mostrar ao oficial que estava no comando. Maglione propôs enviar o bispo Hudal, já que ele era o signatário da carta enviada a Stahel.



O papel de Hudal na caça aos judeus permanece secreto até o momento. Em suas próprias anotações sobre o assunto, Maglione somente se referia a ele como um “oficial do Vaticano”.

No domingo de manhã, vestindo seus paramentos de bispo, Hudal se apresentou a Dannecker na entrada do Collegio Militare como o “reverendíssimo arcebispo Alois Hudal, o bispo alemão de mais alto escalão no exterior”.



Vinte e um meses mais tarde, Hudal usaria palavras parecidas para receber Heinrich Müller em seu escritório suntuoso no Colégio Pangermânico com o objetivo de discutir

com o ex-chefe da Gestapo alemã a ajuda que os criminosos de guerra nazistas precisavam receber dele para obter documentos do Vaticano, a fim de se esconderem na América do Sul. Não há evidências de que o papa e o Vaticano estivessem envolvidos no assunto — muito menos com uma organização que se tornou conhecida como Odessa, que parece ter sido fruto da imaginação de Hudal. Em 2011, arquivos do Mossad, serviço secreto israelense, mostraram que figuras como Franz Stangl, o *Kommandant* de Treblinka, Klaus Barbie, Martin Bormann e Adolf Eichmann foram ajudados com documentos falsos e esconderijos providenciados por Hudal, enquanto se encontravam a caminho da América Latina para se esconder depois do final da guerra.

Os detalhes surgiram em 1945, quando Dannecker foi capturado e interrogado pelas forças americanas. Ele se escondia em Bad Tölz, na Baviera, organizando a resistência nazista à ocupação das forças aliadas. Já tinha dado instruções para que sua esposa envenenasse seus dois filhos; um deles morreu, o outro conseguiu se salvar. Enquanto esperava pelo julgamento, Dannecker foi encontrado enforcado em sua cela.

Naquela manhã de domingo, o que ocorreu entre eles no Collegio Militare terminou com Dannecker concordando com Hudal que os 274 não judeus — cônjuges e descendentes — apreendidos na caçada deveriam ser libertados.

Eles puderam sair do quartel logo depois que o bispo voltou para o Vaticano. Enquanto isto, Weizsäcker disse a Maglione que não conseguiria ajudar na libertação dos que não eram judeus.



Depois da empolgação que se seguiu à libertação dos *Mischlinge*, o domingo passou lentamente no quartel. Fora dos muros do quartel, a cidade estava quieta; lá dentro, algumas pessoas escreviam cartas, sem saber se teriam permissão de enviá-las. Outros se deitavam no chão, encolhidos, tentando dormir ou esperando até que a próxima ração de comida fosse distribuída. Pequenos grupos se reuniam; sentados, discutiam que tipo de trabalho teriam de fazer quando chegassem ao campo de trabalhos forçados.



O domingo foi movimentado para o conde de Salis. Ele foi ao gueto, encontrando-o completamente deserto. Contudo, por volta do meio-dia, alguns *Mischlinge* voltaram para casa para coletar itens de valor, que haviam sido forçados a deixar para trás; logo depois, iam embora novamente, à procura de algum esconderijo. Vários deles contaram ao diretor da Cruz Vermelha que estavam aterrorizados com a possibilidade de os alemães chegarem para levá-los de volta ao quartel. Ele levou várias famílias para conventos, onde foram recebidas de maneira calorosa.

No início da tarde, recebeu ajuda do padre Patrick Carroll-Abbing e de sua ambulância, além do padre Borsarelli, que dirigia o carro do mosteiro Sagrado Coração para levar as pessoas aos esconderijos.

De Salis também entrou em contato com a embaixada alemã. O embaixador interino Gerhard Gumpert lhe disse que não tinha notícias de quando os judeus seriam retirados do quartel — ou sobre seu destino. Outra ligação para o escritório do general Stahel produziu o mesmo resultado. Naquele final de tarde, de Salis visitou a princesa Enza Pignatelli e a marquesa Ripa di Meana. Elas haviam recebido a promessa de irmã Pascalina de que seriam informadas caso houvesse quaisquer novidades.

Irmã Luke escreveu em seu diário no espaço reservado para o domingo: “Nós não sabemos nada sobre o destino deles. É um horror absoluto. Pessoas que você conhece e estima, corajosas, amáveis, honradas são tratadas dessa forma simplesmente por terem sangue judeu”.



No quartel, Settimia Spizzichino acordou com o crepúsculo da manhã de segunda-feira, na qual tudo continuava fora de controle, da mesma forma que quando adormecera. A sua volta, as pessoas se levantavam e se sentavam em resposta aos berros dos soldados que caminhavam entre a multidão. Os que não se moviam rápido o suficiente levavam pontapés ou cutucões dos rifles.

Do pátio vinha um barulho ensurdecedor de motores de caminhão dando partida. Settimia ajudou sua mãe a se levantar, o corpo rígido por ter ficado deitado a noite toda no chão gelado. As crianças começaram a chorar quando as mandaram ir para o pátio.

Settimia foi à frente. Na luz, sua mãe parecia um fantasma, movendo-se lentamente enquanto um soldado as empurrava em direção a um dos caminhões. Rapidamente o veículo se encheu de pessoas completamente apavoradas; agora até as crianças estavam amedrontadas demais para chorar. Um grito chegou do lado de fora, e o caminhão deu alguns solavancos para frente, movendo-se e passando pela estátua em tamanho natural de Júlio César, por baixo da arcada com os dizeres *Romana virtus romae discitur*, “As virtudes romanas são aprendidas em Roma”.

O caminhão cruzou o Tibre, entrou na cidade, que ainda esperava que o toque de recolher terminasse. Assim que se enchiam, outros caminhões seguiam o mesmo caminho; o comboio passou por pontos de referências familiares para cada um dos judeus a bordo: as *piazze*, os monumentos e os palácios. Por fim, chegaram ao pátio de manobras dos trens de Roma, que ainda tinha as cicatrizes do primeiro bombardeio americano. Os caminhões pararam diante de um trem de cargas, suas portas de correr abertas. Dispostos em linha na frente de cada vagão, havia soldados da SS. Parado em uma das laterais, estavam o *Oberscharführer* da SS Arndze, o comandante do trem, e Dannecker. Este lhe deu as listas que havia preparado com os nomes dos judeus a serem

deportados. No total, eram 1.007 homens, mulheres e crianças.

Os dois oficiais trocaram as saudações *Heil Hitler* e Dannecker passou pelos caminhões até chegar ao carro que o esperava. Seu papel na deportação estava cumprido. Depois de poucos dias de férias em Roma, iria para Florença a fim de preparar mais uma *Judenaktion*.

Assim que cada vagão de carga se enchia, as portas eram fechadas.



O presidente Foa havia saído de Roma. Ele concluíra que não havia mais nada que pudesse fazer depois de os “não judeus terem sido libertados”. Seu destino era Livorno, sua cidade natal, na Toscana. Mais tarde, afirmaria que não sentiu culpa por não ter instado os judeus de Roma a sair. Os últimos 1.007 membros da comunidade de Foa que haviam atendido a seus apelos de doar ouro sob a garantia de sua segurança foram forçados a entrar nos vagões de carga.

Um documento, liberado em 1998 sob a Lei de Divulgação dos Crimes Nazistas de Guerra, concluiu que Foa “havia esperado o melhor de Kappler, mas só recebeu informações enganosas durante a exigência do chefe da Gestapo de arrecadar cinquenta quilos de ouro”.



A audiência marcada de D'Arcy Osborne com o papa para aquela segunda-feira foi adiantada para meio-dia. Ele começou agradecendo ao papa pelo refúgio que estava providenciando para os judeus e os prisioneiros das forças aliadas, fato que salvara tantas vidas.

O ministro explicou que não havia nada de prático que a Grã-Bretanha pudesse fazer, exceto usar a BBC para criticar a caça aos judeus. Ele também informou que ainda faltava certa distância até que as forças terrestres aliadas chegassem a Roma e que, enquanto estivessem voando regularmente em direção norte em missões de bombardeio, seria difícil convencer os estrategistas a desviar aviões para interceptar um trem de deportação. Pedidos parecidos para bombardear campos de extermínio nazistas na Alemanha haviam sido feitos e rejeitados.

A indústria de rumores de Roma estava prevendo que em breve Hitler abandonaria a cidade para travar combates nas montanhas no norte. Osborne duvidava que isso ocorresse no futuro próximo. Mas, se a Resistência usasse a caça aos judeus como uma oportunidade para repetir o que vinham fazendo nos últimos dias, seria possível que os nazistas promovessem um banho de sangue em represália.

Osborne decidiu fazer uma pergunta ao papa.

Independentemente de como a formularia — e Osborne era um mestre em exprimir sutilezas —, ele sabia que perguntaria ao papa se pretendia sair do Vaticano em sinal de protesto contra a caça aos judeus.

Pio foi enfático: ele jamais sairia, não depois do plano de sequestrá-lo, por motivo algum sairia de lá.

O telegrama criptografado de Osborne, enviado naquele final de tarde a Londres sobre a deportação, concluiu:

O papa subestima sua própria autoridade moral. Cada coisa que diz e faz tem a ciência de que terá de responder por isso perante Deus. Nenhuma outra pessoa tem feito mais que ele para ajudar os judeus.

Quando enviou o telegrama, o último vagão de carga havia sido carregado e lacrado; o trem de deportação saía do pátio de manobras ferroviárias em sua jornada a caminho de Auschwitz.



em a Rádio Roma nem os jornais da cidade mencionaram a deportação. No entanto, as notícias se espalharam pela cidade, e houve fúria crescente.

O conselho militar da Resistência fez uma reunião de emergência para discutir quais ações deveria tomar. Houve consenso de que o trem já estava fora de alcance para tentar qualquer forma de resgate a partir de Roma. Mesmo se os partidários em Florença, a primeira parada de reabastecimento do trem, fossem alertados, não haveria garantia de que a Resistência da cidade teria os recursos para agir a tempo, antes de o trem seguir caminho para fora da Itália. Mas tomou-se a decisão de continuar a atacar as forças alemãs de Roma.



Os que escaparam da caça no gueto desapareceram, fugindo para o interior e providenciando para si nomes e documentos falsos. Outros ingressaram na Resistência. Muitos ainda hesitavam em procurar abrigo em uma das várias casas religiosas. Giuseppe Gay, um motorista de táxi do gueto, decidiu que ele e sua esposa se esconderiam no manicômio da cidade por temerem que, em um convento, exigissem a conversão ao catolicismo.



Na quarta-feira, dia 20 de outubro, Maglione informou ao papa que não haveria qualquer resposta para a carta de Hudal a Stahel. O bispo recebeu a informação de Eugen Dollmann, que, em conversa que tivera com Weizsäcker, ouvira que o assunto não seria mais posto em discussão.



Cinco dias depois de o trem ter saído de Roma, havia passado pelos protetorados do Reich da Boêmia e da Morávia, cruzado a fronteira da Tchecoslováquia e entrado na Polônia no *Shabot*. Uma semana depois da caça aos judeus, o trem chegou a Auschwitz.

Poucas horas depois da chegada, todos, exceto 196 dos judeus presos no gueto, foram assassinados em câmaras de gás.



Em seu escritório no *L'Osservatore Romano*, o editor, conde Giuseppe Dalla Torre, fez a revisão de um editorial para a edição seguinte:

O pontífice não desistiu, em nenhum momento, de recorrer a todos os meios a seu alcance para aliviar o sofrimento, seja a forma que possa tomar, que é consequência desta guerra cruel. Com tanto mal, a misericórdia universal e paternal do pontífice se tornou, pode-se dizer, ainda mais ativa; ela não conhece fronteiras, religião ou raça. Essas atividades múltiplas e incessantes da parte de Pio XII têm se intensificado ainda mais em tempos recentes no que diz respeito ao aumento do sofrimento de tantas pessoas desafortunadas.

Como de costume, a publicação foi o primeiro jornal que Weizsäcker leu logo depois de chegar a Villa Napoleon no domingo de manhã.

Naquela mesma tarde, ele estava sentado em seu escritório e fazia o rascunho do que seria visto como um telegrama em causa própria destinado a Von Ribbentrop. Nele estava escrito:

O papa, embora sob pressão de todos os lados, não permitiu a si mesmo ser empurrado para o caminho da censura demonstrativa por causa da deportação dos judeus de Roma. Todavia, sabe que uma atitude desse tipo será usada contra ele por nossos adversários e explorada pelos círculos religiosos protestantes em países anglo-saxões com o objetivo de fazer propaganda anticatólica. Não obstante, ele fez todo o possível, mesmo com esse assunto delicado, a fim de não prejudicar as relações com o governo alemão e as autoridades alemãs em Roma. Já que aparentemente não haverá novas ações alemãs em relação à questão judaica daqui, pode-se dizer que essa questão, apesar de ser tão desagradável considerando as relações entre a Alemanha e o Vaticano, está liquidada.

Mais tarde, em 1948, esse documento faria parte do julgamento de Weizsäcker por crimes de guerra nos julgamentos de Nuremberg. Entre os que escreveram testemunhos apresentados à corte, esteve o papa Pio XII, que agradecia ao embaixador por “tentar ajudar os judeus”. Outra declaração juramentada foi escrita pelo bispo Hudal, na qual declarava a “coragem” do embaixador. Von Kessel testemunhou, descrevendo como

Weizsäcker tentara ajudar os judeus. Mas os promotores públicos mostraram que Weizsäcker havia assinado os protocolos da Conferência de Wannsee, que lançou a Solução Final. Weizsäcker foi condenado e sentenciado a sete anos de detenção. Em 1950, foi liberado e escreveu suas memórias. Nelas não há nenhuma referência aos judeus de Roma. Ele faleceu em 1951.



Em suas reuniões diárias com Maglione, a questão da ordem pública havia se tornado preocupação constante para o papa. Nas semanas que se seguiram à deportação, os ataques da Resistência haviam aumentado, com os facciosos atirando bombas caseiras das carrocerias de caminhões. Uma *trattoria* próxima a um quartel alemão foi atacada, causando a morte de oito soldados; outros seis morreram enquanto saíam de um cinema reservado exclusivamente para as tropas de ocupação. Em outro ataque, uma granada de mão foi arremessada por um ciclista para dentro de um furgão lotado de soldados. Seis morreram, enquanto o jovem zigue zagueava fugindo em segurança por uma ruela escura.

O novo *Stadtkommandant* da cidade, general Kurt Mälzer, mandou colocar um novo cartaz em todas as paredes e muros de Roma, advertindo que qualquer um que atacasse os soldados seria assassinado a tiros no mesmo local, não interessando a idade ou o sexo.

Ele também havia ordenado que os soldados verificassem os hospitais da cidade e procurassem por facciosos feridos, que deveriam ser levados para o presídio Regina Coeli para aguardar o momento de ser executados. Contudo, quando uma patrulha chegou ao Fatebenefratelli, o professor Borromeo disse que, embora lhes permitisse a entrada, seria obrigado a fazer que assinassem um documento isentando o hospital de culpa no caso de contraírem a fatal Síndrome de K. Apressadamente, os soldados foram embora.

O papa solicitou que os padres de Roma apelassem em seus púlpitos para que as batalhas fossem interrompidas. Os ataques continuaram, e foram pintados dizeres em paredes, afirmando que a Resistência jamais se esqueceria dos judeus do gueto.

Milhares de judeus já estavam em esconderijos, encontravam-se ou no Vaticano ou em casas religiosas em toda a Roma. Com eles estavam antinazistas, políticos de Roma, diplomatas e advogados. Todos eram católicos e tinham a cabeça a prêmio.

Um dos judeus que haviam conseguido escapar da caça era Michael Tagliacozzo. Com vinte e dois anos de idade em outubro de 1943, sobreviveria para se tornar um notável historiador judeu, descrevendo seu tempo no esconderijo na basílica de São João de Latrão. Mais tarde, relembrou a época:

Lembro, com afeto, que um padre se dirigiu a mim, sabendo que, entre os refugiados, eu era o que estava mais próximo das tradições judaicas. Implorou que eu o instruisse sobre as regras judaicas de alimentação, de forma que os

sentimentos dos refugiados não fossem ofendidos. Deu-me uma bíblia em hebraico, o que me inspirou fé e esperança.

A Universidade Gregoriana só podia receber refugiados homens. O padre Leiber, secretário do papa, tomou providências para que tivessem carteiras de identidade do Vaticano com fotografia e assinatura, além do selo do vigário assistente de Roma. Todos eles eram identificados como estudantes de filosofia.

As famílias judias — algumas do gueto, outras de refugiados que a organização do padre Weber havia conseguido levar clandestinamente para Roma — também se escondiam nos seminários. Tanto para os padres quanto para os estudantes, a presença de homens, mulheres e crianças exigia ajustes de ambos os lados.

O espaço era limitado no Seminário Lombardo, e os recém-chegados muitas vezes eram jovens e turbulentos. Para adaptar-se às regras estritas do seminário, o reitor insistiu que os judeus cuidassem de seus próprios quartos, seguissem os horários das refeições e exercitassem a fuga rápida para seu esconderijo, que ficava atrás de uma porta secreta no porão. O seminário organizou palestras, que eram dadas pelos assistentes acadêmicos, concertos feitos pelos seminaristas, e uma sala foi reservada exclusivamente para a celebração do *Shabat*. Um estilo de vida parecido reinava em todas as casas religiosas onde havia judeus escondidos.



No dia 1º de novembro de 1943, os romanos foram informados de que um dos traços distintivos da ocupação, o toque de recolher, mais uma vez havia sido modificado; agora estava fixado entre meia-noite e 5 horas da manhã, um período em que todos deveriam permanecer dentro de casa, a não ser quem tivesse um novo passe, que deveria ser obtido no quartel-general da polícia.

Os romanos viram na mudança uma conexão com a promessa do general Mälzer de caçar e acabar com a Resistência. Em sua primeira transmissão radiofônica na Rádio Roma, o *Stadtkommandant* disse que capturaria “os ratos que estão em nosso meio” e que todos os que o ajudassem seriam recompensados.

Durante as cinco horas do toque de recolher noturno, a *gange Koch* e os Panteras Negras, liderados pela Gestapo de Kappler, percorriam as ruas. Em questão de poucos dias, haviam atacado com efeitos fatais.

Haviam descoberto uma fábrica de bombas da Resistência na Via Giulia. A descoberta era importante o suficiente para acordar Kappler e tirá-lo às pressas da cama de sua amante, Helen Brouwer. Em seu relatório, Mälzer alegou: “Achamos explosivos suficientes para mandar metade de Roma pelos ares”. Os dois fabricantes de bombas foram levados ao centro de interrogatórios de Kappler antes de serem torturados e levados para o Forte Bravetta, em Roma, e assassinados a tiros no pátio do presídio.

Duas noites mais tarde, a gangue de Koch foi levada por Francesco Argentino, um antigo oficial do destacamento secreto de Mussolini, ao local onde estavam as máquinas de impressão do *L'Italia Libera*. O editor Leone Ginzburg, que havia escrito o artigo destacado sobre o destino dos judeus do gueto, foi torturado em seu escritório e assassinado a tiros antes de as máquinas de impressão serem destruídas. Os nomes encontrados no escritório do jornal foram repassados a Kappler, e sua Gestapo conseguiu capturar vários membros da Resistência. Todos seriam executados.

Mas um golpe maior estava a caminho. O alvo era o mosteiro adjacente à basílica de São Paulo Extramuros. Argentino havia revelado que o mosteiro era local de esconderijo para judeus e outros fugitivos.

Kappler informou a Koch e Mezzaroma que, para cada judeu que capturassem, a recompensa que receberiam aumentara de mil liras para 6 mil. Contudo, quando os dois líderes de gangue disseram que precisariam de mais homens para executar o ataque surpresa, Kappler hesitou: envolver seus oficiais em um ataque às propriedades do Vaticano poderia lhe criar sérios problemas. Ordenou que o chefe de polícia Pedro Caruso fornecesse um oficial veterano para liderar a operação, além de policiais para dar apoio às gangues criminosas. No total, eram sessenta homens armados.

O monge fascista dom Ildefonso, conhecido como o padre da gangue de Koch, bateu com força às portas do mosteiro e gritou que procurava refúgio porque estava sendo perseguido pelos alemães. Um padre o observou atentamente pelo olho mágico, viu o semblante com paramentos de monge e resolveu abrir a porta.

Os agressores invadiram rapidamente o local e começaram a revistar o mosteiro. Em uma hora, já haviam capturado um general da Força Aérea Italiana, que estava vestido de monge, nove oficiais do exército e onze judeus.



Na sexta-feira, dia 5 de novembro, o papa e o padre Leiber foram servidos por irmã Pascalina durante o tradicional jantar semanal. Como sempre, havia muito a discutir. Alguns dias antes, soldados haviam tentado revistar o Instituto Oriental, o centro do Vaticano para os estudos das igrejas orientais, dirigido pelos jesuítas. O reitor do instituto contou “vigorosamente” aos soldados que estavam transgredindo as leis internacionais e exigiu saber o nome de todos. Atordoados com sua atitude, os soldados bateram em retirada. No dormitório do instituto, no porão, trinta famílias judias dormiam sem ter consciência do quão perto haviam chegado, quase descobrindo-os.

Depois do ataque surpresa, o papa ordenou que as freiras e padres que viviam em edifícios protegidos sob o Tratado de Latrão montassem guarda durante a noite e ligassem imediatamente para o Vaticano caso houvesse qualquer tentativa de invasão. Um pelotão da Guarda Suíça foi colocado de prontidão para o caso de ter de ir a qualquer edifício protegido.

Irmã Pascalina já havia servido a refeição quando se ouviu o barulho de um avião. O papa e seu secretário foram até uma janela enquanto o aparelho passava por cima da praça São Pedro e os jardins do Vaticano. Na escuridão, foi impossível ver a aeronave. De repente, houve uma explosão. Então mais uma, seguida por uma terceira e uma quarta. Tão rápido quanto surgira, a aeronave desapareceu.

Os bombeiros do Vaticano e a Guarda Suíça correram em direção ao local do fogo. Uma bomba havia caído sobre um depósito próximo à estação de trens. Outra havia feito estragos próximo a uma oficina. A terceira e a quarta foram jogadas entre o Colégio Etíope, onde havia refugiados judeus escondidos, e a Rádio Vaticano. A força de uma das explosões quebrou janelas no Museu do Vaticano e na sacristia da capela Sistina.

Harold Tittmann e sua esposa, Eleanor, estavam jogando seu habitual *bridge* das noites de sexta-feira quando a primeira explosão balançou seu apartamento em Santa Marta. Jogaram-se debaixo da mesa de jantar para se abrigar de eventuais escombros que pudessem cair. Quando o som grave do avião enfraqueceu, o piloto de combate veterano da Primeira Guerra Mundial ajudou Eleanor a se levantar, levando-a escadas abaixo para o pátio de Santa Marta.

D'Arcy Osborne e John May estavam organizando as pessoas para acompanhá-las aos jardins do Vaticano. A maior parte das janelas do convento, em uma das extremidades do pátio, havia se estourado pela força das explosões, mas o prédio em si havia protegido de danos o bloco de apartamentos onde viviam os diplomatas; as freiras já varriam e recolhiam o vidro quebrado e os escombros. Um médico do centro de saúde ia de grupo em grupo para verificar se alguém havia se machucado. No final, constatou-se a baixa de apenas uma pessoa, um integrante da Guarda Suíça que estava em patrulha nos jardins. Osborne comentou com May: "Isso não é nada se comparado com o *blitzkrieg* dos alemães". Tomando seu caminho em volta das crateras abertas pelas bombas, o ministro convidou todos que precisassem de uma bebida para ir a seu apartamento.

Vários oficiais alemães foram até a Porta di Bronzo, a entrada do Vaticano, para expressar prontidão em fornecer homens para ajudar nos trabalhos de resgate e tornar segura qualquer área atingida. Padre Leiber lhes agradeceu polidamente e disse que o Vaticano tinha tudo sob controle.

Em poucas horas, a Rádio Roma anunciou que o ataque havia sido executado por um bombardeiro britânico. Sam Derry já havia ido com O'Flaherty para os locais das explosões, a fim de lançar seu olhar de profissional sobre os estilhaços dos invólucros das bombas: concluiu que os explosivos eram de bombas de fragmentação.

Na manhã seguinte, Tittmann e Osborne fizeram um exame mais detalhado dos estragos. O *Governatorato* do Vaticano, seu edifício de administração, havia sofrido danos consideráveis, assim como a fábrica de mosaicos. As janelas de vidro colorido de Bernini na basílica de São Pedro estavam quebradas em vários locais. Monsenhor Hérisse, cônego da basílica, que havia sido o "informante" de Tittmann junto à *Delasem*, estimava que levaria uma semana para consertar os estragos.

O cardeal Maglione havia pedido a Tittmann, Osborne e Weizsäcker que solicitassem

a seus governos que conduzissem uma investigação imediata das responsabilidades do ataque.

Os três governos requisitaram fragmentos das bombas. No dia 9 de novembro, o Departamento de Estado em Washington declarou que nenhuma aeronave das forças aliadas havia voado sobre Roma no início da noite de 5 de novembro. Contudo, certa quantidade de aviões britânicos havia executado ataques aéreos nas proximidades de Roma naquela mesma ocasião. Weizsäcker disse que Berlim estava satisfeita por não haver nenhum envolvimento alemão.

Em seu diário, Tittmann registrou no dia 16 de novembro:

Os fragmentos das bombas não levaram a nenhuma conclusão sobre sua origem. A identidade da aeronave que bombardeou o Vaticano continua a ser um mistério, mas a teoria mais provável é que as bombas tenham sido lançadas por uma aeronave britânica em apuros.

Tittmann afirmaria, ainda, em 8 de dezembro, que a ansiedade no Vaticano aumentava à medida que uma “aeronave solitária, monomotor, reapareceu em noites claras, voando baixo sobre Roma e sobre o Vaticano. Ficou conhecida como *la vedova nera*, a viúva negra”.

Fosse qual fosse a missão que tinha, não lançou bombas.

Irmã Luke, cujo contato com Pascalina lhe deu uma visão aprofundada sobre o pensamento do Palácio Apostólico, escreveu que o bombardeio era obra de Roberto Farinacci, que havia pilotado um biplano na força aérea de Mussolini e era considerado por Eugen Dollmann, de acordo com seu próprio interrogatório feito por seu pessoal do OSS em 1945, como “o mais intrépido e determinado entre todos os fascistas”.

Ele parecia ser o candidato mais provável ao bombardeio do Vaticano , e não o “bombardeiro britânico em apuros” de Tittmann.



O papa solicitou que irmã Pascalina pedisse aos conventos e mosteiros que escondiam judeus que lhes providenciassem calendários para marcar as semanas, à medida que passavam o *Cheshvan* (outubro), o *Kislev* (novembro) e o *Hanucá* (dezembro). No décimo dia desse mês, para marcar o dia festivo, as freiras e os padres deveriam providenciar velas para pôr nos cômodos onde seus hóspedes praticavam seu culto.

Durante a semana de Natal, o *Stadtkommandant* Mälzer anunciou que permitiria a compra de provisões extras com os cartões de racionamento, mas que a venda dos bens no mercado negro seria passível de punição.

Durante todo o mês de dezembro, a Resistência continuou com seus ataques em retaliação à caça aos judeus. As gangues criminosas pegas saqueando o gueto eram

assassinadas a tiros pelos facciosos. Uma bomba-relógio havia sido instalada no Hotel Excelsior, onde o marechal de campo Kesselring ficava hospedado durante suas visitas a Roma. A bomba havia sido colocada no poço do elevador e explodiu pouco depois de Kesselring ter saído do hotel para retornar a seu quartel-general. Um oficial alemão e uma mulher morreram. Em função disso, as comemorações de Natal planejadas pelo hotel foram canceladas.

Kappler recrudescer a caça aos combatentes da Resistência. Vários facciosos foram mortos em batalhas de rua.

Todas as bicicletas — um dos meios usados pelos lançadores de bombas para fugir — foram banidas; qualquer pessoa que usasse uma bicicleta seria presa. As tradicionais missas da meia-noite durante a semana de Natal em todas as paróquias de Roma já haviam sido transferidas para as 5 horas da tarde e, depois, foram completamente canceladas. A única celebração da natividade ocorreria na basílica de São Pedro.

Os engenheiros da Rádio Vaticano haviam terminado os reparos dos estragos causados pelas bombas em novembro e fizeram um teste final ligando a estação entre o transmissor e o microfone no estúdio do papa, de onde Pio faria sua terceira transmissão radiofônica de Natal para o mundo.



No ano anterior, no Natal de 1942, parte de sua mensagem finalmente parecia ser uma resposta a um pedido anterior do presidente Roosevelt para que o papa condenasse o genocídio dos judeus nos campos de morte dos nazistas. Próximo do fim da transmissão radiofônica, ele falou das “centenas e milhares que, sem ter cometido qualquer erro por si próprios e somente por causa de sua nação ou raça, foram condenados à morte ou são progressivamente debilitados”.

Suas palavras ainda foram consideradas de pouca clareza pelo Departamento de Estado, e Tittmann foi encarregado de descobrir o que exatamente o papa quisera dizer. O enviado recebeu uma resposta firme em uma audiência curta: não haveria necessidade de explicações adicionais, Pio havia se referido aos judeus.

Foi só em 1961, quando Tittmann se aposentou, que revelou a atitude do papa. Em seu discurso na Universidade de St. Louis, o diplomata citou Pio, que lhe teria dito:

Se eu denunciasse os nazistas citando o nome de cada um, como vocês desejam, e a Alemanha perdesse a guerra, os alemães de todas as partes teriam a impressão de que eu contribuía para a derrota, não só dos nazistas, mas da própria Alemanha; para o povo alemão, não ser capaz de fazer a distinção entre os nazistas e sua terra natal só seria humano na confusão e na angústia da derrota. Não posso me dar ao luxo de me indispor com tantas pessoas de fé. Além disso, se eu denunciasse os nazistas pelo nome, teria de, em nome da

justiça, fazer o mesmo em relação aos bolcheviques, cujos princípios são impressionantemente parecidos. Vocês não gostariam que eu dissesse tais coisas sobre um aliado seu, ao lado de quem estão engajados atualmente em uma luta de morte.

Aquela foi uma atitude que assombraria o papa pelo resto de sua vida e que ajudaria a rotulá-lo como “o papa de Hitler”. O perceptivo Tittmann acreditava que Pio poderia ter evitado essa mácula se, no começo da guerra, houvesse dito que tinha a intenção de denunciar “todas as atrocidades sem exceção; ao fazê-lo, não ficaria de nenhum lado, nem sua posição tradicional de neutralidade seria afetada de alguma forma”.



Ao meio-dia do dia 24 de dezembro, todos os diplomatas das forças aliadas e suas famílias se reuniram em Santa Marta para escutar a transmissão radiofônica do papa. Seu discurso foi curto e cheio de dignidade; falou dos males da guerra. Não mencionou nomes ou nações. Irmã Pascalina escutou a fala sentada em um dos cantos de seu gabinete de trabalho.

Na Villa Napoleon, o primeiro-secretário Von Kessel concluiu que o papa estava tentando “influenciar as forças ocidentais ao fazer de sua mensagem um apelo direto a seus povos para encerrar a guerra e ver a alvorada de um novo espírito de fraternidade mundial”. Para Kappler, que estava em casa com sua família, era “improvável que aquelas palavras causassem qualquer mudança de direção”. Em seu convento, irmã Luke se juntou a outras freiras para escutar a transmissão radiofônica; o mesmo aconteceu em outras casas religiosas por toda a Roma. Mas ela pensou que “o papa falou clara e distintamente e proferiu princípios cristãos sólidos. Eu me pergunto se eles agirão de acordo”.



No dia 26 de dezembro, o general Kurt Mälzer promulgou sua última ordem de 1943. Haveria um recenseamento dos romanos. Com seu riso bucólico, que havia se tornado sua marca registrada, contou a sua equipe de funcionários que aquilo faria que os romanos se lembrassem do recenseamento dos judeus feito por Herodes e o infanticídio que se seguiu. Algumas horas mais tarde, a gangue de Koch invadiu o colégio da igreja russa, o Russicum. Uma revista no edifício revelou três judeus idosos escondidos no porão. Seu destino permanece desconhecido.



Luciana Tedesco e as outras crianças das alas da Síndrome de K já haviam se acostumado ao barulho causado pelas armas de fogo e os estouros regulares de bombas que caíam nos subúrbios industriais e, mais longe, nas colinas. Repentinamente, as noites se iluminavam completamente por toda a cidade por causa de paraquedas luminosos, usados como sinalizadores. Muitas vezes, o vento os levava para a ilha Tiberina, e as enfermeiras saíam correndo para cortar os paraquedas, separando-os dos sinalizadores já extintos. Mais de uma enfermeira transformou a seda do paraquedas em uma blusa.

O dr. Sacerdoti regularmente levava notícias aos “pacientes” da Síndrome de K do segundo andar. Informou que o Vaticano havia mandado uma frota de caminhões para buscar alimentos no interior e que se daria a prioridade aos hospitais. Em outra manhã, disse que o Vaticano havia mandado um pelotão de sua Guarda Palatina para ajudar a Guarda Suíça a proteger suas propriedades extraterritoriais, incluindo o hospital. Eles se alojariam nas dependências e guardariam as entradas do hospital com seus capotes militares e rifles com baionetas fixas.



No Dia de Santo Estêvão — o tradicional segundo dia de Natal na Irlanda —, O’Flaherty deixou sua suíte no Colégio Alemão aberta para receber visitas a qualquer hora. Entre seus convidados, estavam padres das paróquias da cidade, Sam Derry, John May e o conde de Salis; *sir* D’Arcy Osborne e Harold Tittmann também apareceram para tomar um drinque, junto com o embaixador irlandês Thomas Kiernan e sua família. Monsenhor Ottaviani e vários membros da Secretaria de Estado também compareceram. Irmã Pascalina levou um bolo.

Padre Patrick Carroll-Abbing chegou com um banjo. O’Flaherty liderou os cânticos de louvor e se assegurou de que ninguém ficasse sem um drinque. Algumas freiras do colégio serviam jarras de café.

Afora elogios pela transmissão radiofônica do papa, não houve menção à guerra, mas o barulho causado por ela nunca estava muito longe; os veículos militares pesados que andavam lá fora eram uma fonte constante de ruído de fundo.

Depois que os outros hóspedes foram embora, monsenhor O’Flaherty declarou, com sua voz estrondosa, que tudo deveria voltar a sua rotina.

Sam Derry disse que o recenseamento teria um sério efeito sobre seu trabalho. As freiras e os padres teriam de afixar o nome de todos que estavam sob seu teto na porta frontal dos prédios. Caso não procedessem dessa forma, estariam sujeitos a uma revista detalhada das dependências. O maior risco ficaria por conta das casas seguras dirigidas por romanos. A descoberta de soldados das forças aliadas ou de judeus dentro das casas significaria a morte para seus hospedeiros.

O’Flaherty foi tranquilizador: os cidadãos de Roma não permitiriam que os judeus ou os fugitivos das forças aliadas caíssem nas mãos dos caçadores. Mas todos sabiam que

as caçadas humanas estavam aumentando.



Um bom número de judeus jovens havia saído dos esconderijos para se juntar à Resistência. Entre eles estavam Rosina e Settimio Sorani; tornaram-se mensageiros entre os vários grupos em uma cidade que se tornara ainda mais perigosa.

Mais de uma vez se encontraram em meio a ataques aéreos. Rosina lembraria mais tarde que, até fevereiro de 1944, Roma havia sido bombardeada mais de quarenta vezes desde que vira bombardeiros americanos passando acima de sua cabeça em julho para bombardear os pátios de manobras ferroviárias.

Settimio estava a caminho de seu novo esconderijo, que dividia com sua irmã e vários facciosos em um prédio que já havia sido danificado pelos bombardeiros e que dava vista para o Coliseu, quando a sirene disparou. No final da rua, um transportador de tropas havia sido atingido em cheio, e partes de corpos estavam espalhados por toda a rua.

Combates entre os alemães e a Resistência ocorriam dia e noite; o alto-comando alemão havia se mudado dos hotéis Flora e Excelsior para um prédio altamente protegido no Corso d'Italia. Bloqueios de rua foram montados em cada extremidade, e carros blindados bloqueavam as ruas laterais.

De sua vista privilegiada no terraço de Santa Marta, D'Arcy Osborne observava os ataques, que aconteciam quase diariamente na cidade e nos distritos do entorno. Os bombardeios afetavam cada vez mais suas relações com a Santa Sé, e ele era convocado regularmente ao escritório do secretário de Estado, Maglione, para receber um protesto por escrito, a ser repassado a Londres. Um dos documentos detalhava como várias centenas de judeus, que o papa mandara abrigar em sua residência de verão em Castel Gandolfo, foram mortos, junto com dezessete freiras, por bombas jogadas sobre um edifício no complexo papal. Durante um bombardeio em Roma, uma clínica foi atingida, o que resultou em várias mortes. Maglione destacou que todos os edifícios estavam protegidos sob o Tratado de Latrão.

Embora Osborne houvesse se desculpado em cada caso, criou-se tensão nas relações com Maglione, um diplomata que ele admirava. Ele havia advertido o Ministério das Relações Exteriores de que os bombardeios contínuos estavam desviando a opinião pública italiana do “nosso lado, visto que todas as reportagens indicam que a destruição da vida civil e das propriedades é, no todo, desproporcional aos resultados militares alcançados”.

Tittmann também sentiu a “irritação fria” de Maglione depois que os bombardeiros americanos destruíram o mosteiro no topo do Monte Cassino.

Eu disse ao cardeal que não acreditava, nem por um segundo, que as forças

aliadas teriam destruído o mosteiro se não houvesse motivos militares incontestáveis. Sua resposta à minha colocação foi: “perdoe-me se assim digo, mas sei do que estou falando e tenho acesso a fontes de informações que provavelmente não estão disponíveis para o senhor”. Fui obrigado a admitir que minha própria fonte, até o momento, era o rádio.

Osborne, mais que Tittmann, estava pessoalmente descontente com a brutalidade das forças aliadas. Decididamente, disse ao papa que “não poderia fazer outra coisa a não ser se solidarizar com parte do descontentamento da Santa Sé”.

Mas os ataques aéreos continuavam. Enquanto isto, as celas do presídio Regina Coeli enchiam-se de judeus capturados em caçadas. No dia 14 de março, Celeste di Porto chegou a seu décimo oitavo aniversário e, mais tarde, seria acusada de ser responsável pela detenção de mais de cinquenta judeus desde o início das caçadas.

PARTE V

LIBERTAÇÃO





aquela manhã agradável de março de 1944, o doutor Sacerdoti sentiu o medo, o desespero e a fome crescentes enquanto caminhava para o trabalho. A cada dia, os bombardeios destruíam mais linhas de bondes e deixavam novas crateras para que os grupos de trabalho preenchessem com os escombros dos prédios caídos.

No hospital, a água potável era racionada, e os visitantes cheiravam a desinfetante carbólico, com o qual eram banhados, antes de entrar nas alas dos pacientes, na tentativa de matar piolhos e outros germes. Era uma batalha travada em toda a Roma: nas filas de comida, nas casas públicas de banho, nos restaurantes onde as pessoas enxugavam seus talheres, nos cinemas e teatros, onde o contato poderia levar à propagação das bactérias. Também houve a perda da ilusão, simbolizada por um *slogan* rabiscado nas paredes: “Forças aliadas, mantenham-se firmes! Em breve estaremos aqui para liberá-los!”.

Cada vez mais os romanos se sentiam abandonados à própria sorte. O entusiasmo que se seguira à partida de Mussolini esvaíra-se tão rapidamente quanto as memórias dos dias áureos depois de a Itália conquistar a Etiópia em 1936. A maior parte das pessoas — balconistas, lojistas, trabalhadores do mercado — tinha pouca inclinação revolucionária, embora apoiasse a Resistência, mesmo que muitos facciosos fossem comunistas. Os romanos, frequentadores regulares das igrejas, eram membros do Partido Democrata Cristão e sabiam que o papa estava cada vez mais preocupado, porque os líderes comunistas dentro da Resistência estavam se tornando mais determinados a controlar o destino de Roma e a não ser moldados por ele. O mais militante de todos era o *Bandiera Rossa*, Partido da Bandeira Vermelha. Suas sabotagens e ações militares haviam lhe conferido poder na Resistência.

O professor Borromeo provavelmente falou por muitos romanos quando disse a sua equipe, na reunião matinal, que não conseguia entender por que as forças aliadas estavam demorando tanto para sair de sua cabeça de praia em Anzio, já que não tinham que confrontar montanhas, não havia rios largos para cruzar e o terreno plano era ideal para os tanques de guerra. Diariamente “Axis Sally” — Mildred Gillars, nascida nos Estados Unidos e que se tornou a voz no rádio para os alemães na Itália — ridicularizava as forças aliadas, chamando a cabeça de praia de “o maior campo de prisioneiros de guerra autossuficiente no mundo”.

Em Roma, os facciosos continuavam a sair da clandestinidade para lançar ataques-relâmpago com efeitos mortais, antes de desaparecerem novamente em seus esconderijos. O fracasso em localizá-los finalmente havia produzido uma resposta do homem que a Resistência não só odiava, como também temia.

O general Karl Wolff, nomeado por Hitler como o *Polizeiführer* da SS para a Itália, havia permanecido no cargo depois do cancelamento do plano para sequestrar o papa. Mas o Führer tinha instruído Wolff a destruir a Resistência de Roma. Ele havia enviado 500 soldados da SS para a cidade no final de fevereiro. As três companhias — a Nona, a Décima e a Décima primeira — provinham do recém-formado *Polizei-Regiment* da SS de Bolzano. A Nona foi destacada para atuar no sul da cidade; a Décima foi enviada a Castelli Romani, nas colinas que ficam fora de Roma, de onde os facciosos lançavam ataques contra o trânsito rodoviário alemão.

A Décima primeira companhia ainda estava em estágio de treinamento de controle de multidões, táticas de busca de casa em casa e de como acabar com um motim. Havia recebido uma tarefa adicional do *Stadtkommandant* Mälzer. Todas as tardes, deveria marchar pelo centro da cidade e cantar as canções da SS. Em seus uniformes, capacetes de aço, botas de cano alto, granadas de mão presas aos cintos de munição e rifles sobre seus ombros, Mälzer tinha a intenção de mostrar a presença da força nazista.

Desde que os desfiles militares haviam começado, o conselho militar da Resistência havia enviado espões para estudar a rota que tomavam, do momento em que cruzavam a Piazza del Popolo e desciam a Via del Babuino, cantando enquanto marchavam, suas vozes se misturando com o pisotear de suas botas. Passavam em marcha ritmada pelas escadarias da praça de Espanha, em direção ao escritório do *Il Messaggero*, cujos funcionários ficavam nas janelas, atemorizados pela visão intimidadora. Em frente, ficava uma passagem subterrânea para uma das sete colinas de Roma.

Antes de chegar ao túnel, um abrigo antiaéreo provisório durante a noite, o desfile dobrava e entrava na Via Rasella. A rua era estreita, e os soldados eram obrigados a marchar em uma fila mais próxima, enquanto suas vozes ecoavam nos prédios antigos. Na ponta da rua, a coluna retomava a forma anterior, mais uma vez cinco lado a lado, para marchar por uma das principais avenidas de Roma, a Via delle Quattro Fontane, em direção ao Ministério do Interior, onde estavam aquartelados. A parada de 156 soldados seguia a mesma rota todos os dias.



Durante três semanas, os dois espões — Carla Capponi, uma técnica de laboratório, e Rosario Bentivegna, um estudante de medicina — haviam acompanhado a tropa de perto. Sempre entrava na Via Rasella às 14 horas.

Ambos os estudantes tinham um desprezo em comum por sua procedência sociocultural. Carla, extraordinária, com vinte e quatro anos de idade, era filha de um casamento misto; sua mãe era judia e declarava que Virginia Woolf era sua parente. Carla havia vivido uma vida confortável e bem protegida, em um apartamento grande, que ficava defronte ao escritório de Mussolini na Piazza Venezia; crescera escutando o Duce verberando a multidão que ficava embaixo.

Rosario era o filho esguio de uma família abastada que possuía propriedades em toda a Roma, algumas das quais haviam sido destruídas pelas bombas das forças aliadas. Seu pai, diplomata, tivera a esperança de que ele o seguisse no serviço estrangeiro. Em vez disso, Rosario escolheu a medicina — “para salvar vidas, não para arranjar desculpas diplomáticas para o fato de terem morrido em nome do fascismo”, dissera certa vez.

Assim como muitos estudantes, foram atraídos pela Resistência pela promessa de acabar com as injustiças do fascismo. Mas, primeiro, teriam de retirar os ocupantes nazistas.

Nas semanas que se seguiram à caçada no gueto, eles haviam demonstrado seu valor. Bentivegna havia matado um policial fascista que fazia parte do esquadrão dos *carabinieri* de Dannecker; Carla havia matado um soldado alemão a tiros. Mais tarde, ela relembrou o episódio: “Joguei minha arma dentro da bolsa e saí correndo, chorando”. Agora, naquele dia de março, ela estava pronta para matar mais uma vez.



Na tarde de quarta-feira, dia 22 de março, os líderes do conselho militar tomaram caminhos separados rumo a um edifício próximo ao Coliseu. Todos eles haviam lido a reportagem que o *Il Messaggero* publicara dizendo que os alemães estavam planejando se retirar de Roma. Devido ao fato de o jornal ser visto como porta-voz dos fascistas, a reportagem criou uma agitação compreensível com sua sugestão de que estavam se retirando porque queriam salvar Roma de mais destruições causadas pelos bombardeios das forças aliadas. Irmã Luke, porém, estava mais duvidosa. Em seu diário, colocou uma pergunta: “Será que realmente é verdade?”.

Para o bispo Hudal, a reportagem era mais uma oportunidade de apoiar a ideia de que os alemães estavam preparados para transformar Roma em uma “cidade aberta” e deixá-la livre de batalhas. Na visão de Hudal, isso daria uma oportunidade ao mundo de ver que eram as forças aliadas que estavam destruindo a história da civilização cristã e a cultura ocidental com seus bombardeios implacáveis. Hudal havia chegado à conclusão pessoal de que uma retirada de Roma seria vista como uma prova da consideração e da humanidade dos alemães.

Os líderes da Resistência se encontraram para, quem sabe, acelerar a partida dos alemães, dando sinal verde à maior operação executada pela Resistência. Seria concretizada no dia mais importante no calendário da Era Fascista, no qual havia vinte e cinco se celebravam os acontecimentos de 1919, quando Mussolini fundara o movimento fascista. Durante toda a semana, os jornais e a Rádio Roma devotaram tempo e espaço para as celebrações que estavam por vir. Haveria um serviço religioso pela manhã na Piazza Venezia, do qual todos os “bons fascistas” deveriam participar, seguido à tarde de uma parada militar pela cidade.

Mas, enquanto o conselho militar se reunia, outra reunião acontecia na Villa

Wolkonsky. Dollmann havia usado sua influência junto ao general Wolff para ter Möllhausen empossado novamente como embaixador na Embaixada da Alemanha. Os agradecimentos de reconhecimento do diplomata foram deixados de lado quando Dollmann disse que uma demonstração de pompa fascista e uma cerimônia seriam inaceitáveis enquanto o povo de Roma estava passando fome e sendo bombardeado todos os dias. Recomendou que o embaixador cancelasse as celebrações. Möllhausen hesitou. Da última vez que havia tomado uma decisão por si próprio, quase perdera seu cargo. Disse que convocaria uma reunião com Kappler e Mälzer. O chefe da Gestapo disse que as celebrações eram uma questão para os fascistas decidirem por si próprios. O *Stadtkommandant* disse que permitiria o serviço religioso, mas que cancelaria a parada militar; e só permitira que as celebrações fossem feitas dentro do Ministério das Corporações.

Para Mälzer, não deveria haver nenhuma parada, pois tiraria a atenção das marchas diárias de suas tropas da SS que passavam pelo edifício e seguiam em direção à Via Rasella.



Em um porão de um bloco de apartamentos na Via Marco Aurelio, a uma curta caminhada do Coliseu, Giulio Cortini e sua esposa, Laura, iniciavam seu trabalho. Eram fabricantes de bombas da Resistência. Em seu mundo secreto, eram os mais respeitados entre os especialistas em explosivos que ainda restavam. Um mês antes, um colega — assim como Giulio, um físico graduado da universidade — havia sido um dos nove facciosos executados no pátio do Forte Bravetta. Kappler ficara parado ao lado do pelotão de fuzilamento depois de convidar cada um dos homens condenados a salvar sua própria vida trazindo os outros membros da Resistência. Todos eles permaneceram em silêncio.

Como os alquimistas de antigamente, Giulio e Laura trabalhavam com base na experiência e no instinto, e sua linguagem era recheada de palavras que remetiam à morte: “deflagração”, “oxidante”, “ponto de depressão”. Sabiam a quantidade exata de explosivos necessária para explodir um caminhão de combustível, um carro blindado, um posto de comando de beira de estrada; o detonador correto para a quantidade de TNT necessária para uma bomba de cano.

Depois de serem informados sobre o alvo, caminharam ao longo de toda a extensão da Via Rasella; de braços dados, pareciam apenas mais um jovem casal dando um passeio antes da chegada do toque de recolher. Notaram o carrinho de lixo municipal parado na rua. Resolveria o problema de onde colocar a bomba. Granadas seriam jogadas da Via del Boccaccio e da Via dei Giardini, ambas um pouco maiores que ruelas em ambos os lados da Via Rasella.

Caminhando de volta a seu esconderijo, Giulio e Laura começaram a discutir a composição da bomba que fabricariam.

Durante a noite, a dupla primeiro socou doze quilos de TNT dentro de um invólucro de ferro fundido, que foi então colocado em um saco e coberto com seis quilos adicionais de explosivos. Colocaram um detonador de cinquenta segundos no topo da mistura. Por fim, usaram mais seis quilos de TNT para fabricar bombas de cano, que empacotaram em sacolas de compras.

Os fabricantes de bombas terminaram o trabalho à meia-noite.



A alvorada do dia 23 de março prometia um dia ensolarado, e a Rádio Roma previa que a temperatura ficaria na casa dos vinte e quatro graus. Tittmann sentia que poderia ser o começo de mais um verão longo e quente em Santa Marta.

A única esperança, agora, era que o ruído distante de armas de fogo proveniente de Anzio fosse o prenúncio de que as forças aliadas chegariam em breve. À noite, ele e Osborne ficaram no telhado plano de suas casas e observaram os pontos minúsculos de luz no céu, provenientes de canhões antiaéreos que atiravam nos aviões alemães. Mas eram os aviões das forças aliadas que preocupavam Tittmann.

Naquela manhã, ele esperava por mais um protesto da parte de Maglione. Embora seu teto estivesse pintado de amarelo e branco — as cores do Vaticano — e marcado com as palavras “Cidade do Vaticano”, um caminhão com alimentos havia sido atacado por um avião de caça americano equipado com metralhadora, o que resultou na morte do motorista.

Tittmann havia tentado, mais uma vez, explicar ao secretário de Estado que era “praticamente impossível para os aviões de guerra das forças aliadas que atacavam o transporte rodoviário distinguir marcações particulares em transportes motorizados”.

Maglione mandou buscar Montini e pediu-lhe que levasse Tittmann ao telhado de São Pedro para observar vários caminhões do Vaticano estacionados na praça da basílica. Montini destacou que suas marcas de reconhecimento eram claramente visíveis. Tittmann respondeu que pilotos de aviões que voavam a 650 quilômetros por hora não teriam tempo de reconhecer as marcações. O futuro papa silenciosamente mostrou o caminho de descida do telhado.



Naquela manhã, um carrinho de lixo, parecido com o que Giulio e Laura haviam visto na Via Rasella, foi deixado do lado de fora de um prédio de apartamentos na Via Marco Aurelio. Pouco depois, Rosario Bentivegna chegou vestindo um uniforme azul e um boné de varredor de rua. O porteiro surgiu com Giulio, ambos carregando o saco, e cuidadosamente o colocaram no carrinho de lixo. O carrinho consistia em dois

receptáculos de ferro pintados de prata, dentro dos quais se guardava o lixo; estavam apoiados em um chassi de quatro rodinhas. Rosario empurrou o carrinho, provocando ruído à medida que passava por cima dos paralelepípedos do pavimento. O porteiro e os fabricantes de bombas entraram novamente no prédio. Tudo que podiam fazer agora era esperar.



Ao meio-dia daquela quarta-feira, Celeste di Porto caminhava pela Via della Conciliazione em direção à praça de São Pedro. A avenida larga estava lotada de homens e mulheres como ela, todos vestidos de preto. Iam para a basílica rezar pela vida do jovem padre Giuseppe Morosini, que havia sido preso pela Gestapo e acusado de traficar armas e fazer espionagem para as forças aliadas. Ele estava detido no presídio Regina Coeli. Um apelo por clemência feito pelo papa não havia sido respondido até o momento.

A adolescente de cabelos negros não estava ali para rezar pela vida do padre, mas sim para ajudar a acionar uma armadilha que pudesse levar à detenção de O'Flaherty. Kappler o identificou como organizador da rede que ajudava os soldados das forças aliadas e os judeus a se esconderem. O chefe da Gestapo disse à Celeste que ela receberia uma recompensa de 30 mil liras se conseguisse convencer O'Flaherty a pôr os pés fora da Cidade do Vaticano.

Ela deveria abordá-lo no local onde ele normalmente ficava durante a missa do meio-dia, nas escadarias da basílica. Deveria usar um crucifixo e explicar que era filha de uma viúva pobre que dava abrigo a um soldado das forças aliadas, um católico devoto que estava à beira da morte e que precisava urgentemente de um padre para lhe administrar a extrema-unção. Deveria dizer que o soldado havia lhe contado que o único padre em Roma que conhecia era o padre O'Flaherty, com quem havia encontrado em um campo de prisioneiros. Ela deveria pedir encarecidamente ao padre que fosse com ela para dar a extrema-unção ao soldado. Assim que conseguisse fazer que ele cruzasse a linha branca de fronteira entre o Vaticano e a Itália, o pelotão de captura da Gestapo o prenderia.

Celeste já havia ido duas vezes à praça, e, em ambas as ocasiões, O'Flaherty não estava lá.



Ela não tinha como saber que o papa havia ordenado a O'Flaherty que limitasse suas aparições em público depois que as notícias de um plano para capturá-lo chegaram ao Vaticano.

Mais tarde, haveria alegações de que fora um espião das forças aliadas. Houve outra alegação, de que O'Flaherty havia repassado informações para os alemães. Apesar da

ausência de qualquer documentação, a história ganhou força na Grã-Bretanha, na Irlanda e na Itália durante o pós-guerra. Em Londres, o jornal *The Times* produziu uma manchete: “Salvador ou cúmplice?”.

O mais certo é que, naquela quarta-feira, em Roma, O’Flaherty estava ocupado organizando mais abrigos para os soldados das forças aliadas e os judeus.



Durante a noite, Carla Capponi cortou seu longo cabelo ruivo e tingiu-o de preto para produzir um disfarce. Às 9 horas em ponto, já havia passado pelo esconderijo dos outros membros da equipe de ataque e carregava as bolsas com as bombas de cano. Oito facciosos, veteranos em ataques de rua, ficariam esperando nas duas ruelas laterais, prontos para atirar as bombas de cano logo depois da explosão da bomba de Rosario. Dois outros facciosos estariam posicionados para o fogo de cobertura enquanto Rosario e os outros fugissem para a passagem subterrânea.

Assim que chegou mais perto da Via Rasella, Carla o alcançou e jogou suas bolsas no carrinho de lixo. Seriam coletadas pelos facciosos na viela, pouco antes do ataque. Naquele momento, Carla já teria assumido sua própria posição estratégica do lado de fora dos escritórios do *Il Messaggero*. Para sinalizar a aproximação dos soldados, ela dobraria uma cópia do jornal que havia comprado. Seria um sinal para o faccioso parado na esquina da Via Rasella avisar à Rosario que era chegada a hora de acender o detonador de cinquenta segundos da bomba.

Ele parou seu carrinho de lixo na metade da extensão da Via Rasella e começou a varrer as pedras do pavimento com uma vassoura de rua. Olhou para o relógio: eram 14h15. Os soldados estavam atrasados. Talvez houvessem sido atrasados pela multidão que estava indo participar das celebrações fascistas que ocorreriam no auditório do Ministério das Corporações, que ficava ali próximo. Talvez a parada militar houvesse sido cancelada. Nesse caso, que faria com a bomba? Não a poderia deixar ali, mas para onde a levaria? Sentiu calor e estava grudando dentro de seu uniforme. Mais uma vez zecou a hora: 14h30. Começou a contar os segundos para sentir a duração de um minuto. Contou mais uma vez. Deu-se conta de que o tempo do relógio se movia lentamente: um minuto poderia parecer uma hora enquanto esperava para atacar um alvo. Seu relógio mostrava que já eram 14h40.



Carla finalmente escutou o som de homens em marcha se aproximando, o pisar de suas botas nas pedras abafando quase que completamente o ritmo das vozes que cantavam. A parada passou rapidamente por ela a caminho da Via Rasella. O faccioso que esperava na

esquina da rua ergueu seu boné. Era o sinal combinado.

Do outro lado, no início da rua, chegou um caminhão, cujo motorista começava a descarregar coisas com a ajuda do porteiro do prédio. Rosario gritou para que corressem, pois uma bomba estava prestes a explodir. Deixaram as coisas e o caminhão para trás e correram para dentro do prédio, enquanto ela acendia o detonador.

A fileira de soldados em marcha entrou na Via Rasella cantando — Rosario recordava mais tarde — “não na língua de Goethe, mas na de Hitler”. De dentro do sacco saíram o primeiro cheiro de fumaça acre e o estalo do detonador. Ela correu de volta para a outra rua, para estar em segurança na Via delle Quattro Fontane, uma das ruas principais. Houve uma explosão gigantesca e um vento violento. O caminhão virou de cabeça para baixo, e as coisas voaram pelos ares em forma de turbilhão. O vidro das janelas caiu por todos os lados, e as portas frontais foram arrancadas das dobradiças.

Havia corpos espalhados por todos os lados, mortos instantaneamente ou moribundos. As bombas de cano arremessadas das vielas dizimaram os que não haviam sido atingidos com a explosão inicial, que abriu uma cratera enorme e buracos muito grandes nas paredes. As pedras do pavimento voavam pelo ar. Incrivelmente, alguns dos soldados conseguiram se levantar, cambaleantes, e atirar na direção dos prédios, antes de desmoronar novamente por causa dos ferimentos causados pelos estilhaços das bombas. Havia dois civis entre os mortos, um menino de treze anos e um homem de meia-idade, que haviam saído de casa para ver o batalhão passar em marcha. A Décima primeira companhia da SS do regimento de Bolzano foi eliminada; tudo que se via eram partes desmembradas de corpos mergulhados em poças de sangue. O ataque levava só um minuto no relógio de pulso de Rosario. Junto com ele e Carla, todos os outros facciosos escaparam.



A explosão pôde ser ouvida em toda a Roma e também alcançou o Vaticano. No Palácio Apostólico, as pessoas correram para as janelas e olharam para o céu sem nuvens em busca de algum sinal de um bombardeiro. O céu estava vazio, e as sirenes de ataque aéreo não haviam tocado. No telhado de Santa Marta, Osborne e May se revezavam no uso dos binóculos do ministro para tentar identificar o local da explosão e ambos concordaram que parecia ter acontecido na área onde os fascistas estavam celebrando o aniversário de sua fundação.

A cerca de duzentos metros da Via Rasella, os convidados ao palanque do auditório corriam para seus carros para ir ao local da explosão. Entre eles estavam Dollmann e Möllhausen. A polícia já havia chegado com soldados, que colocavam os corpos lado a lado. O *Stadtkommandant* Mälzer, que estava almoçando com Kappler no Excelsior, chegou com dois caminhões de soldados da SS, que imediatamente começaram a derrubar as portas das casas e dos apartamentos para retirar seus ocupantes e alinhá-los ao longo

das paredes.

Mais tarde, Dollmann lembraria:

Mälzer estava fora de si; continuava a gritar: “Vingança! Vingança para meus pobres *Kameraden!*”. As pessoas alinhadas contra as paredes gritavam de pavor. Havia uma mulher com metade do corpo pendurada para fora da janela, morta pela rajada de uma submetralhadora. Mälzer corria para cima e para baixo pela rua dando gritos agudos e chorando, como se fosse um louco.

Möllhausen tentava acalmá-lo, enquanto Mälzer dizia, delirante, que ia explodir todas as casas da rua. O embaixador calmamente lhe disse que, com esse gesto, colocaria toda a cidade contra si.

Kappler, que havia acompanhado tudo em silêncio, teve uma conversa particular com Mälzer. O *Stadtkommandant* olhou para ele, seu rosto todo vermelho, seus olhos se movendo rapidamente da fileira de corpos para as pessoas aterrorizadas alinhadas contra as paredes. “Todos têm de ser mortos a tiros! Cada um deles”, berrou Mälzer. Kappler entendeu a loucura animalesca, emocionalmente descontrolada que alimentava a fúria de Mälzer, abastecida pela quantidade de bebida alcoólica que havia ingerido na hora do almoço. Mas o chefe da Gestapo aprendera que somente a lógica fria poderia resolver qualquer questão.

Matar a tiros as pessoas provavelmente inocentes da Via Rasella certamente resultaria na explosão de uma guerra de grandes dimensões nas ruas de Roma, e Mälzer não tinha recursos para controlar uma cidade enfurecida, que Kappler já suspeitava estar secretamente armada. Os romanos também teriam os soldados das forças aliadas para ajudá-los. Com as tropas enviadas por Wolff reduzidas em um terço e sua própria Gestapo sendo só uma pequena força, apesar da garantia de Pietro Caruso de que seus homens atirariam contra a população, Kappler acreditava que uma revolta seria bem-sucedida.

Mas, mesmo assim, ele sabia que teria de haver uma retaliação para satisfazer à sede de sangue de Mälzer. Algumas pessoas precisariam morrer — e a Gestapo tinha até um nome para isso: *Todeskandidaten*, “candidatos à morte”. O presídio Regina Coeli, o Forte Bravetta e as celas no quartel-general de Kappler na Via Tasso estavam todos cheios de pessoas que ou estavam esperando julgamento diante de uma corte militar alemã ou já haviam sido condenadas à morte. Entre eles, judeus que haviam conseguido escapar da caçada antes de ser presos. Seriam usados para atender aos desejos dele.

Kappler acreditava que a execução de prisioneiros não provocaria uma revolta e disse ao *Stadtkommandant* que os romanos entenderiam a necessidade de uma mão forte contra os criminosos. O chefe da Gestapo retirou Mälzer do local da carnificina na Via Rasella, colocando-o em seu carro e levando-o para o quartel-general de Kappler.



Depois que foram embora, Möllhausen ordenou que Caruso liberasse os civis alinhados contra as paredes, permitindo que voltassem a suas casas. Então, o embaixador levou Dollmann de carro para a embaixada alemã. Concordaram que haveria retaliações, mas Dollmann sugeriu que poderiam ser contidas se o Vaticano se envolvesse. Disse ao embaixador que contaria ao bispo Hudal o que havia acontecido e proporia que, antes de os corpos serem levados de volta para a Alemanha, houvesse um ofício religioso adequado na basílica mais próxima à Via Rasella, a de São João de Latrão. O papa, em sua condição de bispo de Roma, e Kesselring poderiam usar a oportunidade para clamar por paz e apelar à Resistência para que interrompesse seus ataques.

Hudal saudou a ideia e disse que a transmitiria ao padre Pfeiffer, o homem de contato do papa com o alto-comando alemão. Não há registros para saber se ele procedeu dessa maneira.



No início da noite, as tentativas de Maglione de descobrir o que acontecera ainda não haviam produzido resultados. Os padres das paróquias na área da explosão não haviam recebido permissão dos soldados para ir até o local. Havia rumores de que ocorreria uma tentativa de ataque a um depósito de munições, ou que um veículo de transporte de armas destinado à frente de batalha teria explodido.

O caminho de volta para o convento levou irmã Luke próximo o suficiente da Via Rasella; ela soube que trinta e dois soldados haviam sido mortos; e outros vinte, gravemente feridos; praticamente todos os integrantes da parada militar haviam sido atingidos. A freira escreveu em seu diário: “Ninguém sabe quais serão as consequências disso nem quais retaliações horrorosas se seguirão”.

Enquanto isto, Mälzer estava ocupado tentando obter o apoio para as retaliações que queria. Ligou para o quartel-general de Kesselring e soube que ele estava na frente de batalha. Contudo, quando o chefe de operações do marechal de campo soube o que havia acontecido, imediatamente ligou para o quartel-general de Hitler na Prússia Oriental. Trinta minutos depois, foi feita a ligação de retorno. Hitler ordenou que, para cada soldado morto, trinta italianos fossem assassinados a tiros.

Kappler, então, falou com o general Wolff e disse que seguramente o número causaria uma revolta. Propôs que fosse reduzido para dez retaliações para cada morto. Em uma hora, Wolff ligou novamente; havia falado com o *Führer* e houve consenso quanto ao número de pessoas a serem mortas. Hitler exigiu que as execuções fossem completadas dentro de vinte e quatro horas.

Na noite de 23 para 24 de março, Kappler e seu assistente, Erich Priebke,

Hauptsturmführer da SS, tinham verificado o que este último mais tarde chamou de “cada fonte possível para obter prisioneiros em número suficiente”. Durante a madrugada, recebeu a informação de que o número de soldados mortos aumentara para trinta e três, e, em consequência disso, teriam de achar 330 homens, segundo Kappler, “dignos de morte”.

Durante a noite, Möllhausen o havia encontrado sentado à escrivaninha, checando a quantidade de nomes em sua lista. O embaixador relembrou mais tarde a cena: “Eu lhe disse que, se estivesse em seu lugar, estaria com minha consciência abalada. Ele me disse que, para cada nome que acrescentava à lista, pensava três vezes”.

O número finalmente foi fechado, composto de 258 prisioneiros políticos e setenta e sete judeus. Muitos deles haviam caído na armadilha de Celeste di Porto, alguns havia pouco tempo, depois de terem conseguido escapar da caçada no gueto. Um nome da lista de Kappler substituiu o do irmão de Celeste, que estava detido sob a acusação de arrombamento. Ele persuadira Kappler a libertá-lo.

Entre os prisioneiros políticos, havia advogados, médicos e contadores. Embora alguns fossem membros da Resistência, nenhum deles havia participado dos preparativos ou da execução do ataque na Via Rasella. Entre eles, havia quatro italianos já condenados à morte e dezessete que pagavam longas sentenças. O grupo político também incluía soldados italianos que aguardavam julgamento por se recusarem a ingressar no exército alemão. Prisioneiros de outros presídios de Roma completariam o número; não havia registros contra eles especificando quais crimes haviam cometido. Os judeus eram simplesmente listados como *Jude*.

A lista dos 335 reféns que precisariam morrer estava finalizada na alvorada de quinta-feira.



Depois do café da manhã, Kappler se ocupou de traçar as regras para as execuções. Já que a maior parte do esquadrão de execução era composta de sessenta e dois suboficiais e oficiais que nunca haviam matado ninguém antes, ordenou que várias caixas de conhaque fossem levadas ao local da execução, a fim de acalmar seus nervos. Eles seriam informados de que deveriam ver as execuções como “uma necessidade simbólica”. O massacre seria realizado em grupos de cinco. Cada prisioneiro, ajoelhado de costas, levaria um tiro na nuca. Seriam providenciadas pistolas para os que normalmente não portassem uma. Caso alguém se recusasse a executar suas obrigações, também seria assassinado a tiros. O massacre seria feito nas Cavernas de Ardeatinas, na Via Ápia, próximo de onde, segundo a lenda, o apóstolo Pedro teve uma visão de Jesus. O massacre estava sob o comando do capitão Karl Hass, um homem de baixa estatura e vesgo que apresentava uma erupção cutânea. Priebke, *Hauptsturmführer* da SS, manteria um registro para se assegurar de que a quantidade de assassinados estivesse em consonância com a

lista de Kappler.



No início da quinta-feira, o papa já conhecia todos os detalhes do atentado a bomba na Via Rasella. O príncipe Filippo Doria Pamphilj havia ligado para o padre Leiber com as informações que haviam sido providenciadas por Ivanoe Bonomi, chefe do conselho militar. O papa disse a seu secretário que queria uma reunião imediata com Maglione e o conde Dalla Torre, editor do *L'Osservatore Romano*.

Ambos chegaram com mais notícias, dizendo que a retaliação ocorreria naquele mesmo dia. A tentativa do secretário de Estado de entrar em contato com o embaixador Weizsäcker para solicitar que intervisse nas execuções não havia dado certo; tanto Kesselring quanto Wolff haviam dito que não poderiam ir contra as ordens de Hitler. O padre Pfeiffer não havia conseguido fazer contato com o general Mälzer, seu colega de escola na infância. O bispo Hudal disse que não havia conseguido falar com Dollmann. O experiente secretário de Estado disse que tudo apontava para uma situação séria, na qual ninguém queria que a Santa Sé se envolvesse.

O papa se dirigiu ao editor e disse-lhe que queria ver publicada uma *Carità Civile* no jornal daquela mesma tarde. Tratava-se de um editorial raramente usado e sempre publicado na primeira página do jornal. Os leitores entenderiam que o texto representava a opinião do papa.

Em velocidade de ditado, Dalla Torre anotou as palavras do papa e correu de volta para o escritório.

Nós evocamos que em outras ocasiões abordamos os momentos mais graves pelos quais o país está passando. Agora, durante estas horas inquietas, dirigimo-nos especificamente a Roma.

Nosso apelo é feito ao coração honesto das pessoas que tão admiravelmente demonstraram seu espírito de sacrifício e profundo senso de dignidade. Não permitam que os ímpetos de violência abalem essa atitude, que é *tão digna das virtudes* de nosso povo. Qualquer ato imponderado não terá outro resultado senão ferir muitas pessoas inocentes, já tão cansadas pela angústia e as privações.

Todos aqueles que estão incumbidos de manter a ordem pública têm a tarefa de assegurar que ela não seja perturbada por atitudes de qualquer natureza que possam, por si mesmas, ser usadas como motivos para reações que causariam uma série indefinível de conflitos penosos; aqueles que puderem e

souberem como efetivamente influenciar a mente da coletividade de cidadãos, sobretudo o clero, têm a alta missão de persuasão, pacificação e consolação.

Dalla Torre recebeu ordens de se assegurar de que a *Carità Civile* do papa chegasse às mãos do alto-comando alemão assim que o jornal fosse impresso.



Quando o primeiro caminhão chegou às cavernas, no meio da tarde, vários algozes já estavam bêbados; levaram os prisioneiros condenados para dentro das cavernas. Entre eles estava o padre Pappagallo com seus paramentos e sandálias. Quando recebeu ordens de se ajoelhar, foi em direção à própria morte gritando “Pai, abençoai-nos”.

No final da primeira hora, aqueles que estavam prestes a morrer tiveram de se ajoelhar diante dos corpos dos que já haviam sido executados. Apesar de continuarem a consumir álcool, alguns dos alemães ainda estavam horrorizados com a carnificina. Um oficial que se recusou a atirar foi forçado a fazê-lo sob a mira do revólver de Hass. Alguns crânios das vítimas se dilaceravam, pedaços de cérebro respingavam nas paredes da caverna. Eram 8 horas da noite daquela quinta-feira quando o último prisioneiro foi assassinado a tiros. O plano havia sido executado dentro do limite de vinte e quatro horas estabelecido por Hitler.

Kappler, que presenciou os últimos assassinatos, ordenou que os corpos fossem amontoados em pilhas de um metro de altura e que esperassem que os engenheiros da *Wehrmacht* selassem as cavernas com explosivos, a fim de esconder a atrocidade.

Mälzer emitiu um comunicado oficial na agência de notícias fascista:

Na tarde de 23 de março de 1944, elementos criminosos executaram um ataque a bomba contra uma coluna da polícia alemã em trânsito pela Via Rasella. Como resultado dessa emboscada, trinta e dois homens da polícia alemã foram mortos; e vários, feridos.

A emboscada abominável foi executada por *communist-badogliani*. Uma investigação ainda está em andamento para esclarecer até que ponto esse ato criminoso é atribuível ao incitamento anglo-americano.

O comandante alemão decidiu acabar com as atividades desses bandidos abomináveis. Não será permitido que ninguém sabote impunemente a recém-firmada cooperação italo-germânica. Por essa razão, o comando alemão ordenou que, para cada alemão morto, dez *communist-badogliani* sejam mortos a tiros. Essa ordem já foi executada.



Erich Priebke e Karl Hass, que comandaram conjuntamente as execuções nas cavernas, mais tarde admitiram que cada um deles teria matado dois prisioneiros a tiros.

Em meio ao caos do pós-guerra na Europa, Priebke conseguiu obter um passaporte falso e foi viver na Argentina; alegar-se-ia, mais tarde, que o documento havia sido providenciado pela organização Odessa, estabelecida pelo bispo Hudal. Em 1996, depois de ser exposto por um programa de um canal de televisão dos EUA, Priebke foi extraditado para a Itália. Um primeiro julgamento rejeitou a condenação, porque um juiz disse que “o acusado estava apenas seguindo ordens”. Um segundo julgamento o sentenciou a quinze anos, mas a sentença foi reduzida em dez anos, baseada na anistia do governo italiano, que já estava em vigor havia muito tempo. No fim das contas, cumpriu seis meses de reclusão.

Hass viveu na Suíça antes de enfrentar um julgamento em 1966, depois de ser extraditado para a Itália. Condenado, foi sentenciado a dez anos e oito meses de detenção, mas o período de reclusão foi suspenso, e ele não teve de ficar preso.

Celeste di Porto — a menina que costumava empurrar um carrinho de mão com roupas usadas ao lado de seu pai e que acabou sendo uma das amantes do líder dos Panteras Negras — deixou Roma, sabendo que era uma mulher caçada pela Resistência. Quando Roma foi libertada, seu pai foi até um posto de polícia e pediu que fosse preso para pagar pena em nome de sua filha e salvar a honra da família. Ele foi mandado embora; ele e sua mulher pegaram o carrinho de mão, caminharam em direção à zona rural e nunca mais se ouviu falar deles. Durante a libertação da Itália, Celeste foi reconhecida por um judeu veterano do exército italiano em um bordel de Nápoles, onde estava trabalhando. Ela foi detida e levada para Roma. Teve de se submeter a um julgamento em 1945 e foi sentenciada a doze anos de detenção. Recebeu a liberdade depois de sete anos, devido a uma anistia, e se tornou católico-romana. Faleceu em 1981.



Mas ela nunca foi esquecida. Ainda rabiscadas na parede de uma cela do presídio Regina Coeli estão as palavras escritas naquela sexta-feira, 24 de março de 1944: “Se eu nunca mais puder ver minha família novamente, é tudo culpa de Celeste di Porto. Vinguem-me”.



anãnncio da agência de notícias do *Stadtkommandant Mälzer* caiu nas mãos do escritório da Rádio Vaticano, do *L'Osservatore Romano* e também dos periódicos de Roma. Repetidas vezes o editor do *Il Messaggero*, Bruno Spampanato, fixava seus olhos nas frases “trinta e dois mortos”, “para cada alemão morto, dez criminosos comunistas mortos a tiros” e “a ordem já foi executada”.

Era uma história que não só justificava toda uma primeira página, mas também uma edição especial. Mas Spampanato decidiu que esperaria para ver o comentário, se houvesse algum, do *L'Osservatore Romano*. Uma decisão parecida foi tomada por outros editores de jornais fascistas.

A agência de notícias continuava a chocar o conde Dalla Torre. Ele falou com o padre Nassalli Rocca, que ouvia as confissões no presídido Regina Coeli, e este lhe disse que vários guardas haviam confirmado que o presídido havia sido esvaziado, que não restara nenhum prisioneiro.

“Centenas de romanos como o papa — católicos e judeus — para os quais ele tinha dever de cuidado pastoral — haviam sido mortos”, Rocca se lembrava de ter ouvido.

Depois de falar com Dalla Torre, o padre solicitou uma audiência urgente com o papa.

O Santo Padre estava sozinho e, quando relatei o que havia ouvido no presídido, ele ergueu ambas as mãos, abaixando a cabeça em um gesto de perplexidade e dor, e chorou. “O que o senhor está me dizendo? Não pode ser verdade!” Estava claro para mim que ele não sabia de nada do que havia acontecido.

Ele convidou a acompanhá-lo até sua capela privada para orarem pelas almas dos mortos. Era a primeira de uma série de orações que Pio ofereceria. Depois disso, pediu que o padre retornasse ao presídido para obter a maior quantidade possível de evidências: nomes dos prisioneiros executados, os crimes pelos quais estavam detidos e, acima de tudo, onde as execuções haviam ocorrido.



No dia das execuções nas Cavernas Ardeatinas, o número de judeus abrigados no

Vaticano havia aumentado para 477. Outros 4.238 haviam encontrado refúgio nos mosteiros e conventos de Roma. Anos mais tarde, durante o julgamento de Adolf Eichmann, ocorrido em Jerusalém, o procurador-geral de Israel, Gideon Hausner, declarou que, quando o papa soube da carnificina nas Cavernas Ardeatinas, continuou a fazer tudo que podia para ajudar os judeus.



Ao meio-dia do sábado, dia 25 de março, Carla Capponi estava do lado de fora dos escritórios do *Il Messaggero*, a tintura preta de seus cabelos já eliminada pelas lavagens, de volta à cor clara, esperando que a edição daquele dia fosse postada por trás dos quadros de vidro, o que permitia aos leitores a leitura gratuita. Rosario estava com ela, mais um em meio à multidão crescente.

Na primeira página, estava estampado o comunicado oficial de Mälzer. Carla ficou enraizada naquele lugar, transfixada com cada palavra. Uma vida toda mais tarde, depois de ter se casado com Rosario, se tornado uma integrante do parlamento italiano e recebido a mais alta condecoração da Itália, a *Medaglia d'oro* por bravura militar, ela se lembraria de cada palavra da sua reação com o que lera:

Era como se a cidade inteira houvesse caído sobre nós, esmagando-nos em agonia, tão horrível quanto a longa espera que levou até ela. Houve um comunicado oficial, e, depois disso, nada mais. Nenhum comentário, nenhuma explicação sobre a forma ou o local onde haviam sido executados. Nenhuma palavra sobre quem haviam matado. Os homens foram escolhidos entre os que estavam em presídios ou entre os detidos durante as caçadas nos dias imediatamente anteriores a nosso ataque? Nada de nomes, nem mesmo sobre o tipo de pessoas que eram, escolhidas para o que eu imediatamente soube que não era uma execução, e sim um verdadeiro massacre.

A primeira reação de Rosario foi querer uma vingança.

“Matar, para lhes mostrar que a Resistência estava intacta, estava mais determinada que nunca. Agora entendo, de uma forma como nunca havia conseguido antes, o quão brutal era o inimigo que enfrentávamos.”

O casal foi embora, abrindo espaço por entre a aglomeração de pessoas que liam a mensagem, muitos já em lágrimas, outros gritando, querendo saber onde estavam os corpos. Alguns que foram à sede da polícia foram mandados para o quartel-general da Gestapo, na Via Tasso. Dispensados, foram até o quartel-general de Mälzer, na Corso d'Italia. Encontraram o local cercado por tropas da SS prontas para lidar com qualquer ataque da Resistência.

Em pouco tempo, por meio do boca a boca, os nomes dos mortos começavam a

aparecer. Um guarda do Regina Coeli compilou uma lista, retirou-a ilegalmente e levou-a às pessoas que esperavam do lado de fora do presídio. Os últimos dias de março passaram em meio a tensões. Agora, os nomes dos mortos eram conhecidos em toda a cidade, e as pessoas, agoniadas e aflitas, colocaram buquês de flores em todas as ruas. A Rádio Roma advertira que uma repetição do que ocorrera na Via Rasella levaria a retaliações ainda mais severas.



No domingo, dia 2 de abril, início do horário de verão italiano, o papa recebeu a informação de que o mais recente apelo ao marechal de campo Kesselring para salvar a vida do jovem padre Giuseppe Morosini não havia dado certo. Ele foi executado naquela manhã, acusado de ajudar os facciosos.

Quando recebeu a informação de que sua morte ocorreria em poucas horas, padre Giuseppe perguntou a padre Rocca se podia lhe tomar a confissão e providenciar a celebração de uma missa na capela do presídio. O superintendente do presídio ligou para o Vaticano e perguntou se desejava ter alguém presente; o papa pediu que monsenhor Traglia, vice-regente da Santa Sé em Roma, participasse da missa e ficasse com Morosini até o final. Sentaram-se lado a lado no furgão que os levou até o Forte Bravetta. Somente quando já estavam no pátio de execuções, o guarda do presídio retirou as algemas do padre.

Traglia lembrou:

Ele pediu que eu agradecesse ao Santo Padre pelos esforços em seu nome e que dissesse que oferecia sua vida a ele. Antes que lhe vendassem os olhos, beijou seu crucifixo, abençoou o pelotão de soldados que o deveriam matar e publicamente perdeu o homem que o denunciara. Possivelmente pelo fato de os executores estarem comovidos com seu heroísmo silencioso, ele não foi morto pela saraivada de balas; caiu no chão ferido, mas consciente. Apелou para que lhe fosse dada a extrema-unção, que eu administrei imediatamente. Então, o oficial que comandava o pelotão pegou seu revólver e deu-lhe um tiro na base do crânio.



Ao longo de abril e maio adentro, o estado de espírito, assim como o tempo, mudou em Roma. Na Sexta-Feira Santa, um dia ensolarado, O'Flaherty soube que dois dos colaboradores da rede haviam sido detidos e estavam no presídio Regina Coeli. No domingo de Páscoa, Mälzer ordenou que se fizesse um show musical do lado de fora de

seu quartel-general. Em meio à multidão que se reuniu, estava irmã Luke, que anotou em seu diário: “Não há nenhuma dúvida de que nasceram músicos. Que bom seria se só se dedicassem a fazer música, em vez de guerra”.

Durante as orações especiais da metade de abril, o papa ordenou que as preces pelo descanso eterno das almas das vítimas assassinadas nas Cavernas Ardeatinas prosseguissem em cada basílica e igreja da cidade. Na sexta-feira, dia 21 de abril, as sirenes mais uma vez tocaram em toda a cidade, mas nenhuma bomba foi jogada, não aumentando o número de 2.437 edifícios já danificados ou destruídos por ataques aéreos.

Dentro da Resistência, ocorreu uma divisão por causa das operações na Via Rasella. Alguns achavam que o preço pago por ela era alto demais. Outros argumentavam que era importante mais uma operação. O alvo proposto seria o caminhão que levava a troca de guarda do presídio Regina Coeli. O plano de ataque foi abandonado pelo conselho militar por causa do risco de matar civis. Todavia, facciosos individualmente continuavam a escolher alvos ocasionais, matando um policial ou um soldado em patrulha.

Os alemães receberam certo consolo da unidade de escutas instalada na central telefônica. Pela primeira vez, os romanos começavam a criticar a Resistência; os controladores passavam adiante qualquer palavra que pudesse ser usada contra os facciosos; as informações eram enviadas aos jornais fascistas para que as publicassem.

As relações do Vaticano com o alto-comando alemão pioraram ainda mais quando o secretário de Estado, Maglione, se queixou porque os alemães haviam pintado alguns de seus caminhões e furgões com as cores do Vaticano, a fim de evitar ataques de aviões das forças aliadas. O protesto foi ignorado por Mälzer. A falta de alimentos aumentava continuamente. Dizia-se que a farinha era adulterada. O papa decidiu enviar uma frota de caminhões pesados com reboques para Úmbria e Toscana para comprar alimentos. Quando os caminhões retornaram, entraram no Vaticano, e, sob o controle de freiras e padres, os suprimentos foram levados a conventos, mosteiros e hospitais. Medicamentos essenciais para tratar alguns dos “pacientes” com Síndrome de K no Fatebenefratelli e nos outros hospitais chegaram junto com os alimentos.



Cada vez mais os detidos pela Gestapo deixavam de ter a duvidosa chance de ser julgados por uma corte militar. Em vez disso, eram torturados no quartel-general de Kappler. Aqueles “obrigados a falar a todo custo” eram levados a uma sala separada, onde havia cordas penduradas no teto. As vítimas eram mantidas lá até confessarem tudo e, depois, eram estranguladas ou enforcadas. Kappler também criou sua rede de *V-men* — *Vertrauensmann*, “homem de confiança”. Sempre se tratava de alguém que já estivesse em uma posição de autoridade: um professor ou um homem de negócios que estivesse em uma posição na qual pudesse espionar e repassar informações sobre sua comunidade em troca de alimentos ou outros privilégios.



A cada amanhecer dos últimos dias de maio, D'Arcy Osborne, John May e Sam Derry seguiam pelos jardins do Vaticano em direção a seu ponto de observação nos muros para escrutinar os espaços visíveis de terras em todas as direções. Os sons da batalha estavam chegando mais perto.

“Só mais algumas semanas e nosso pessoal estará aqui”, disse Derry.

Ao norte da cidade, podiam ver as primeiras colunas alemãs em retirada na direção norte.

No dia 1.º de junho, a Rádio Vaticano anunciou que as forças aliadas haviam dito que, assim que chegassem, priorizariam levar alimentos a Roma.

Naquele final de tarde, Sam Derry e John May se encontraram com O'Flaherty para discutir a questão dos fugitivos e dos refugiados judeus. Sua preocupação era que pudessem sair dos esconderijos e/ou fugir para se juntar às forças aliadas ou ingressar na Resistência. O'Flaherty disse que mandaria uma ordem, a ser repassada para a rede, pedindo a todos que permanecessem em seus esconderijos.



Zolli, o rabino-mor, tornara-se uma figura familiar dentro do Vaticano. Juntava-se aos outros judeus nos salões de refeições que Pio mandara montar para eles. Zolli conduzia as orações e, a seguir, as discussões. Durante a noite, atualizava seu diário. Depois de se encontrar com o papa, Zolli escreveu:

As pessoas o acusarão por causa do silêncio do mundo em face aos crimes nazistas. A verdade é que ele assegurou que o Vaticano sempre ajudará os judeus, e deveríamos ser gratos por isso. Sei que muitos padres morreram em campos de concentração por atenderem a seu pedido de manter os judeus a salvo.

Para Zolli, o tempo que passou no Vaticano “saciu minha fome física com alimento espiritual”. Naqueles meses de refúgio, o rabino formou sua própria opinião sobre o papa, chamando-o de “meu pastor que viu o abismo de infortúnios em direção ao qual a humanidade está avançando”.

Do lado de fora do Vaticano, as pessoas que Zolli havia abandonado aguardavam na esperança de que em breve fossem afastadas do abismo.



Naquela sexta-feira de manhã, dia 4 de junho, com o barulho das armas cada vez mais próximo como pano de fundo, o papa recebeu os cardeais que foram lhe apresentar seus bons votos no dia de seu santo. O papa disse a eles que tinha a intenção de fazer uma transmissão radiofônica para o mundo e convidou-os a ficar e ouvir. Sentado na frente de um microfone em seu gabinete, Pio proclamou pela Rádio Vaticano: “Aquele que erguer sua mão contra Roma será considerado culpado de matricídio perante o mundo civilizado e o juízo eterno de Deus”.

Naquela noite, Pascalina estava junto com outras pessoas no Palácio Apostólico; ficaram no terraço olhando a cidade. “Estava vermelha, como se houvessem derramado sangue sobre a cidade. Os tiros já não pareciam mais trovoadas distantes. Era um barulho intenso como nenhum outro”, observaria ela.

Durante as últimas semanas, ela havia percebido que o papa parecia mais magro e mais frágil, e ela própria se tornara uma freira ainda mais vigilante, mantendo as pessoas o mais distante possível para que ele pudesse tentar descansar.

Ela cozinhava e lhe servia as refeições e se sentava à mesa enquanto o canário de estimação voava pela sala de jantar. Percebeu que as freiras nas mãos do papa pareciam ter piorado e lembrou-lhe de passar a pomada que seu médico havia prescrito. Seus soluços também haviam voltado; agora os ataques eram mais frequentes. Ela se perguntava se o estresse era a causa. Mais de uma vez ela confidenciara a seu diário o desejo de que pudessem ir a Castel Gandolfo, como faziam todo verão, mas a guerra tornara a viagem até lá perigosa demais. Ela estava determinada, assim que as forças aliadas chegassem, a insistir para que ele fosse até lá fazer um retiro e respirar ar puro, e não o cheiro acre que chegava de Roma.



Na noite de sábado, Ernst von Weizsäcker dirigiu pelas ruas perigosas que levavam ao Vaticano para cumprir um compromisso que havia marcado com Maglione. Queria solicitar asilo político para sua esposa e funcionários sob o Tratado de Latrão.

O secretário de Estado lhe explicou que não havia acomodação disponível enquanto os diplomatas das forças aliadas não fossem embora. Maglione sugeriu que a solução seria Weizsäcker retornar a Berlim. O embaixador, normalmente calmo, demonstrou medo. Ele sabia que sua missão secreta, que tentava envolver o papa no plano do almirante Canaris de derrubar Hitler, já havia falhado; era só uma questão de tempo até que seu papel fosse descoberto, e ele decididamente teria de enfrentar a morte. Mälzer poderia receber ordens de matá-lo.

Weizsäcker implorou dizendo que devia haver algum espaço, tendo em vista todos os refugiados judeus a quem também haviam dado abrigo. A resposta de Maglione encerrou a discussão. Weizsäcker teria de entender que os judeus só se sentiriam seguros quando as forças aliadas chegassem. Uma vez que assumissem o controle da cidade,

assegurava que os diplomatas das forças aliadas sairiam de Santa Marta. Então, Weizsäcker obviamente receberia asilo político, junto com os outros diplomatas do Eixo acreditados junto à Santa Sé.

O embaixador agradeceu e foi de carro para o hospital militar alemão, nos subúrbios da cidade, onde Marianne, sua esposa alta e elegante, ajudava as freiras a tratar dos vários jovens soldados alemães feridos. Os médicos haviam partido com as últimas ambulâncias para se juntar aos comboios intermináveis de caminhões, carros e carroças puxadas por bois, que também levavam soldados amedrontados que batiam em retirada antes do avanço do Quinto Exército dos EUA do general Mark Clark.

No hospital, Weizsäcker começou a trabalhar junto com sua esposa para cuidar dos feridos.



À meia-noite daquele mesmo sábado, Kappler estava em seu quartel-general, assim como alguns prisioneiros nas celas. Ainda não havia decidido o que fazer com eles. No dia anterior, mandara sua esposa, Leonore, e seu filho para fora de Roma em um carro oficial. Sua amante, Helen Brouwer, insistira em ficar com ele. Contudo, Mälzer ordenara que todas as mulheres da SS deixassem Roma, e Helen estava entre elas no caminhão que deixara Roma no sábado à tarde.

Kappler decidira dormir em seu escritório. Nas primeiras horas da manhã, foi acordado de forma abrupta, olhos fixos no cano do rifle de um dos integrantes das equipes britânicas de reconhecimento, que haviam subido a Via Ápia e entrado na cidade. A Via Tasso também estava em sua lista de objetivos. Encontraram os prisioneiros no porão e arrastaram Kappler à força para as celas, ordenando que as destrancasse. Antes que os prisioneiros pudessem atacar o chefe da Gestapo, ele foi levado e jogado dentro do caminhão da equipe. Seria o primeiro membro do alto-comando alemão a ser capturado.



Na manhã de domingo, dia 4 de junho, Pascalina estava entre os que acordaram no Palácio Apostólico por causa do barulho de um bombardeiro solitário que voava baixo sobre o Vaticano e por cima de toda a cidade. De seu compartimento de bombas choveu papel, caindo em todos os lugares, inclusive na praça São Pedro. Ela correu até a *piazza*, juntando-se aos outros que já apanhavam os folhetos. Pascalina encheu a mão e retornou para o apartamento papal. Depois de distribuí-los aos empregados da equipe doméstica, levou um exemplar para o papa. Juntos, leram-no:

Cidadãos de Roma. Agora não é hora para manifestações públicas. Obedeçam

a estas instruções e continuem com seu trabalho normalmente. Roma pertence a vocês! O trabalho de vocês é salvar a cidade. O nosso é destruir o inimigo.

Seguia-se uma lista com instruções. As barreiras e as obstruções deveriam ser removidas das ruas. A presença de minas dos inimigos e de materiais de guerra deveria ser informada às patrulhas das forças aliadas. As estradas de ferro e todos os serviços públicos de transporte, junto com as centrais de telefone e telégrafo, as estações de transmissão de programas de rádio e outras linhas de comunicação deveriam ser protegidas.

“É vital para as forças aliadas que as tropas possam passar por Roma sem enfrentar obstáculos, a fim de completar a destruição do exército alemão, que está se retirando na direção norte.”

No início da tarde, praticamente na mesma hora em que se completavam 270 dias da ocupação da cidade pelos alemães, Roma estava nas mãos das forças americanas e britânicas do Quinto Exército do general Clark



No dia 8 de junho de 1944, os enormes portões do gueto se abriram pela primeira vez desde que haviam sido fechados na véspera da caça aos judeus. Naquele mesmo início de noite, houve um serviço religioso para celebrar a liberdade. Mas mais de mil jamais retornariam de Auschwitz, nunca mais participariam de um culto em seu templo.

Foa, Almansi, Rosina e seu irmão, Settimio, estavam entre os que saíram de seus esconderijos. A primeira tarefa de Foa havia sido ir ao porão com Almansi para recuperar os preciosos pratos e taças de ouro de dentro do tanque da água benta usada para os rituais de batismo do templo. Rosina circulou pelo ambiente para acender as luzes da sinagoga antes de se dirigir à biblioteca vazia e começar a tirar a poeira das prateleiras vazias. Settimio fez um levantamento para descobrir quais membros da *giunta* haviam sobrevivido.

Nas ruas do gueto, assim como em todas as outras partes da cidade, as tropas portavam flores nos canos de suas armas e uma redinha por cima de seus capacetes. As multidões aplaudiam a cada passagem de um tanque ou um jipe. Ninguém se lembrava de como era rir desde o começo da guerra.

As casas começavam a ser reocupadas à medida que seus proprietários retornavam. Com eles, traziam a disposição de acertar contas pela caçada e o Massacre das Cavernas Ardeatinas. Formou-se um grupo de homens, que marchou para o presídio Regina Coeli, exigindo autorização para cuidar dos fascistas e alemães ali detidos. A polícia militar das forças aliadas disse ao grupo que os inocentes seriam libertados, mas que todos os outros seriam submetidos a interrogatórios. Em outras partes, mais grupos procuravam por colaboradores.

Os judeus começaram a sair do Vaticano, carregando as bolsas e malas com as quais haviam entrado na cidade-Estado. Em toda a cidade, centenas de outros conventos, mosteiros e abrigos abriam suas portas para que seus hóspedes pudessem sair.

Entre eles, estava o rabino-mor Zolli e sua família. Havia sido levados do Vaticano em um carro dirigido pelo padre Weber até a casa dos palotinos, onde discutiram os planos do rabino. Zolli disse que tinha a intenção de voltar a assumir seu papel de rabino-mor de Roma, mas que precisaria de tempo para decidir.



Zolli não participou da celebração na sinagoga naquela noite.

Sua ausência gerou raiva e amargura. Martin Stern, um correspondente americano do *The New York Times*, entrevistou Foa, que disse: “Esse homem abandonou seu povo quando mais o necessitava. Ele não é mais nosso rabino”.

O diligente Stern conseguiu encontrar Zolli, que justificou sua decisão de ir para um esconderijo. “Foa sabe que meu nome estava no topo da lista da Gestapo de pessoas que deveriam ser liquidadas. Morto, que serventia eu teria para meu povo?”

Em seu discurso feito na sinagoga lotada, Foa disse que Zolli não só havia abandonado os fiéis, como também havia falhado ao não salvar os objetos sagrados e os tesouros culturais da sinagoga. “Ele só estava preocupado com sua segurança pessoal, mas ainda não visitou o gueto, muito menos se preocupou em perguntar sobre seus congregados que sobreviveram”, disse.



O general Clark havia nomeado o coronel Charles Poletti como comissário regional das forças aliadas em Roma, junto com o capitão Maurice Neufeld, um judeu, como seu assistente com “responsabilidade especial pelos judeus de Roma”.

Zolli se encontrou com os dois oficiais. Com seus paramentos e chapéu, representava uma figura imponente e, já sabendo dos ataques de Foa lançados contra si, não perdeu tempo em se defender, dizendo o quão triste estava por ainda restar dentro da comunidade “um pequeno grupo de fascistas judeus, liderados por Foa”.

Concluiu com as seguintes palavras: “Sou um homem velho e de nte. Mas eu morreria por minha comunidade”. Neufeld se lembraria mais tarde de como Zolli, muito próximo às lágrimas, olhara para os dois oficiais.

Poletti se voltou para Neufeld e perguntou o que deveriam fazer. Ele sugeriu que se dissolvesse a *giunta* do gueto e se realizasse uma eleição para eleger novos membros. Todos os fascistas conhecidos deveriam ser impedidos de fazer parte do comitê, e Foa deveria ser informado de que Zolli teria de permanecer no cargo.

O rabino expressou sua satisfação. Disse que teria mais um pedido. Exigiu seu salário, pago pela comunidade, para cobrir seu tempo de ausência no esconderijo.

Poletti pediu a Neufeld que cuidasse do assunto, “para que o rabino deles saia daqui completamente satisfeito”.

As notícias de que Zolli deveria permanecer como rabino-mor levaram a um conflito cada vez mais destrutivo entre ele e a comunidade.

No Yom Kippur, Dia do Perdão, celebração mais sagrada dos judeus, Zolli teve uma visão mística durante o serviço religioso.

Eu me senti tão distante do ritual que deixei que outros recitassem as orações. Não tinha consciência nem do regozijo nem da tristeza. Estava dividido em pensamentos e sentimentos. Meu coração parecia morto em meu peito. E foi nesse momento que vi, com os olhos de minha mente, um campo que se estendia para cima, com um gramado radiante, mas sem flores. Naquele campo, vi Jesus Cristo coberto por um manto branco e, atrás de sua cabeça, o céu azul. Vivenciei a mais fantástica paz interior.

Zolli decidiu que ele havia sido chamado para receber instrução católica enquanto era rabino-mor, decidindo sobre casos de divórcios, celebrando casamentos e oficiando funerais. No dia 1.º de fevereiro de 1945 — com seu salário referente ao tempo na clandestinidade finalmente assegurado —, renunciou. Dezesesseis dias mais tarde, recebeu o sacramento do batismo na basílica de Santa Maria dos Anjos e se tornou católico. Mudou seu primeiro nome de Israel para “Eugenio”, nome de batismo do papa Pio XII. A cerimônia teve muita publicidade.

O convertido de rosto macilento saiu da igreja para relatar a um repórter que esperava: “Continuo mantendo inalterado meu amor pelo povo de Israel e meu sofrimento por tudo que se abateu sobre eles. Jamais deixarei de amar os judeus. Eu não os abandonei ao me tornar católico”.

Zolli assumiu seu novo cargo como bibliotecário do Pontifício Instituto Bíblico.

Sua conversão causou revolta em círculos religiosos judaicos. De uma hora para a outra, o antes venerado e culto rabino tornou-se um herege. A sinagoga de Roma proclamou um período de jejum de expiação pela deserção de Zolli e ficou de luto como se houvesse morrido, e ao mesmo tempo denunciaram-no como *Meshumad* — um apóstata, destruído por Deus — e o excomungaram.

A ordem de excomunhão determinava:

Por meio desta, todos estão advertidos de que não devem conversar com ele, tanto com o uso de palavras faladas quanto escritas. Ninguém tem a permissão de lhe prestar qualquer serviço, ninguém deve viver com ele sob o mesmo teto; ninguém deve se aproximar mais de quatro côvados dele e ninguém

deverá ler quaisquer documentos ditados por ele ou escritos por sua mão.

No início de 1956, Zolli contraiu broncopneumonia e foi hospitalizado. Na sexta-feira, dia 2 de março, recebeu a santa eucaristia, entrou em coma e faleceu. Tinha setenta e cinco anos de idade.



Monsenhor O'Flaherty recebeu ordens de voltar a suas obrigações no Santo Ofício. Mas descobriu que sua reputação o precedia. Antes do armistício, milhares de italianos prisioneiros de guerra capturados pelos britânicos no norte da África foram enviados para os campos de prisioneiros no interior da África do Sul. Foram praticamente esquecidos. Contudo, com a libertação de Roma, seus parentes foram ao Vaticano solicitar ajuda. Foram encaminhados a O'Flaherty.

Padres na África do Sul receberam suas ordens de visitar os campos e elaborar listas com os nomes dos prisioneiros e seu estado de saúde. O'Flaherty tomou providências para que remessas de alimentos e cartas fossem enviadas por meio da Cruz Vermelha.

Então, tomou emprestado o carro de Osborne — era a primeira vez que alguém o usava desde que o ministro o levara para dentro do Vaticano — e foi ver o general Harold Alexander, comandante das forças aliadas na Itália, e pediu-lhe que tomasse providências para que os prisioneiros de guerra italianos fossem repatriados o mais rápido possível. Dentro de poucas semanas, estavam a caminho de casa, embarcados em navios na Cidade do Cabo.

O'Flaherty queria que Alexander resolvesse mais um problema: a transferência de refugiados judeus que quisessem deixar Roma para ir a sua terra natal.

Alexander chamou a atenção para o fato de a Palestina estar sob mandato britânico e de a imigração judaica estar estritamente controlada. O'Flaherty respondeu que providenciaria documentos de viagem do Vaticano para eles. Alexander, confuso, balançou a cabeça. “O quê ? Transformá-los em católicos?” O riso estrondoso do monsenhor tomou conta do escritório do general. “Se for necessário, por Deus, então sim!”

Alexander prometeu que levaria em consideração. Mas era algo que ele não podia fazer, impedido pelas políticas britânicas.

Enfurecido com a recusa do governo britânico a permitir que os judeus do papa fossem para sua terra natal, O'Flaherty mais uma vez decidiu entrar em ação. Entrou em contato com a *Delasem*, que havia reiniciado suas operações de ajuda a refugiados judeus. Organizações judaicas poderosas dos Estados Unidos também foram contatadas. Foram transferidos fundos para a Europa a fim de comprar navios. O Haganá, exército secreto judeu de resistência, encontrou tripulações que os pudessem operar. Por fim, tudo estava arranjado; padres e freiras os levaram por rotas secretas, que haviam salvado a vida de

tantos das forças aliadas, até chegarem aos navios que os esperavam no mar próximo à costa italiana para levar os refugiados à Palestina.



Quotidie morior, “Morro a cada dia”, tornara-se um lamento cada vez mais usado pelo papa quando ele e irmã Pascalina estavam sozinhos no apartamento papal. Estava em seu septuagésimo ano de vida, e a guerra cobrara seu preço. Com a chegada da paz, as exigências do papado aumentaram à medida que ele colocava seu foco na necessidade urgente de reconstruir a Europa, tendo ao mesmo tempo que tratar dos assuntos da Igreja.

Irmã Pascalina havia percebido mudanças em seus hábitos de trabalho. Embora ainda recebesse pessoas em audiências e organizasse consistórios, percebeu que ele hesitava acerca de decisões que devia tomar sobre os assuntos do Vaticano. Os primeiros rumores começavam a aparecer na mídia. Escreveu um dos críticos:

Seu papado parece ter perdido sua virilidade intelectual e qualquer senso de missão pastoral, qualquer desejo se enfraquece quando tem de lidar com os problemas do mundo real. Ele e sua Igreja estão se acomodando em forma de senilidade pueril e devota.

Irmã Pascalina percebeu que era cada vez mais difícil para ela manter o papa em contato com toda a politicagem do Vaticano. Ainda uma pragmatista vigorosa e proativa, com uma devoção quase que fanática pelo papa, tratou de decidir quais assuntos, fossem mundanos ou espirituais, receberiam a prioridade papal. Embora ainda fosse chamada de *La Popessa*, isso não era mais proferido com afeto, mas sim com menosprezo cáustico.



Em novembro de 1944, Osborne foi o último diplomata das forças aliadas a sair do Vaticano. Seu apartamento em Santa Marta foi designado para Weizsäcker e sua esposa; eles ficariam dentro do Vaticano até que ele voltasse à Alemanha, onde descobriu que os americanos o julgariam em Nuremberg. Foi sentenciado a sete anos de prisão. Àquela altura, Osborne já havia comprado um apartamento com vista para uma área nobre do Tibre, e ele e O’Flaherty jogavam golfe, conversavam e relembavam suas experiências do tempo de guerra enquanto caminhavam pelo campo.

Em Londres, *sir* Anthony Eden prestou uma homenagem a Osborne por seus anos em Roma, por seus “serviços sob condições singulares na história do serviço diplomático”.

Depois de se aposentar, Osborne decidiu não voltar à Inglaterra e se envolveu na administração de um clube de meninos em Roma, que alimentava mil membros e pagava pela educação de 300. Era parte do que ele chamava de “minha febre romana de querer ajudar os menos afortunados”. Sua saúde fraquejava, ele tinha diabetes e problemas cardíacos — e May não estava mais lá para garantir que tomasse seus comprimidos. Seu criado tinha voltado a Londres e, nas palavras de Sam Derry, “sumiu do radar”. O próprio Derry havia agido de forma muito parecida depois de ter sido recrutado pelo MI6, onde teve uma carreira cheia de aventuras durante a guerra fria.

Em 1973, Osborne assumiu o título de duque de Leeds, já septuagenário; foi o décimo segundo a ostentar o título. Um ano mais tarde, no dia 24 de março, faleceu e foi sepultado no cemitério protestante de Roma. Entre a multidão estavam representantes da rainha Elizabeth da Inglaterra e sua mãe. Também estavam presentes membros da Cidade dos Meninos da Itália, fundada pelo monsenhor Carroll-Abbing em 1944, que se tornara o mais bem-sucedido projeto de recuperação de meninos — e mais tarde também de meninas — dos infortúnios da guerra. O papa enviou padre Leiber para representar a Santa Sé.



Em sua cela no presídio Regina Coeli, o *Obersturmbannführer* Herbert Kappler esperava ansiosamente. Despojado de sua posição hierárquica e com seu uniforme da SS trocado por um uniforme banal de prisioneiro, seu nome constava na lista do presídio como criminoso de guerra que aguardava julgamento de um tribunal italiano. Foi acusado de ter “a responsabilidade principal pelo Massacre nas Cavernas Ardeatinas” e por “extorquir cinquenta quilos de ouro dos judeus de Roma”. Em ambos os casos, foi acusado de causar “consideráveis danos patrimoniais à comunidade judaica de Roma”.

Depois de sua captura por uma patrulha das forças aliadas, foi enviado a Dachau para passar por um interrogatório feito por oficiais do serviço secreto americano e, depois, levado a um centro de interrogatório britânico em Nápoles. Por fim, foi entregue à administração italiana em Roma.

Ele já havia oferecido evidências para a acusação no julgamento do *Stadtkommandant* Mälzer em Roma e, mais tarde, em Veneza, ao testemunhar contra o marechal de campo Kesselring. Ambos os prisioneiros argumentaram que Kappler havia dito que as vítimas do Massacre das Cavernas Ardeatinas já estavam todas condenadas à morte por crimes contra o código militar alemão. Tanto Mälzer quanto Kesselring foram condenados à morte por fuzilamento. Semanas mais tarde, as sentenças foram comutadas para prisão perpétua. Mälzer morreu em uma prisão militar britânica em março de 1952. Nesse mesmo ano, Kesselring foi libertado e voltou a viver na Alemanha, sem dúvida consolado pelo que o general Clark escrevera em suas memórias. Afirmava que Kesselring havia disputado uma “guerra dura, mas limpa”. Na Itália, houve manifestações públicas

contra sua libertação.

Desde novembro de 1946, Kappler estava detido no presídio Regina Coeli, esperando por seu julgamento, passando seus dias escrevendo cartas para várias pessoas, que esperava que o pudessem ajudar. Entre elas, estava monsenhor O'Flaherty. Ele já havia visitado Kappler duas vezes.

Inicialmente, Kappler lhe contou sobre sua vida em Stuttgart, como havia sido recrutado para a *Abwehr*, treinado como espião na organização de Canaris, como fora a Roma pela primeira vez em 1939 para trabalhar na embaixada alemã e espionar o regime de Mussolini. Insistiu que desprezava o fascismo. Mas, quanto a Roma e seu povo, “eu amei como se fosse minha segunda terra natal”.

O'Flaherty ouviu tudo sem fazer nenhum comentário. Mas, gradualmente, a conversa se voltou para a religião. Kappler não tinha nenhuma fé formal. O tempo de visita era muito curto para explorar mais profundamente suas crenças. Kappler disse a O'Flaherty que, em sua próxima visita, gostaria de discutir algo “importante”.

Durante todas aquelas tardes frias de novembro, escutara os sons dos guardas caminhando pelo corredor e parando para pegar algum prisioneiro que receberia um visitante. Finalmente, em um final de tarde, os passos pararam na frente de sua cela, e uma chave abriu a fechadura. O'Flaherty entrou.

Quando Kappler pediu pela primeira vez a O'Flaherty que o visitasse, o padre ficou atônito. Por que o homem que o havia tentado matar queria vê-lo? Seria para confessar seus crimes? Nesse caso, deveria pedir para ver o capelão do presídio. Mas, por fim, O'Flaherty decidira ir ver o chefe da Gestapo.

Em suas visitas anteriores, Kappler descrevera seu trabalho como “parte da realidade de guerra”. Insistia que havia sido contra o plano de deportação dos judeus do gueto e também que “meu papel no Massacre das Cavernas Ardeatinas foi pequeno. As ordens vieram diretamente da Alemanha”. Ele continuava a justificar a si mesmo, delineando qual seria sua defesa quando fosse a julgamento. Mas, primeiro, gostaria de ser batizado na Igreja Católica. Se fosse condenado e tivesse de enfrentar a morte por seus crimes, gostaria de fazê-lo como um cristão na graça de Deus. Essa era a questão “importante”.

Naquela mesma noite, acompanhado de um guarda prisional, foram à capela do presídio, onde Kappler foi batizado pelo padre Rocca. Desde então, Kappler participou todos os dias das missas na capela, enquanto a data de seu julgamento continuava a ser postergada.

Finalmente, em julho de 1948, Kappler recebeu a sentença de prisão perpétua por extorquir o ouro judeu. Na segunda alegação, de estar presente ao Massacre das Cavernas Ardeatinas, recebeu a sentença de mais quinze anos. Era a punição mais severa sob a Constituição italiana do pós-guerra. A equipe de acusação incluiu Ugo Foa, que havia recebido de volta seu cargo no sistema judiciário do Estado.

A primeira esposa de Kappler pediu divórcio enquanto ele estava cumprindo sua sentença. Em 1975, ele recebeu o diagnóstico de câncer terminal e foi internado em um

hospital em Roma. Lá, conheceu e se casou com Anneliese, uma enfermeira com quem trocara cartas antes de se casarem na capela do hospital. Apelos tanto de sua esposa quanto do governo da Alemanha Ocidental para libertá-lo foram rejeitados pelas autoridades italianas. Por causa das condições cada vez piores de Kappler e das habilidades de enfermeira da esposa, ela tinha permissão de acesso quase ilimitado a ele. Em uma visita em agosto de 1977, ela o retirou clandestinamente do hospital e o levou de carro para a Alemanha Ocidental. Os italianos exigiram que Kappler fosse mandado de volta, mas as autoridades governamentais alemãs se recusaram a extraditá-lo devido a seu estado de saúde. Ele faleceu no dia 9 de fevereiro de 1978, em casa, em Soltau, com setenta anos de idade.



Em junho de 1949, Koch foi levado perante a Alta Corte de Justiça da Itália, reunida na Universidade de Roma para julgar os crimes fascistas de guerra. Foi condenado por severos crimes contra a Resistência e por entregar vários judeus aos alemães para que fossem deportados. Foi condenado à morte diante de um pelotão de fuzilamento.

Nas horas que antecederam sua execução, escreveu uma carta de desculpas ao papa por ter violado a basílica de São Paulo. Naquela mesma tarde, ajoelhou-se diante de um pelotão de fuzilamento enquanto o padre do presídio ouvia sua confissão. “Sinto o peso das lágrimas de muitos outros pelo que fiz e peço perdão”. O padre administrou os últimos sacramentos. Koch se levantou e postou-se diante do pelotão de fuzilamento; recusou-se a usar a venda para os olhos que lhe foi oferecida. Dezessete balas atravessaram seu corpo. Em poucos dias, teria completado vinte e sete anos.



Em 1960, o Vaticano discutiu com monsenhor O’Flaherty uma nomeação como núncio papal na Tanzânia. Mas as enfermidades já assolavam seu corpo depois de sofrer um AVC. Naquele mesmo ano, aposentou-se na Santa Sé e voltou a viver na Irlanda. Faleceu no dia 30 de outubro de 1963. Anos mais tarde, um bosque, com mudas enviadas por Roma, foi plantado em sua memória no Parque Nacional, em Killarney, na Irlanda.



O bispo Alois Hudal renunciou ao cargo no Colégio Alemão em 1952, depois que o papa soube todos os detalhes de sua ajuda aos criminosos de guerra nazistas para fugir da justiça e viver em outros países, a maioria na América do Sul. Entre eles, estavam Franz Stangl, o *Kommandant* de Treblinka e de Sobibor; Gustav Wagner, vice-comandante de

Sobibor; Klaus Barbie e Adolf Eichmann. Hudal havia lhes fornecido — e a centenas de outros nazistas — documentos falsos e tomado providências para que muitos tivessem passaportes do Vaticano, fazendo de conta que eram padres. Em suas memórias, *Römische Tagebücher: Lebensbeichte eines alten Bischofs* [Diários de Roma: a confissão de vida de um velho bispo], ele se orgulhava de que “mais de 30 mil assim chamados criminosos de guerra seguiram rumo à liberdade, e agradeço a Deus por ter permitido que eu os ajudasse a escapar”.

Banido do Vaticano, Hudal viveu o resto de seus anos em sua suntuosa residência em Grottaferrata, próximo a Roma. Haveria rumores persistentes de que o dinheiro para bancar seu estilo de vida vinha de apoiadores nazistas. Dedicou seus dias a escrever e fazer ataques amargos ao papa e ao Vaticano por não reconhecerem que “um acordo entre o nacional-socialismo e o cristianismo é o único caminho para o futuro”. Faleceu em 1962 e foi sepultado no cemitério Campo Santo Teutônico de Roma. Seu túmulo nunca fica sem flores. Quem as fornece continua a ser um mistério. Dentro dos círculos nazistas, ele continuaria a ser chamado de “nossa Pimpinela escarlate”.



No final da guerra, em 1945, Settimia Spizzichino voltou para casa no dia 11 de setembro. Ela era a única mulher entre os dezessete sobreviventes do gueto capturados pela caçada de outubro. A perda de peso que sofrera era o resultado dos experimentos a que o dr. Mengele a havia submetido; ela carregaria as cicatrizes para sempre. No dia de sua libertação, foi encontrada escondida debaixo de uma pilha de corpos. Ela tinha vinte e quatro anos de idade. Em seu braço estava tatuado 67210, correspondendo ao número em seus documentos de entrada em Auschwitz.

O trem que a levou de volta à Itália era só um pouco mais suportável que aquele no qual havia sido deportada para lá junto com sua mãe, suas irmãs e mais de mil outros judeus do gueto. O trem foi recebido ao norte de Roma por um “comitê de assistência”. Cada homem recebeu um pacote com lâminas de barbear e uma pedra de sabão. Settimia só recebeu o sabão. Depois de se lavarem nos banheiros da estação de trem, seguiram a jornada para Roma.

Settimia retornou a sua casa na Via della Reginella e descobriu que havia sido completamente saqueada. Os ladrões levaram até a fotografia da família, que estava pendurada na parede da cozinha. Ela não chorou; havia muito tempo que esquecera como fazer isso. Por dias, permaneceu sozinha na casa, sentada no chão; os móveis haviam sido retirados. Ela podia ouvir os sons do gueto.

Em sua mente, os meses de vida que lhe haviam sido roubados eram penosos demais, não queria falar sobre o assunto com as pessoas que iam lhe levar alimentos, oferecer móveis para a casa, fazer qualquer coisa por aquela jovem que tinha voltado da morte. Certo dia, ouviu mais uma vez alguém bater à porta. Quando abriu, lá estava seu

pai, Mose. Foi um momento impossível de expressar em palavras, o qual não queriam partilhar com mais ninguém. Tudo que ela diria mais tarde seria: “A emoção que ambos sentimos jamais poderá ser sentida por alguém que não viveu aquele momento”.

Nas semanas seguintes, ela percebeu que a vida na Roma do pós-guerra era cada vez mais difícil. Havia novos rostos no gueto. Ela acenava com a cabeça e passava depressa; muitos a evitavam. Os sobreviventes lhe contaram que o mesmo acontecia com eles. “Nós éramos um lembrete dos muitos que não haviam voltado. As pessoas não queriam ouvir. Era como se nós não devêssemos ter voltado”, disse Settímia mais tarde.

Ela começou a planejar o que deveria fazer. “A memória é meu dever”, disse a um dos sobreviventes. Disse que todos os anos deveria haver uma cerimônia para preservar a memória do que havia acontecido. “Fiz uma promessa a Deus. Eu não sabia se deveria amaldiçoá-Lo ou rezar para Ele. Rezei. Disse, Senhor, salve-me; salve-me para que possa fazer o que tem de ser feito quando eu voltar.”

Settímia e os outros sobreviventes sofreram diversas sequelas fisiológicas e psicológicas; em seu caso, eram dores de cabeça paralisantes e uma gagueira de origem neurológica.

Em 1968, sob um acordo bilateral entre Itália e Alemanha Ocidental, uma “indenização global” de 10 milhões de dólares foi dada ao governo italiano a título de “indenização definitiva”. A soma deveria ser dividida entre 17.700 pessoas: 3.899 sobreviventes dos campos de concentração nazistas e quase 14 mil parentes de deportados que lá morreram. O pagamento único, feito em nome de Settímia, chegou a US\$ 564. Os números azuis marcados em seu antebraço — a marcação típica de Auschwitz — e seus olhos carregavam a memória do que havia acontecido com ela.

Em 1955, Settímia revisitou Auschwitz acompanhada de uma equipe que fazia um documentário. Parou debaixo do arco com as palavras “*Arbeit macht frei*” e falou: “Eu novamente sinto meus medos e angústia. Essas emoções não podem ser descritas ou filmadas. São coisas que nenhum livro ou tela jamais conseguirá retratar. Jamais perdorei”.

No mesmo ano, declarou a outro documentário da *BBC*

Voltei de Auschwitz completamente sozinha. Perdi minha mãe, duas irmãs, um irmão e minha sobrinha. Pio XII poderia ter nos alertado sobre o que estava prestes a acontecer. Talvez houvéssemos conseguido fugir de Roma e nos unido aos facciosos. Ele fez exatamente o que os alemães queriam. Tudo aconteceu bem debaixo de seu nariz. Mas ele era um papa antisemita, um papa a favor dos alemães. Ele não assumiu nenhum risco. E, quando eles dizem que o papa é como Jesus Cristo, não é verdade. Ele nem sequer salvou a vida de uma única criança. Nada.

Em agosto de 2000, ela faleceu em Roma, com setenta e nove anos de idade. Levaria para o túmulo a memória de um vizinho próximo que, aos olhos do

mundo, era cada vez mais acusado de não ter feito o suficiente para salvar os judeus — o papa Pio XII.

EPÍLOGO: CONFLITO



o dia 20 de novembro de 1945, o papa recebeu em audiência oitenta representantes libertados de vários campos de concentração do Terceiro Reich, que foram vê-lo para agradecer por sua ajuda em salvar a vida de judeus. Ele lhes disse que tinha certeza de que haviam permanecido firmes em seu senso de humanidade e se agarrado a seus valores em meio às circunstâncias cruéis sob as quais estavam presos, naquele mundo de trevas e desespero.

Quando deu sua bênção, alguns acreditaram ter visto que, por trás dos óculos, seus olhos estavam à beira das lágrimas.

Esse foi o primeiro de vários tributos comoventes e eloquentes que Pio XII receberia nos anos do pós-guerra. Em toda a diáspora, vários exemplos eram citados na imprensa judaica e nas sinagogas sobre os esforços do Vaticano para salvar os judeus.

O Congresso Sionista Mundial doou 20 mil dólares para instituições de caridades do Vaticano “em reconhecimento ao trabalho da Santa Sé no resgate de judeus, livrando-os da perseguição nazista”. Outras agências judias de assistência humanitária no Canadá, na Austrália e na África do Sul também fizeram doações. Milhares de mensagens de outras comunidades religiosas chegaram do mundo todo.

Ao mesmo tempo que tinha de garantir que todos recebessem uma resposta apropriada — muitas delas preparadas por irmã Luke e seus assistentes para que ele só assinasse —, Pio tinha de encaixar em seus dias, sempre atarefados, as delegações do mundo todo, que também queriam lhe agradecer. Não só representavam os católicos, mas também outras religiões. Também havia os líderes dos tempos de guerra para receber. Winston Churchill chegou acompanhado de Harold Macmillan, um futuro primeiro-ministro da Grã-Bretanha que, em 1945, era chefe do gabinete político das forças aliadas na Itália. Considerava Pio “um homem santo, de certa forma preocupado, obviamente abnegado e santo, com a mente de um pássaro que voa de um lado a outro”.

A morte recente do secretário de Estado, cardeal Maglione, fez que o papa tomasse a decisão de também assumir suas tarefas. Era algo que pr eo cupava os dois assistentes de Maglione, Montini e Tardini. O papa lhes disse: “Não preciso de colegas, mas de pessoas que obedeçam”. Para Tardini, Pio havia ficado “sozinho em seu trabalho, sozinho em sua luta”.

Os anos do pós-guerra continuaram sendo muito agitados para Pio. Para os católicos, ele era o defensor intrépido da glória espiritual da humanidade. Para os não católicos, era um homem de Estado, um líder mundial que tentara evitar a Segunda Guerra Mundial por meio da intervenção pessoal, um homem que havia lutado contra o

comunismo, com seus atos de purgação, detenções em grande escala de padres e freiras e prisão de seus cardeais atrás da Cortina de Ferro. Apesar de tudo, a Igreja Católica havia crescido em 1954 para 496 milhões de fiéis, a maior igreja do mundo. Esses números foram alcançados graças a seus textos, que prometiam reformas nos ensinamentos católicos para torná-los mais relevantes e acessíveis aos fiéis.

Estudiosos católicos e eclesásticos concordam que sua decisão teológica mais significativa foi tomada em 1950, quando proclamou o dogma da assunção do corpo da Virgem Maria aos céus. Foi o ápice da cerimônia de jubileu do Ano Santo na praça São Pedro, perante meio milhão de romeiros provenientes de todas as partes do mundo.

Foi seguido da encíclica *Humani Generis*, na qual Pio deixou claro que não fazia objeções a pesquisas adicionais sobre a teoria da evolução de Darwin, que havia sido denunciada por outros clérigos; mas também insistiu: “As almas são criadas diretamente por Deus”.

A primeira doença séria em seu pontificado chegou depois das cansativas cerimônias do consistório de janeiro de 1953. Por dois meses, esteve praticamente acamado em seu apartamento com uma infecção no peito. Mesmo nesse momento, assim que começou a se recuperar, encontrou tempo para ler e escrever. Seus médicos ficaram encantados com sua capacidade de resistência e decidiram que ele estava completamente recuperado e capaz de estudar os assuntos das várias congregações, tribunais e gabinetes sobre questões como heresia, formação clerical e as atividades da Igreja mundo afora.

Ele também anunciou sua posição sobre vários problemas da época. Pediu que se elaborasse um código penal internacional para punir criminosos de guerra e os que haviam conseguido fugir de sua terra natal para escapar da justiça. Reiterou a proibição da Igreja ao controle da natalidade e instou os médicos e especialmente os psiquiatras a respeitar a personalidade de seus pacientes. Na mensagem de Natal daquele ano, fez apelos por uma Europa unida.

No início de 1954, ficou doente novamente; dessa vez, sofreu um ataque severo de gastrite. O estágio agudo da doença chegou acompanhado de soluços, forçando-o a cancelar todas as audiências até março daquele ano, quando da janela de seu quarto abençoou a multidão que se congregava do lado de fora.

Naquele verão, sofreu uma recaída da gastrite em sua residência de veraneio, em Castel Gandolfo. Retornou ao Vaticano mais magro e pálido. Todos os dias, milhares de romeiros ficavam por horas na praça São Pedro acenando em direção a sua janela — mais um sinal de que se tornara mais amado que qualquer outro papa antes dele. Em dezembro de 1954, já havia recebido mais de 10 milhões de pessoas em audiências coletivas durante seu pontificado.

Falava-se na Secretaria de Estado que, no Ano Novo, ele gostaria de ir ao Oriente Médio para tentar acabar com a ameaça de guerra entre os estados árabes e Israel. Conversas dessa natureza terminaram com as notícias dadas pela Rádio Vaticano em 2 de dezembro de 1954. Diziam que o papa estava mais uma vez seriamente doente. Por dias, uma equipe de cinco médicos se empenhou em salvar sua vida, alimentando-o por via

intravenosa. Seu estado melhorou o suficiente para fazer uma radiografia, que revelou que ele sofria de gastrite e de uma hérnia de esôfago. A Rádio Vaticano anunciou que, no ápice de sua doença, Pio teria visto a “doce figura de Jesus Cristo na beira de sua cama”.

A doença havia se tornado uma companhia constante para o papa. Todas as vezes, os médicos haviam conseguido salvá-lo. Mas admitiam entre si que era um milagre que ainda estivesse vivo, mais uma vez ficando forte o suficiente para tratar dos problemas do mundo. Mais de uma vez, ele falou de sua admiração pelos 50 milhões de comungantes que estavam atrás da Cortina de Ferro.

Na segunda-feira, dia 6 de outubro de 1958, o papa sofreu um AVC, que o deixou paralisado e fraco; ele recebeu os últimos sacramentos. No dia seguinte, sofreu outro AVC. A Rádio Vaticano anunciou que havia pouca esperança de recuperação. Naquela tarde, a estação informou que o papa passava por uma grave falência cardiopulmonar. Pouco antes do pôr do sol, o boletim médico da rádio anunciou que Pio havia desenvolvido uma pneumonia e que seus médicos o acompanhavam administrando oxigênio e plasma sanguíneo.

Naquela noite, o chefe da equipe médica, professor Antônio Gasbarrini, disse ao grupo reunido em volta da cama que a morte se aproximava. Deram início às orações pelos moribundos. Ouviu-se um som abafado e estridente proveniente do papa, inconsciente.

Irmã Pascalina delicadamente passou água em seus lábios durante as orações. Em certo momento, pegou o crucifixo que descansava no peito do papa e o colocou sobre a boca dele.

Às 3h52 de quinta-feira, 9 de outubro, o professor Gasbarrini colocou o estetoscópio no peito do pontífice, sentiu sua pulsação, voltou-se para os outros e disse: “È morto” — ele havia falecido.

Monsenhor Tardini repetiu as palavras: “È morto”. E então, recitou o inspirador *Magnificat*:

Minh'alma engrandece o Senhor

E meu espírito se alegra em Deus, meu salvador.

Todos os presentes se enfileiraram e passaram lentamente pelo leito de morte do papa, saindo do aposento.



Os sinos das igrejas de Roma anunciaram o início de nove dias de luto oficial. Ao meio-dia, os cardeais já haviam eleito Benedetto Masella como camerlengo para organizar o funeral e pôr em andamento o antigo ritual do conclave para eleger um sucessor para Pio, que tinha oitenta e dois anos de idade. A Rádio Vaticano chamava-o de “o papa da paz”,

durante um pontificado que durara dezenove anos, sete meses e sete dias.

As mensagens de condolências de líderes políticos e religiosos começavam a chegar do mundo todo. Somente Moscou não expressou qualquer pesar. Durante horas, a Rádio Moscou nem sequer mencionou a morte do papa. A União Soviética havia bloqueado os boletins de notícias sobre suas condições de saúde.



Mais de dois milhões de enlutados passariam em procissão pela basílica de São Pedro, onde o papa estava deitado no altar-mor, sob a formidável cúpula de Michelangelo. A Guarda Suíça cuidava do catafalco. A seu lado, havia três caixões, dentro dos quais o corpo seria colocado. As câmeras de televisão, as primeiras a receber autorização para filmar o funeral de um papa, discretamente deslocaram seu foco, afastando-o do corpo enquanto era colocado dentro do primeiro caixão. Sua face foi coberta por um tecido de seda quadrado, e o corpo, envolto em uma mortalha vermelha. O caixão foi colocado dentro do segundo esquife. O elogio fúnebre foi colocado em um tubo de bronze junto com uma bolsinha que continha moedas de ouro, prata e bronze cunhadas durante seu pontificado. O segundo caixão foi selado com fitas de seda e colocado dentro de uma cápsula de chumbo. Por fim, o terceiro caixão, feito de olmo, foi fechado com pregos de ouro, e o enorme peso do caixão triplo foi levado sobre rodas, passou pelo altar-mor e foi baixado com o auxílio de roldanas para dentro da cava. Parou a seis metros do túmulo de São Pedro.



Naquela noite, irmã Pascalina escreveu em seu diário: “O mundo está às vésperas de uma nova era. Não nos esqueçamos de tudo que Sua Santidade fez para ajudar tantas pessoas”.

Faleceu em 1983 e está enterrada no cemitério do Vaticano. Entre os que participaram de seu funeral, estava o cardeal Ratzinger, futuro papa Bento XVI. Ela estava com oitenta e dois anos de idade.



Em uma tarde de outono, em outubro de 1958, Golda Meir, ministra das Relações Exteriores do Estado de Israel, estava no púlpito da Assembleia das Nações Unidas, em Nova York. Durante a última década, ela havia discursado várias vezes para os delegados. Mas nunca havia falado sobre uma questão que temia poder dividir seu próprio povo.

Golda Meir estava determinada a fazer seu panegírico. Com seu vestido preto liso, sem broche, bracelete ou colar algum que o suavizasse, parecia uma mulher enlutada

pelos 6 milhões de vítimas do Holocausto. Mas, quando falou, havia segurança em sua voz:

Quando o martírio horrendo assolou nosso povo durante a década de terror nazista, as palavras do papa Pio XII foram proferidas em favor das vítimas. A vida em nossa época foi enriquecida por uma voz que se pronunciava com grandes verdades morais, acima do tumulto dos conflitos diários. Estamos de luto por esse notável servo da paz.



De Moscou veio o primeiro ataque contra Pio. O *Pravda* publicou uma série de artigos bizarros, dizendo que Pio não só “aceitou Hitler, mas também concordava com ele em tudo; o papa havia trabalhado secretamente com Mussolini”.

A difamação e a evisceração estavam em execução. A exaltação de seus feitos foi colocada de lado à medida que começavam a aparecer artigos na Europa e nos Estados Unidos ligando-o ao ódio racial e que afirmavam a perversidade do Vaticano em relação aos judeus. Já não era mais suficiente atacá-lo por sua alegada atitude durante os tempos de guerra — “o papa que permaneceu em silêncio durante o Holocausto”. Ele foi acusado de odiar os judeus. Séculos de sofrimento e submissão infligidos aos judeus foram usados para apoiar os ataques contra Pio em jornais, rádio e televisão. As controvérsias surgiam com velocidade espantosa. Por que o papa não havia avisado aos judeus que um extermínio em massa estava prestes a ocorrer? Por que não havia publicado uma encíclica durante a guerra condenando o Holocausto? Por que havia permanecido neutro? O *tsunami* de questionamentos ameaçou afogar as vozes daqueles que tentavam defender Pio. Muitas vezes bem arquitetados para provocar raiva e indignação, os artigos só careciam de uma coisa: a verdade. Em vez disso, meias verdades e informações falsas circulavam. Ninguém podia duvidar que Stalin certamente ria em Moscou.

Aquela primeira onda de ataques disparou uma avalanche, com outros revisionistas seguindo seus próprios atalhos pela vida e guerra de Pio XII. Tudo culminou, ao menos momentaneamente, com a produção da peça *O vigário*, de Rolf Hochhuth, que retratava um pontífice financeiramente ganancioso que permanecera em silêncio durante o Holocausto. Aí surgiu *O papa de Hitler*, de John Cornwell, um livro com um título que era garantia de salvação para os críticos do papa. Pouco tempo depois, surgiram outros títulos, cujas capas ligavam o papa, Hitler, o Vaticano e os nazistas. Ao longo do tempo, Pio foi acusado de ser “meramente uma marionete de sua governanta alemã, a irmã Pascalina”.

Tais ataques são um ultraje à história. Há também uma similaridade entre eles: as afirmações de que Pio liderou uma Igreja institucionalmente antissemita; que sofria de um medo patológico do comunismo; que deu pouca atenção à morte de 6 milhões de judeus.

Aqueles que tentaram responder aos ataques maliciosos gastaram tempo interminável tentando refutar as alegações e, em alguns casos, conseguiram reduzir os ataques. Mas eles continuavam. Em Londres, Peter Stanford, um ex-editor de uma publicação católica, ganhou espaço no *The Sunday Times* para descrever Pio como um “criminoso de guerra”. Durante todo o tempo em que ocorreram os ataques, sempre mantiveram seu curso, baseados na falta de evidências. Isso tudo apesar de já existirem evidências que refutavam completamente as alegações. Elas estão disponíveis nas próprias palavras de Pio, nas quais ele expressa exatamente seus ataques contundentes contra o antissemitismo, Hitler, os nazistas e o Holocausto — efetivamente destruindo as acusações de que havia “permanecido em silêncio”. As evidências foram reunidas pelo distinto historiador católico William Doino Jr. Trata-se de um documento extraordinário que deveria ser lido por qualquer crítico do papa Pio XII antes de pensar em lançar outro ataque contra ele.

Aqueles que continuam a fazê-lo insistem que são motivados pela busca da verdade. Pinchas Lapide, um ex-diplomata israelense, declarou em seu livro *Three Popes and the Jews* [Três papas e os judeus] que a Igreja sob Pio “foi fundamental para salvar pelo menos 700 mil, mas provavelmente 860 mil judeus da morte certa se caíssem nas mãos dos nazistas”.

É uma afirmação que nenhum dos que atacam o papa teve a capacidade de refutar até hoje. Michael Tagliacozzo, indiscutivelmente a principal autoridade sobre os judeus romanos durante o Holocausto, possui uma pasta em sua escrivaninha intitulada “Calúnias contra Pio XII. Sem ele, muitos de nós provavelmente não estaríamos vivos”.

Richard Breitman, um dos quatro historiadores autorizados a estudar os arquivos da espionagem dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, confirmou: “Os documentos secretos provam o grau de desconfiança de Hitler para com a Santa Sé porque ela dava abrigo a judeus”.

Um estudo das interceptações de informações secretas alemãs por parte de decifradores de códigos dos EUA e da Grã-Bretanha fornece evidências adicionais que contradizem as alegações contra papa Pio XII.

Alguns de seus críticos dizem que escrevem porque querem se assegurar de que os judeus e o Holocausto jamais sejam esquecidos. Eles se esquecem de que, em 1943, Chaim Weizmann, que se tornaria mais tarde o primeiro presidente de Israel, escreveu: “A Santa Sé está concedendo sua poderosa ajuda para, no que for possível, mitigar o destino de meus correligionários perseguidos”. Em 1944, o rabino-mor de Jerusalém, Isaac Herzog, enviou uma mensagem ao papa: “O povo de Israel jamais esquecerá o que Sua Santidade e seus ilustres delegados, inspirados pelos eternos princípios de religião, que são os fundamentos da civilização genuína, estão fazendo em favor de nossos desafortunados irmãos e irmãs na hora mais trágica de nossa história”.

Moshe Sharett, o segundo primeiro-ministro de Israel, encontrou-se com o papa em 1952. Disse a ele: “Minha primeira obrigação é lhe agradecer e, através do senhor, à Igreja Católica, em nome do público judeu, por tudo que vocês fizeram em vários países para salvar judeus”. Nenhum deles jamais chamou Pio de “silencioso”. Ao atacá-lo agora,

seus críticos mostram uma atitude desinformada, sorrateira e egoísta — que não passa de um abuso à memória do Holocausto. O papa não foi o “Papade Hitler”, mas muito provavelmente o mais próximo do que os judeus puderam chegar a ter como uma voz papal dentro do Vaticano no momento em que mais importava.



No dia 19 de dezembro de 2009, o papa Bento XVI autorizou a Congregação para as Causas dos Santos a declarar o papa Pio XII “venerável”, o primeiro de três passos antes da canonização. Tanto estudiosos judeus quanto católicos pediram a Bento que adiasse uma investigação da Igreja cujo objetivo seria concluir que Pio “viveu uma vida de santidade exemplar e virtude heroica”. Queriam mais tempo para estudar os arquivos da 2ª Guerra Mundial. Os estudiosos disseram que os arquivos completamente acessíveis só vão até 1939. Receberam a informação de que 16 milhões de arquivos cobrem o período relacionado ao tempo de guerra.

A primeira solicitação para processar a causa de Pio XII foi enviada a Bento em 2007, mas ele deixou o processo em espera para um “período de reflexão”. O padre Peter Gumpel, um sacerdote jesuíta alemão e historiador do Vaticano que passou vinte anos de sua vida apoiando a causa de santificação de Pio, disse que estava “satisfeito com a decisão de tirar um tempo para reflexão, pois isso definitivamente permitiria descartar como contrassenso absoluto as acusações de que Pio era antisemita”.

Em 2001, Aharon Lopez, que recentemente havia se aposentado de seu cargo de embaixador de Israel junto à Santa Sé, disse:

A justiça, contudo, não só deveria ser feita, mas também deveria ser vista como feita. Centenas de milhares de sobreviventes do Holocausto ainda hoje estão vivos. Eles têm o direito a ver todas as suas questões sobre Pio XII e o comportamento da Igreja respondidas. É o mínimo que se poderia esperar do Vaticano, um componente importante da comunidade internacional. A beatificação do papa Pio XII é um caso traumático que estabelece precedentes. Ainda mais que o Vaticano fala sobre expiação e reconciliação e seu desejo de contribuir com a correção do terrível mal moral infligido ao povo judeu.

FONTES DE PESQUISA



Vaticano possui uma regra de setenta e cinco anos de segredo para proteger a publicação de documentos delicados. Embora a pressão constante tenha ajudado a fazer que a Santa Sé publicasse uma seleção de materiais relacionados a suas decisões durante a Segunda Guerra Mundial, provavelmente o restante dos arquivos com a documentação dos tempos da guerra não será liberado antes de 2020. Até lá, ficarão em seu repositório no *L'Archivio Segreto Vaticana*, possivelmente o arquivo mais secreto do mundo.

Esses arquivos dos tempos de guerra — uma biblioteca considerável de documentos — finalmente encerrarão a controvérsia sobre Pio ter sido o “Papa de Hitler” e silenciarão o argumento de que ele não é digno de se tornar um santo da Igreja Católica Apostólica Romana. Para seus oponentes, ele não é mais que um homem de fé e o 260.º sucessor de São Pedro. Para eles, resta a questão: ele realmente se manifestou contra o Holocausto e genuinamente ajudou a salvar os judeus? Aqueles que agora aceitam com certa relutância que ele talvez tenha tentado dizem que não foi o suficiente para justificar sua beatificação.

Procurar por uma resposta a essa oposição e descobrir se era justificável foi o que me motivou a escrever este livro.

Já tendo escrito três livros sobre o Vaticano — *Pontiff* (1983) e *The Year of Armageddon* (1984) com Max Morgan-Witts, junto com *Desire and Denial: Celibacy and the Church* (1986) —, eu sabia que haveria homens e mulheres, freiras e padres dentro das paredes do Vaticano dispostos a me ajudar mais uma vez. Ainda assim, o Vaticano é uma instituição desconcertante em sua complexidade e, de várias maneiras, ainda misteriosa. O que tornou as respostas de meus colaboradores valiosas na tarefa de desconstruir a controvérsia que cercou Pio XII foi o fato de serem “pessoas íntimas” dessa instituição. Uma trabalhou no Santo Ofício; outra, na Secretaria de Estado, o Departamento das Relações Exteriores do Vaticano; outras trabalharam em várias congregações e tribunais. Algumas pessoas pediram que suas contribuições fossem usadas sem agradecimento ou reconhecimento e, provavelmente, falaram em nome de muitos outros quando disseram que não estavam à procura de reconhecimento, somente da satisfação de saber que ajudaram a explicar o papel de Pio durante a Segunda Guerra Mundial — especialmente a rede que o papa estabeleceu para ajudar os judeus do gueto de Roma e os prisioneiros de guerra das forças aliadas que escaparam e estavam se escondendo dentro da cidade. Então, vi que o assunto e o título do livro poderiam dar resultado.

Entre os que me ajudaram, está irmã Margherita Marchione. Ela recebeu uma bolsa de estudos do Programa Fulbright, possui um Ph.D. pela Universidade de Columbia e é

membro da instituição Religious Teachers Filippini, uma das mais respeitadas ordens educadoras da Igreja. Também é uma defensora apaixonada da beatificação do papa Pio. Em todos os seus livros, não guarda segredo sobre seu apoio, insistindo que os vários críticos de Pio o difamaram e que há amplas evidências para provar que ele ajudou os judeus durante a 2ª Guerra Mundial. Ela é um dos poucos estudiosos que conseguiram permissão para pesquisar dentro dos registros do Vaticano dos tempos da guerra guardados nos Arquivos Secretos. Ela disponibilizou o material para mim, junto com as várias fotografias originais que aparecem neste livro.

Irmã Margherita me instou a reavivar minha relação com os escritos do padre Robert A. Graham, um especialista em diplomacia da Santa Sé durante a 2ª Guerra Mundial. Ele é uma fonte primordial sobre a espionagem nazista contra o Vaticano. Seu conhecimento detalhado forneceu um elemento sobre o Vaticano durante a guerra que foi mais profundo que o material que haviam partilhado comigo no *Pontiff*. Ele foi um dos quatro estudiosos jesuítas que editaram o *Acts and Documents of the Holy See*, guia essencial sobre os anos de guerra dentro do Vaticano. Sua morte, em 1997, foi uma grande perda para os historiadores do mundo das informações de inteligência. Mas eu tentei assegurar que seu conhecimento seja um lembrete sobre os ânimos e as atitudes na Roma dos tempos de guerra.

Com sua generosidade habitual para abrir portas, irmã Margherita tomou providências para que eu pudesse contatar William Doyno Jr., um vaticanista cujos estudos sobre o pontificado de Pio XII já o haviam tornado uma autoridade respeitada. De seu escritório na Califórnia chegou um fluxo constante de *e-mails*, que culminaram em seu próprio ensaio de 8 mil palavras, que dispõe de todos os aspectos da controvérsia acerca do papel que Pio desempenhou durante o Holocausto.

O foco de seus argumentos é que o papa não permaneceu “silencioso” e que não era o “Papa de Hitler”. Ele listou documentos e artigos, cuja existência eu desconhecia, entre eles: “Catholicism Is Our Friend”, de Yossi Klien Halevi, no *Jerusalem Post*; “Dabru Emet: A Jewish Statement of Christians and Christianity”, assinado por 170 estudiosos judeus que repudiaram as tentativas de culpar o cristianismo pelo Holocausto.

Ele me encaminhou às irmãs de Nossa Senhora de Sion, em Roma, que fomentam a aliança católico-judaica. Sugeri sites muitos outros livros para ler. Sua ajuda foi uma aula magistral para entender que Pio não permaneceu “silencioso”, muito menos que era o “Papa de Hitler”. Então, li mais materiais, e quanto mais fontes minha esposa Edith encontrava por meio de suas incansáveis pesquisas na internet e habilidades linguísticas, mais claro ficava que as evidências confirmavam as respostas que eu procurava: Pio havia condenado o antissemitismo, o racismo e o genocídio; antes, durante e depois do Holocausto.

Padre David Jaeger, da Secretaria de Estado do Vaticano, uma autoridade sobre as relações judaico-cristãs, permitiu que eu entendesse aspectos do relacionamento entre Pio e os judeus do gueto.

Padre Giancarlo Centioni, aos noventa e sete anos, em 2010, se lembraria de como, na condição de membro dos padres palotinos, havia trabalhado ao lado do padre Anton Weber para ajudar os judeus a fugir da Europa. Ele revelou que “dinheiro e passaportes eram recebidos em nome de Pio XII e pagos por ele. Eu tinha pelo menos doze padres alemães que trabalhavam comigo”.

Na Irlanda, a campanha de Deirdre Waldron para ver Hugh O’Flaherty reconhecido pelo Yad Vashem em sua lista dos “Justos entre as Nações” prosseguia, para que fosse adicionado aos 23.788 nomes já escolhidos de quarenta e quatro países, que receberam as honrarias usadas pelo Estado de Israel para descrever os não judeus que arriscaram a vida durante o Holocausto para salvar judeus.

Marco Cavallarin, junto com sua prima, Luciana Tedesco, deu os primeiros relatos detalhados sobre o dr. Vittorio Sacerdoti, o professor Giovanni Borromeo e o Fatebenefratelli.

Cesare Sacerdoti, um ex-editor, fez seu próprio relato sobre sua vida na Itália em 1943 depois da caça aos judeus. Suas notas são uma visão aprofundada e comovente sobre uma vida partilhada por muitas famílias do gueto que foram abrigadas pela Igreja. O diário de Rosina Sorani forneceu uma visão aprofundada e convincente sobre o que ela chamou de “Crônicas da Infâmia”, seu relato do dia a dia de sua vida na Roma dos tempos de guerra.

Várias entrevistas pessoais foram conduzidas por mim ou pela equipe de pesquisas. Gostaria de transmitir meus agradecimentos a todos que foram contatados tão frequentemente, cujo precioso tempo consumi, mas que sempre responderam às questões pacientemente, mesmo que algumas vezes tivessem de revisitar memórias dolorosas.

BIBLIOGRAFIA SELEZIONADA

- ALVAREZ, DAVID AND GRAHAM, ROBERT A . *Nothing Sacred: Nazi Espionage Against the Vatican, 1939-1945*. Routledge, Londres 1997.
- ASCARELLI, A . *Le Fosse Ardeatine*. Canesi, Bologna 1965.
- BASSETT, RICHARD . *Hitler's Spy Chief: The Wilhelm Canaris Mystery*. Weidenfeld & Nicolson, Londres 2005.
- BLET, PIERRE ET AL . (Eds.) *Actes et du Saint Siège relatifs à la Seconde Guerre Mondiale*. 11 vols. Cidade do Vaticano 1965-81.
- BOTTUM , JOSEPH AND DALIN, DAVID G . *The Pius War: Responses to the Critics of Pius XII*, Lexington Books; Lanham, Maryland 2004.
- BREITMAN, RICHARD ET AL . *U.S. Intelligence and the Nazis*. Cambridge University Press 2005.
- BROWN, ANTHONY CAVE . *Bodyguard of Lies*. Harper & Row, Nova York 1975. Carroll-Abbing, Monsignor J. Patrick. *But for the Grace of God*. Secker & Warburg, Londres 1966.
- CHADWICK, OWEN . *Britain and the Vatican during the Second World War*. Cambridge University Press, Cambridge 1987.
- CIANO, G . *Ciano's Hidden Diary, 1937-1938*. E.P. Dutton & Co., Nova York 1953.
- CORNWELL, JOHN . *Hitler's Pope: The Secret History of Pius XII*. Viking Press, Nova York 1999.
- DALIN, RABBI DAVID G . *The Myth of Hitler's Pope: How Pope Pius XII Rescued Jews from the Nazis*. Regency Publishing, Inc.; Washington, DC 2005.
- DALLA TORRE, G . *Memorie*. Verona 1967.
- DEBENEDETTI, GIACOMO . *October 16, 1943: Eight Jews*. University of Notre Dame Press; Notre Dame, Indiana 2001.
- DERRY, SAM I . *The Rome Escape Line*. Harrap 1960.
- DOLLMAN, EUGENIO . *Roma Nazista*. Longanesi & Co., Milano 1949. Falconi, Carlo. *The Silence of Pius XII*. Faber and Faber, Londres 1970.
- FLEMING, BRIAN . *The Vatican Pimpernel: The Wartime Exploits of Monsignor Hugh O'Flaherty*. The Collins Press, Cork 2008
- FOOT, M. R. D. and Langley J. M. *M19: Escape and Evasion 1939-1945*. The Bodley Head, Londres 1979.
- GALLAGHER, J . P. *Scarlet Pimpernel of the Vatican*. Fontana, Londres 1967. Gallergher ,

- Charles R. *Vatican Secret Diplomacy: Joseph Hurley and Pope Pius XII*. Yale University Press 2008
- GRAHAM, ROBERT A. *Pius XII's Defense of Jews and Others: 1944-1945*. Catholic League For Religious and Civil Rights, Milwaukee. 1962.
- _____. *Vatican Diplomacy: A Study of Church and State on the International Plane*. Princeton University Press, Princeton 1959.
- GREGOROVIVUS, FERDINAND . *The Ghetto and the Jews of Rome*. Schocken Books, Nova York 1966.
- HOCHHUTH, ROLF . *The Deputy*. Grove Press, Nova York 1967.
- HUDAL, ALOIS . *Die Grundlügen des Nationalsozialismus Eine Ideengeschichtliche Untersuchung*. Johannes Gunther Verlag, Leipzig 1937.
- IMMERMANN , JOSHUA D. (Editado pela Universidade Yeshiva.) *Jews in Italy Under Fascist and Nazi Rule, 1922-1945*. Cambridge University Press, Nova York 2009.
- KATZ, ROBERT . *Black Sabbath: A Journey Through a Crime Against Humanity*. Arthur Barker Ltd., Londres 1969.
- _____. *Death in Rome*. Duke of Cornwall's Light Infantry (Regimental History Committee), 1967.
- _____. *Fatal Silence: The Pope, the Resistance and the German Occupation of Rome*. Weidenfeld & Nicolson, Londres 2003.
- KNOPP, GUIDO . *Hitler's Holocaust*. Sutton Publishing, Stroud 2001. Kurzman, Dan. *The Race for Rome*. Doubleday & Co., Nova York 1975.
- LAMB, RICHARD . *War in Italy 1943-1945. A Brutal Story*. St Martin's Press, Nova York 1994.
- LAPIDE, PINCHAS E. *The Last Three Popes and the Jews*. Souvenir Press, Londres 1967.
- LEHNERT, PASCALINA . *Ich Durfte Ihm Dienen : Erinnerungen and Papst Pius XII*. Naumann, Würzburg 1983.
- MARCHIONE, SISTER MARGHERITA . *Did Pope Pius XII Help the Jews?* Paulist Press, Nova York 2007.
- _____. *Shepherd of Souls: A Pictorial Life of Pope XII*. Paulist Press International , Nova York 2002.
- _____. *Yours Is a Precious Witness: Memoirs of Jews and Catholics in Wartime Italy*. Paulist Press, Nova York 1997.
- MILANO, A. *Il Ghetto di Roma*. Staderni, Roma 1964.
- MORLEY, JOHN F . *Vatican Diplomacy and the Jews during the Holocaust 1939-1943*. Ktav Publishing House, Nova York 1980.
- PORTELLI, ALESSANDRO . *The Order Has Been Carried Out: History, Memory, and Meaning of a Nazi Massacre in Rome*. Palgrave Macmillan, Nova York 2007.
- RHODES, ANTHONY . *The Vatican in the Age of the Dictators 1922-1945*. Hodder &

Stoughton, Londres 1973.

ROTH, C. *The History of the Jews of Italy*. Jewish Publication Society, Philadelphia 1946.

RYCHLAK, RONALD J. *Hitler, the War, and the Pope*. Our Sunday Visitor, Huntington 2000.

SCIVENER, JANE. *Inside Rome with the Germans*. The Macmillan Co., Nova York 1945.

SORANI, SETTIMIO. *Che Cosa Chiediamo al Nuovo Consiglio*. Tipografia Del Senato, Roma 1945.

TAGLIACCOZZO, MICHAEL. "La Comunita" di Roma Sotto L'incubo della Swastica —La Grande Razzia del Ottobre 1943 in *Gli Ebrei in Italia Durante il Fascism* a cura di Guido Valabrega Quaderni del Centro di Documentazione Ebraica Contemporanea Sezione Italiana, Milano 1963.

TEDESCO, LUCIANA. *Ragazzi Nella Shoah*. Paoline, Milan 2010.

TITTMANN, HAROLD H., Jr. (Editado por Harold H. Tittmann III.) *Inside the Vatican of Pius XII: The Memoir of an American Diplomat During World War II*. Doubleday, Nova York 2004.

TRACHTENBERG, JOSHUA. *The Devil and the Jews: The Medieval Conception of the Jew and its Relation to Modern Antisemitism*. Yale University Press, New Haven 1943.
Trevelyan, Raleigh. *Rome '44: The Battle for the Eternal City*. The Viking Press, Nova York 1981.

WAAGENAAR, SAM. *The Pope's Jews*. Alcove Press, Londres 1974.

WALKER, STEPHEN. *Hide & Seek: The Irish Priest in the Vatican who Defied the Nazi Command*. Harper Collins, Londres 2011.

WEIZSÄCKER, ERNST VON. *Memories of Ernst von Weizsäcker*. Victor Gollancz, Londres 1951.

ZOLLI, E. *Before the Dawn*. Ignatius Press, San Francisco 2008.

ZUCOTTI, SUSAN. *The Italian and the Holocaust: Persecution, Rescue and Survival*. Basic Books, Inc. Publishers, Nova York 1987.

_____. *Under His Very Windows*. Yale University Press, New Haven 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

- abrigados , 22, 78, 100-1, 157, 265, 270, 328
- abrigo a fugitivos , 111-2, 158, 160, 166, 173, 187, 206, 210, 223-4, 257, 258, 291, 311, 316, 334, 356
- Abwehr, 16-7, 71, 93-4, 200, 344
- África , 34, 119, 155, 340, 349
- Agnelli, Eduardo , 242
- Agnelli, Virginia, 18, 126, 242
- Ajo, Antonio , 82, 193
- Ajo, Giogina , 82, 180
- Ajo, Pierluigi , 83, 240
- Alatri, Lionello , 276
- Aldo, padre , 217-8
- Alemanha, 16, 20-2, 28, 32-3, 37, 43, 48, 57, 64-5, 69, 71-3, 75, 77, 79-81, 84-5, 93-4, 103, 108, 115, 117, 134-5, 137, 159, 161, 180-1, 191, 193, 195-6, 198, 199-200, 209, 212, 216, 226, 232, 243-4, 248-9, 253, 255, 271-2, 282, 289, 293, 301, 313, 321, 342-5, 348
- Alexander, Harold , 340
- Almagia, Clotilde , 83
- Almagia, Roberto , 29
- Almansi, Dante, 14, 81, 96, 99, 113, 129, 156-8, 171-2, 203-4, 208, 225, 250, 254, 265, 285, 336, coleta de ouro, 225
- Ambrosio, Vittorio , 131, 138
- Ameblow, irmã Emilia , 175
- Anaca, doutor Angelo , 186
- Anticoli, Angelo , 205, 227, 273
- Anticoli, Emma, 14, 227-8, 262, 273
- Anticoli, Lazzaro, 14, 262-3, 273
- Anticoli, Mario, 179, 262, 273
- Anticoli, Rosa, 262-3, 273
- Antinori, Giovanni, 75
- antisemitismo, 19-20, 28-9, 38, 50, 52, 63-4, 102, 355, 361
- Arco de Constantino, 81
- Arco Delle Campane, 149
- Argentino, Francesco, 296
- Aristocracia Negra, 18, 81, 97
- Arquivo Nacional dos EUA, 245, 255

Astrologo, Fernando, 14, 190
Astrologo, Vittorio, 14, 205
Augusto (imperador de Roma), 40, 156
Auschwitz, Polônia, 181, 230-1, 277, 290, 292, 336, 347-8
Axis Sally (personalidade do rádio), 310
Badoglio, Pietro, 139, 195
Banco Central da Itália, 169, 199
Banco da América, 68
Banco da Inglaterra, 68
Banco do Vaticano, 90, 105, 165, 173-4, 187, 207, 224
Banco Morgan, 105
Bandiera Rossa. *Ver* Resistência
Bando Koch, 17, 189, 191, 193-4, 197-8, 233, 257, 276, 283, 295-6, 302, 345
Barbie, Klaus, 286, 346
Barclay, Eleanor, 89
basílica de São Pedro, 13, 30, 32, 45, 47, 60, 94, 103, 117, 125, 148, 174, 180, 240, 298, 300, 353;
 fechamento da, 149
basílica São João de Latrão, Roma, 60, 150, 193, 294, 321
Battino, Giuseppe, 14, 84
Baudrillard, cardinal Henri, 37, 46
BBC, 118, 141, 166, 172, 223, 241, 281, 289, 348
Beaverbrook, lorde, 215-6
Bélgica, 43, 81, 102-3, 221
Bentivegna, Rosario, 17, 130, 311-2, 315
Bento XV, papa, 59
Bento XVI, papa, 354
Bento XVI, papa (cardinal Ratzinger), 357
Bergen, barão Diego von, 16, 68, 85, 133-4
Berlim, 32, 37, 48, 59-62, 68-72, 75, 77, 79, 84, 92-4, 130, 133, 135, 140, 160-2, 170, 181, 188, 208,
 211, 214, 222, 231-5, 243-5, 270-2, 274, 276-7, 279, 280, 299, 334
Biblioteca Comunale (biblioteca da sinagoga), 157, 171, 185-6, 213-5, 229-30, 255, 336;
 pilhagem da, 255
Biblioteca Rothschild, Frankfurt (Alemanha), 255
Birach, Gisela, 176
Bonomi, Ivano, 17, 323
Bormann, Martin, 286
Borromeo, professor Giovanni, 15, 82, 83, 97, 111-3, 128, 178, 186, 188, 190-2, 224-5, 265-6,
 276, 294, 310, 362
Borsarelli, padre, 258, 287
Brasil, 133, 207
Braunstein, Ester, 177

Breitman, Richard , 356
Brouwer, Helen, 163, 188-9, 193-4, 199, 296, 335
Brucocoler, Yvette, 240
Buffarini-Guidi, Guido, 16
Büro Ribbentrop , 68
Call, Anton , 155
camerlengo (título papal), 27, 30-3, 37, 42, 353
Canadá , 34, 44, 70, 207, 349
Canali, cardeal Nicola , 155
Canaris, almirante Wilhelm, 17, 71, 72, 93-4, 134-5, 200, 344
Capponi, Carla, 17, 311, 317, 328
Carità Civile (Pio XII) , 324
Carlos II (rei da Romênia) , 43
Carlos II (rei da Inglaterra) , 28
Carroll-Abbing, monsenhor Patrick, 13, 142, 242, 257, 303, 342; Cidade dos Meninos, criação por, 342
Carroll-Abbing, padre Patrick, 143-4, 154, 242, 257, 287
Caruso, Pietro, 16, 193-4, 235, 296, 320-1
Casa di Gammarelli, Roma , 45
Castel Gandolfo, Itália , 106, 123, 175, 178, 180, 304, 334, 351; bombardeio de, 304
Catarina de Siena, irmã , 145
Cavaliere, Alina , 266, 276
Cavernas Ardeatinas, Massacre nas , 323, 328, 331, 337, 343-4
Celeste, a louca (residente do gueto) , 260, 262, 264, 266
Cemitério Campo Verano, Roma , 127
César, Júlio (imperador) , 114, 231
Cesare (combatente da Resistência) , 143-4
Chamberlain, Neville , 72, 94
Charles-Roux, embaixador François, 16, 36, 37, 46, 78, 82, 85
Churchill, Winston, 68, 94, 197, 209, 245-6, 256, 350
Ciampino , 129-30
Cianfarra, Camille , 34
Ciano, conde Galeazzo, 16, 31, 68, 91, 95, 97, 100, 104, 123, 131
Ciano, Edda , 97
Cidade dos Meninos da Itália , 342
Clafferty, padre John “Eyerish”, 18
Clark, Mark, 141, 335-6, 338, 343
códigos do Vaticano , 103
Coghieli, Sofia , 161-2
Colégio Alemão, Roma , 117, 136, 141, 166, 218, 225, 241, 242, 303, 346
Colégio Militar de Roma, Collegio Militare , 231, 234-5, 251, 261, 265, 270, 272, 275, 277, 280,

- Colégio Pangermânico, Roma, 13, 136, 286
 coleta de informações secretas , 71, 79
 Colombo, Anselmo, 14, 115, 116, 204, 205
 Comitê de Libertação Nacional, Roma . *Ver* Resistência
 Comitê Intergovernamental sobre Políticas de Refugiados , 100
 comunismo, 20, 64, 84, 196, 261, 350, 355
 confisco da biblioteca , 215, 230, 255
 Congregação das Irmãs Educadoras da Santa Cruz , 57
 Congresso Judaico Mundial , 65
 Conselho Mundial das Igrejas , 256
 Constantino Magno , 50
 Constantinopla , 229
 Conte di Savoia (transatlântico italiano) , 62
 Convenções de Genebra , 209, 226
 convento de São Gregório , 242
 Cornwell, John , 355
 Cortini, Giulio, 17, 313, 314
 Cortini, Laura, 17, 313, 314
 Coughlin, padre , 63
 Credo Niceno-Constantinopolitano , 51
 criminosos de guerra , 13, 246, 286, 346, 351
 criptografia , 132
 criptógrafos , 76, 132, 134, 161
 Cristo , 31, 51-2, 65, 77, 88, 185, 339, 348, 352
 Cruz Vermelha Internacional, 15, 57, 81, 118, 127, 159, 206, 218, 241, 256, 263, 277, 287, 340
 d'Altshofen, Coronel de Pfyffer, 14, 158, 270
 D're, padre Bourg, 228
Daily Express, 215, 216
 Dalla Costa, cardeal Elia , 47
 Dalla Torre, conde Giuseppe, 14, 31, 44, 46, 178, 243, 292, 323-4, 327-8
 Dannecker, Theodor, 17, 212, 221-2, 230-5, 243, 246-8, 251, 259, 268-9, 272, 277-9, 282-3, 286, 288, 312
 Dansey, Claude, 17, 70-1
 Darwin, Charles, 351
De Profundis , 130
 de Salis, conde, 15, 57, 80, 96, 113, 118, 121, 127, 151, 159, 206, 240, 263, 266, 277, 287, 303;
 ajuda a refugiados por, 81, 266, 287
 de Valera, Éamon , 68
 declaração de guerra , 101-2
 del Monte, Cesare , 205

Del Vecchio, professor Giorgio , 44
Delasem (organização de ajuda humanitária), 15, 96, 100, 112-3, 126, 164, 171, 176, 187, 225,
227-8, 249, 254, 257, 298, 341
Dell'Acqua, monsenhor Angelo, 13
Delmer, Sefton, 17, 215-6
Der Stürmer , 137
derrubada de Hitler, 17
Derry, Sam, 18, 198-9, 212-3, 217-9, 222-6, 241, 257-8, 278, 298, 303, 332, 342
di Carlo, Salvatore , 162
di Porto, Angelo, 15, 205
di Porto, Celeste, 18, 49, 96, 114, 197-8, 227, 250, 269, 305, 316, 322, 326; caça de judeus por,
228, 250, 269, 305; julgamento de, 326; plano contra O'Flaherty de, 316
di Veroli, Umberto, 15, 64, 73, 255, 259, 284
Die Grundlagen des Nationalsozialismus(Hudal), 136, 137
dinastia Fiat, 18, 126, 242
Doino Jr., William, 12, 356, 361
Dollmann, Eugen, 17, 251-2, 283, 292, 299, 313, 319, 321, 323
Doria Pamphilj, Gesine , 265
Doria Pamphilj, princesa Orietta, 18, 265
Doria Pamphilj, príncipe Filippo, 18, 172-3, 210, 264-5, 323
Duca, monsenhor Borgongini, 13, 91, 101
Dulles, Allen, 246, 251-2
duque de Leeds. VerOsborne, sir Francis d'Arcy
Eichmann, Adolf , 133, 211-2, 221-2, 231, 234, 244, 246-7, 259, 272, 278, 286, 328, 346; caça de
judeus romanos por, 247; fuga de, documentos falsos, 286; julgamento de, 328
Einsatzgruppen Einsatzgruppen (esquadrões de ação) , 122, 133, 211
Einstein, Albert, 21
Eisenhower, general Dwight, 140
Eitan, Rafi , 211
Elizabeth (rainha da Inglaterra) , 342
embaixador alemão , 68, 85, 151, 158-9, 197
ERR – Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg Institut , 214-5, 229-30, 254-5
Escritura Sagrada , 89
Espanha , 57, 71, 81, 311
Estados Unidos , 12, 16, 29, 37, 39, 43-4, 57, 62-4, 68, 70, 77, 89, 90-2, 96, 105, 112-3, 118, 125,
127, 141, 165, 176, 195, 276, 281, 285, 310, 326, 335, 341, 354, 356
Ester, irmã , 191
Estrela de Davi , 51, 108, 143-4
Fahrener, Alfred , 182
Farinacci, Roberto , 299
fascismo , 38, 98, 131, 132, 312, 344

Fatebenefratelli (hospital romano), 15, 55, 82, 111, 143, 178, 190, 192, 206, 224, 239-40, 261, 265, 275, 294, 331, 362; e o confisco de ouro, 206; história do, 55; refugiados/abrigo à Resistência dado pelo, 178, 239, 275, 294

fatwa, 51

Fermi, Enrico, 276

Fiano, Rosa, 15

Finzi, Elena Sonnino, 14, 206

Foa, Ugo, 14-5, 38-42, 44, 55-7, 73, 80-1, 88, 94, 96, 99-102, 113-6, 120-1, 129, 147-9, 157-8, 171, 182, 185-6, 189, 199, 203-6, 208, 213-4, 225, 227, 228, 229-30, 249, 250, 254, 256, 258-9, 265, 284-5, 289, 336-8, 345; confisco de ouro, 204-6

Força Aérea, 79, 125, 131, 267, 296

forças aliadas, 118, 122, 124, 127, 139, 141-2, 151, 153, 155, 159, 172-3, 178-9, 187, 196-7, 199-200, 210, 217, 225, 227, 242, 245, 248, 257, 263, 267, 278, 286, 289, 299, 303, 305, 309-10, 312, 315-17, 320, 331-2, 334, 336-8, 340, 341, 343, 350, 360

Forschungsamt (unidade de inteligência), 79, 134

Fortalezas Voadoras, 125, 129, 143

França, 51, 72, 78, 80-1, 85, 90, 98, 102, 221

Franco, Francisco, 43

Frascati, Itália, 124, 143, 232, 271

Frau K (ajuda a refugiados), 240

Gabinete de Estudos Estratégicos, 245

gangues, 49, 96, 172, 189, 193-4, 233, 257, 276, 283, 295-6, 300, 302

gangues criminosas de Roma, 189, 296, 300

Gasbarrini, Antônio, 352

Gay, Giuseppe, 291

Genebra, 65, 89, 100, 121, 127, 132, 263, 277

Gestapo, 17, 137, 163, 170, 194, 198, 199, 212, 228, 233, 235, 246, 248, 250, 286, 289, 295-6, 313, 316, 320, 329, 332, 335, 337, 344

Gillars, Mildred (Axis Sally), 310

Ginzburg, Leone, 296

guinta (conselho judaico), 41, 73, 114-6, 157, 204-5, 336, 338

Goebbels, Joseph, 108, 140, 165, 215

Göring, Hermann, 79, 196

Governatorato do Vaticano, 298

Grã-Bretanha, 34-6, 63, 70, 72, 80, 93-5, 98, 100, 118, 195, 216, 289, 317, 350, 356. *Ver também* forças aliadas

Greenan, padre Lambert, 21

Gregório I Magnó, papa, 50

Guarda Suíça do Vaticano, 14, 32, 42, 46, 149, 153, 158, 159, 164, 187, 195, 206, 210, 270, 297, 298, 303, 353

Gumpel, padre Peter, 357

Gumpert, Gerhard , 271-4, 276, 287
Hagadá (manuscrito judaico) , 41
Haganá (organização judaica secreta) , 209, 341
Haia , 35
Halifax, lorde (Edward Wood), 16, 95
Harster, Wilhelm, 278
Hass, Karl, 323, 325-6
Hausner, Gideon, 328
Hell, Josef, 20
Hérissé, monsenhor Marcel, 13, 164, 298
Herodes (rei da Judeia) , 114, 302
Herzl, Theodor , 52
Herzog, Isaac , 356
Himmler, Heinrich, 17, 163, 181, 188, 195-6, 211-2, 231-2, 244-5, 251; plano de engenharia genética de, 163
Hitler, Adolf, 5, 10, 17, 19, 20-2, 32, 39, 51, 65, 69-72, 78-9, 90, 93-5, 99, 103, 107, 119-20, 124, 130-1, 134-7, 140, 150, 153, 161, 177, 179, 185, 187, 189, 191, 193, 195-6, 197, 199-201, 210, 215-7, 255, 264, 276, 288-9, 310, 318, 321-3, 325, 334, 354-7, 361; anexação da Áustria por, 136; plano de sequestro do papa, 197
Hochhuth, Rolf, 355
Hoffman, Paul, 76
Hohe Schule(instituto nazista), 215
Holanda , 51, 81, 102, 221
Holocausto, 19, 21, 354-7, 359, 361-2; sobreviventes do, 22, 159, 346-8, 357
Hotel Campo Imperatore, Abruzzo , 163
Hotel Continental , 148
Hotel Excelsior , Roma , 89, 100, 162, 300, 304; atentado contra Kesselring, 300
Hotel Flora , 231, 279, 304
Hudal, bispo Alois, 13, 136-7, 160-2, 217, 251, 274, 276-7, 279, 283, 285-6, 292-3, 312, 321, 323, 326, 346; ajuda a criminosos de guerra, 286; morte de, 346
Hull, Cordell, 16, 91
Humani Generis(Pio XII), 351
Hurley, monsenhor Joseph , 95, 99
Igreja Anglicana, 90
Igreja Católica, 20, 27, 344, 357, 359
Il Messaggero, 151, 311-2, 317, 327-8
Ildefonso, don, 296
Império Romano, 50, 114, 137
informações secretas, 16, 79, 103, 161, 230, 245-6, 356
Institut für Zeitgeschichte, 20
Instituto Arqueológico Alemão, Roma, 233

Israel, 5, 12, 21, 50, 73, 208, 328, 339, 351, 354, 356-7, 362
Jerusalém, 40, 52, 114, 124, 186, 189, 211, 328, 356
João Paulo, papa, 21
Jodl, Alfred, 196
Jorge VI (rei da Inglaterra), 132
Julgamentos de Nuremberg, 134-5, 293, 342
Kaas, monsenhor Ludwig, 13, 94
Kaltenbrunner, Ernst, 137, 161-2, 208
Kappler, Herbert, 17, 43, 163, 343; captura de, 343; conversão religiosa de, 344; julgamento de, 345; morte de, 345
Kappler, Wolfgang, 163, 193
Kedia, Michael, 162
Keitel, Wilhelm, 196
Keller, prior Hermann, 137
Kennedy, Joseph P., 43, 63
Kessel, Albrecht von, 16, 136-7, 167, 181-2, 201, 232-3, 243-4, 271-4, 276, 293, 302
Kesselring, Albert, 17, 143, 153, 156-7, 177, 180-1, 191, 209, 232, 244-5, 271, 300, 321, 323, 330, 343
Koch, bando : Pietro Koch, 189, 193, 233
Kristallnacht , 21, 33, 39
L'Italia Libera , 281, 296
L'Osservatore Romano , 14, 21, 31, 44, 46, 67, 107, 119, 178, 243, 292, 323, 327
La Civiltà Cattolica (periódico) , 52
La Vita Italiana , 137
Iago Maior : massacre, 181, 211
Lapide, Pinchas, 356
Lehnert, George, 57
Lehnert, Josefina. *Ver Pascalina*, madre , 57
Lehnert, Maria , 57
Lei de Divulgação dos Crimes Nazistas de Guerra , 245, 289
Leiber, monsenhor Robert , 14, 58-9, 62, 71-2, 75, 79, 80, 93-4, 101, 103, 136, 151, 160, 181, 187, 195, 249, 250, 257, 263, 269-70, 276, 294, 297-8, 323, 343
leis raciais , 29, 38-9, 41, 44, 56-7, 81, 84, 101, 112, 157, 285
Leopoldo (rei da Bélgica) , 43
Levi Della Vida, Giorgio , 44
Levi, Renzo , 15, 57, 73, 81, 96, 99, 158, 171, 182, 204, 224, 227, 249, 284
Levi-Civita, Tullio , 44, 249
libertação de Roma , 173, 340
Liga das Nações , 182
Likus, Rudolf , 69
Limentani, Alberto, 15 e 114

Londres , 34, 68, 70-1, 77, 85, 92, 106, 120, 124, 131-2, 141, 155, 166, 172-4, 197, 209, 215-6, 240, 246, 281, 290, 304, 317, 342, 355, 363-6

Lopez, Aharon, 357

Lorraine, sir Percy, 16, 92

Luftwaffe , 79, 196, 200

Luke, irmã. *Ver* São Lucas, irmã Maria

Luzzatti, Luigi , 51

Lynch, Jessica. *Ver* São Lucas, irmã Maria

Macmillan, Harold, 350

Magee, Monsenhor John, 21

Maglione, cardeal Luigi, 14, 45, 47, 67, 77-80, 82, 84-5, 91, 95, 100, 104, 119, 123-4, 127, 131, 139, 151, 158, 160-2, 167, 174, 195, 206-7, 216, 266, 269-70, 274-7, 279, 283, 285-6, 292-3, 298, 304-5, 315, 321, 323, 331, 334, 350; ajuda a refugiados, 334; morte do, 350

Magnificat(cântico), 352

Maier, padre Augustine, 136

Mälzer, Kurt, 17, 251, 294-6, 300, 302, 311, 313, 319-21, 323, 325, 327, 329, 331, 334-5, 343

Marchione, Margherita, 11, 360

Marino, Tereza, 15

Marino, Yole, 15

Marta (menina agricultora), 213

Masella, Benedetto, 353

May, John “Fixer” , 18, 35, 37, 102, 106-7, 127, 150, 155, 219, 223, 241, 278, 298, 303, 319, 332, 342

Maynooth, seminário, Irlanda, 171

McGeough, padre Joseph, 164

Medaglia d'oro(condecoração italiana), 329

Meir, Golda, 354

Mendes, Fernando, 28

Mendes, Guido, 28

Mengele, dr., 346

Menzies, Steward, 17, 71, 131-2, 215-6; plano de derrubada de Mussolini, 131; plano de sequestro do papa e, 215

Meyer, Waldemar, 137, 160-2

Mezzaroma, Giovanni, 18, 49, 96, 189, 194, 197, 276, 296; plano de sequestro do papa e, 197.
Ver também Panteras Negras

MI6, 17, 34, 70-1, 92, 131-2, 209, 215-6, 342

MI9 , 17, 209

Ministério da Propaganda , 215

Ministério do Interior, Itália , 148, 225, 311

Ministério dos Transportes , 211, 234, 247

Mischlinge , 285, 287; libertação dos, 287

Mit Brennender Sorge (Com Inquietude Ardente) , 48, 136

Möllhausen, Eitel Friedrich , 232, 243-6, 251, 271, 313, 319, 321-2
Monte Cassino, mosteiro, Itália , 305
Montgomery, general , 209
Montini, monsenhor Giovanni Battista , 14, 79, 100, 120, 128, 130, 149-50, 158, 195, 207, 270, 276, 283, 315, 350
Morosini, Giuseppe , 17, 316, 330
Moscati, Maria , 15
Mossad (inteligência israelense) , 211, 286
movimentação clandestina de refugiados , 84, 295
Müller, Heinrich , 212, 233, 286
Müller, Josef, 17, 93-4, 103
Munique, 20, 58, 59, 61, 70-1, 75, 77, 93, 200, 252
Murphy, Blon, 241
Murphy, Delia , 241
Muscati, Maria , 12, 114
Mussolini, Benito , 16, 18, 29, 31, 35-6, 38-9, 41, 43, 68, 90-1, 95-101, 113, 119-20, 122-4, 130-1, 133, 137-40, 148, 153, 162-3, 172, 193, 205, 251, 264, 296, 299, 309, 312-3, 344, 354; governo de, 104; plano de resgate de, 163; derrubada de , 122, 131
Mussolini, Rachele , 138
nacional-socialismo , 136, 256, 346
Nações Unidas , 354
Nastro Azzurro , 39
Nathan, Ernesto , 40
Nazareno, Il (Zolli) , 73
Neufeld, Maurice , 338
neutralidade do Vaticano , 82, 120, 165, 167, 235, 301
Nieuwenhuys, Adrien , 103
Nossa Senhora de Sion, convento , 257, 361
Notiziario (boletim de notícias) , 68
Nova York, 62-4, 75, 91, 96, 105, 144, 165, 354, 363-6
Novendiale , 33
O papa de Hitler (Cornwell) , 355
O'Flaherty, monsenhor Hugh "Golf" , 18, 43, 97-8, 117-9, 120, 132, 141, 149, 155, 158, 160, 164, 166, 170, 171-6, 180-1, 187, 199, 209-10, 217-9, 223-6, 240-3, 257, 270, 278, 298, 303, 316-7, 330, 332, 340-5, 362; morte de, 346
Ot á via (Império Romano) , 40, 156
Odessa, organização, 286, 326
Operação Convento Georgiano, 162
Ordem das Irmãs de São Vicente de Paulo, 102
Organização Sionista Mundial, 101
Orsenigo, Cesare, 72

Osborne, sir Francis D'Arcy (duque de Leeds), 16, 18, 29, 35-7, 72, 78, 82, 85, 90-5, 102-3, 105-7, 124, 127-8, 131-2, 150, 155, 173-4, 209-11, 218, 222-4, 270, 278, 283, 289-90, 298, 303-5, 315, 319, 332, 340, 342; concessão do título de duque, 342; morte de, 342

Oster, coronel Hans, 17, 71-2, 93

Ottaviani, monsenhor Alfredo, 14, 43, 97-8, 117, 150, 158, 160, 164, 195, 270, 276, 303

ouro, 10, 31, 45, 50, 90-1, 170, 188, 190, 199-200, 204-8, 227, 233, 249, 256, 259, 273, 289, 336, 343-4, 353

OVRA (Polícia Secreta Italiana), 155

Pace, Aldo, 15, 84

Pace, Italia, 14, 84, 114

Pace, padre Robert "Whitebows", 18

Pace, Serafino, 14, 15, 84, 114, 141, 205

Pacelli, Elisabetta, 62

Pacelli, Eugenio, 13, 27-37, 40, 42-7, 57-64, 72, 77, 90, 127; saúde de, 58; visita a Nova York, 90

Ver também Pio XII

Pacini, Giulio, 79-80

Pacto de Aço, 99

padres palotinos, 14, 80, 96, 113, 175-6, 187, 249, 362

Palácio Apostólico, 28, 30, 32-3, 48, 50, 60-1, 65, 74, 89, 98, 127-8, 144, 151, 158, 164, 173, 180, 200, 276, 279, 283, 299, 319, 333, 335

Palestina, 15, 29, 34, 39, 41, 209, 214, 340, 341; Haganá na, 209; imigração judaica para a, 340

Pallavicini, princesa Nina, 18, 118, 141, 162, 166, 171-2, 240, 242

Pallotti, Vincent, 80

Panteras Negras, 17-8, 49, 96, 142, 189, 194, 197-8, 233, 257, 276, 283, 295, 326

Papa de Hitler, 359, 361

Pappagallo, padre, 324

Partido Fascista, Itália, 16, 38-9, 54, 122-3, 138-9

Partido Nazista, 13, 136, 167, 214, 255

Pascalina, madre (Josefina Lehnert), 14, 43-4, 47, 57-63, 69, 74-6, 79-80, 87, 100, 123, 129, 141, 144-5, 175, 180, 187-8, 195, 207, 240, 256, 266, 270, 283, 287, 297, 299, 302-3, 333, 335, 341, 352, 354-5; início da carreira de, 57; morte de, 354

Paulo de Tarso, 141

Paulo IV, papa, 51

Paulo VI, papa (Giovanni Battista Montini), 14, 31

Perufia, Lello (membro da Resistência), 206

Perugia, Graziano, 15, 83, 121, 142, 205, 262, 266

Perugia, Sara, 262, 266

Petacci, Clara, 38

Petacci, Francesco, 38

Pfeiffer, padre Pankratus, 14, 252, 274, 276-7, 279, 283, 285, 321, 323

Piazza del Popolo, 124, 311

Piazza Navona, 70, 265, 283
Pierandello, Carla, 152, 165, 186
Pierandello, Luigi, 152, 165, 186
Pietro (produtor rural), 213
Pignatelli-Aragona Cortes, princesa Enza, 18, 81, 97, 99, 113, 118, 127, 151, 269, 287; razia de judeus e, 269
Pilatos, Pôncio, 51
Pio IV, papa, 51
Pio IX, papa, 130
Pio X, papa, 52
Pio XI, papa, 27, 29, 34, 36, 40, 43, 186; coroação de, 59; morte de, 27, 36, 42
Pio XII, papa, 5, 9, 13, 18, 20-1, 47-8, 55, 64-5, 67-9, 71, 76-7, 81, 84, 90, 93-4, 117, 135, 145, 207, 292-3, 339, 348-9, 354-7, 360-2; beatificação de, 358-60; coroação de, 47, 117; escolha como papa, 47; funeral de, 353; morte de, 352-3
Polacci, Pietro, 83
Poletti, Charles, 338
Polônia, 41, 57, 69, 70, 77, 79-82, 84, 92, 160, 163, 215, 221, 292; invasão da, 79
Pontifício Instituto Bíblico, 339
Popolo di Roma, 163
Porta di Bronzo, 149, 298
Porta Sant'Anna, 31, 149
Portugal, 71, 81, 103
praça São Pedro, 28-9, 42, 46-7, 50, 57, 89, 122-3, 149, 164, 180, 195, 210, 217, 297, 335, 350-1
Prato, David, 41
Pravda, 354
Preziosi, Giovanni, 137
Priebke, Erich, 322-3, 325-6
Primeira Guerra Mundial, 34, 39, 49, 143
prisioneiros de guerra, 13, 117-8, 149, 155, 160, 171, 190, 198, 201, 218, 223, 310, 340, 360; campos de, 117, 155, 160, 171; visitas a, 118
Programa Lebensborn, 163, 193
Pucci, monsenhor Carlo, 16
Pucci, monsenhor Enrico, 36-7, 47, 91-2, 155
Puntoni, Paolo, 129, 138-9
Quilan, padre Sean "Kerry", 18, 170-1
Rádio Bari, 281
Rádio Moscou, 353
Rádio Republicana Fascista Livre – FFRR, 216
Rádio Roma, 95, 122, 127, 139, 156, 163, 177, 179, 188, 242, 291, 295, 298, 313-4, 330; como instrumento fascista, 104; como instrumento nazista, 153-4
Rádio Vaticano, 74, 76, 78-9, 107, 118, 140-1, 170, 178, 187, 200, 297, 300, 327, 332-3, 351-3

Rahn, Rudolf , 136
Ratzinger, cardinal , 354
rede de “V-men” (Vertrauensmann, homens de confiança) , 332
Regime Fascista , 256
Regina Coeli , presidio , 233, 247, 260, 272, 276, 294, 305, 316, 320, 326-7, 329, 331, 337, 343
Regolamento Generale della Curia Romana , 98
Reino Unido , 12, 102
Resistência , 122-3, 130, 143, 148, 154, 169, 173, 177-9, 194, 199, 201, 206, 212, 221, 235, 247, 249,
259, 264, 272, 280, 283-4, 289, 291, 293-6, 300, 304, 310-4, 321-2, 326, 329, 331-2, 345
Ribbentrop, Joachim von , 68-9, 107, 133-4, 167, 200, 243-6, 292
Ricci, Asmelo , 129
Ripa di Meana, marquesa Fulvia , 18, 97, 269, 287
Rocca, padre Nassalli , 14, 327-8, 330, 344
Roma, Itália , 5, 6, 11, 13-7, 22-3, 28-9, 31, 33- 41, 43-5, 47, 49, 50-1, 53-7, 59-60, 67-73, 75, 80, 81,
83, 84, 87, 89, 91-4, 96, 98, 100-3, 105-6, 111-24, 126-9, 131-7, 140, 142-4, 150-3, 155-65, 167,
169-73, 175-82, 185-94, 197-8, 200-1, 203, 207-15, 217-8, 221-6, 228-35, 240-1, 243-7, 249-51,
253, 255, 257-9, 261-7, 269-72, 274, 276-7, 279-83, 288-9, 291-6, 299-300, 302-4, 309-13, 316-7,
319-22, 324, 326-8, 330, 332-40, 342-48, 353, 360-2; bombardeio de, 132-3, 288-9, 299, 304,
309, 312; como “cidade aberta”, 123, 312
Römische Tagebücher (Diários de Roma) , 346
Roncalli, monsenhor Angelo Giuseppe , 14, 80
Roosevelt, Franklin D. , 16, 36, 63, 90, 92, 95-6, 100, 127, 246, 256, 300
Rosenberg, Alfred , 214-5
RSHA (Reichssicherheitshauptamt) , 103, 137, 160-3, 208, 211, 245
Rumbold, sir Horace, 174
Ryan, padre Thomas “Rinso” , 18, 170-1
Sacerdoti, Vittorio Emanuele , 11-2, 15, 56, 83, 111, 123, 128, 142, 178, 180, 191, 206, 239, 261,
265, 302, 309, 362
Sacro Colégio Pontifício , 43, 75
Sagrado Coração, mosteiro em Roma , 258, 287
Santa Maria dell’Anima, Roma , 136
Santa Sé , 13-4, 16, 21, 27, 29, 34-6, 43, 46, 52, 59-60, 67-8, 76-9, 89-90, 93, 100, 103-5, 120, 131-7,
150-1, 158, 166, 174, 178, 197, 207, 219, 223, 226, 243, 251, 270, 275-7, 285, 304-5, 324, 330,
334, 343, 346, 349, 356-7, 359-360
Santo Ofício , 14, 18, 43, 93, 97, 117, 149-150, 160, 175, 340, 360
São João Extramuros (Roma) , 60, 150, 296
São Lourenço Extramuros , 126-30, 132
São Lucas, irmã Maria (Jessica Lynch) , 14, 144-5, 152, 192, 228, 251, 261, 287, 299, 302, 312,
321, 331, 350
São Pedro , 37, 43, 45, 78, 353, 359
Sarfatti, Margherita , 38

Scattolini, Virgilio , 16, 67-9
Schönhofer, monsenhor Johannes, 136
Scorza, Carlo, 16, 122
Sharett, Moshe, 356
Sicília , 54, 118, 122, 141
Simonds, Tony , 17, 208-11, 215-6, 223
sinagoga , 15, 52, 55-6, 61, 64, 73, 88, 94, 113-7, 120, 147, 156-7, 171, 185-6, 189-90, 199, 204-6,
213-5, 227-8, 249, 250, 254-6, 258-60, 267, 336-7, 339
sionismo , 52
Smith-Cumming, sir Mansfield, 34
Sneddon, padre Owen “Horace”, 18, 170-1, 258
Solução Final, 21, 211, 293
Sorani, Rosina , 15, 56-7, 81, 94, 98, 112, 114-6, 125-6, 142, 147-8, 157-8, 171, 185-6, 204-5, 213-4,
228-30, 249-50, 254-6, 284, 304, 336, 362
Sorani, Settimio , 15, 56-7, 81, 94-5, 98, 112-3, 125-6, 129, 147, 171, 176, 204, 225, 227, 249, 254,
284, 304, 336
Spampanato, Bruno, 327
Spellman, cardeal Francis, 75, 91
Spier, Hermione, 233
Spizzichino, Ada, 54, 179
Spizzichino, Gentile, 54, 179, 273
Spizzichino, Giuditta, 54, 148, 263
Spizzichino, Grazia, 15, 54, 55, 104, 142, 148, 205, 284
Spizzichino, Mose, 14, 15, 54, 55, 64, 65, 83, 84, 104, 105, 113, 126, 142, 148, 179, 180, 205, 253,
259, 260, 263, 273, 275, 284, 347
Spizzichino, Settimia, 15, 54, 99, 104, 105, 148, 263, 264, 273, 275, 284, 288, 346, 347, 348; morte
de, 348
Stahel, Rainer, 17, 163, 177, 179-81, 188-9, 191-3, 230-2, 234, 243-5, 259, 272-4, 277, 279, 285, 287,
292
Stalin, Joseph, 137, 197, 261, 355
Stanford, Peter, 355
Stangl, Franz, 286, 346
Stefanori, Giovanni, 14
Stern, Lisbeth, 221
Stern, Martin, 337
Stoppa, Mario, 87, 129
Suécia , 81
Suíça , 81, 89, 131, 176, 246, 326
Summi Pontificatus (Pio XII) , 48, 69, 102
Tagliacozzo, Michael , 356
Tardini, monsenhor Dominico , 14, 79, 100, 158, 195, 270, 276, 283, 350, 352

Taylor, Myron , 16, 89-92, 95-6, 99-100
Tchecoslováquia , 78, 292
Tedesco, Alvisé , 240
Tedesco, Claudio , 240
Tedesco, Gabrielle , 240
Tedesco, Luciana , 11, 15, 83, 239, 240, 302, 362
teoria da evolução , 351
Segunda Guerra Mundial: Itália, 5, 19-20, 22, 145, 350, 356, 359-60. *Ver também* forças aliadas
Terceiro Reich , 32, 39, 65, 72, 79, 84, 99-100, 137, 155, 159-61, 163, 170, 211, 216, 349
Tessalônica , 229
The New York Times , 34, 73, 75, 107, 337
The Sunday Times , 355
The Times , 68, 317
Tibre, 22, 30, 41, 50, 53-4, 81-2, 84, 87, 125, 156, 173, 185, 231, 261-2, 265-7, 275, 288, 342
Time Magazine , 21
Tindall, Edna, 102, 106-7
Tisserant, cardeal Eugène , 37, 43, 75, 162
Tito, imperador , 40, 114, 186, 189
Tittmann, Eleanor, 106, 297-8
Tittmann, Harold H., 16, 89-90, 100, 105, 107, 127-8, 132, 139, 164-5, 270, 278, 283, 297-9, 301, 303, 305, 314-5
Toca do Lobo — Wolfsschanze (central de comando de Hitler) , 124, 195-6
Todeschini, cardeal Federico , 45
toque de recolher , 74, 154, 156, 159, 172, 177-8, 188-91, 261, 288, 295, 314
Traglia, monsenhor , 330
Tratado de Latrão , 44, 47, 56, 100, 123, 132, 150, 159-60, 162, 166, 178, 242, 297, 304, 334, violação do, 150, 159, 160, 242
Treacy, padre Vincent “Fanny”, 18
Tunísia, 90
Tuomey, padre Tom “Sailor”, 18
União Soviética , 81, 195, 353
Universidade Gregoriana, Roma , 29, 151
Vaticano , 3, 5, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 22-3, 27-9, 31-6, 38-9, 44, 45, 48, 50-2, 56, 58-62, 64-5, 67-70, 75, 78-9, 81-2, 87, 89, 90-4, 97-8, 100, 102-7, 119, 123-4, 126-7, 129-31, 134-7, 140, 144, 149-53, 155, 158-62, 164, 166, 170-1, 173, 175-8, 180-1, 185-9, 194-8, 200, 206-7, 209-11, 217-8, 223-4, 226, 228, 233, 235, 243, 247, 249, 251, 256-8, 263-4, 266, 269-70, 272-3, 276-7, 279, 283-6, 290, 293-9, 302-3, 315-6, 319, 321, 328, 330-5, 337, 340-2, 345-6, 349, 351, 354-5, 357-61, 363
Venturi, padre Tacchi , 91
Verfügungstruppe , 222
Vespasiano (imperador de Roma) , 40

Via Ápia , 126, 150, 323, 335
Via della Conciliazione , 47, 60, 217, 316
Via Marco Polo , 147, 179
Via Ostiense , 143
Via Rasella , 311, 313-5, 317-23, 325, 331
Via della Reginella , 54, 148, 347
Virgem Maria, *assunção do corpo de* , 350
Vitor Emanuel III (rei da Itália) , 84, 129, 131, 138-9, 195, 249, 281
viúva negra, *la vedova nera* (avião Phantom) , 299
von Dohnanyi, Hans, 17, 71, 94
von Wyss, Margherita, 162
Wachsberger, Arminio, 15, 267-8
Wachsberger, Clara, 267-8
Wachsberger, Regina, 267-8
Waffen-SS, 17, 181, 200-11, 264, 267-8
Wagner, Gustav, 346
Wannsee, Conferência de, Berlim, 133, 211, 256, 293
Washington, 35, 63, 77, 245, 255, 299, 364
Weber, padre Anton , 14, 80, 133, 158-9, 171, 227, 249, 254, 257, 276, 284-5, 295, 337, 362
Weizmann, Chaim , 21, 42, 356
Weizsäcker, barão Ernst von , 16, 133-7, 151, 158-9, 167, 181-2, 197, 200-1, 232-3, 243-4, 252, 269-71, 274, 276, 279-80, 283, 285-6, 292-3, 298-9, 323, 334-5, 342; asilo político de, 334
Welles, Sumner, 77
Wingate, Orde, 209
Wolff, Karl Friedrich Otto, 17, 195-7, 200-1, 216-7, 232, 310, 313, 320, 322-3
Wood, Edward (lorde Halifax), 16
Zeiger, bispo Ivy, 14, 136
Zolli, Dora , 41, 72
Zolli, Emma , 14, 41, 72, 133, 142, 148, 153, 165-6, 171, 186-8, 205, 226-8, 250
Zolli, Miriam , 41, 72, 149, 166, 186, 205
Zolli, rabino Israel (Eugenio) , 15, 40-2, 44, 52-3, 55, 72-3, 88-9, 114-7, 120-1, 132-3, 142, 147-9, 152-3, 157-8, 165-6, 171-2, 186-8, 204-8, 224-7, 229-30, 250, 254, 258-9, 266, 270, 332-3, 337-40; conversão ao catolicismo, 89, 339; morte de, 340; nacionalidade de, 11